UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

LEANDRO ALVES RODRIGUES DOS SANTOS

**O trabalho do psicanalista: das dificuldades da prática aos riscos do
narcisismo profissional**

(versão corrigida)

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo para obtenção do
título de Doutor em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Clínica

Orientador: Professor Livre Docente Christian
Ingo Lenz Dunker

São Paulo

2011

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação

Biblioteca Dante Moreira Leite

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Santos, Leandro Alves Rodrigues dos.

O trabalho do psicanalista: das dificuldades da prática aos riscos do narcisismo profissional / Leandro Alves Rodrigues dos Santos; orientador Christian Ingo Lenz Dunker. -- São Paulo, 2011.

250 f.

Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Psicanálise 2. Psicanalistas 3. Clínica psicanalítica 4. Trabalho
5. Narcisismo I. Título.

RC504

Aprovado em:

Professor Livre Docente Christian Ingo Lenz Dunker IPUSP

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Professor Doutor Daniel Kupermann IPUSP

Julgamento:_____Assinatura:_____

Professora Doutora Ana Maria Loffredo IPUSP

Julgamento:_____Assinatura:_____

Professor Doutor Rinaldo Voltolini FEUSP

Julgamento:_____ Assinatura:_____

Professora Doutora Maria Rita Bicalho Kehl APPOA

Assinatura:

AGRADECIMENTOS

A minha esposa Eliete e minha filha Catarina, por estarem sempre ao meu lado, e por fazerem de mim alguém melhor, tanto antes, durante e também depois do longo processo que culminou nesta tese. Não tenho palavras para descrever a importância de vocês em minha vida.

Aos meus pais e sogros, pelo incentivo e orgulho que demonstram por mais esse passo.

Ao estimado orientador, Christian Ingo Lenz Dunker, por sua presença certa nos momentos difíceis do processo, sua camaradagem e, principalmente, pela impressionante capacidade de fazer o outro produzir.

Aos professores Daniel Kupermann e Ana Loffredo, pelas preciosas contribuições oferecidas por ocasião da qualificação.

Aos colegas e amigos de docência, que compartilham a aventura delirante de querer formar pessoas.

Aos meus alunos, supervisionandos e todos os pacientes, por me ensinarem sempre.

Aos colegas e amigos do Fórum do Campo Lacaniano, que tanto colaboram para minha formação e minha prática.

Aos parceiros do seminário que acontece em Santo André, pelas perguntas, dúvidas, testemunhos e demais manifestações de quem quer saber, tornando esse encontro vital para meu percurso.

Aos verdadeiros pares, parceiros e companheiros na interminável trilha da formação psicanalítica.

Aos meus interlocutores, que tanto me instigam e me fazem pensar, tanto os mais próximos como Fátima, Letícia, Paulina, Glaucinéia, bem como os colegas do grupo de orientação, como Abenon, Marcelo, Paulo, Rafael, João, Jonas, Fuad, Tatiana, Ronaldo e outros mais que eventualmente possam ter tido sua cota de contribuição.

A Viviane Veras, pela preciosa ajuda e paciência na questão das letras.

Os homens são fortes enquanto representam uma ideia forte; se enfraquecem quando se opõem a ela. A psicanálise sobreviverá a essa perda e a compensará com a conquista de novos partidários. Para concluir quero expressar o desejo de que a sorte proporcione um caminho de elevação muito agradável a todos aqueles que acharam a estada no submundo da psicanálise desagradável demais para seu gosto. E possamos nós, os que ficamos, desenvolver até o fim, sem atropelos, nosso trabalho nas profundezas.

Sigmund Freud

A todos aqueles que ousam psicanalisar. Eu vos saúdo!

RESUMO

SANTOS, L. A. R. **O trabalho do psicanalista: das dificuldades da prática aos riscos do narcisismo profissional.** 2011. 250 f. Tese (Doutorado) Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

Este estudo aborda o trabalho do psicanalista, tomando como vértice de investigação as dificuldades que esses profissionais atravessam na sua prática clínica cotidiana. Nesse contexto, mudanças no perfil dos pacientes, crises de demanda frente ao incremento da concorrência com psicofármacos e psicoterapias diversas, significativas exigências da formação, estabelecimento de laços com outros analistas e vicissitudes na relação com a família podem ser considerados índices do mal-estar do psicanalista frente ao ato de psicanalisar nos dias atuais. Tendo por objetivo, então, aprofundar o olhar sobre as dificuldades da profissão impossível sublinhada por Freud, toma como guia para seu percurso metodológico um conceito central intitulado narcisismo profissional, forjado a partir da concepção de narcisismo proposta por Freud e desenvolvida por Lacan. Investiga por meio de recortes específicos três autores, Freud, Ferenczi e Lacan. Em Freud, prioriza as dificuldades ligadas ao manejo da transferência e às exigências do próprio analista frente ao seu fazer. Quanto a Ferenczi, evidencia os percalços desse psicanalista nas questões do tempo e do dinheiro, especialmente no que relata por meio da correspondência trocada com Freud. No que diz respeito a Lacan, prioriza o depoimento e os testemunhos de quem com ele conviveu, apontando as múltiplas formas de identificação geradas e o advento do lacanismo, que faz surgir um novo tipo de psicanalista, que toma como missão defender a verdadeira psicanálise no mundo, a partir do retorno a Freud empreendido por Lacan. O estudo problematiza as formas de enfrentamento das dificuldades apontadas: o tratamento possível pela análise pessoal dos psicanalistas, a construção de novos laços entre os participantes do campo, o envolvimento com a leitura e o estudo diligente de autores de dentro e de fora da Psicanálise, e com a escrita, tomada como uma forma de elaboração do psicanalista em relação aos impasses da clínica. Conclui-se que cada psicanalista necessita ressignificar sua atividade, o que inclui o constante exercício de des-idealização de diversos aspectos inerentes à profissão, e o cuidado com sua oferta na Cultura, com a difusão da Psicanálise, além de uma nova tomada de posição frente à formação geral e específica.

Palavras-chave: psicanálise, psicanalistas, clínica psicanalítica, trabalho, narcisismo.

ABSTRACT

SANTOS, L.A.R. **The labour of the psychoanalyst: from the difficulties of practice to the risks of professional narcissism.** 2011. 250 f. Thesis (Doctorate), Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

This study approaches the psychoanalyst's labour, taking as its apex of investigation the difficulties these professionals are faced with in their daily practice. In this context, changes in the patients' profile, the crises of demand due to the varied and expanding competition of psychopharmacotherapy and psychotherapy, relevant requirements in his/her professional formation, the establishment of bonds with other analysts, and the vicissitudes related to quality time can be considered as indicators of the uneasiness the psychoanalyst feels when he/she is involved in the process of psychoanalyzing nowadays. Thus, keeping the goal of delving into the tribulations of the impossible profession so stressed by Freud, this research takes as its methodological guideline a central concept called professional narcissism, conceived from the notion of narcissism suggested by Freud and developed by Lacan. By means of specific pieces, it investigates three authors – Freud, Ferenczi and Lacan. In Freud it prioritizes the problems related to handling transference and the demands of the analyst himself/herself in his professional practice. As to Ferenczi, it reveals the troubles the psychoanalyst goes through concerning issues such as time and money, especially as to what he reports by means of the correspondence exchanged with Freud. As far as Lacan is concerned, it prioritizes testimonies and reports of those he lived close to, pointing at the multiple forms of identification generated and the advent of Lacanism, which has led to the emergence of a new sort of psychoanalyst, one who takes over the mission of defending the true psychoanalysis in the world, by returning to Freud via Lacan. This study problematizes the forms of confrontation of the difficulties mentioned: a possible treatment through personal analysis of the psychoanalysts themselves, the building of new bonds among the field participants, their involvement with reading and careful study of authors inside and outside Psychoanalysis, and with writing – here taken as a means of elaboration by the psychoanalyst with regard to the predicaments in his/her practice. The conclusion, thus, is that each psychoanalyst needs to resignify his/her activity, which includes the constant exercise of de-idealization of various aspects inherent in the profession, and caution in providing and diffusing psychoanalysis to Culture, besides taking a new stand concerning his/her general and specific formation.

Keywords: psychoanalysis, psychoanalysts, psychoanalytical clinic, labour, narcissism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1 PERCURSO METODOLÓGICO.....	38
2 FREUD PSICANALISTA: TESTEMUNHO E ADMOESTAÇÕES.....	74
2.1 O manejo da transferência.....	79
2.2 O psicanalista e suas exigências.....	90
3 FREUD E FERENCZI: CONFISSÕES E INVENÇÕES	98
3.1 A lida com o tempo.....	104
3.2 O trato com o dinheiro.....	120
4 LACAN: ENTRE IDAS E VOLTAS	129
4.1 Forjando um novo psicanalista.....	136
4.2 Defender a verdadeira psicanálise no mundo.....	146
5 TRATAMENTO DAS DIFICULDADES: SABER FAZER?.....	156
5.1 Três olhares, uma saída: a análise do analista.....	162
5.2 Para além do imprescindível.....	183
6 CONCLUSÕES.....	199
REFERÊNCIAS.....	221

INTRODUÇÃO

Detenhamo-nos aqui por um momento para garantir ao analista que ele conta com nossa sincera simpatia nas exigências muito rigorosas a que tem que atender no desempenho de suas atividades. Quase parece como se a análise fosse a terceira daquelas profissões ‘impossíveis’ quanto às quais de antemão se pode estar seguro de chegar a resultados insatisfatórios. As outras duas; conhecidas há muito mais tempo, são a educação e o governo.

Sigmund Freud

Que o psicanalista tem que atender a exigências muito rigorosas no desempenho de suas atividades, disso não parece restar muitas dúvidas, como qualquer um deles poderia atestá-lo a partir do cotidiano de sua prática clínica. Contudo, de quais exigências estaria falando Freud na passagem que destacamos como epígrafe? Ou, reformulando esse enunciado de uma maneira mais direta: *do que sofre um psicanalista no exercício de sua profissão?*

Esta é uma questão que soa complexa, parece difícil de responder plenamente, e seria, em especial, passível de questionamentos, visto que seu enunciado poderia ser tomado por mais de um ângulo e, por isso mesmo, com consequências de várias ordens.

Um desses ângulos enfatiza o termo *profissão*, pois alguns autores, quando se referem ao fazer do psicanalista, preferem qualificá-lo como um *ofício*, ou mesmo uma *prática*. Outros fazem uso de um termo mais conceitual, *práxis psicanalítica*. Freud, por exemplo, assim se referiu por duas vezes aos praticantes do tratamento por ele inventado, nomeando-os representantes de uma *profissão impossível*, equivalente ao ato de governar e também ao de educar.

Outro ponto do enunciado que merece atenção é o verbo *sofrer* que, pela via do significado mais corriqueiro, está conectado diretamente a alguma coisa que um trabalhador poderia suportar, tolerar, padecer ou, de alguma maneira, ser por ela afetado ou afligido durante o desempenho de sua prática cotidiana, ou no exercício de um papel específico, pelo qual é reconhecido socialmente.

Afinal, é comum dizermos que alguém sofre de algo, que alguém é um sofredor ou, ainda, que poderia sofrer passivamente os efeitos, as influências, as sanções ou as consequências advindas de um ato, de uma escolha ou de um posicionamento. Um complicador adicional residiria na amplitude desse sofrimento, uma vez que a problemática poderia se desdobrar num rol amplo de questões, desde as mais banais até as mais complexas e constituintes da própria prática.

Uma interrogação que também poderia ser esperada deriva do termo *psicanalista*, pois, do ponto de vista de alguns pesquisadores, trata-se apenas e tão somente de um significante relativo a *um lugar* na relação analítica, artificialmente criado e mantido por uma dinâmica transferencial que se limitaria ao tratamento e nada mais. Com isso abre-se também espaço para uma discussão, talvez muito ampla, sobre *o que é*, de fato, um psicanalista, *quem* poderia *dizer-se* psicanalista e, especialmente depois de Freud, a partir de *qual orientação* e de *qual escola* ou *tradição de pertencimento* se afirmaria. Atualmente encontramos *várias* psicanálises, e cada uma delas quase sempre representada pelo nome de um grande psicanalista, aliás, com seu sobrenome transformado em adjetivo como, por exemplo: kleinianos, bionianos, winnicottianos e lacanianos, além de escolas psicanalíticas que se denominam simplesmente psicodinâmicas ou se baseiam na psicologia do ego. Podemos, portanto, ressaltar, que suas dificuldades residem em: tornar-se e pertencer.

Ainda assim, a despeito de todos esses possíveis desdobramentos que poderiam surgir após o nosso enunciado inicial, sabemos que os psicanalistas persistem e continuam ofertando sua prática na sociedade. Enfim, a clínica psicanalítica mantém sua existência e nos interessa saber mais sobre as *dificuldades* daquele que a sustenta, que profere a regra fundamental e, em contrapartida, retribui com sua escuta peculiar, característica de uma atenção uniformemente suspensa. Afinal, com isso, e a partir disso, as condições estariam dadas para um desenrolar do tratamento analítico, inventado originalmente por Freud e que cada psicanalista reinventa, caso a caso.

Partiremos então de nossa experiência pessoal, visto que trazemos algumas questões, muitas delas evidenciadas já desde os primeiros passos de um percurso que se iniciou ainda na graduação em Psicologia, tocados que fomos pelos professores¹ que apresentavam as descobertas de Freud nas disciplinas ligadas diretamente aos meandros dos tratamentos

¹ A experiência de Sonia Alberti (2009) como docente, descrita em seu *Retomando uma questão freudiana: 'A psicanálise deve ser ensinada nas universidades?'*, pode clarear um pouco mais o que estamos tentando transmitir, pois narra certas particularidades presentes em suas estratégias de apresentação da teoria psicanalítica na Universidade.

psicológicos individuais, como também por outros docentes que partiam de Freud, ou por seus textos passavam, atravessando-os para abordar questões mais grupais, institucionais ou mesmo sociais num sentido mais amplo.

Essa parte, ainda que inicial e sem o aprofundamento necessário – como em qualquer graduação – foi importante em nossa trajetória acadêmica, identificados que fomos aos professores que introduziam a teoria psicanalítica, quase sempre de modo muito intenso e apaixonado, o que nos fez dar os primeiros passos no sentido do estabelecimento na prática clínica, portanto, em nada muito distinto do começo sempre claudicante daqueles que se dirigem à atividade de consultório. No caso da Psicanálise, essa atividade é suportada pelo tripé proposto por Freud: a análise pessoal, indispensável, transformativa e profundamente reveladora de uma dimensão que não se aprende com os livros; a supervisão, laço específico regido por uma transferência de trabalho que leva em conta a relação entre a condução dos tratamentos por parte do psicanalista e seus aspectos fantasmáticos – muito mais do que eventuais erros e acertos de uma suposta técnica – e, por fim, a relação com a teoria, através de contatos regulares com outros psicanalistas de uma comunidade, debruçando-se sobre textos, escrevendo e apresentando trabalhos, transmitindo particularidades de seus casos clínicos, debatendo os casos de colegas, num esforço para amalgamar teoria e prática, com todas as vantagens e riscos de um trabalho em grupo.

A partir de um olhar retrospectivo, que denota nossa afinação ao que era apregoado – que significava se envolver de maneira intensa com esse tripé da formação, dentro dos limites e das possibilidades –, foi possível iniciar e sustentar com certa regularidade uma prática clínica nos moldes mais clássicos, dentro das quatro paredes de um consultório particular.

Desde então, algumas perguntas reverberam e, de alguma forma, serviram como um dínamo para o projeto inicial dessa empreitada de um doutoramento. A primeira delas estava diretamente ligada à formação específica, pois muito cedo se compreende que essa formação deveria ir além da superficial apresentação recebida sobre a teoria psicanalítica na graduação em Psicologia. Fato bastante fácil de comprovar, até mesmo por uma prosaica comparação entre a extensão da obra freudiana, com seus densos vinte e quatro volumes e os poucos textos examinados durante as aulas de graduação, constatação óbvia que prenunciava longos períodos de leitura e estudo mais detidos, o que já configura uma dificuldade que surge com relativa constância: a sensação não muito clara de uma insuficiência em relação à apreensão da teoria, como se nunca soubéssemos o suficiente.

Um psicanalista, ao que tudo indica, tem que estudar muito, e a quantidade do que ainda *não* foi lido ou estudado parece *não diminuir*, pois além das obras mais clássicas, restam os comentadores, coletâneas, artigos científicos publicados de formas mais esparsas e, sem esquecer, as apresentações orais de autores com os quais, por diversas razões, nos identificamos.

Afinal, *o que, como e quando* estudar? Ou ainda, como se relacionar com a teoria desse campo? Questões que, no fundo, originavam-se de uma dúvida bastante usual entre os iniciantes a partir dos primeiros meses no consultório: seria mesmo viável bancar a própria subsistência por meio dessa profissão? Progredir nesse caminho mais liberal, com o que é possível amealhar dos honorários recebidos dos pacientes, não é uma perspectiva das mais tranquilas, especialmente com uma oferta que, muitas vezes, notávamos ser qualificada por algumas pessoas como dispensável em nossa cultura, beirando um artigo de luxo em um país de terceiro mundo. Em outras palavras, como pensar em praticar psicanálise numa realidade tão complicada como a que vivemos em nosso país, em uma sociedade tão desigual e concentradora de renda?

Paradoxalmente, ao mesmo tempo, ouvíamos algumas vozes dissonantes, que apontavam a viabilidade de uma prática que capturava nosso interesse, especialmente dos professores que, além da docência, também exerciam a atividade clínica, atuando como psicanalistas. Da mesma forma notávamos colegas que conseguiam alcançar progressivamente alguma clientela, encaminhando pacientes e também recebendo encaminhamentos, aspecto que nos fazia manter a esperança frente a um futuro que parecia ainda muito enigmático. Afinal, a escolha pelo referencial psicanalítico pressupunha uma prática que se caracterizaria pela incidência nos aspectos sintomáticos de cada paciente e, com isso, seria possível operar certas transformações subjetivas que, de início, pareciam não apenas *louváveis*, mas também *dignas* e *necessárias*; significativamente distantes de práticas ligadas à sugestão.

Ainda assim, o tempo foi passando e podemos dizer que conseguimos nos estabelecer, pois começamos a receber alguns encaminhamentos, os casos que nos chegavam também pareciam progredir quase em curiosa sintonia com nossa própria análise pessoal, aspecto que transmutou certas questões, visto que o temor pela subsistência parecia lentamente arrefecer, tomando outras feições como, por exemplo: como manter o pouco de respeito que até então parecia ter sido conquistado? Isso nos levava ao encontro de outra dificuldade relativa a essa

dúvida: a do reconhecimento pelos colegas psicanalistas. Como deveríamos nos mostrar ou nos fazer conhecidos e, na via inversa, como nos reconheceriam ou seríamos vistos pelos outros psicanalistas, especialmente na condição de pouco mais do que iniciantes, dando alguns passos ainda trôpegos num percurso que se mostrava realmente longo?

Todavia, com o passar do tempo, nosso percurso foi se constituindo, mas algumas das dúvidas e questões que nos instigavam desde o início do percurso de formação ainda estão por ser respondidas, e cremos que se localiza aí o embrião de nosso interesse acerca das dificuldades presentes no psicanalisar. Sendo assim, queremos agora destacar um episódio que poderia ser considerado um disparador da ideia que estamos levando à frente, em pesquisa formal a partir das questões que relatamos de nossa vivência. De fato, ainda que não tenha sido nossa intenção inicial, poderíamos agora dizer que esse estudo serviu como uma pesquisa piloto para a presente tese.

Sabe-se que a tentativa de narrar algo de uma experiência pessoal é uma empreitada de risco, não só pela impossibilidade de uma apreensão objetiva dos fatos, mas também pela certeza antecipada de que a subjetividade do narrador impregna sensivelmente a narrativa criada e estruturada para seus interlocutores. Freud demonstrou com fartura de exemplos como nossa memória é profundamente seletiva e, principalmente, teorizou os complexos e intrincados mecanismos que governam esse processo de historicização, por mais convencido que o narrador esteja da estrutura de verdade que credita ao seu discurso.

Devidamente cômicos disso, passemos então a descrever uma experiência de cunho pessoal, especificamente na condição de docente em um curso de Psicologia, quando fomos instados a criar alguma inovação nos projetos de iniciação científica. A partir dessa demanda, surgiu uma possibilidade que julgamos interessante naquele momento – um núcleo de pesquisa no qual os participantes pudessem entrevistar de uma forma relativamente alternativa um público alvo específico também peculiar: psicanalistas e, como eixo central, tratando daquilo que consideram as dificuldades com que se defrontam na clínica.

Vinte alunos se interessaram pela iniciativa, efetivamente participando do projeto durante um semestre. Após alguns encontros preparatórios, nos quais foram explicitadas as condições e princípios do projeto, advertiu-se que o principal objetivo estaria centrado em viabilizar uma entrevista que pudesse abrir espaço para o surgimento do novo ou inesperado na dinâmica entre o entrevistador e o psicanalista que aceitou participar da pesquisa piloto. Nossa aposta era a de que, com isso, os alunos pudessem tomar contato com uma estratégia

mais sofisticada do que um simples encadeamento de perguntas e respostas, pois, se assim fosse, bastaria enviar ao entrevistado um questionário pelo correio tradicional ou eletrônico, acrescido de uma gentil e explicativa mensagem. O que importava *de fato* eram o próprio processo de entrevista e, sobretudo, a experiência que *cada aluno* poderia depreender desse encontro com o psicanalista entrevistado.

Essa opção metodológica pela entrevista *nesses termos* e, principalmente, privilegiando *psicanalistas* na condição de entrevistados não foi gratuita, deveu-se essencialmente ao *encontro* com alguns textos que instigaram nossa curiosidade naquele momento, relativos ao cotidiano da clínica, à atuação do psicanalista e, particularmente, a certas dificuldades de início da prática e da formação, assuntos que, como já sinalizamos, inquietavam-nos e causavam alguma mobilização em busca de respostas. Falamos dos textos *Perfil e saúde mental de psicanalistas*, de Deborah Pimentel e Maria Jésia Vieira (2005) e de *Sinal de alerta para a Psicanálise*, do psicanalista Eduardo Boralli Rocha (1997).

O trabalho das pesquisadoras Deborah Pimentel e Maria Jésia Vieira (2005), assim como o nosso, está centrado em uma pesquisa com psicanalistas.² Cinquenta e dois psicanalistas concordaram em participar do processo e, segundo as autoras, três quartos deles atuavam na região sudeste do Brasil, enquanto o restante estava espalhado pelas outras três regiões do território brasileiro. É desse universo – que num primeiro olhar pode parecer reduzido, porém razoavelmente representativo – que as autoras iniciam o trabalho e, de acordo com estratégia metodológica que definiram para essa investigação, fizeram uso de uma pesquisa exploratória descritiva, enviando aos participantes um questionário com questões que abarcavam temas como “características sócio-econômicas, investimento profissional, condições de trabalho, sexualidade, vida familiar e social, uso abusivo de álcool e drogas, estado geral da saúde, *stress* e sofrimento psíquico” (p. 155).

Esse estudo aponta uma predominância de psicanalistas do sexo feminino, com idade entre quarenta e cinquenta anos. Ampla maioria afirmava estar satisfeita no que diz respeito à realização pessoal na profissão, investindo, dentro das possibilidades individuais, em estudos para aprimoramento técnico-teórico, tanto dentro quanto fora de instituições psicanalíticas.

² Esse trabalho, na verdade, origina-se de um recorte derivado da dissertação de mestrado de uma das autoras, que abordava o tema da saúde mental de profissionais de saúde, calcado em entrevistas e não exclusivamente com psicanalistas, mas também com médicos, enfermeiros, fisioterapeutas e outros profissionais desse campo específico.

A significativa maioria de profissionais do sexo feminino difere, por exemplo, do tempo de Freud e dos pioneiros da Psicanálise, no qual predominava o sexo masculino e, na maioria dos casos, médicos. Recenseadores³ da história da Psicanálise indicam que esse cenário começa a sofrer mudanças nesses termos somente após a década de 1920, com a chegada de Hermine Hug Van Helmut, Melanie Klein, Anna Freud e Lou Andre Salomé, período histórico e social no qual a mulher ainda não conseguia se desconectar do lugar tradicionalmente imputado ao feminino em uma sociedade patriarcal. Nesse lugar caberia então à mulher o papel de cuidadora⁴ dos mais frágeis, crianças ou doentes, do auxílio ao restabelecimento ou mesmo da cura, atividades que possivelmente estariam mais ligadas ao campo vocacional da entrega e do altruísmo e, portanto, relativamente distantes de uma remuneração recompensadora, como se verifica em outros campos profissionais.

Para as autoras, esse fator deve ser levado em conta quando muitas das entrevistadas afirmam estar satisfeitas com as conquistas profissionais e principalmente no que concerne aos rendimentos auferidos, visto que possivelmente esses ganhos não seriam a fonte principal de custeio de um lar, o que é bastante comum nos arranjos matrimoniais mais conservadores, em que o marido ocupa o lugar central de provedor, bancando as despesas essenciais, deixando à esposa certo grau de liberdade para desfrutar do que amalha em sua prática profissional, direcionando seus rendimentos para pontos talvez secundários do orçamento doméstico. Contudo, o dado principal revelado pela pesquisa reside na ênfase dada por Pimentel e Vieira (2005, p. 155, grifos nossos) ao que está conectado com a possível relação entre o psicanalista e sua saúde, com a forma como esse profissional cuida ou percebe certos sinais que mereceriam atenção:

Entretanto, foi evidenciada sobrecarga de trabalho, com exaustão física e indícios de sofrimento psíquico, revelados por meio de expressões psicopatológicas, psicológicas e comportamentais. Infere-se que *estes profissionais necessitam atentar para os problemas que afetam sua qualidade de vida*, investindo mais no cuidado consigo, uma vez que *a condição de psicanalistas não os protege da dor e sofrimento*.

³ Como demonstra, por exemplo, Roudinesco (2010), em seu *As primeiras mulheres psicanalistas*, capítulo específico da coletânea *Em defesa da Psicanálise*, no qual são abordados vários tópicos da historiografia do campo psicanalítico.

⁴ Em *As mulheres de Freud*, Lisa Appignanesi e John Forrester (2010, p. 41) se perguntam: “Por que historicamente a psicanálise tem sido em tão larga medida uma profissão de mulheres? Múltiplas razões podem ser citadas: a coincidência de uma nova profissão com uma época em que as mulheres começavam a ter atividades profissionais, em que o primeiro movimento feminista obtivera vitórias no que diz respeito ao acesso das mulheres à educação e à esfera pública; o acesso facilitado a uma profissão cuja organização social era familiar e se estendia por linhas de filiação; o caráter íntimo da prática psicanalítica, sua capacidade de tornar digno algo que poderia passar por mera fofoca, convertendo-o em uma porta para o inconsciente; o foco da psicanálise na família e na sexualidade, esferas do trabalho emocional que tradicionalmente pertenceram às mulheres”.

Atentar para os problemas que afetam sua qualidade de vida é a principal advertência das autoras, lembrando que o psicanalista não está isento de sofrer da mesma forma que outras categorias profissionais⁵, nem que tampouco estaria imune a isso tudo.

Outro dado que se sobressai nas respostas reside em uma dificuldade específica, ligada à manutenção da oferta de tratamento psicanalítico que, nos moldes tradicionais, em consultório privado, aparenta em dissonância com os dias atuais, especialmente quando comparada a outras ofertas, mais atrativas e menos custosas aos possíveis pacientes. Estamos falando aqui de tratamentos psicoterapêuticos diversos, por meio das várias modalidades de psicoterapia, bem como de possibilidades farmacológicas, que abalam uma até então aparente hegemonia do tratamento psicodinâmico, quase sempre mais longo e mais custoso, nos vários sentidos da palavra, o que faz rarear o número de interessados em aceitar o tratamento pela palavra, nos moldes freudianos.

Diante desse cenário, no qual já não se equalizam mais oferta e demanda, como em outras épocas, as autoras lançam uma hipótese que nos interessa: a queda do *status* de profissional liberal que envolve a prática do psicanalista em seu consultório privado e a dificuldade de estabelecimento de quem é parte de uma lógica de mercado que mudou, pois

[d]iante da imensa proliferação de terapias alternativas, em um sistema “*self-service*”, que prometem, em curto prazo, a felicidade, em detrimento da velha psicanálise, o psicanalista da atualidade sente-se e é percebido como um profissional liberal decadente. Sua situação agrava-se ao se somar à condição de crescente desvantagem financeira com relação aos colegas médicos de outras especialidades, embora sofrendo das mesmas dificuldades de outros profissionais da área de saúde, e que como todos os outros, têm que se submeter às mesmas leis econômicas, dependendo, inclusive, dos questionáveis planos de saúde. (2005, p. 155)

A pesquisa não especifica um aspecto que poderia abrir mais um ângulo de investigação: *qual contexto laboral* de Psicanálise estaria efetivamente sendo acossado pela concorrência e, em vista disso – prudentemente desconfiando de generalizações apressadas –, perguntamo-nos se *todos* os psicanalistas⁶, especialmente os que se dedicam exclusivamente ao consultório particular, passam pelo mesmo fenômeno em sua realidade cotidiana?

⁵ Talvez fosse prudente também pensar se haveria algum tipo de sofrimento específico que pudesse afetar o psicanalista, que não tivesse sido alvo nessa pesquisa por elas efetuada, e que eventualmente escapasse ao questionário estabelecido.

⁶ Afinal, cabe ressaltar, um tratamento psicanalítico não se limita aos moldes mais clássicos, com alta frequência semanal, limitado a certas classes sociais, orientado por determinada orientação ou escola psicanalítica. É preciso também levar em consideração outras escolas psicanalíticas, incluindo nelas os vários referenciais que orientam as formações atualmente. Hoje, portanto, podemos falar de *psicanálises*, ao invés de apenas um modelo hegemônico. (Cf. MENEZES, 2001)

Com respeito à temática da própria saúde física e mental, as respostas obtidas pelas pesquisadoras sinalizam pouco cuidado do psicanalista com esse aspecto, favorecendo certa dubiedade nas hipóteses interpretativas que puderam ser levantadas a partir do cotejo das respostas. Consideramos que esses aspectos deveriam ser levados em conta, uma vez que deles poderia advir uma possível questão preambular: se esse rol de manifestações sintomáticas surpreende por surgir com essa frequência relativamente elevada, como se os psicanalistas supostamente conseguissem ou devessem estar acima disso, ou se, por exemplo, a própria profissão pudesse ser tomada como um *fator causal*, que exigisse muito dos profissionais.⁷ As autoras destacam os números obtidos:

Entre os pesquisados, 15% já tiveram algum distúrbio de percepção, e entre estes, 2% relataram ter tido delírios, 10% já apresentaram sintomas da síndrome do pânico e uma parcela não negligente, de 6%, tem fobias. Um percentual de 42% destes profissionais sente-se ansioso ou estressado com frequência. [...] Nesta pesquisa, 19% dos psicanalistas relataram ter constantes alterações de humor. Por outro lado, 79% dos pesquisados já apresentaram alguma vez sintomas de depressão, sendo que destes, 10% têm episódios frequentes e 12% dos sujeitos da pesquisa alguma vez, ao menos, pensaram em suicídio. (2005, p. 162)

A partir desses números, as autoras apenas ressaltam que o psicanalista padece da *mesma forma* que qualquer outro profissional liberal, até mesmo nas clássicas reclamações sobre a falta crônica de tempo para um relacionamento mais apropriado com os filhos e cônjuges, a sensação de descuido com as amizades e com o lazer, ou ainda as jornadas duplas ou triplas, nos casos de psicanalistas do sexo feminino que também são esposas, mães e donas de casa.

Nesse cenário, poderíamos agrupar os pontos até então explicitados por esse estudo:

1. Concorrência com as psicoterapias e tratamentos farmacológicos, redundando em diminuição de interessados no tratamento psicanalítico;

⁷ Os números poderiam ser comparados a outros relativos especialmente a profissões de ajuda em geral, como comparativamente pode se depreender do trabalho de Santos e Cardoso (2010), que investigaram temáticas ligadas ao *stress* e ao *burnout* em profissionais de saúde mental de uma instituição, chegando a porcentagens ainda mais tocantes após a pesquisa efetuada com os participantes: “36% apresentaram manifestação de *stress*, 44% avaliaram-se como muito estressados e 60% apresentaram alto esgotamento emocional. Para 60%, o trabalho foi avaliado como muito estressante”. As revisões bibliográficas presentes nesse artigo específico também corroboram a percepção de que as profissões de ajuda são, de maneira geral, potencialmente indutoras de intenso sofrimento físico e psíquico, ainda que curiosamente esse aspecto não seja, como deveria, levado em consideração pelos profissionais da área. Trabalho disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2010000100008&lng=en&nrm=iso> Acesso em 26 de março de 2011.

2. Perda do *status* em comparação a outros profissionais liberais, pela dificuldade de estabelecimento no mercado-psi, instabilidade e também diminuição dos rendimentos;
3. Exigências da formação, que demanda esforços de tempo, leitura e estudos sistemáticos;
4. Dificuldades variadas de interação com outros profissionais, especialmente quando atua também em instituições, que incluem, por exemplo, médicos, professores, administradores e outros participantes de equipes multiprofissionais;
5. Risco de o praticante ter sua saúde física e mental afetada seja pela solidão intrínseca, seja pela postura que deve manter no desempenho cotidiano.

Esses pontos podem ser considerados indicadores de preocupações relevantes e, em especial, potencialmente causadores de certo grau de mal-estar, aspecto usualmente pouco estudado quando se trata de psicanalistas, justamente um dos ângulos que muito nos interessa neste momento. Talvez o próprio Freud já se antecipe a isso quando afirma que a “atividade psicanalítica é árdua e exigente; não pode ser manejada como um par de óculos que se põe para ler e se tira para sair a caminhar”. Advertindo ainda que, de modo geral, “a psicanálise possui um médico inteiramente, ou não o possui, em absoluto” (1933[1932], p. 186, grifos nossos). E nessa possessão completa do psicanalista, na intensidade que parece permear a relação do profissional com a prática, também restaria uma possível interrogação coadjuvante no ar: se a análise pessoal que, aliás, 86% dos entrevistados, na época da pesquisa, disseram já ter efetuado ou ainda estar realizando, não teria algum tipo de efeito *mitigador* nesses aspectos preocupantes da atividade, tanto na supervisão quanto na vida institucional, da qual grande parte dos entrevistados igualmente afirmou fazer parte, sob diversas condições, como membros ou pela inserção em modelos formativos diversos.

Nesse sentido específico, a prática psicanalítica distinguir-se-ia de outras atividades, por fomentar apoio ao profissional no já citado tripé da formação, na sensação de pertença a uma comunidade, o que nos parece qualitativamente díspar, quando comparada a uma associação tradicional de profissionais. Esse tipo de instituição usualmente se encarrega de defender os direitos desses associados, de divulgar eticamente a profissão na sociedade civil, de se envolver dinamicamente com os aspectos burocráticos relativos a vários níveis e alçadas governamentais, além de outros aspectos bem definidos e atinentes a um órgão de classe.

Uma ideia central atravessa o trabalho dessas autoras e aparenta estar fundada na hipótese de que, em comparação a um passado recente, o ideal que rodeia a imagem do psicanalista, sua posição de classe e sua representação social teria sofrido um abalo. Os registros históricos⁸ demonstram que, no Brasil, pelo menos até os anos setenta⁹, em um momento de intenso desenvolvimento econômico, majoritariamente só médicos praticavam a psicanálise, alcançando pequena parte da população que podia arcar com os honorários e, dessa forma, elitizando o tratamento e também se integrando a essa elite. Mas os tempos são outros, especialmente após as mudanças desveladas pela pesquisa e que, de certa forma, já prenunciavam essas dificuldades dos tempos atuais; pode-se perceber que as coisas, ao menos nesse aspecto, já não parecem mais ser tão fáceis para os psicanalistas, como, aliás, desde Freud, não tem sido.

Esse abalo na imagem idealizada do psicanalista está bem representado em uma frase no final do texto que nos permite refletir mais detidamente sobre o que essa pesquisa acabou evidenciando, pois Pimentel e Vieira parafraseiam Nietzsche, com um grifo bem sugestivo: “Esta pesquisa é só um alerta: psicanalistas são *demasiadamente humanos*”¹⁰ (2005, p. 164). Essa menção a Nietzsche pode nos ajudar a delimitar um pouco mais nosso objeto de interesse, uma vez que iremos tratar dessa dimensão humana do psicanalista pela via da análise das dificuldades de sua profissão – dificuldades que o afetam e que o distanciam das origens arcaicas de sua profissão, personificadas nas míticas figuras de curandeiros, xamãs, feiticeiros ou afins, mais para heróis do que para demasiadamente humanos.

Estranhamente, ainda hoje, ao menos a partir *desse* ângulo especificamente humano, o psicanalista é um profissional relativamente pouco investigado, sendo poucas vezes tomado

⁸ Um exemplo é o trabalho de Azevedo (2008), que narra sua entrada na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, desvelando que nos anos setenta havia apenas treze analistas didatas em São Paulo, com aproximadamente duzentos e cinquenta interessados na fila de espera, aguardando uma entrevista tendo em vista uma análise didática. Consequentemente, os honorários se tornavam bem elevados e poucos eram os privilegiados que conseguiam acessar esse universo. Trabalho disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0103-58352008000100012&script=sci_arttext> Acesso em 11 de setembro de 2010.

⁹ Um bom retrato desse período pode ser obtido por meio da leitura do trabalho de Eduardo Mascarenhas (1982), psicanalista atuante e crítico do cenário desse período.

¹⁰ Joel Birman também acaba fazendo uso dessa mesma expressão, mas por outra via: “É evidente que os analistas são seres humanos como qualquer outro sujeito e não seres excepcionais. Quanto a isso não existe qualquer dúvida. Eu diria mesmo, parodiando Nietzsche, que os psicanalistas *deveriam ser demasiadamente humanos*. O que quero dizer com isso? O analista deveria ser demasiadamente humano justamente porque se lançou numa experiência pela qual sua identidade foi colocada em questão, tendo que rever suas alienações ao outro e seus pactos precocemente construídos com os outros para poder sobreviver” (1999, p. 17, grifos do autor). Ao que Birman poderia estar se referindo? Por que parodiou especificamente Nietzsche para alertar os psicanalistas? Se estes não são demasiadamente humanos, o que de fato são ou no que se transformaram?

como objeto¹¹ de um interesse mais particularizado, como é bastante característico nas pesquisas de cunho mais acadêmico em vários campos de saber presentes na universidade. Contudo, como pudemos perceber, esse personagem demonstra preocupar-se com sua subsistência, pois teme pela longevidade de sua oferta nos dias de hoje – e principalmente nos dias que ainda virão, num futuro incerto e enigmático –, apontada como dissonante em relação a uma procura que não se coaduna com esse modelo psicanalítico de tratamento, ângulo de uma dificuldade que, afinal, parece apontar para algum tipo de mudança no laço entre o analista e o paciente.

Nesse sentido, então, de alguma forma, seria *a clientela* uma dessas dificuldades? Afinal, qualquer profissão liberal depende, em última instância, de um fluxo constante de clientes buscando seus serviços. O psicanalista, no fundo, não se diferencia tanto de outros profissionais liberais, e caberia perguntar que tipo de transformação houve na clientela ou, poderíamos dizer, da parte de *quem demanda*, mas, sobretudo e principalmente, também interrogar se alguma coisa mudou do lado de *quem oferta*, pois os tempos de consultórios repletos, muitas vezes com fila de espera e recebendo honorários bastante respeitáveis, parecem que fazem parte de um passado que não volta mais.

A tentativa de responder a essa questão acerca de um possível descompasso entre a demanda e a oferta surge agora, com mais nitidez, a partir do segundo texto que destacamos, por meio de um tipo de admoestação menos palatável, em *Sinal de alerta para a Psicanálise*, do psicanalista Eduardo Boralli Rocha (1997).

Como estratégia argumentativa, esse autor parte de uma epígrafe instigante¹², extraída de um trecho de carta enviada por Freud a Ferenczi. Ao tratar de suas recomendações sobre a técnica, o criador da psicanálise destaca de maneira queixosa que suas sugestões sobre o que *não fazer* na condução de um tratamento acabaram sendo tomadas como dogmas, quando na verdade teria apreciado que os psicanalistas de então se esmerassem nos cuidados de não se afastarem da direção de uma análise, deixando o *que fazer* ao *tato* de cada um, ao bom senso indispensável para a prática analítica. Desafortunadamente, Freud já percebia, até pelo peso

¹¹ Com exceção dos estudos que tratam dos aspectos da contratransferência, do desejo do analista ou mesmo de aspectos mais metapsicológicos.

¹² Vale a pena citar o trecho em questão, extraído de uma carta de Freud endereçada a Ferenczi, no ano de 1928: “‘Recomendações sobre a técnica’, que escrevi há muito tempo, era essencialmente de natureza negativa. Eu considerei que a coisa mais importante era enfatizar o que alguém não deveria fazer e indicar as tentações em direções contrárias à análise. Tudo aquilo de positivo que alguém deveria fazer deixei ao ‘tato’. O resultado foi que os analistas obedientes não perceberam a elasticidade das regras que propus, e se submeteram a elas como se fossem tabus” (FREUD *apud* ROCHA, 1994, p. 145).

de sua imagem como ponto enunciador, que suas recomendações haviam acabado por se tornar tabus que, como se sabe, quando tomados como imperativos, pendem mais para a inflexibilidade e a rigidez.

A utilização desse trecho específico da carta de Freud como uma epígrafe foi decerto cuidadosamente pensada pelo autor, pois ajuda a preparar o leitor para uma questão central que, de maneira latente, está presente por todo o texto: o modelo preponderante de formação da instituição psicanalítica¹³ analisada pelo autor preconiza regras, normas e procedimentos fundamentais que são por demais rigorosos. Postulados durante os passos da formação, transformam-se, curiosamente, em ideais dificilmente atingíveis, que não se reproduzem com facilidade na clínica cotidiana dos candidatos envolvidos com a proposta original desse projeto formativo. Um exemplo ilustrativo e paradigmático é a exigência *mínima* de atendimento com quatro sessões semanais, algo raro de ocorrer, até mesmo com os casos que cada candidato deveria conduzir durante os núcleos específicos de atendimento e supervisão inseridos nos quatro anos de formação que compõem o programa original¹⁴.

Diante disso, porém, resta uma dúvida que soa pertinente: o psicanalista formado por esse modelo específico estruturado pela Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo teria condições de manter a subsistência financeira em seu consultório particular praticando *exatamente o mesmo modelo* de tratamento no qual foi formado? Afinal, seus potenciais pacientes poderiam, por exemplo, simplesmente *refutar* a necessidade de quatro sessões semanais em troca de um tratamento psicoterapêutico de periodicidade semanal ou mesmo de outras modalidades de Psicanálise como, por exemplo, as de orientação lacaniana, ou ainda aquelas praticadas por analistas advindos do curso de formação de outras instituições ditas paralelas¹⁵, como o *Instituto Sedes Sapientiae* em São Paulo, apenas como um exemplo ilustrativo. Mantovanini (2008)¹⁶ fornece um bom panorama dessa situação:

A história da psicanálise em São Paulo mostra as mudanças sofridas nas últimas décadas. Nascida em nosso meio como uma atividade que garantia

¹³ Estamos falando da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, da qual o próprio autor do texto faz parte.

¹⁴ Programa que pode ser conferido no *site* oficial da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, mais especificamente no *hiperlink* do Instituto Durval Marcondes: <<http://www.sbpsp.org.br/default.asp?link=institucao>> Acesso em 22 de maio de 2009.

¹⁵ Como mostra *História da Psicanálise - São Paulo (1920-1969)*, trabalho historiográfico de Oliveira (2005) que pode fornecer mais detalhes acerca desse período.

¹⁶ Trabalho disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352008000100017&lng=pt&nrm=iso> Acesso em 11 de setembro de 2010.

boa remuneração e *status* social, a carreira atraía muitos profissionais da saúde. Em meados dos anos 70, quando a SBPSP perdeu o monopólio da formação psicanalítica, esse prestígio entrou em declínio e terminou no final dos anos 80. O mercado de trabalho tornou-se mais competitivo. A proliferação de formações fora dos padrões da IPA atingiu em cheio a clínica-padrão sustentada pela SBPSP e exigida de seus candidatos. Concessões precisavam ser feitas, e eram, mas não podiam ser consideradas oficialmente, pelo menos no que dizia respeito à formação.

Além de captar os ecos desse tema em várias conversas informais com seus pares – ocasiões nas quais esse tipo de assunto mais delicado pode vir à tona –, Rocha (1997) aprofunda sua pesquisa pessoal nos próprios arquivos das publicações locais e internacionais editadas pela Associação Psicanalítica Internacional. Fontes nas quais acaba também encontrando trabalhos de outros psicanalistas que questionavam alguns ângulos desse mesmo tema, cada qual oferecendo uma contribuição a partir da experiência clínica e, de certo modo, dizendo o que depreendiam a respeito dos desdobramentos dessa problemática da diminuição do interesse e da procura por parte dos pacientes.

De maneira geral, os escritos selecionados pelo autor permitem pensar esse fenômeno como uma decorrência da burocratização da Psicanálise instituída. Essa hipótese interroga a inflexibilidade do projeto formativo oferecido, no qual a hierarquização e os possíveis jogos de interesse *entre* didatas e candidatos impediriam o aprofundamento de certos pontos do tratamento psicanalítico, tanto em termos de eficácia quanto de sujeição a uma investigação mais rigorosa de seus pressupostos fundamentais, como é comum, por exemplo, no mundo acadêmico e na comunidade científica. Nesse contexto, ritualizava-se a formação obstaculizando o surgimento do novo e a assunção de elementos que poderiam causar algum impacto na lógica da instituição e dos laços *entre* os membros. Com isso, o efeito mais imediatamente perceptível era a formação de analistas pouco criativos, longe dos pioneiros mais inventivos e até em certos momentos mais subversivos, fiéis à tradição da estirpe freudiana.

Quando Rocha (1997) se volta mais detidamente para o cenário doméstico, especialmente em São Paulo, percebe semelhanças estruturais com o que apontavam os autores por ele pesquisados, mas também nota algumas diferenças pontuais. Uma delas deriva de sua experiência pessoal desempenhando a docência em cursos de Psicologia, nos quais observava que progressivamente cada vez menos alunos se interessavam em se tornar psicanalistas, dado que já fazia prenunciar um cenário complicado, que esmiuçaremos mais

adiantes, acerca de uma anunciada *crise*¹⁷ pela qual a Psicanálise estaria passando naquela época. Um contraste com o período no qual o próprio autor era um estudante de Psicologia, uma vez que a maioria de seus colegas graduandos queria justamente ser psicanalista, uma atividade por eles considerada mais nobre, com finalidade mais séria e profunda em termos de tratamento e, principalmente, todos diziam que se ganhava mais dinheiro, o que era razoavelmente factível nos idos dos anos setenta.

A partir dessa percepção, o autor se pergunta se esse recrudescimento mais geral da demanda poderia ser explicável somente pelos exames mais quantitativos – que comprovariam estatisticamente esse fenômeno – ou se de fato isso poderia ser *apenas* creditado aos fatores tradicionalmente considerados até então, a saber: a concorrência com outras linhas de trabalho menos exigentes – psicoterapêuticas ou psiquiátricas – além de pouca disponibilidade subjetiva dos potenciais interessados atualmente no tratamento psicanalítico. Por si sós, porém, esses fatores não esgotam a questão, pois há ângulos que ainda precisam ser mais aprofundadamente investigados. Nesse sentido, vale a pena dar voz ao próprio Rocha (1997, p. 150), extraindo uma posição pessoal que consideramos corajosa:

A observação tem nos mostrado que de nada adianta uma atitude olímpica, a argumentação de que as outras formas de terapia (inclusive a chamada terapia de orientação psicanalítica) são superficiais, sedutoras, passageiras, ou de que o que impede os pacientes de virem frequentar uma análise é a dificuldade em tolerar a angústia (voltarei a isso mais adiante). O fato, como já vimos, é claro: as pessoas têm procurado cada vez mais terapias alternativas à psicanálise. No mercado de ‘psico-utilidades’ nosso produto está perdendo terreno, mas se acreditamos, como eu acredito, que o nosso produto é o mais eficiente para uma ampla gama de problemas humanos, temos de nos perguntar qual tem sido nossa contribuição para a constituição desse cenário.

Estabelecida sua posição, o autor analisa a questão financeira, apontada como cerne da questão:

Seria o alto custo financeiro de uma análise? É um fator relevante, sem dúvida, mas não me parece ser a razão central, uma vez que há terapeutas de outras abordagens que cobram, ao final do mês, mais do que muitos analistas, assim como há colegas cobrando honorários abaixo de uma média de mercado e, ainda assim, não conseguem preencher seus horários disponíveis para novos pacientes. E o argumento mais forte é que há colegas cobrando honorários de medianos para cima e têm seus consultórios funcionando com a capacidade total preenchida. Não, não estou me referindo apenas aos didatas, mesmo porque hoje em dia o simples fato de ser analista

¹⁷ Tema explorado por vários autores, desde o já citado trabalho de Mantovanini (2008), que retrata a crise em território brasileiro, como também o de Alencar (1999). Sugerimos também *A crise da psicanálise contemporânea*, de Campuzano (2005), que amplia a percepção para um cenário de âmbito mundial.

didata não é garantia de consultório lotado. Refiro-me a alguns didatas sim, mas também a membros e candidatos. Existem casos em que estes últimos têm mais pacientes e cobram honorários superiores a alguns didatas.

O autor, como é possível depreender, não se satisfaz com uma explicação considerada agora simplista. De seu ponto de vista os pacientes não estão abandonando a Psicanálise por ser um tratamento difícil e que exige muito¹⁸ e que, portanto, estaria em desvantagem em relação às concorrências, às tais “psico-utilidades” a que alude.

Se acompanharmos detidamente o raciocínio engendrado a partir dessa leitura de textos da época, chegamos a uma hipótese bastante interessante: *uma* das chaves do problema, senão a principal, residiria *na relação* que o psicanalista mantém *com* a Psicanálise, com sua prática. Mais do que o número fixo de sessões semanais, parece importar mais sua postura frente aos novos pacientes que o procuram; no acolhimento que oferece; na forma como os interroga e na flexibilidade ao lidar com a técnica, ajudando esses pacientes a se tornarem progressiva e efetivamente analisandos. Curiosamente, todos esses pontos estão em consonância com aquilo que Freud sugere nos artigos em que recomenda alguns pontos básicos de condução de um tratamento que não deveriam ser tomados como *regras fixas*, tampouco como *tabus*, o que desafortunadamente aconteceu, sobretudo após sua morte.

É possível concluir, a partir do artigo de Rocha, que o posicionamento menos estereotipado do psicanalista seria um fator decisivo, não único, mas preponderante, para a viabilização de uma clientela consistente na clínica psicanalítica, o que de certa forma põe por terra certas hipóteses sobre uma crise generalizada na procura pelo tratamento psicanalítico. Seguindo essa linha de raciocínio, e por mais paradoxal que possa parecer, essa crise da Psicanálise teria menores efeitos naqueles que *subvertessem* os padrões *standard* dessa formação clássica, fossem mais atentos com os pacientes, criando condições mais viáveis de acesso ao artificial do laço analítico e de suas idiossincrasias particulares que, por si sós, já são suficientemente complicadas.

Os dois textos escolhidos, tanto o de Pimentel e Vieira (2005) como o de Rocha (1997) – se pudéssemos pensá-los conjuntamente, guardadas as respectivas diferenças –, formaram uma unidade que nos ajudou a prestar atenção ainda mais detida ao que já intuitivamente captávamos nas teorizações do campo, corroborando o que Freud dizia sobre

¹⁸ Pois, de fato, analisar-se custa, e bastante; aliás, para além do que é despendido em termos monetários na sessão. Nesse campo, sugerimos os trabalhos de Slemenson (2000, 2001 e 2008) e também de Gordon (2000), nos quais são abordados os aspectos simbólicos do dinheiro e a incidência direta no narcisismo do paciente quando do pagamento das sessões.

as exigências específicas dessa atividade, ainda em nossa pesquisa piloto. Ambos desvelaram também uma dimensão específica do psicanalista que diverge de um personagem comumente idealizado pelos alunos do curso de Psicologia¹⁹, o que colaborou para que se sentissem motivados a efetuar as entrevistas, especialmente a partir do contato com os textos citados e também com algumas discussões prévias que mantivemos em grupo, fomentando o interesse na proposta.

Deve-se destacar também que foi um trabalho em nível de iniciação científica, pensado e estruturado para esse fim e que, a despeito do número limitado a apenas vinte entrevistados, resultou em um panorama curioso que iremos agora, sinteticamente, descrever. Essa amostra de psicanalistas que – em diversos momentos do percurso da prática clínica e também da formação – aceitaram ser entrevistados, veio a ressaltar certos aspectos que, além de instigarem nosso interesse, também serviram como mote para novos questionamentos acerca de nosso tema de pesquisa, naquele momento ainda razoavelmente indefinido; um aspecto que as respostas elencadas a seguir ajudaram a esclarecer.

O primeiro ponto que destacamos de imediato refere-se a uma pergunta genérica e introdutória presente nas entrevistas, e que incidia sobre as dificuldades que o entrevistado enfrenta no cotidiano do trabalho clínico. Essa questão redundou em respostas que, de maneira geral, referiam-se ao que poderíamos chamar de *pacientes dos dias atuais*, que portam alguns traços característicos: restringem a expectativa ao alívio do sintoma, fazendo uso da análise apenas como um paliativo instantâneo; mostram-se imediatistas; pouco se implicam e não entram em análise, além de interromperem inesperadamente o tratamento, deixando muitas vezes o psicanalista sem chance de demovê-los dessa decisão. Nesse sentido, considerando-se que esse tema abriu as entrevistas, podemos perceber alguma correspondência com os dois textos anteriormente citados, e que falam sobre um paciente que aparentemente não mais “se encaixaria” num perfil mínimo esperado ou adequado ao que um tratamento psicanalítico preconiza em termos de envolvimento e implicação necessários ao processo.

O segundo ponto tangencia o cotidiano da clínica, em particular na direção do tratamento. Os entrevistados apontaram alguns tópicos específicos, como, por exemplo, a solidão de uma prática que exige muito do psicanalista, visto que não pode falar livre e

¹⁹ Nesse tópico específico, sugerimos os trabalhos de Meira e Nunes (2005), bem como também o de Fontenele (2006), nos quais a idealização do psicanalista pode ser verificada, por meio de problematizações que julgamos pertinentes ao tema.

abertamente de qualquer tema com o paciente, restando alguns esparsos contatos entre pares, momentos nos quais estaria livre de um semblante coerente a cada paciente. Foi citada ainda a ausência de uma técnica fixa que supostamente facilitasse, por exemplo, o manejo transferencial, quase sempre um aspecto delicado e que obriga o psicanalista a recomençar de cada caso, demandando atenção e cuidados permanentes. Percebemos nesse ponto que esse aspecto da solidão, e mesmo da concentração quase permanente durante o tratamento, podem significar dois fatores tendencialmente indutores de tensão crônica.

Adicione-se a isso também outro elemento citado, e que diz respeito à dificuldade de estabelecimento no mercado das profissões-“psi”, do granjear respeito que, entre outras coisas, facilitaria a indicação para novos pacientes, especialmente no começo da prática clínica – um início de percurso quase sempre muito claudicante e sem reconhecimento do trabalho, e dependente de um sistema não-institucional, organizacional ou corporativo claramente definido. Nas respostas dos psicanalistas mais experimentados, nota-se uma mudança nesse quesito, pois aparentemente já ultrapassaram esse período e suas falas tangenciaram outros aspectos como a falta de tempo livre para o lazer ou para a convivência familiar e círculo de amigos. Algumas respostas também tocaram em problemáticas referentes a aspectos mais narcísicos do analista, racionalmente pouco admissíveis, mas que por vezes dão mostras de sua existência ao próprio analista durante os tratamentos, questão delicada e quase sempre de difícil abordagem.

Outra temática abordada pelos entrevistadores refere-se a uma possível crise da psicanálise. Essa abordagem se deu por vários ângulos: um deles foi inquirir diretamente o entrevistado, perguntando se essa crise o afetava efetivamente; outro foi perguntar sobre a relevância do tema e qual a posição do psicanalista frente a ele; outro, ainda, foram indagações mais genéricas, checando as percepções e reflexões do entrevistado acerca desse assunto. Essa crise, como já evidenciamos anteriormente, foi um tema bastante presente nos dois artigos anteriormente citados e suscitou algumas respostas que nem sempre coincidiam, mas que, por outro lado, pareciam dizer da prática específica do entrevistado. Parte deles discordava quanto ao termo, pois a Psicanálise como um tratamento específico estaria cada vez mais acessível e popular, chegando a mais pessoas e aumentando o campo da oferta, enquanto outros diziam que, pensada a partir de um rareamento de procura por parte dos pacientes, a crise da Psicanálise estaria restrita apenas aos psicanalistas que não investiam suficientemente na formação, ou mesmo que dela pouco cuidariam, acomodando-se na poltrona e esquecendo o necessário engajamento no tripé exaustivamente citado no meio

psicanalítico. Alguns entrevistados pensavam a palavra *crise* como um significante e, nesse caso, a Psicanálise sempre estaria em crise, pois é justamente com isso que essa prática lida. Outros apontavam a crise como um fenômeno relativamente sazonal, mas pouco preocupante, e perceptível desde a invenção da doutrina por Freud. Interessante perceber que, ao menos nesse aspecto de *demanda* na realidade brasileira, a crise aparentemente não tem a mesma magnitude quando comparada aos dois textos anteriormente citados.

A relação com os membros do grupo familiar foi outro campo temático que algumas perguntas tocaram. Obteve-se um conjunto variado de respostas, que afirmavam, de um lado, um suporte satisfatório, ou ainda um apoio incondicional e até mesmo orgulhoso da família. De outro lado, surgiam indícios críticos de que a escolha pela profissão parecia não ter sido a melhor, beirando o exótico e o desconhecido, diferente de outras escolhas mais tradicionais e supostamente mais estáveis ou reconhecidas socialmente. Alguns entrevistados também citaram cobrança da família quanto ao pouco tempo destinado às atividades sociais, em grupo ou circunscrita à própria família nuclear. O acúmulo de trabalho e estudo que parece aumentar progressivamente em paralelo ao tempo de percurso da formação do psicanalista acaba por se tornar, como em outras atividades, um *adversário* da família, o que corrobora o que notamos no primeiro texto, de Pimentel e Vieira (2005), sobre os indicativos de *stress* e de falta de tempo para outras atividades que não trabalho e envolvimento com a teoria.

Por fim, a questão que encerrava nossa pesquisa piloto levantou possíveis recomendações a quem se dispusesse a seguir essa profissão. De forma geral, o rol de respostas incluiu: a análise pessoal como parte indispensável, saber de antemão que estudar muito é parte crucial da formação, procurar uma instituição séria para os passos iniciais, ler muito e não apenas leituras ligadas à psicanálise, além de não se preocupar com o dinheiro em primeiro lugar. Uma resposta destoou significativamente das demais, mas vale a pena aqui ser citada justamente pela singularidade e rigor: sugeriu-se que o interessado procurasse um analista para saber o que poderia estar por trás da decisão de seguir tal caminho.

Considerando que as vinte entrevistas foram efetuadas por estudantes de Psicologia e por isso ainda relativamente inexperientes na condução de uma entrevista, mesmo assim a empreitada redundou em um quadro geral do processo bastante satisfatório. Um dado pitoresco que deve ser citado foi a repercussão do trabalho, no final do projeto, não apenas entre os alunos mas principalmente entre alguns entrevistados que ressaltavam como a pesquisa os fez pensar em coisas sobre as quais não refletiam corriqueiramente.

Consideramos que essa repercussão nos motivou a aprofundar as leituras acerca das dificuldades presentes na clínica psicanalítica, apontando-nos a possível relevância e viabilidade de uma pesquisa mais formal e sistemática. Sendo assim, cremos já ter fornecido uma descrição relativamente fiel de certa sequência de elementos que nos impulsionaram a formular o embrião deste trabalho, no qual o psicanalista é o personagem principal, observado por um ângulo específico e que será, agora de forma mais decidida, alvo de nosso interesse.

Empreenderemos agora um avanço que nos servirá como uma justificativa para a presente tese, e que será feito a partir de uma compilação de tópicos extraídos da varredura inicial que efetuamos em textos que, na sua essência, abrangem aspectos que pudessem ser conectados com as dificuldades enfrentadas pelo psicanalista, com os percalços de sua profissão, com o que advém daquilo que claudica na clínica e na relação desta prática com sua vida.

A narrativa de nossa experiência demonstra que, mesmo limitada em termos de representatividade, ainda assim aponta para alguns elementos que poderão ser mais bem definidos com base em nossas leituras e interpretações dos textos que pudemos obter em nossa pesquisa bibliográfica mais sistemática. Essa investigação denotou um obstáculo de ordem prática e que merece ser declarado desde já: a Psicanálise, atualmente, é representada por várias escolas e linhas teóricas, um extenso rol de instituições e associações de psicanalistas, tanto as mais formais e reconhecidas, como as informais, que se limitam a gravitar em torno de poucos participantes, sem grande divulgação. Elisabeth Roudinesco (2003, p. 23), historiadora da Psicanálise e recenseadora do campo, nos traz esse dado com maior propriedade:

Não existe, portanto, uma Internacional, mas sim internacionais, que agrupam, cada uma delas, inúmeras associações, elas próprias pouco homogêneas ou em perpétua mutação: hoje, além da IPA, são ao menos quatro. Há centenas de associações, escolas e sociedades no mundo inteiro, agrupando aproximadamente trinta mil praticantes listados, aos quais se acrescentam os independentes, em número cada vez maior, não pertencentes a nenhuma instituição ou, ao contrário, inscritos em muitas delas.

Nota-se então que esse aspecto, por si só, demanda atenção e cuidados para que não se proceda a uma generalização simplista nessa questão da dificuldade na clínica, considerando também que, como destaca Major (2003, p. 15), “as preocupações certamente são muito diferentes em cada um dos países, porém há questões fundamentais em suspenso em todos os lugares em que a psicanálise se implantou”. Possivelmente porque se trata de uma temática

que pode ser tomada por vários ângulos²⁰, logo, multifacetada e atravessada por singularidades que precisam ser levadas em conta, sob o risco de uma banalização da temática que estamos valorizando na presente tese.

Em nosso caso específico, no levantamento bibliográfico que efetuamos, tivemos a preocupação inicial de circunscrever temas que se repetissem, ou ainda que evidenciassem aspectos que nos interessavam, mesmo que de forma indireta. Como exemplo, poderíamos citar o caso específico da formação do psicanalista, presente em artigos que tratavam da institucionalização da Psicanálise – tema geral que, de imediato e em sua plenitude, não nos servia diretamente, mas que acabava por trazer à tona certos matizes de várias dificuldades do psicanalisar que potencialmente nos serviriam como material para reflexão ou posterior teorização.

Desta feita, parece-nos necessário, neste momento introdutório, expor de maneira mais panorâmica o que conseguimos obter em termos de subsídios teóricos sobre a problemática que nos interessa acerca do personagem que elegemos. É desse cenário mais amplo que tencionamos extrair e justificar a relevância de nosso tema de pesquisa.

Dois blocos temáticos são suficientes para representarem nossos achados. O primeiro trata da crise pela qual estaria passando a psicanálise, enquanto o segundo abordaria aspectos ligados à identidade do psicanalista no mundo hoje. Nossas leituras mostraram que a palavra *crise* pode ser movida ou disposta de várias formas em enunciados que, por sua vez, podem apontar cenários bastante distintos. Por exemplo, uma coisa é falar de crise *na* psicanálise, outra é falar de crise *da* psicanálise. Além disso, uma possibilidade alternativa seria pensá-la também como uma crise *dos* psicanalistas ou *entre* psicanalistas, o que levaria a psicanálise a estar *em* crise. Ainda assim, esse não seria o âmago da questão, pois nos parece complicado tentar precisar um tema tão multifacetado. Apelaremos, portanto, a uma visão mais global de uma problemática que tem sido alvo de vários trabalhos no campo psicanalítico.

²⁰ Até mesmo porque já pudemos notar certas diferenças e nuances tanto na apreensão como na significação desse tópico específico das dificuldades. Em termos mais práticos, centrando a atenção em apenas um exemplo: a ênfase dada por psicanalistas de orientação kleiniana ao refreamento da demanda não é a mesma notada em psicanalistas de orientação lacaniana. Naturalmente entrariam em cena suas concepções de tratamento, do que poderia ser considerada uma análise de fato. Um kleiniano que atuasse pelos moldes mais ortodoxos consideraria que *apenas* os pacientes que tivessem sessões por *ao menos quatro vezes por semana* poderiam ser considerados como representantes típicos de tratamento analítico fiel aos princípios estabelecidos por Freud. No caso de uma frequência de três ou mesmo duas vezes por semana, poderiam ser encarados por esse mesmo analista como algo próximo a uma psicoterapia, mesmo que orientada psicanaliticamente. Frente a isso, o psicanalista de orientação lacaniana provavelmente diria que não é a frequência que define o que é analítico ou não, porque nessa linha de trabalho e orientação teórica o usual é a frequência de duas ou três vezes por semana, que ainda assim não garantiriam que um paciente poderia “estar em análise”, o que poderia ocorrer em certos casos específicos, até em tratamentos com frequência de *uma* sessão por semana. Portanto, a concepção de diminuição da procura passaria por exames distintos, com conclusões igualmente distintas.

Começamos com Leeuv (1982, p. 91), com *'Tempos modernos' e o psicanalista de hoje em dia*, no qual se delineia um cenário que nos ajudará a identificar certos índices que julgamos reveladores. Será melhor expressá-los a partir das palavras do autor:

Hoje qualquer um que esteja familiarizado com a prática da psicanálise distinguirá duas tendências: 1- firme declínio no número de psicanalistas trabalhando em tempo integral em Psicanálise; 2- diminuição na procura ou na necessidade social de tratamento psicanalítico; os psicanalistas jovens se queixam da dificuldade em conseguir pacientes.

De acordo com esse argumento, alguns fatores podem explicar este cenário: além do advento de outras modalidades psicoterapêuticas ofertando tratamentos possivelmente mais tentadores, mais rápidos e menos exigentes, há também certa dificuldade na previsão e no julgamento dos resultados de um tratamento psicanalítico, o que, segundo o autor, poderia afastar os interessados no método psicanalítico, que acabariam optando por outros tipos de tratamentos disponíveis atualmente. Leeuv também assinala outros aspectos mais ligados a questões sociais que influenciariam a subjetivação nos dias de hoje como, por exemplo, um clima de liberação dos costumes e, conseqüentemente, uma maior liberalidade na dinâmica das relações sociais, redundando em mudanças significativas na questão da autoridade, distinguindo-se do “pai freudiano”, com as características repressões de uma época na qual a psicanálise foi criada, numa Viena vitoriana na qual o próprio Freud viveu. (Cf. BETTELHEIM, 1991)

Nesse cenário liberal, Leeuv destaca o excesso de informação – que se espalha, progressivamente, pela nossa sociedade, culminando num exagero de estímulos e novidades que caminham no sentido contrario ao da introspecção ou mesmo do aproveitamento mais efetivo das experiências pessoais – e o papel preponderante da massificação da propaganda, que aponta sedutoramente e sempre para um prazer imediato, que não exige nenhum tipo de investimento libidinal do sujeito, com exceção do desfrute da rápida gratificação.

Outro ponto citado pelo autor é a relação com o prazer de trabalhar, de ser útil e de orgulhar-se com as conquistas e feitos. Nos dias de hoje, cada vez mais a máquina e a tecnologia troca o homem por instrumentos, aumentando a sensação de alienação frente ao próprio corpo e à realização profissional. O trabalho passa então a ser visto cada vez mais como impedimento, ou mesmo como apenas mais uma obrigação, empreendimento no qual o prazer estaria cada vez mais distante e, por conseqüência, cada vez mais alienante. Nesse caso, Philippe Julien (2000, p. 19) fornece uma contribuição a esse raciocínio, quando

considera que “o homem se tornou um *homo technicus*, isto é, um sujeito, cuja palavra está alienada nas objetivações do discurso técnico”.

Um aspecto importante é a mudança da posição da mulher na engrenagem social, que mais e mais passa a ocupar um lugar distinto, o que redundava em outra modalidade de implicação no papel de mãe, nas configurações familiares e especialmente no mercado de trabalho, no qual a redução da distância entre os ganhos do homem e os da mulher diminuiu progressivamente.

Por fim, Leeuw foca seu olhar num ponto muito particular que afeta a prática de um grande número de psicanalistas, especialmente nos países nos quais o tratamento psicanalítico é subsidiado pelos órgãos governamentais. Desde os anos setenta, há um movimento em curso²¹, perceptível em certas mudanças dos gastos envolvidos na política social dos governos, levando-se em conta a destinação da arrecadação dos impostos pagos pelos contribuintes, especialmente na área da saúde. Houve o advento de um processo no qual se começam a pôr em xeque certas modalidades de tratamento, por meio de avaliações estabelecidas a partir de parâmetros muito mais pragmáticos e que levem principalmente em conta uma suposta relação custo-benefício. Obviamente se opta pelo menos custoso aos cofres públicos e, com isso, passa-se cada vez mais a burocratizar a oferta de tratamentos no campo da saúde, em especial o tratamento psicanalítico, que passa a ser alvo de escrutínios questionáveis, sendo comparado a tratamentos medicamentosos e psicoterapias mais breves ou rápidas como, por exemplo, as de cunho comportamental cognitiva, com a clássica dezena ou, na melhor das hipóteses, dúzia de sessões suficientes para mudar comportamentos indesejáveis. Frise-se que essa lógica também vale, por exemplo, para os planos de saúde privados, como os convênios demonstram quando o tema é cobertura de qualquer tratamento psicoterapêutico, usualmente não contemplado pela cobertura tradicional ou, quando muito, disponível em número reduzido de sessões por ano.

²¹ Que culmina na dissolução e desmonte do *estado de bem estar social*, termo que designava certo modelo de saúde pública, que ofertava não apenas tratamento de saúde de boa qualidade como, por exemplo, tratamentos psicanalíticos subsidiados pelo poder público, mas, principalmente, creditava ao Estado, dentre outras coisas, a maior parcela de responsabilidade por cuidar, tratar e recuperar os indivíduos de males e patologias que podiam advir ou não de questões mais individuais e subjetivas, bem como oriundas ou relacionadas ao modelo econômico e das relações presentes no mundo naquele período. Com a ascensão de Ronald Reagan nos EUA e Margaret Thatcher na Inglaterra, começou a haver não apenas a implosão das bases desse *Welfare State*, mas, sobretudo, uma mudança mais sutil, de responsabilização individual do cidadão em questões atravessadas por aspectos nitidamente relacionais, grupais e principalmente sociais. Com isso, para uma conveniente economia de recursos públicos, iniciou-se a medicalização da vida cotidiana, patologizando tudo aquilo que eventualmente não se “encaixasse” na nova norma vigente.

O cenário acima descrito demonstra que a marcha do processo de medicalização se intensifica e Cesarotto (1998, p. 44), ao se debruçar sobre isso, interroga-se sobre o lugar da psicanálise no mundo atualmente. Caminhando na mesma trilha, intensifica a discussão, centrando-se na questão da difusão e da propaganda dos medicamentos que supostamente auxiliariam melhor os males da alma em comparação com a psicanálise. Para o autor, vale ressaltar que:

[...] como qualquer coisa colocada à venda, os remédios são sempre apresentados como os melhores, os mais eficazes, à solução mais moderna para os problemas mais antigos. E aqui cabe uma objeção ilustrativa: sem desmerecer os fatos que tornam a convivência nas grandes cidades uma dificuldade cotidiana, com a perda das certezas, da segurança e do sentido da existência que caracteriza o momento presente, nunca antes existiu um contingente tão grande de pessoas atacadas por angústias insuportáveis como agora.

Ou seja, amplia-se a divulgação de certo tipo de mal-estar como, por exemplo, a síndrome do pânico²², mas ao mesmo tempo também aumenta o número de pessoas interessadas nesse tipo de cura, turvando a percepção entre o que surgiria primeiro, se a oferta ou a demanda. A crítica da situação ainda continua:

O medicamento eficaz, disponível em qualquer farmácia, graças ao álibi da receita médica, absolve quem padece mas compra o produto. Alguém sofre, alguém consome, alguém goza... Os médicos, sejam eles psiquiatras ou clínicos, fazem o melhor que podem, e não devem ser acusados de má fé. Seriam apenas ingênuos, pois eles são os primeiros a acreditar na propaganda das revistas que chegam gratuitamente nos seus consultórios, na lábia dos visitantes, nas amostras grátis e nos brindes dos laboratórios. (CESAROTTO, 1998, p. 45)

Ocariz (2002, p. 37) se indaga sobre como atuar frente ao que considera demandas imperativas que não incluem “não suportar o vazio, de não conseguir conviver com a angústia, com a tristeza, a fim de possibilitar processar subjetivamente as perdas (nem mesmo diante da morte de um ente querido)”.

Há ainda outros ângulos dessa mesma problemática, que talvez possam nos ajudar a pensar a crise da psicanálise na esteira do movimento citado como, por exemplo, o que Geverts (1998, p. 62) evidencia, e que diz respeito ao modo como a psicanálise está sendo *apresentada* à sociedade. A autora examina as matérias disponíveis nos meios de comunicação de massa e observa que, regularmente, qualquer divulgação “de uma nova teoria

²² Ainda que tal definição, uma “nova doença”, seja surpreendentemente similar às descrições de Freud acerca da neurose de angústia, como destaca apropriadamente Dunker (2002).

e técnica psicoterápica, dos resultados das pesquisas de neuropsicobiologia²³ ou ainda do aparecimento de novos fármacos, quase na maioria das vezes é apresentada como se opondo à Psicanálise”. Sendo assim, qualquer nova teoria ou mesmo técnica psicoterápica é apresentada como uma sedutora possibilidade de *substituição* ao trabalho psicanalítico enquanto “os novos remédios neuropsiquiátricos são mostrados como a solução para o alívio que determinaria o modo de agir e de sentir no ser humano exibido para mostrar o desprezo ao tratamento psicanalítico”.

Outros autores, por vezes, deslocam o vértice da análise como, por exemplo, Vieira (2004, p. 23), que não considera tão importante verificar se há ou não demanda plausível, pacientes ‘prontos’ interessados em análise, mas sim observar as especificidades de cada eventual demanda:

Neste sentido, o primeiro passo é sair do tudo ou nada. Em vez do ‘há ou não há’ demanda, o que colocaria novamente a ênfase no paciente, (e na busca da definição dos ‘bons’ pacientes), instauremos a continuidade: há demandas e demandas. Nossa pergunta passa a ser então: quais as condições de demanda compatíveis com o dispositivo analítico? Ao mesmo tempo, a demanda, realidade do nosso trabalho, articula-se diretamente com as falas que compõem a subjetividade de nossos dias. Estaremos, assim, abordando as demandas atuais e interrogando a possibilidade de aí se inserir o analista.

Posição que nos parece apontar para um tópico crucial: a *responsabilidade* do psicanalista frente a tal crise. Furtado (1998, p. 40, grifos do autor) tem algo a dizer quanto a esse quesito:

Finalmente, se a psicanálise se vê ameaçada de desaparecer, convém que pensemos se não é por falta de psicanalistas. Pois se a psicanálise, desde Freud, não se define por seus efeitos terapêuticos, mas pelo estatuto ético que ela põe em evidência, *o que se espera de um psicanalista é que ele faça psicanálise*. E para que haja psicanalistas é preciso que haja psicanalistas. E eles não caem do céu. E se é da oferta do psicanalista que nasce a demanda de análise, enquanto houver um psicanalista que se disponha a suportar o real, isto é, que se disponha a fazer clínica psicanalítica, e enquanto houver um psicanalista a psicanálise estará viva, porque também ela não *opera in absentia et in effigie*, mas sustentada por seus operadores, no real de sua presença.

²³ Um exemplo paradigmático dessas pesquisas é relativo ao fracasso escolar, anteriormente creditado a eventuais dificuldades do aluno em termos psicológicos ou cognitivos, ao modelo educacional e escolar vigente, bem como a questões familiares ou de ambiente desfavorável. Com o advento desse novo paradigma patologizante, tudo passa a se centrar na criança “doente”, portadora de *TDAD*, um *Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade*, que necessitaria, portanto, de doses diárias de medicamentos como a Ritalina, visto que suas origens remontam a uma família desestruturada, patognômica e típica de um ambiente desagregador. Para maior aprofundamento no tema, sugerimos a leitura do manifesto produzido durante o *I Seminário Internacional: A educação medicalizada: dislexia, TDAH e outros supostos transtornos*, realizado recentemente por meios dos esforços conjuntos de várias entidades representativas de vários campos, algumas delas ligadas à Psicanálise. Trabalho disponível em <<http://www.crsp.org.br/medicalizacao/manifesto.aspx>> Acesso em 22 de setembro de 2010.

Não com a mesma contundência, mas igualmente instigando o psicanalista preocupado pelo tema, Valore (2000, p. 71) se pergunta: “Quem se analisa hoje?”. Enunciado que, por sinal, encontra eco no título dado por Santos (2001) ao seu trabalho *Quem precisa de análise hoje?* no qual problematiza o discurso analítico frente aos chamados novos sintomas e às novas modalidades de laços sociais. Neves (2002, p. 20) promove uma pequena torção no enunciado, indagando-se: “que forma de psicanálise podemos oferecer a quem nos procura agora?”.

Birman (1997, p. 161) também estabelece uma relação causal entre a crise de demanda e a crise econômica propriamente dita, utilizada para encobrir o que considera um fenômeno estrutural:

Entretanto, na década de 90, esta crise internacional de demanda clínica começa a se apresentar também na América Latina. No cenário brasileiro, ela se apresenta encoberta em função da severa e crônica crise econômica que atinge o país. Nesse contexto, os analistas podem sempre acreditar que melhorando as condições econômicas do país, com a transformação dos processos sociais de produção e distribuição de riquezas, assim como com a saída do Brasil do abismo catastrófico de sua crise política, a demanda clínica se regularizaria automaticamente, e não se caracterizaria a crise da psicanálise.

Roudinesco (2003, p. 25) pondera que o “século XIX foi o século da psiquiatria, e o século XX, o da psicanálise”. Portanto, em seu ponto de vista acerca desse tema, “o que hoje chamamos de crise da psicanálise é tão-somente uma crise ligada à definição de sua especificidade em um mundo, o do século XXI, no qual assistimos a uma grande pujança das psicoterapias, hoje aproximadamente mil”.

Andrade (1998, p. 84), por sua vez, pondera que a crise não é tanto da psicanálise que julga um “corpo teórico em expansão, mas das instituições”, recomendando até mesmo uma psicanálise das próprias instituições psicanalíticas, considerando que nelas residiria parte crucial do problema; recomendação que deveria ser estendida aos psicanalistas porque, para sua sobrevivência, necessitam cada vez mais re-pensar sua posição, porque mudou a demanda social por tratamentos psicológicos e, portanto, a clientela. Essa constatação remete-nos ao nosso segundo bloco temático, que abrange a questão da identidade profissional do psicanalista, de seu lugar no mundo hoje, ou, talvez, reformulando: *que lugar resta a ele no mundo hoje?*

Além de Celes (2007, p. 150), que postula que a “crise da psicanálise do trauma sexual do século XIX anuncia-se até hoje como uma crise definitiva”, podemos seguir com

Giovannetti (1995, p. 438) e sua dúvida: “Está o psicanalista de hoje em contato com o mundo à sua volta, ou está fechado em seu reduto, criando um mundo à parte, alimentado por suas próprias instituições, oficiais ou não?”, lançando uma questão que nos parece bastante procedente – ainda que pouco considerada – acerca de possíveis consequências e desdobramentos para o tratamento: “o fato de um analista de hoje, ‘bem estabelecido profissionalmente’, se acostumar a ser ouvido sempre com muita atenção por seus analisandos, já que sua palavra é tão desejada e tão cara? Ou, ao contrário, tão indesejada e tão valorizada?”.

Inquietações análogas sustenta Nóbrega (1989, p. 13): “E quando o analista se perde de sua função; como se reencontrar? Que aspectos de sua clínica levariam a uma maior precisão teórica, que elementos teóricos o ajudariam a se reposicionar?”, afinal, encontrar seu lugar e função social no mundo hoje, também está relacionado a encontrar-se no lugar de analista, que parece ter se deslocado desde sua origem, ainda nos primórdios.

Suportar a marginalidade, segundo Romildo do Rego Barros, não é uma tarefa fácil, lembrando que é justamente a condição de *estar à margem* que caracteriza o psicanalista:

É importante ouvirmos o que diz Lacan sobre a dúvida quanto à própria existência do analista, e até podemos acrescentar um termo que ele usou algumas vezes e que vai na mesma direção: precariedade. *A precariedade quase define o psicanalista, é quase um outro nome seu.* Atingir essa precariedade é um dos efeitos de sua análise, uma vez que é na análise que se pode chegar a saber um pouco sobre sua marginalidade na cultura. Não é indiferente, por exemplo, que Freud tenha tido as origens que teve, e a posição que teve face à sociedade, à ciência e à medicina. Tornar-se analista, é transformar a sua marginalidade. (1999, p. 34, grifos nossos)

Tanto o trabalho de Bleichmar (2003), que advoga a necessidade de o psicanalista se pôr a trabalhar frente aos ditos novos modos atuais de sofrimento psíquico, quanto o de Dacorso (2005 p. 123) nos remetem ao fato de que “estamos numa sociedade marcada pela exigência de respostas técnico-científicas beirando o cientificismo que nos leva a ficar preso nas teias do fato comprovado.” E, frente a essa constatação, desdobra-se uma pergunta: “Que posição ocupa a Psicanálise neste mundo? Qual sua contribuição científica – se há – para intervenções neste contexto social?”.

Mendes e Paravidini (2007 p. 110) também se interrogam sobre a forma como a Psicanálise pode lidar “com os impasses do mundo contemporâneo e que se atualizam nas mitologias dos excessos e escassez. Qual o destino da escuta psicanalítica diante de tantas

transformações a que estão assujeitados os sujeitos?”. Já Coelho (2007)²⁴ vê a questão por outro prisma: “em que aspecto a formação do psicanalista contribui para estas novas dificuldades, ou seja, essas novas dificuldades dizem respeito ao psicanalista e a sua formação?”. Erich Fromm (1971, p. 13), em seu *A crise da Psicanálise*, também realça esse aspecto, pois deixa claro que acredita que a principal razão dessa crise está na “transição da Psicanálise de uma teoria radical para uma teoria conformista”, ressaltando que assim, a prática perdeu vigor e sua capacidade de desenvolvimento da teoria, estagnando-se, especialmente após a Primeira Guerra Mundial.

Após a sucessão dessas colocações, por vários autores do campo psicanalítico, tencionamos agora afunilar um pouco mais a pesquisa acerca das dificuldades presentes no psicanalisar, pois nosso objetivo não se reduz apenas a sumariá-las, organizando-as a partir de constatações sucessivas, ainda que saibamos que o próprio perfilar dessas dificuldades, a variedade e heterogeneidade de seu conjunto nos ajudarão a sofisticar nossa apreensão do tema.

Dessa forma, achamos válido desenvolver esse tema, pinçando elementos, recortando e delineando blocos temáticos, mas tendo em nossa mira o que chamaríamos de um tratamento possível para essas dificuldades, o que o psicanalista pode fazer a respeito desses aspectos. Em suma, num movimento pendular, *partir das dificuldades para os possíveis tratamentos*, descobrindo, expondo e teorizando sobre o que surgirá nesse trajeto que elegemos para pensar criticamente o psicanalista e sua atividade profissional, como demonstraremos no capítulo subsequente.

Julgamos que a importância desta investigação reside no fato de que esta pode, a partir do exame do objeto que passamos a eleger, fornecer subsídios para um avanço na pesquisa científica nesse quesito específico, pois reuniremos esforços no sentido de progredir para além de descrições ou mesmo de teorizações deontológicas dissociadas da realidade cotidiana. Ressalte-se também que, até mesmo por estar inserida em um Departamento de Psicologia Clínica, parte integrante de um curso de Psicologia – um campo científico que deve constantemente se interrogar sobre suas práticas e seu papel na sociedade –, talvez uma tese sobre esse personagem que elegemos possa também colaborar no avanço de outras práticas clínicas da Psicologia, senão como um ingênuo modelo identificatório, afortunadamente como contraponto e fonte de reflexão, autocrítica e inspiração.

²⁴ Trabalho disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1519-94792007000100006&script=sci_arttext> Acesso em 20 de fevereiro de 2009.

Toda declaração de intenções é quase sempre muito atraente, insuflando ânimo em quem a profere e esperança em quem a recebe. No fundo, a introdução de uma tese, ao menos parcialmente, também tem esse papel. E nesse sentido não escapamos a essa tradição, animados que estamos a colocar em prática uma ideia²⁵ que se tornou, formalmente, um projeto de pesquisa e que, agora, se materializa em uma tese, parte integrante de um doutoramento.

Posto isso, só nos resta progredir, estabelecendo mais um passo lógico, característico das pesquisas científicas: o *método*, que ocupa o próximo capítulo e que, afortunadamente esperamos, nos ajudará a estipular as condições que julgamos necessárias para encontrarmos um possível fio condutor que nos favoreça na difícil missão de tecer a trama da presente tese.

²⁵ Que hoje podemos compreender como uma extração possível de um processo mais longo, concernente à nossa experiência pessoal, condensando certas inquietações, muitas dúvidas e algumas descobertas pontuais acerca de uma prática que continua fascinante. Consideramos que escrever sobre algo da própria prática é, no fundo, uma das maneiras de manter vivo o legado de Freud, exercitando uma sempre bem-vinda autocrítica sobre essa prática.

1 PERCURSO METODOLÓGICO

Temos de ser pacientes e aguardar novos métodos e ocasiões de pesquisa. Devemos estar prontos, também, para abandonar um caminho que estivemos seguindo por certo tempo, se parecer que ele não leva a qualquer bom fim. Somente os crentes, que exigem que a ciência seja um substituto para o catecismo que abandonaram, culparão um investigador por desenvolver ou mesmo transformar suas concepções.

Sigmund Freud

Essa epígrafe, sacada do parágrafo final de *Além do princípio do prazer*, aponta para um aspecto que julgamos importante, até mesmo porque se afina ao espírito deste capítulo: pesquisar e produzir conhecimento no campo da ciência significa, de imediato, imaginar caminhos, trilhas e direções para os quais seja viável canalizar os esforços de investigação e teorização. Postulado básico que, de certo modo, coincide com o que Freud (1920, p. 85) – logo após esse enunciado, em nota de rodapé – preconiza, quando cita um poeta que nos revela algo providencial a respeito da decisão de caminhar: “Ao que não podemos chegar voando, temos de chegar manquejando”.

Incentivados então por Freud e seu poeta, voando ou mancando, já sabemos que partiremos de determinado ponto inicial e queremos chegar a outro, constatação que nos remete a uma sinonímia específica: queremos fazer um *percurso*, ou melhor, um *percurso metodológico*, uma tentativa estruturada de delinear certa progressividade lógica dos passos que tencionamos dar, rumo ao intento de responder à questão inicial.

O primeiro passo foi dado a partir de uma pergunta bastante genérica, acerca do que o psicanalista poderia *sofrer* durante o exercício de sua profissão, ao que apontamos como *um* dos possíveis efeitos das *dificuldades* que o interpelam na prática cotidiana, em seu fazer clínico.

Entendemos aqui como sofrimento no trabalho tanto o que poderia derivar das condições imediatas e, portanto, intimamente ligadas aos tratamentos por ele dirigidos – nas relações com pacientes e suas múltiplas particularidades, tanto no que tange ao método, aos

percalços da formação junto aos pares e à apreensão da teoria –, como também das condições ligadas a uma dimensão que pode ser considerada mais subjetiva como, por exemplo, a relação com o tempo destinado ao trabalho e ao prazer, a maneira como emprega esse tempo livre (tanto no lazer ou em alguma coisa distinta da sua prática cotidiana, quando está fora de seu papel social de psicanalista), os relacionamentos estabelecidos com familiares e amigos.

Supor que o sofrimento no trabalho advenha das dificuldades inerentes ao próprio ato laboral pode soar um pouco redundante, beirando um pleonismo, pois trabalhar implicaria, sempre, deparar-se com obstáculos e, por conseguinte, sofrer com as frustrações advindas de uma tentativa classificada por Freud (1930[1929]) como um escape do confronto com a realidade que pode ser penosa e exigente. Nesse texto um tanto sombrio, chamado *O mal-estar na civilização*, Freud pergunta-se quais seriam então as chances de o ser humano obter ampla satisfação, alcançar um estado ideal de felicidade e, de alguma forma, ver-se livre da renúncia pulsional que a civilização exige para a consecução da vida em grupo e dos projetos coletivos que, como a experiência cotidiana nos mostra, nem sempre se coadunam harmonicamente com os projetos individuais.

Freud aponta que intoxicar-se ou voltar-se radicalmente para dentro de si²⁶ só é possível para um número limitado de pessoas. Mas há uma terceira possibilidade, menos introspectiva e acessível a um maior número de pessoas: o *trabalho*. Novamente nos encontramos com uma nota de rodapé, inicialmente parecendo desprezível, mas que pode ser bastante elucidativa, se a ela dedicarmos uma boa dose de atenção:

Não é possível, dentro dos limites de um levantamento sucinto, examinar adequadamente a significação do trabalho para a economia da libido. Nenhuma outra técnica para a conduta da vida prende o indivíduo tão firmemente à realidade quanto a ênfase concedida ao trabalho, pois este, pelo menos, *fornece-lhe um lugar seguro numa parte da realidade, na comunidade humana*. A possibilidade que essa técnica oferece de deslocar uma grande quantidade de componentes libidinais, sejam eles *narcísicos, agressivos ou mesmo eróticos*, para o trabalho profissional e para os relacionamentos humanos a ele vinculados, empresta-lhe um valor que de maneira alguma está em segundo plano quanto ao de que goza como algo indispensável à preservação e justificação da existência em sociedade. *A atividade profissional constitui fonte de satisfação especial, se for livremente escolhida, isto é, se, por meio de sublimação, tornar possível o uso de inclinações existentes, de impulsos instintivos persistentes ou constitucionalmente reforçados.*

²⁶ Entenda-se o uso de uma droga ou qualquer outra substância narcotizante, além de um fantasiar intensamente, quer seja pela fruição possibilitada pela obra de arte ou, em última instância, pela loucura.

No final da mesma nota, a despeito de todo o potencial atribuído ao trabalho, Freud aponta um conflito:

No entanto, *como caminho para a felicidade, o trabalho não é altamente prezado pelos homens*. Não se esforçam em relação a ele como o fazem em relação a outras possibilidades de satisfação. *A grande maioria das pessoas só trabalha sob a pressão da necessidade*, e essa natural aversão humana ao trabalho suscita problemas sociais extremamente difíceis. (1930[1929], p. 99, grifos nossos)

Alguns pontos chamam a atenção nessa nota, em especial a via escolhida por Freud para problematizar o trabalho como *uma das saídas possíveis* para o mal-estar da vida em grupo. Com alguma reserva, considera essa empreitada humana um modo de inscrição em uma comunidade e, sobretudo, uma via razoável de inserção nos laços e projetos coletivos mais amplos, o que, em tese, facilitaria a sublimação de moções pulsionais. Tomadas na singularidade de cada integrante do grupo, essas moções nem sempre se afinam às aspirações coletivas mais nobres ou idealistas. Em outras palavras, a saída pelo *trabalho* tornaria o humano menos ensimesmado, mais socialmente conectado e, afortunadamente, mais afeito aos progressos da civilização. Mesmo assim, Freud constata que o trabalho parece ser tomado como uma trilha pouco confiável que possa levar a uma condição de satisfação ou mesmo de felicidade, no sentido mais amplo da palavra, além do fato de que poucas pessoas teriam possibilidade de ascender a essa condição, por razões que mereciam uma análise mais detalhada, até mesmo pela variedade de fatores em jogo que contribuem para esse cenário.

Talvez Freud não tenha levado em consideração que um dos fatores que influenciam o pequeno número de pessoas que podem fazer alguma coisa que *seja* efetiva e realmente *escolhida* – que poderíamos considerar uma sublimação razoavelmente eficiente – deve-se também ao fato de que os modelos econômicos e sociais pouco contribuem para certo *quantum* de liberdade necessário a essa escolha pela totalidade das pessoas. Não se exige grande esforço para comprovar o fato de que, para a maioria das pessoas, o imperativo da subsistência ocupa lugar preponderante frente à necessidade de trabalhar de forma remunerada.²⁷ Porém, nem mesmo no pequeno número de felizardos que fazem algo supostamente escolhido encontramos alguma garantia no sentido de comprovar a hipótese de que o trabalho poderia ser uma fonte segura de felicidade, ou mesmo que pudesse ser alçado ao estatuto de um conceito metapsicológico sólido o suficiente para dar conta dessa intrincada

²⁷ Ou, de maneira mais exata, vendendo a força de trabalho, como denunciaria com boa dose de razão qualquer pensador influenciado pelos parâmetros da teoria marxista.

questão da dinâmica pulsional. O próprio Freud, em seu testemunho autobiográfico, desfiando certos momentos de sua vida, especialmente de sua infância e entrada no período adulto, deixa entrever alguma pista nesse sentido:

Embora vivêssemos em circunstâncias muito limitadas, meu pai insistiu que, na minha escolha de uma profissão, devia seguir somente minhas próprias inclinações. *Nem naquela época, nem mesmo depois, senti qualquer predileção particular pela carreira de médico* (1925[1924], p.18, grifos nossos).

Ser privilegiado em termos de classe social a ponto de poder escolher ou não uma profissão, não esgota completamente a problemática, nem a explica satisfatoriamente. Cabe dizer, ainda, que esse é apenas *um* dos possíveis olhares, mas não o único que se pode lançar à pungente questão que poderia surgir a partir do que Freud demonstrou: quem *não* sofreria com o trabalho e, por extensão, quem *não* enfrentaria dificuldades nesse projeto sublimatório tão humano?

A despeito da obviedade da resposta para essa questão, que nos permite depreender que o psicanalista não estaria imune às agruras em seu trabalho, falta agora estipular como avançar na investigação dessa temática, aprofundando e sofisticando algumas estratégias que carecemos agora engendrar. Tomemos, por exemplo, o que o próprio Freud (1917) diz com o título curioso de um de seus textos: *Uma dificuldade no caminho da Psicanálise*, no qual aponta que a dificuldade principal para se lidar com a psicanálise não é de ordem intelectual, mas sim afetiva, visto que demandaria certo esforço daquele que começava a se envolver com essa, até então, novidade.

Essa era uma dificuldade de quem *chegava* ao terreno psicanalítico, tomando contato com a teoria e a prática por diversas vias, seja pelas leituras dos variados trabalhos teórico-clínicos que chegavam ao público, seja na condição de paciente, junto aos praticantes que paulatinamente aumentavam de número. Ousamos, contudo, proceder a uma leve torção no título do texto, reiterando que nosso olhar e interesse centram-se em um problema que *já estava* nesse terreno: a dificuldade do psicanalista. Se podemos respeitosamente parafrasear Freud, cabe indagar sobre as dificuldades que atravessariam o caminho do psicanalista.

O título original desse texto em alemão, *Eine Schwierigkeit der psychoanalyse*, pode elucidar alguns elementos que Freud tencionaria comunicar, pois *Schwierigkeit*, além de significar dificuldade ou obstáculo, deriva do verbo *Schwirren*, que significa zunir, vibrar, circular ou ficar tonto, além de remeter a *Schwierig*, sinônimo de terreno acidentado, ou ainda

a *Schwiebig*, que indica algo caloso, calejado. A língua germânica nos ajuda a aquilatar a importância dessa palavra, não apenas no título escolhido por Freud, mas também na presente tese, ao atravessar por certos veios a profissão que estamos investigando.

Afinal, se com Freud concordamos que a Psicanálise enfrentaria certos obstáculos para ser compreendida ou aceita pela sociedade, parece evidente que isso valeria por extensão *também* para os psicanalistas, que igualmente penariam na luta pelo reconhecimento social de sua prática – sabe-se que é muito mais prático e confortável culpar o carteiro pelas más notícias presentes nas cartas –, como já advertia Freud, em tom de relativa premonição:

Agora, no entanto, devo, mais uma vez, arrefecer as expectativas dos senhores. A sociedade não terá pressa em conferir-nos autoridade. Está determinada a oferecer-nos resistência, porque adotamos em relação a ela uma atitude crítica; assinalamos-lhe que ela própria desempenha papel importante em causar neuroses. [...] Porque destruímos ilusões, somos acusados de comprometer os ideais. [...] Tem sido sempre assim, e as verdades indesejáveis, que nós, psicanalistas, temos de dizer ao mundo, contarão com o mesmo destino. Apenas não acontecerá muito depressa; devemos ser capazes de esperar. (1910, p. 132)

Ressalte-se que essa dificuldade mais ampla, quiçá mais nobre e pela qual provavelmente todo psicanalista é afetado, já foi objeto de teorizações, partindo não só de Freud, mas passando também por outros psicanalistas que tiveram algo a dizer sobre o assunto²⁸, mas, devemos declarar, nosso intuito é ir além, direcionando nossos esforços para algo que presumimos ser mais específico.

Dar a este intuito inicial um estatuto digno de uma pesquisa científica surgiu como um obstáculo em nosso projeto inicial, visto que empreender uma investigação sobre essa temática das dificuldades poderia abranger um rol excessivamente amplo, desde a já clássica expressão *profissão impossível*²⁹, utilizada por Freud, passando por aspectos aparentemente banais, classificados por qualquer psicanalista que respondesse sobre o que consideraria uma dificuldade em sua prática cotidiana. A dificuldade em dimensionar o tema levou-nos a aceitar de bom grado as recomendações acerca de alguns recortes durante o delineamento do projeto que alicerçou a presente tese.

²⁸ Como demonstra *O Freudismo*, trabalho no qual Assoun (1991) tangencia o tema.

²⁹ Expressão utilizada textualmente ao menos duas vezes por Freud, em *Prefácio à juventude desorientada*, de Ainchorn (1925) e também em *Análise terminável e interminável* (1937). Indicamos também a leitura de um trabalho de Mirelle Cifali (2009), intitulado *Ofício 'impossível'? Uma piada inesgotável*, que, como desvela o título do artigo, apresenta uma hipótese interessante acerca de uma possível relação entre o termo *impossível* e a *piada*, considerando-o quase uma tirada chistosa de Freud, quando falava das agruras com que se defrontariam governantes, educadores e psicanalistas. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982009000100008&lng=en&nrm=iso&tlng=pt> Acesso em 26 de março de 2011.

Entre trabalhos que discutem o tema, escolhemos dois bons exemplos, cada um com seu ângulo específico. O clássico *Psicanálise: a profissão impossível – uma investigação jornalística sobre o ofício do psicanalista*, de Janet Malcom (2005), que – desvelando pontos acerca da filiação institucional e das vicissitudes na declaração de um estilo mais independente dos modelos formativos – explora a vida e o cotidiano profissional de um psicanalista, articulando-os numa narrativa que fizeram desse livro um sucesso editorial, desde sua publicação nos Estados Unidos, nos idos de 1982. O segundo trabalho, de 1991, com o sugestivo título de *Psicanálise: ofício impossível?* é uma compilação organizada por Joel Birman e Marcelo Marques Damião, e tematiza a questão do impossível na clínica, do ponto de vista de vários autores que abordam seu ofício a partir das experiências particulares de cada um ao psicanalisar.

Entendemos que a relativa raridade desse tipo de investigação permite que tomemos uma primeira *decisão* de cunho estrutural: restringir nossa investigação às *pesquisas bibliográficas*, deixando uma ideia latente de entrevistar psicanalistas para outro momento, para futuras empreitadas que um processo de doutoramento pode despertar no pesquisador.

Desse modo, dando prosseguimento ao nosso percurso metodológico, devemos agora começar a demonstrar, de maneira um pouco mais clara, os passos subsequentes que arquitetamos, visto que, dentro de nossas possibilidades e dos limites que vislumbramos, temos a intenção de cerrar fileiras ao que vem sendo apontado como exemplos de pesquisas representativas do campo psicanalítico.³⁰

Uma das características principais dessa modalidade de pesquisa reside na postura do pesquisador frente à sua tarefa, pois requer boa dose de inventividade em articular a teoria em íntima relação com a clínica psicanalítica, aspecto que define um modo particular de produção de conhecimento no campo científico, que não se afina tão facilmente aos modelos tradicionalmente estabelecidos. (Cf. PACHECO FILHO, 2000)

Sentimo-nos impelidos a justificar essa asserção e, para sua consecução, precisamos de um exemplo disparador. Podemos obtê-lo a partir de uma passagem específica de Freud, oriunda de um de seus últimos textos quando, em dado momento, se vê frente a um impasse

³⁰ Tema que já foi adequadamente discutido nos trabalhos de Safra (2001), Mezan (1993), Nogueira (2004), Souza (2001), Figueiredo (2001) e Elia (2000), nos quais são problematizadas as variadas formas e definições de uma pesquisa psicanalítica.

teórico-clínico e, limitado pelo instrumental de análise de que dispunha até aquele momento, profere algo que nos interessa sobremaneira:

Se nos perguntarem por quais métodos e meios esse resultado é alcançado, não será fácil achar uma resposta. Podemos apenas dizer: ‘Temos de chamar a Feiticeira em nosso auxílio, afinal de contas!’³¹ – a Metapsicologia da Feiticeira. Sem especulação e teorização metapsicológica – quase disse ‘fantasiar’ –, não daremos outro passo à frente. (1937, p. 257)

Esse giro toca nosso interesse porque Freud (1900, p. 492, grifo nosso) abre um caminho que parece ser central numa tese que se pretenda psicanalítica: a necessidade da metapsicologia como *fundamento* para as especulações, visto que considera ser “lícito darmos livre curso a nossas especulações, desde que preservemos a frieza de nosso juízo e *não tomemos os andaimes pelo edifício*”. Especular mantendo a frieza do juízo não implica necessariamente reduzir o espaço para fantasiar³², que é condição essencial para o ato criativo e, especialmente, para suportar a nem sempre agradável trilha da escrita, produto final de um complexo processo de passagem do pensamento³³ para o papel.

Desse ponto de vista, podemos depreender que nessa seara a Feiticeira tem não apenas lugar, mas função específica: ajudar Freud a teorizar determinados aspectos de sua invenção, fazendo-nos pensar até mesmo se não seria razoável considerar natural seu surgimento dentro do processo criativo empreendido para dar conta dos fenômenos clínicos que o interrogavam, terreno movediço no qual começava a estabelecer as fundações para o futuro edifício chamado Psicanálise. Nesse sentido, Fulgêncio (2003, p.157, grifo nosso) explicita um aspecto essencial da metapsicologia:

Em resumo, a metapsicologia não pode explicar os fenômenos clínicos nem constituir o sentido, ou parte do sentido, desses fenômenos, caso a palavra fenômeno seja tomada de acordo com o uso habitual, designando algo acessível à experiência clínica. A sua função é a de auxiliar a organização dos fatos, tornando possível estruturá-los e relacioná-los; ela é um constructo para conectar as descrições e uma orientação-guia para procurar (observar)

³¹ Na verdade, como mostra a nota de rodapé, o trecho original continha a versão desse enunciado em alemão: ‘*So muss denn doch die Hexe drin!*’, um trecho extraído de Fausto, personagem criado por Goethe [parte 1, cena 6], justamente quando Fausto, “em busca do segredo da juventude, busca de má vontade o auxílio da Feiticeira” (Freud, 1937, p. 257).

³² Termo amplo que muito provavelmente difere de uma atitude irresponsável, ao contrário, aproxima-se nesse caso do que o próprio Freud (1908[1907]) descreve em *Escritores criativos e devaneios*, que mistura rigor e brincar. Brincar com as palavras, com as hipóteses, com as perguntas – que, como a vida nos mostra, são tão bem articuladas pelas crianças quando estão em busca de saber algo que as interessa – e, principalmente, permitir-se o encontro com o novo, surpreender-se e seguir investigando determinado tema. Portugal (2006a, p. 28) aponta que “Freud confessa, num tropeço, seu partidarismo, colocando no mesmo nível epistemológico os termos ‘teorizar’ e ‘fantasiar’”. Mais à frente, a autora também reforça que “não podemos deixar de perceber, na ‘feiticeira’, a raiz do verbo ‘fazer’: nesse momento de impasse, há algo aí por fazer. Do fazer também vem a ficção”.

³³ O que nos remete a um postulado freudiano, que qualifica o pensamento como um ensaio para a ação.

novos dados. As especulações metapsicológicas não são nem fornecem explicações, mas estabelecem *um quadro e uma direção* para a busca de explicações factuais (empíricas) sobre os fenômenos psíquicos.

Não seria difícil encontrar na obra de Freud alguns exemplos que corroborassem essa explicação acerca da funcionalidade da metapsicologia. Apenas um olhar mais detido para a inovação trazida por Freud quando *da Interpretação dos Sonhos*, obra seminal de 1900 e que o ajudou a avançar, solidificando as bases que lhe permitiriam, paulatinamente, desvelar a importância da divisão entre as dimensões consciente e inconsciente, tão fartamente demonstrável quando levamos em consideração suas hipóteses na dissecção dos mecanismos oníricos. A partir dessas descobertas cruciais sobre os sonhos, tema aparentemente tão banal e distante da Medicina, Freud pôde aprimorar o ainda acanhado arsenal teórico-clínico que detinha até então para tratar os ditos distúrbios nervosos que surgiam nos casos de histeria³⁴, como mostram seus relatos desse período.

Ademais, como é possível notar na leitura desses casos, Freud não foi um dos pesquisadores mais ortodoxos, ou mesmo um seguidor extremamente fiel dos métodos consagrados que tinha ao seu alcance até aquele momento na comunidade científica de Viena. Em certa medida, ousou regularmente, mesmo levando em respeitosa consideração certos postulados da ciência de sua época³⁵. Confirmemos isso nas palavras do próprio Freud (1933[1932], p. 211, grifo nosso), representativas de seu estilo peculiar no ato de pesquisar:

A marcha da ciência é realmente lenta, hesitante, laboriosa. Este fato não pode ser negado, nem modificado. [...] *O progresso no trabalho científico é o mesmo que se dá numa análise. Trazemos para o trabalho as nossas esperanças, mas estas necessariamente devem ser contidas.* Mediante a observação, ora num ponto, ora noutro, encontramos alguma coisa nova; mas no início as peças não se completam. Fazemos conjecturas, formulamos hipóteses, as quais retiramos quando não se confirmam, necessitamos de muita paciência e vivacidade em qualquer eventualidade, renunciamos às convicções precoces, de modo a não sermos levados a negligenciar fatores inesperados, e, no final, todo o nosso dispêndio de esforços é recompensado, os achados dispersos se encaixam mutuamente, obtemos uma compreensão interna (*insight*) de toda uma parte dos eventos mentais, temos completado nosso trabalho e, então, estamos livres para o próximo trabalho.

Comparar o progresso de uma pesquisa científica ao progresso possível dentro dos limites de uma análise parece-nos, de momento, suficiente para abonar a metáfora

³⁴ Reportamo-nos aos relatos contidos em *Estudos sobre a histeria*, publicados durante os anos de 1893 e 1895, por Josef Breuer e Sigmund Freud. Mais especificamente os casos classicamente alcunhados como: Anna O., Emmy, Lucy, Katharina e Elisabeth.

³⁵ De acordo com Fulgêncio (2003, p. 135), “Freud foi formado, como homem de ciência, numa linha de pesquisa que prescreve o uso de um método de pesquisa no qual se associam construções auxiliares especulativas com a apreensão e sistematização dos dados empíricos”.

anteriormente relatada, na qual Freud marca a necessidade da utilização de andaimes quando temos em vista a construção de algo maior, de um edifício que ainda está nos alicerces, como aqui é o caso, neste estágio do percurso metodológico da presente tese. Prossigamos, então, com mais passos neste percurso.

Sabe-se que bons alicerces ajudam a erigir construções mais sólidas e essa será nossa tentativa agora, aliando a metapsicologia, como proposta por Freud e que esperamos ter apresentado até agora com o devido valor, à investigação e à análise de um objeto específico que começamos a delinear anteriormente: *as dificuldades enfrentadas pelo psicanalista no desempenho de sua profissão*.

Uma de nossas primeiras constatações – ao pensarmos nos múltiplos ângulos de entrada nas questões relacionadas a nosso objeto – é que o encadeamento de palavras como *sofrimento, dificuldades e trabalho* acabou nos remetendo a um autor que vamos privilegiar neste momento e que, de certa forma, nos inspirou quando começamos a delinear a estrutura deste capítulo, não só pelas leituras prévias de sua produção teórica, parte de nosso percurso de formação, mas também pelo interesse despertado por suas inovadoras hipóteses e principalmente pelo posicionamento que comumente estabelece frente à tarefa da pesquisa científica.

Falamos de Christophe Dejours, psicanalista francês, psiquiatra e pesquisador, nome quase sempre ligado ao tema da Psicopatologia do Trabalho, com livros que já se tornaram referências como, por exemplo, *A loucura do trabalho*, lançado no Brasil em 1992, e *Psicodinâmica do trabalho*, coletânea de 1994, obra também reconhecida e referência nas pesquisas que investigam as possíveis relações entre prazer, sofrimento e trabalho, postulados centrais sustentados por ele e seu grupo. Para compreender um ponto básico dos mecanismos intrínsecos do aparato metodológico dessa disciplina³⁶, devemos estar atentos a um aspecto determinante que Dejours (2004, p. 172, grifos do autor) estabelece:

O termo psicopatologia não deve aqui ser entendido no sentido de patologia, mas antes no sentido de conhecimento adquirido acerca do sofrimento – *pathos* de sofrimento, de prazer ou de ambos –, ou no sentido que esse termo reveste no título da obra de Freud: *Psicopatologia da vida cotidiana*. A psicopatologia, *strictu sensu*, não está, assim, excluída do campo de investigação da psicopatologia do trabalho, pois constitui mesmo uma das

³⁶ Disciplina que nasce na França no período do pós-guerra, no campo da Medicina do Trabalho, com um grupo de psiquiatras que se propuseram a ir além dos modos tradicionais de investigação e tratamento do sofrimento laboral, sobretudo aquele percebido nas funções mais subalternas, desvendando outros ângulos e possíveis novas ligações de causa e efeito e, para isso, trouxeram contribuições de outras áreas, dentre elas a teoria freudiana.

áreas de abrangência desta disciplina. O essencial da pesquisa centra-se na *normalidade*. Essa normalidade não é concebida como simples ausência de doença, mas como o resultado, sempre precário, de estratégias defensivas elaboradas para resistir ao que, no trabalho, é desestabilizador, ou mesmo deletério, para as funções psíquicas e para a saúde mental, tornando essa normalidade em si mesmo enigmática.

Enigma que leva Dejours e seu grupo a se perguntarem sobre as razões pelas quais, afinal, o trabalhador *não* adoece, mesmo trabalhando em condições nitidamente questionáveis, quer por funções nas quais o trabalho é repetitivo, desgastante, insalubre, ou ainda calcado em relações hierárquicas de opressão, física, moral ou psicológica. Afinal, seria até razoavelmente plausível se o trabalhador nessas condições *adversas* encontrasse maneiras de escapar desse cenário e, por meio delas, *efetivamente* escapasse, mesmo passando por um até previsível adoecimento. Considerando, porém, que não é bem isso que ocorre, o interesse passa a se centrar em saber *por que* o trabalhador, de alguma forma, acaba se *adaptando* a condições desfavoráveis e nelas *permanecendo*, até mesmo com uma intrigante ausência de manifestações sintomáticas sensíveis. Dejours (2004, p. 172, grifos do autor) prossegue:

No centro da investigação estão o sofrimento e a normalidade, com um conceito arraigado de ‘normalidade do sofrimento’. As ambigüidades do termo psicopatologia, na comunidade científica, levaram-nos a mudar o nome da disciplina, fazendo com que hoje falemos antes de *psicodinâmica do trabalho*, ou ainda de *análise psicodinâmica das situações de trabalho*.

É a partir dessa denominação ampla, mas estrategicamente concebida para incluir a dimensão da subjetividade nas pesquisas teóricas e, *sobretudo*, as de campo, que esse autor obtém, por meio de seu aparato metodológico, dados importantes a respeito da temática que está em jogo e que o ajudam a tecer hipóteses que respeitamos e julgamos significativas. Destaque-se ainda o fato de que privilegia como sujeitos de suas pesquisas operários que exercem funções como as de caldeireiros, eletricitas, ferroviários e outras nitidamente ligadas ao que as teorias mais críticas classificam como proletariado.

Além disso, vale também ressaltar que é patente que Dejours não opera na mesma lógica de outras pesquisas e intervenções que não interrogam criticamente o *status quo*. Ao contrário, suas intervenções e teorizações sempre trazem pontos instigantes e questionadores, incluindo-se aí uma intersecção cuidadosa com a Psicanálise, por meio do uso parcimonioso de determinados conceitos – aspecto que poderia parecer, por si só, suficiente para legitimar a inclusão de Dejours como uma possível referência de método³⁷, mas ainda há outros em jogo,

³⁷ Aliás, gostaríamos de reverenciar a qualidade das pesquisas efetuadas pelo grupo que investiga as questões da Psicodinâmica do Trabalho, destacando o que mais nos importa: o trabalho de Dejours e de seu grupo nos serve como

especialmente a importância que destina à questão da *identidade*, para além da sexualidade pensada em termos estritamente freudianos. Uma visão que nos interessou sobremaneira, pois *problematiza* a relação entre o homem e o trabalho de uma forma bastante peculiar, conforme podemos agora depreender:

Se, de acordo com a tese que defendo, a construção da identidade está ancorada não apenas na sexualidade, mas ainda na dinâmica da sublimação, em quais condições pode a psicanálise participar teórica e praticamente da cura do sujeito? O psicanalista, por sua vez, deve restringir sua interpretação ao campo da sexualidade no registro exclusivo do *ser*, ou deve ampliá-lo, considerando também o que, no âmbito das transferências, concerne à problemática do reconhecimento, no registro do *fazer*? Parece-me impossível responder a essa pergunta se o psicanalista não souber analisar de antemão a questão do fazer e do reconhecimento na própria prática da análise, considerada, agora, como *ofício*, como trabalho e como sublimação. (2004, p. 170, grifos do autor)

A proposta, além de provocativa, convoca o psicanalista a desviar seu olhar – tradicionalmente centrado no paciente ou mesmo no tratamento – para si mesmo, *analisando seu próprio fazer*, o que não é fácil nem usual. E o exemplo poderia ser extraído do próprio Dejours (2004, p. 190, grifos nossos) que, fiel à sua tese, *inclui-se* como parte desse cenário mais amplo, *pensando o* psicanalista, mas também e principalmente *pensando-se como* psicanalista, aspecto que deteve nossa atenção, como é possível notar no trecho específico que destacamos agora:

*Tudo isto também vale para nós, analistas. Para que a sublimação no nosso trabalho seja possível, há condições sociais e éticas a serem cumpridas. Precisamos todos de uma validação, de um reconhecimento social do que fazemos. Quem pode auferir-nos um tal reconhecimento? Os nossos pares. Quais são os pares dos quais esperamos esse reconhecimento?*³⁸

Consideramos essa pergunta a causadora de uma salutar dose de inquietação, pois nos interrogou a partir de um aspecto que consideramos ainda pouco explorado quando se trata de psicanalistas: a *necessidade de reconhecimento* para o desempenho de sua atividade. Diante disso, cremos já ser possível então realçar a principal contribuição desse autor para a presente tese, a partir desse problema por ele declarado: como definir os pares³⁹ e, principalmente, *por*

inspiração. *Inspira* uma ação metodológica, mesmo que por meio de procedimentos relativamente distintos. Ainda assim, tal inspiração nos anima a criar uma forma específica de operacionalizar adequadamente novas estratégias metodológicas.

³⁸ Afinal, se esse reconhecimento pudesse ser obtido junto aos pacientes, seria de pouca valia, não apenas por ser pouco fidedigno, obviamente atravessado por questões transferenciais, mas principalmente pelo fato de que também levaria o psicanalista ao confronto com as recomendações de Freud acerca da neutralidade necessária, do cuidado com a ambição terapêutica e de outros pontos que tocam em cheio essa questão.

³⁹ Aliás, o que seria um par, pensando-se nessa profissão? Tomando a questão por outro ângulo, Guyomard (1996, p. 08) oferece uma contribuição interessante, quando diz que “o reconhecimento pelos pares, por outros psicanalistas, além disso, é totalmente diverso do que é conferido pelo Estado. O próprio sentido de reconhecimento se inverte: o Estado não pode

quais vias se daria esse reconhecimento? Pois há um significativo complicador nesse postulado de Dejours: o termo *reconhecimento* nos remete diretamente ao que Freud teorizou sobre o *narcisismo* em inúmeros textos e em vários momentos de sua obra.

Como pensar então por esse prisma o caso específico do psicanalista que, ao nutrir expectativas de ser reconhecido pela sua produção, seja em termos técnico-qualitativos, estéticos ou éticos, implica também se envolver numa relação de alteridade que, como a experiência cotidiana nos mostra, quase sempre redundando em uma verticalização questionável, senão aberrante, em alguns casos.

De acordo com o ponto de vista de Dejours (2004, p. 191), os pares são “aqueles que formam um coletivo ou uma comunidade de filiação da qual gostaríamos, por nosso turno, de participar”. E, reitere-se, não se trata apenas de gostar ou não de participar de certo grupo, por meras afinidades, movimentos transferenciais ou identificatórios, mas sim de uma *necessidade*⁴⁰ intrínseca, advinda do processo de sublimação, pois esse reconhecimento encerraria um circuito que constitui, segundo o autor, uma condição básica para uma situação mais favorável, ou afortunadamente menos patonômica, ao trabalhador.

Por extensão, Dejours (2004, p. 192, grifo nosso) defende que o psicanalista *deve* não só participar de escolas ou sociedades de psicanálise, lugares em que encontraria seus pares, mas também valorizar o que vai além da formação *stricto sensu*, tradicionalmente mais ligada às conduções dos tratamentos, com tudo que diz respeito à intrincada relação do psicanalista com o social⁴¹:

Ao discutirmos a ética da análise, as normas da profissão e a transmissão dessas normas, deixamos de fazer apenas análise e não restringimos o nosso engajamento às esferas subjetiva e afetiva. Assumimos a responsabilidade das condições sociais e éticas da profissão de analista, ou seja: as condições de estabilização e de evolução da prática de analista na sociedade civil. Não podemos absolutamente furtar-nos a esta obrigação no campo social. Este engajamento nas relações sociais de trabalho – o que comumente se chama a parte institucional de nossa atividade nas escolas de psicanálise – não é uma parte de menor importância ou nobreza, ou um desvio em relação à parte considerada pura da suposta prática psicanalítica. Não é perda de tempo. É,

reconhecer nada comparável ao que é reconhecido por uma sociedade de analistas. A liberdade de exercício da psicanálise num estado de direito liberal não se fundamenta em critérios relacionados com a verdade que está em jogo na Psicanálise em si, nem tampouco com a competência dos psicanalistas, no sentido de as sociedades poderem sustentá-la e avaliá-la”.

⁴⁰ E, nesse sentido, Hélio Pellegrino (1982, p. 40) parece concordar com Dejours, quando aponta que, para o psicanalista poder “expressar sua identidade profissional e científica, precisa filiar-se, instituir-se, ingressando, por mediação de sua entrada num circuito de intercâmbio social, na ordem do simbólico”.

⁴¹ Muito próximo do que poderíamos entender, desde Lacan (1967), como a psicanálise em extensão.

ao contrário, *a condição social e ética sem a qual nossa prática de analista não pode adquirir o estatuto de sublimação.*

Sublimação que Dejours aborda de um ponto de vista bastante fiel a Freud, considerando-a não apenas vital, como em qualquer profissão, mas também parte integrante de um processo mais amplo e que transcende iniciativas individualizantes, uma vez que parece clamar por esforços coletivos:

Para nós, analistas – *da mesma forma do que para os operários ou qualquer outro profissional* – o sucesso da sublimação não está determinado *apenas* pelas condições subjetivas individuais. Passa também – e necessariamente – por uma luta em que devemos inicialmente enfrentar as relações sociais do trabalho na comunidade psicanalítica para, em seguida, defender a comunidade analítica e as normas da profissão por ela organizadas, *diante daqueles que, tanto de dentro como de fora, se esforçam em nos rebaixar, em não reconhecer nosso trabalho.* Assim, sublimar não é apenas mobilizar a nossa subjetividade; é ainda – independentemente de nossa vontade – engajar-nos na ação para o reconhecimento social de nosso trabalho por nossos pares e pela sociedade. (2004, p. 192, grifos nossos)

A questão que agora se põe, após a sensível influência dos postulados de Dejours neste capítulo específico da presente tese, está na articulação que precisamos fazer para avançarmos no percurso metodológico. Sendo assim, a partir agora outros passos se fazem necessários.

A escolha de um conceito que se afine ao arcabouço metapsicológico é um passo preponderante, ainda que tenhamos em mente um alerta de Freud (1930[1929], p. 169, grifos nossos) sobre a eleição de conceitos criados e desenvolvidos a partir da experiência clínica e que a ela servem: “Mas teríamos de ser muito cautelosos e não esquecer que, em suma, *estamos lidando apenas com analogias* e que é perigoso, não somente para os homens, mas também para os conceitos, arrancá-los da esfera em que se originaram e se desenvolveram”. Assim, estabelecer como alvo determinadas problemáticas ligadas ao narcisismo do psicanalista poderia nos empurrar para uma análise calcada em um limitante viés das presumíveis questões narcísicas generalizadas a partir da experiência de *um* psicanalista em particular. Algo que, obviamente, deveria ser tratado em sua análise pessoal, segundo limites nela estabelecidos pelo parâmetro ético da transferência. Desconsiderar essa questão seria incorrer no delicado risco de uma prática bem próxima ao que Freud (1910) classificaria como *psicanálise selvagem*, com diagnósticos rápidos demais, calcados em um uso questionável dos conceitos psicanalíticos, ainda que apoiados nas melhores intenções.

Imaginar o narcisismo de um psicanalista, sem os devidos cuidados que ressaltamos, pode levar também a uma visão simplista da situação, redundando em uma caricatura de

profissional vaidoso e tomado por certezas, que se valoriza exageradamente, detentor de uma nítida inflação egóica, beirando a inacessibilidade nos laços com os pacientes e colegas de profissão. Todavia, não é desse personagem extremo que iremos tratar, mas possivelmente do que poderia ser considerado uma *antítese* dele, afinal, o conceito de narcisismo, tomado em sua riqueza e profundidade, acaba por mostrar que essa faceta caricata é apenas *uma* das definições aceitáveis, apropriada, exagerada e cristalizada pelo senso comum.

Para alcançarmos a dimensão de outra faceta possível e, portanto, menos estereotipada, partiremos da hipótese que formulamos e que denominaremos, a partir de agora, *narcisismo profissional*, expressão forjada como uma possível extensão do conceito de narcisismo criado originalmente por Freud. Com o intuito de explicitá-lo apropriadamente, apelemos à fonte fundamental, o texto intitulado *Sobre o narcisismo: uma introdução*, publicado em 1914, no qual encontramos, já na nota de introdução, algo destacado pelo tradutor e que ajuda a destacar a importância desse conceito na lógica da obra do criador da psicanálise:

Trata-se de um dos mais importantes trabalhos de Freud, podendo ser considerado como um dos fatores centrais na evolução de seus conceitos. Resume suas primeiras discussões sobre o tema do narcisismo e considera o lugar ocupado pelo narcisismo no desenvolvimento sexual, indo, porém, além disso, pois penetra nos problemas mais profundos das relações entre o ego e os objetos externos, traçando a nova distinção entre ‘libido do ego’ e ‘libido objetal’. Outrossim – e talvez seja este o ponto mais importante – introduz os conceitos do ‘ideal do ego’ e do agente auto-observador a ele relacionado, que constituíram a base do que, finalmente, veio a ser descrito como o ‘superego’ em *The Ego and Id*. (STRACHEY⁴², 1914, p. 86)

Como mostra a passagem citada, a ideia central do narcisismo aponta que, para além do clássico mito de Narciso tomado como ponto de partida, Freud acabou descobrindo um elemento importante: a potencial gênese das relações de alteridade entre humanos, causadora e constitutiva, presente ainda nas origens arcaicas do que se chama de resolução edípica⁴³ e, subsequentemente, em termos psicológicos mais genéricos, os traços de personalidade e os mecanismos que a engendram.

⁴² Cf. STRACHEY, Nota do editor. In FREUD (1937, p. 86).

⁴³ Quando falamos de uma resolução possível, estamos mantendo certa fidelidade aos termos utilizados por Freud em dois artigos específicos: *A dissolução do complexo de Édipo*, de 1924, e também *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*, de 1925. Em ambos, Freud aprofunda as ideias contidas em *O ego e o id*, texto imediatamente anterior, de 1923, do qual extraímos alguns subsídios necessários aos recortes que procedemos para a sustentação de nossas ideias acerca do narcisismo profissional.

Sendo assim, fica claro que um dos aspectos essenciais do narcisismo concebido por Freud é a asserção de que, *entre* o eu e o outro, há uma dimensão importante, e nos servirá como cenário para o exercício metapsicológico que estamos propondo, tendo em vista algumas hipóteses embrionárias acerca do narcisismo profissional.

Dejours (2004) frisou a importância de o psicanalista estabelecer laços com outros psicanalistas, com os pares que, em tese, por meio do reconhecimento de sua prática, poderiam ajudá-lo a encerrar um vital circuito da sublimação, mais facilmente obtido ou mesmo visualizável em outras profissões, mas igualmente necessário ao trabalho do analista. Sendo assim, fica mais fácil compreender por que termos como sublimação, reconhecimento, identificação, idealizações, culpa, inibições, ego ideal, ideal de ego ou ainda superego serão parte de nossa lógica argumentativa, pois além de indicarem aspectos claramente importantes na questão do narcisismo de maneira geral, julgamos também que podem nos ajudar a afinar nossa escuta das dificuldades que interpelam o psicanalista. De imediato, soa-nos promissora a tentativa de pensar de forma crítica o psicanalista às voltas com esses elementos, justamente no cotidiano de sua profissão. Para isso, faremos então um breve exame, pondo à prova a viabilidade de nossa proposta, apoiando-nos em trabalhos específicos de autores como Christophe Dejours (2004), por exemplo, que, ao seu modo, já tangenciaram o tema que nos interessa.

Outro autor que poderá nos ajudar nessa tarefa é Sérvulo Augusto Figueira⁴⁴ (1996, p. 62), quando se debruça sobre o que chama de “superego técnico psicanalítico”; expressão que cunhou a partir de sua percepção envolvendo certos episódios que presenciou após sua chegada ao Brasil, depois de alguns anos de formação na Europa, junto ao *Middle Group*⁴⁵, na Sociedade Britânica de Psicanálise. O autor destaca que, ao retomar os contatos com os psicanalistas brasileiros, notava por repetidas vezes que surgiam nos diálogos algumas colocações ou pontuações que falavam de algo que não poderia ser efetuado em termos de manejo durante uma sessão, que seria supostamente “errado”, que contrariava este ou aquele postulado supostamente canônico⁴⁶ da teoria psicanalítica. Nessas ocasiões, Figueira sentia

⁴⁴ Autor que concentra esforços de pesquisa em temáticas relacionadas à inserção da psicanálise na realidade sócio cultural do Brasil, bem como também trabalhos relativos à institucionalização da psicanálise. (Cf. FIGUEIRA, 1980, 1981, 1985, 1988 e 1991).

⁴⁵ Termo utilizado para representar um grupo que ficou *entre* o grupo de Anna Freud e o grupo de Melanie Klein, que polarizavam a disputa política na Sociedade Britânica de Londres. Comumente se imputa a Donald Winnicott a liderança nesse grupo.

⁴⁶ Um bom exemplo falava da relação do psicanalista com os presentes ofertados pelos pacientes. Melanie Klein, certa vez, em um de seus casos clínicos, disse a uma criança que não receberia seu presente, pois sua mãe já lhe havia pago os

que havia um exagero, especialmente nos psicanalistas mais novatos, denunciando certa dose de enrijecimento técnico-teórico que, do seu ponto de vista, muito provavelmente atravancaria um processo analítico no qual a flexibilidade por parte do analista é parte fundamental.⁴⁷ Enfrentar esses dogmas, como seria de se esperar, teria como possível desdobramento uma sensação bem característica na esfera superegoica, como demonstra Figueira (1996, p. 62):

Os sentimentos de culpa que muitos psicanalistas sentem quando se dão conta de que quebraram algum princípio diretriz de sua técnica, o medo que pode tomar conta de um analista se ele ousar ir além de certos parâmetros técnicos, e a inércia que caracteriza a maior parte dos analistas quando têm que aprender um estilo técnico que é diferente de seu próprio.

Se isso nos diz respeito, uma interrogação pode surgir: *qual é e como se dá a relação* entre os ditames superegoicos e a culpa que esses psicanalistas dizem sentir? Se considerarmos os termos da segunda tópica, Freud (1923, p. 49, grifos do autor) pode nos fornecer algumas pistas quando oferece alguns contornos a essa instância psíquica:

O superego, contudo, não é simplesmente um resíduo das primitivas escolhas objetais do id, ele também representa uma formação reativa enérgica contra essas escolhas. A sua relação com o ego não se exaure com o preceito⁴⁸: ‘Você *deveria ser* assim (como o seu pai)’. Ela também compreende a proibição: ‘Você *não pode ser* assim (como o seu pai), isto é, você não pode fazer tudo o que ele faz; certas coisas são prerrogativas dele’.

Ou seja, a partir da entrada em cena dessa nova instância – que na maioria das vezes acaba exercendo um papel de censura sobre os desejos emanados do *id* –, o *ego* pode então canalizar suas energias em outra direção, em atividades sublimatórias que disfarçam as nem sempre honoráveis intenções que passam a ser vistoriadas pelo superego. Quando isso se dá, temos o surgimento da *culpa*, que Freud (1923, p. 51, grifo nosso) mais uma vez descreve com boa dose de exatidão:

É fácil demonstrar que o ideal de ego responde a tudo o que é esperado da mais alta natureza do homem. Como substituto de um anseio pelo pai, ele contém o germe do qual todas as religiões evoluíram. O autojulgamento que declara que o ego não alcança o seu ideal, produz o sentimento religioso da

honorários. Durante muito tempo no Brasil isso beirou uma regra: recusar presentes, sem escutar o que poderia haver de significações por trás desse ato trivial.

⁴⁷ E, como citamos na Introdução, cabe aqui relembrar a carta de Freud a Ferenczi, na qual lamentava que suas recomendações acabassem por se transformar em dogmas. O que nos faz pensar nas possíveis razões pelas quais, desde Freud, isso recorre no cenário psicanalítico.

⁴⁸ Preceitos que, durante a vida, sofrem certas mutações, podendo ser formulados através de outras possíveis enunciações como, por exemplo: ‘*Quero ser* como meu pai’, que muitas vezes se transforma em ‘*Devo ser* como meu pai’, ou mesmo na negatividade: ‘*Não quero ser* como meu pai’ que pode se transformar em ‘*Não devo ser* como meu pai’. Ou ainda: ‘*Posso* (ou *não posso*) *querer* isso, pois não sou como meu pai’. Todas essas possibilidades apenas asseveram a importância desse outro na constituição psíquica do Eu. A clínica psicanalítica comprova com fartura de exemplos essas hipóteses.

humildade a que o crente apela em seu anseio. À medida que uma criança cresce, o papel do pai é exercido pelos professores e outras pessoas colocadas em posição de autoridade; suas injunções e proibições permanecem poderosas no ideal de ego e continuam, sob a forma de consciência (*conscience*), a exercer a censura moral. *A tensão entre as exigências da consciência e os desempenhos concretos do ego é experimentada como sentimento de culpa. Os sentimentos sociais repousam em identificações com outras pessoas, na base de possuírem o mesmo ideal de ego.*

Pode-se sentir culpa por não alcançar um ideal, muitas vezes originado em sua gênese a partir de aspectos referentes à figura do pai, ou a desdobramentos no decorrer da vida de outros personagens que podem ser dispostos no mesmo lugar.

Ora, a conexão com o que foi percebido por Figueira (1996) é quase inevitável, pois podemos com facilidade estabelecer uma analogia entre esses psicanalistas e a culpa – detectada por meio de variadas manifestações – sentida por estarem *aquém* de algo, ou talvez fosse melhor dizer mais diretamente: *aquém de Freud*, o inventor disso tudo e, por razões que ainda precisamos explorar mais detidamente, um Pai mítico que estaria potencialmente presente nos ideais de cada psicanalista. Os psicanalistas correm então o risco de, ao compartilhar do mesmo ideal de ego⁴⁹, também apresentarem sintomas específicos bastante similares como, por exemplo, as inibições, as estereotípias e a falta de criatividade; como bem hipotetizou Figueira.

Diante dessa hipótese, pode-se dizer que não é sem razão, portanto, que Freud (1923, p. 51) qualifica o *ideal de ego* como “o herdeiro do complexo de Édipo”, e representa, na magnitude que o presentifica, importante virada em sua obra. De fato, temos então um ponto chave para pensar o humano a partir da hipótese do inconsciente, de como essa dimensão atravessa seu cotidiano, suas vontades, escolhas e realizações.⁵⁰ Indo mais além, podemos

⁴⁹ Como é possível depreender de uma leitura mais pormenorizada de *Psicologia das massas e a análise do ego*, documento no qual Freud (1921) aborda as problemáticas da vida em grupo: o papel e a importância do líder, o amor como lubrificante nas relações entre os membros, o apagamento de ego individual em prol de um *ideal de ego* comungado pelos membros, os efeitos causados por essa lógica grupal na vida de cada membro – afetando-lhe o desempenho, interferindo em suas ações e escolhas, criando ou modificando vontades, distorcendo percepções, alterando sua identidade – e, em especial, a viciosa dependência que pode ocorrer entre o membro e o grupo, por engolfar sua libido e favorecer uma identificação maciça. Em resumo, o *ego* passaria a depender visceralmente do grupo, pois se manteria permanentemente numa posição infantil, graciosamente sugestível e sempre disposto a negar os defeitos, a não querer enxergar o que pode haver de criticável nessa dinâmica. Nada tão diferente da condição de estar apaixonado ou sob os efeitos da hipnose, como disse com propriedade Freud, em dado momento do texto.

⁵⁰ Freud (1923) tece uma analogia interessante para ilustrar a forma como o *ego* se submete à força do *id*, mostrando que um cavalo, quando tem sede, arrasta o cavaleiro até onde encontre água. O ego poderia ser comparado a esse cavaleiro, que se ilude na pretensa condição de detentor da direção, quando na verdade está claramente submetido à força do equino. Outra definição burlesca pode ser encontrada numa carta de Freud endereçada a Jung, questionando-o: “O ego não representa o papel do palhaço tolo que se intromete em tudo no circo para que os espectadores pensem que é ele quem dirige tudo o que ocorre?” (FREUD *apud* MIJOLLA, 1985, p. 120).

pensar em como o *ideal de ego* está presente na vida e, se podemos começar a especular, também nas *dificuldades* da vida. Ou, se insistirmos um pouco mais, talvez possamos pensar que aquilo que pode ser considerado uma dificuldade – e tudo o que a envolve como, por exemplo, as queixas, as sensações de fracasso ou impotência, a vergonha, as formações reativas e muitas outras –, talvez seja, no fundo, também fruto de uma *interpretação* advinda da constatação frustrante de se perceber *alguém de um ideal*, sem questioná-lo de forma razoável. Podemos constatar essa asserção com mais clareza, quando nos detemos numa conjectura aventada por Freud (1923, p. 51):

Enquanto que o ego é essencialmente o representante do mundo externo, da realidade, o superego coloca-se, em contraste com ele, como representante do mundo interno, do id. Os conflitos entre o ego e o ideal, como agora estamos preparados para descobrir, em última análise refletirão o contraste entre o que é real e o que é psíquico, entre o mundo externo e o mundo interno.

Conflitos que poderiam ser verificados criticamente como a *distância entre o ego real e o ideal*, métrica sempre dificilmente contornável, especialmente quando levamos em consideração que estamos tratando da questão do trabalho. Essa aposta humana, como Freud já demonstrou anteriormente, nem sempre é realmente prezada pelos homens, possivelmente porque não há uma satisfação completa em termos pulsionais, o que nos conduz a outro conceito muito útil, a *sublimação*, e sua possível relação com o ideal de ego, facilitada pelo avanço já efetuado por Freud (1914, p. 111, grifo do autor):

Somos naturalmente levados a examinar a relação entre essa formação de um ideal e a sublimação. A sublimação é um processo que diz respeito à libido objetal e consiste no fato de o instinto se dirigir no sentido de uma finalidade diferente e afastada da finalidade da satisfação sexual; nesse processo, a tônica recai na deflexão da sexualidade. A idealização é um processo que diz respeito ao *objeto*; por ela, esse objeto, sem qualquer alteração em sua natureza, é engrandecido e exaltado na mente do indivíduo. A idealização é possível tanto na esfera da libido do ego quanto na da libido objetal.

Fica então relativamente mais factível compreender o peso das idealizações na vida de uma pessoa, seja idealizando o objeto, ou ainda sublimando de alguma forma e, dentro de suas possibilidades, desviando a direção desse fluxo pulsional. Se pensarmos no psicanalista às voltas com seu superego técnico, fica então um pouco mais clara a relação que pode ser estabelecida pelo psicanalista com as recomendações técnicas transformadas em dogmas, ainda que racionalmente questionáveis, pois obviamente não se coadunam com os postulados básicos de um tratamento psicanalítico, que toma os operadores – associação livre, atenção

flutuante, manejo da transferência, interpretação e outros – como artífices a serviço da fruição da palavra e do desenrolar do tratamento e não como regras estanques.

Para lançar luzes nessa cena, é preciso ter em mente um detalhe sutil, porém revelador, da questão do narcisismo. Basta pensarmos num filho que, ao eleger a mãe como objeto de intenso investimento libidinal, acaba por rivalizar com o pai pelo amor dela, o que pode potencializar duas vertentes no plano da fantasia: tentar *agressivamente eliminá-lo*, ou mesmo *se identificando* a ele, ainda que como *estratégia para suplantá-lo*

Faça-se justiça, porém. Esse mesmo filho também é, por sua vez, *alvo* do mesmo movimento libidinal de forma inversa por parte dos pais⁵¹. Em outras palavras, pode ser concomitantemente sujeito e objeto nessa cena, numa intrincada relação na qual se misturariam – para sermos fiéis aos termos de Freud – o mundo interno e o externo, o que nos leva a entender que um filho pode *ter* um ideal e, ao mesmo tempo, *ser* um ideal. Ao qualificar esse pequeno ser como “sua majestade o bebê”, Freud (1914, p. 108, grifos nossos) acaba revelando um elemento que julgamos crucial neste momento:

A criança concretizará os sonhos dourados que os pais jamais realizaram – o menino se tornará um grande homem e um herói em lugar do pai, e a menina se casará com um príncipe como compensação para sua mãe. No ponto mais sensível do *sistema narcisista*, a imortalidade do ego, tão oprimida pela realidade, a segurança é alcançada por meio do refúgio na criança. *O amor dos pais, tão comovedor e no fundo tão infantil, nada mais é senão o narcisismo dos pais renascido, o qual, transformado em amor objetal, inequivocamente revela sua natureza anterior.*

Sistema narcisista⁵² é um termo fidedigno, pois faz jus ao nome de uma complexa lógica, com múltiplos elementos ocupando distintos lugares. Ocorre que com isso também aponta para algo relevante no narcisismo: o *dinamismo* presente nessa dialética que Freud está delineando. Afinal, não se trata apenas de deduzir que o filho pode estabelecer variadas e ricas formas de relação de alteridade o outro. E não importa também que seja um *outro* encarnado,

⁵¹ O que inverteria o raciocínio que estamos desenvolvendo: Freud poderia ser um Pai mítico para todos os psicanalistas, mas também esses mesmos psicanalistas poderiam ser *filhos de Freud*, grosseiramente dizendo. Ou seja, Freud também poderia nutrir certo ideal acerca do que poderiam ou deveriam ser seus sucessores. Restaria então imaginar os efeitos disso, pois, num movimento circular, os filhos tendem a ambicionar satisfazer o que supõem ser o desejo dos pais, como a clínica psicanalítica comprova corriqueiramente. Perguntamo-nos se a transformação de sugestões em dogmas não poderia ser repensada sob esse prisma.

⁵² Novamente não encontraríamos obstáculos para articular isso que Freud chama de sistema narcisista aos possíveis complicadores que afetam os analistas, suas relações e laços por eles estabelecidos com outros psicanalistas, especialmente os de mesma orientação teórica, em instituições que, em termos de pacto fundador, acabam alimentando ideais, começando, por exemplo, pela própria Associação Psicanalítica Internacional, que zela pelo legado freudiano. Naturalmente isso vale para toda e qualquer instituição, psicanalítica ou não, especialmente quando atravessada pela psicologia das massas, tão bem ilustrada por Freud.

como no caso das figuras dos pais, mas o que conta é que também se aplica ao que pode ser eleito sob a égide de um *ideal*, desvelando algo importante: realizar o que supostamente agradaria a esse *outro* tornado tão importante e magnânimo implicaria ganhar ou perder seu amor, fato clínico amplamente perceptível nos casos de neurose.

A contribuição de Lacan (1998) para a elucidação dessa trama presente no tema do narcisismo é prioritária, especialmente quando centramos nossas atenções em seu *Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: 'Psicanálise e estrutura de personalidade'*; texto redigido por volta de 1960 e publicado nos *Escritos*, e que constitui um importante avanço nesse tema, especialmente no que se refere às relações prototípicas de alteridade que estão presentes na relação entre a criança e os pais. Nesse trabalho, Lacan (1960, p. 679) estabelece o que chama de *esquema óptico*⁵³, modelo que demonstra, passo a passo, quase didaticamente, a forma como as ilusões de ótica num jogo de espelho poderiam fornecer, por analogia, a base para um argumento que nos serve providencialmente: o bebê anteciparia sua imagem no olho da mãe, no reflexo que o captura e que, de alguma forma, também o representa naquele momento fugaz:

Sabemos que um espelho esférico pode produzir, de um objeto situado no ponto de seu centro de curvatura, uma imagem que lhe é simétrica, mas sobre a qual o importante é que ela é uma imagem real. Em certas condições – como as de uma daquelas experiências que só tinham valor por um interesse ainda inocente pelo domínio do fenômeno, relegadas que estão hoje à categoria da física do entretenimento –, essa imagem pode ser fitada pelo olho em sua realidade, sem o médium comumente empregado de uma tela.

Mesmo que esse recurso empreendido por Lacan nos remeta às expressões de curiosidade e júbilo das crianças quando se deparam com sua própria imagem distorcida no côncavo ou no convexo das colheres bem polidas, ou ainda nos pitorescos espelhos presentes nos circos, que fornecem imagens distorcidas, na verdade consideramos que essa metáfora pode render vários desdobramentos, pois ratifica, e com consistência, a importância do *outro*⁵⁴

⁵³ Recomendamos uma leitura detalhada desse trabalho de Lacan (1960), com atenção especial para as figuras nele contidas, pois o recurso utilizado a partir de certos postulados do campo da ótica ajuda-nos a avançar desde a célebre figura que temos em mente quando pensamos no mito de Narciso, admirando sua imagem refletida na água, ponto inicial do qual Freud parte para sustentar suas hipóteses.

⁵⁴ O que nos faz concordar com o axioma lacaniano que nos lembra que o inconsciente é o social. Ou, se nos voltarmos à fonte original, encontramos em Freud (1921, p. 91, grifo nosso) uma definição mais completa, desnudando que “o contraste entre a psicologia individual e a psicologia social ou de grupo, que à primeira vista pode parecer pleno de significação, perde grande parte de sua nitidez quando examinado mais de perto. É verdade que a psicologia individual relaciona-se com o homem tomado individualmente e explora os caminhos pelos quais ele busca encontrar satisfação para seus impulsos instintuais; contudo, apenas raramente e sob certas condições excepcionais, a psicologia individual se acha em posição de desprezar as relações desse indivíduo com os outros. Algo mais está invariavelmente envolvido na vida mental do indivíduo, como um modelo, um objeto, um auxiliar, um oponente, de maneira que, desde o começo, a psicologia individual, nesse sentido ampliado mas inteiramente justificável das palavras, é, ao mesmo tempo, também psicologia social”.

para a constituição do *eu*, ou da personalidade, termo que, como já dissemos anteriormente, pode ser por vezes compreendido de forma ingênua. De fato, esse *eu* que o bebê começa a *supor ser* na plenitude é, sobretudo, referenciado a esse outro encarnado na mãe e, como não poderia ser de outro jeito, a ela também *discursivamente conectado*, mesmo que a expensas de uma óbvia alienação em termos subjetivos.

Múltiplos desdobramentos podem advir desse laço, pois o bebê passa a ter um *desejo de reconhecimento* que venha desse outro e, como consequência, nutre inconfessáveis expectativas de como conseguir tais intentos. Ainda que não reconheça conscientemente esse desejo, passa também a considerar o olhar e a palavra desse outro como possíveis signos desse reconhecimento e, quando acredita que não os obteve, passa então por momentos de íntimos questionamentos, acreditando ter falhado, ou mesmo decepcionado esse personagem que elegeu como tão crucial em sua vida. Sendo assim, como problematizar a sugestão de Dejours (2004) para que os psicanalistas obtenham seu reconhecimento pelos pares, visando fechar um circuito de sublimação que julga vital nessa profissão? Restariam dúvidas, especialmente uma delas: como se livrar do *risco* de uma verticalização das posições, na qual o par, desde Freud, o primeiro psicanalista, passa a ser visto como um representante de um ideal que afeta sua imagem, que cobra, demanda, impinge padrões e, sobretudo, num plano não necessariamente declarado, mas ao contrário, numa dimensão *simbólica*, como é fácil constatar na relação de um sujeito com seu superego.

É comum encontrarmos em textos do campo psicanalítico certas expressões que dizem respeito à imperiosa necessidade⁵⁵ do esvaziamento do *ego*, da queda das identificações e, especialmente, do indispensável abalo pelo qual o *ideal de ego* deve passar. *Ideal de ego* que, como já vimos, traz em seu bojo a dureza do *superego*, instância qualificada por Lacan (1985) como *obscena* e *feroz*, dada a virulência das exigências a que submete o *ego*, e notadamente à sua influência no mecanismo que transforma querer em dever.

Supondo que todo e qualquer psicanalista esteja regularmente em análise, mesmo em relação àqueles que já as finalizaram, pairaria uma dúvida que não pode ser desconsiderada, especialmente quando levamos em consideração a tríade presente no que Lacan chama de imaginário, simbólico e real: como lidar com as vicissitudes derivadas do cuidado que

⁵⁵ Frise-se que um processo analítico visa justamente incidir nessa imagem egoica que o neurótico traz em variados matizes e intensidades, já desde as entrevistas preliminares. *Esvaziar* esse *ego* que chega comumente inflado é parte crucial do tratamento, pois essa inflação está a serviço, quase sempre, da equalização de uma narrativa que se inicia no que Freud (1909[1908]) tão bem descreveu em *Romances familiares*, texto no qual desnuda o que se passa a partir dos inevitáveis desdobramentos do Complexo de Édipo e da castração.

destinamos à nossa imagem, pensando-se em termos aprofundados tudo o que foi discorrido até agora acerca do narcisismo? Ou talvez já tenhamos subsídios para formalizar e intensificar o uso do termo que privilegiamos: *narcisismo profissional*, que pode assolar o psicanalista e sua prática. Um personagem que, obviamente, passou por esses percalços característicos da constituição subjetiva e – como não poderia ser diferente – também se vê às voltas com os *ideais de ego* que o interpelam, com as manifestações pouco razoáveis de seu *superego* ou com as recorrentes buscas por reconhecimento. Em suma, não faltariam *outros* em sua constelação psíquica do papel profissional: o paciente, o seu analista, o supervisor, os pares nas instituições, os pais míticos – Freud, e não apenas ele, mas também Lacan, Ferenczi, Klein, Winnicott... –, a própria teoria, sua família, o tecido social no sentido mais amplo, enfim, a lista poderia ser longa.

Uma vez apresentados nossos aportes teóricos, continuando nosso exame e visando solidificar nossa posição, fazemos uso agora de outros exemplos amealhados por meio de nossa pesquisa bibliográfica, que julgamos ilustrativos e que retratam dificuldades específicas enfrentadas por analistas em momentos específicos do percurso clínico, bastante representativos de certos tipos de mal-estar que se conectam à nossa hipótese do narcisismo profissional.

Começamos com Contardo Calligaris (2004, p. 37), que narra um episódio pitoresco do início de sua prática clínica, quando recebeu o primeiro paciente, indicado por uma amiga psicanalista⁵⁶. Antes da chegada desse paciente, Calligaris (2004, p. 37, grifo nosso) se prepara de uma maneira bastante peculiar:

Quando chegou o dia da primeira entrevista do primeiro paciente, eu tinha uma preocupação dupla: queria que o apartamento tivesse cara de consultório, mas também queria que não tivesse cara de consultório no dia da inauguração. *Afinal, eu pensava, qual paciente gostaria de descobrir que o analista em que ele vem depositar uma esperança de cura é um novato absoluto?*

Temos aqui então algo recorrente nos inícios dessa atividade clínica, o iniciante não se achar à altura de qualquer paciente que o procura, sentindo-se sempre *aquém* de alguma figura

⁵⁶ Amiga que, dentre outras coisas, demonstrava sua admiração porque entusiasmava e demonstrava interesse por muitas outras coisas além dos áridos temas e infundáveis discussões presentes na Psicanálise. Na opinião do autor, isso fazia dele um interlocutor mais aberto a outros pontos e menos repetitivo. Vale ressaltar esse aspecto, pois o psicanalista iniciante muitas vezes se surpreende com os encaminhamentos que recebe comumente das pessoas que o conhecem de seu círculo mais próximo. Podem parecer incompreensíveis as surpresas geradas por esses movimentos transferenciais, visto que mesmo que o iniciante justamente anseie por isso, paradoxalmente, quando ocorre, no fundo acaba se perguntando por que foi o “escolhido” para a indicação.

que, na sua concepção imaginária, comparativamente faria muito melhor, o que o leva a supor que precisaria necessariamente estar *pronto* para começar e só então começariam a chegar os pacientes que no fundo tanto almeja. Obviamente, se indagado quando se daria esse enigmático “pronto” – ou mesmo *o que* eventualmente isso significaria –, o novato não consegue emitir nenhuma resposta razoável, justamente porque não há o psicanalista “pronto” em que acredita, e isso seria da ordem de um *ideal*. Aliás, talvez fosse melhor dizer um *psicanalista ideal* ou até mesmo um *ideal de psicanalista*.

Convicto de que a solução para angariar credibilidade poderia então estar na arrumação do consultório, Calligaris (2004, p. 37) fornece um dado que ratifica nossa percepção, mas agora com uma ênfase maior ainda no consultório supostamente típico de um analista que exalasse experiência pregressa.

Cuidei dos detalhes: uma certa desordem de papéis e notas na mesa, uma pequena desarrumação do acolchoado do divã, para mostrar que alguém já deitara ali, três ou quatro baganas no cinzeiro (na época não só eu, mas a França inteira fumava), para mostrar que, naquela tarde, já me debruçava sobre outros destinos cabeludos.

O primeiro paciente não apenas chega, mas também permanece em análise por sete anos – então um jovem psiquiatra que acabou se tornando psicanalista –, embora Calligaris (2004, p. 37) relate um fato inusitado e, para nossos intentos, bastante pertinente: um encontro com esse ex-paciente ocorrido vários anos após o tratamento. Nesse momento, Calligaris considera-se então não mais um iniciante, mas sim um psicanalista *reconhecido*, entabulando uma conversa quando, inesperadamente, é indagado: “‘Eu fui seu primeiro paciente, não fui?’. Hoje responderia imediatamente a verdade”.

Talvez efetivamente respondesse a verdade, pois é somente após um bom tempo de prática clínica e percurso de formação que o psicanalista consegue minimamente se livrar da estranha necessidade de responder de forma caricaturalmente enigmática a perguntas como essa, que o desestabilizam em termos de manutenção da própria imagem. Mas, de modo honesto, revela que, mesmo um pouco mais experiente e já com certa cancha clínica, ainda assim nota que a caricatura imperou naquele momento, pois Calligaris (2004, p. 38) relata que o ex-paciente:

[...] não deixou para menos e continuou: ‘Acho mesmo que fui seu primeiro paciente; não sei se você sabe, mas é o que eu tinha pedido para Nicolle, que me deu seu endereço na época. ‘Quero um analista’, eu lhe havia dito, ‘de quem serei o primeiro paciente’. E acho que ela respeitou meu pedido. Queria ser o primeiro paciente porque pensava que, como meus problemas

eram meio banais, só um analista debutante me escutaria com toda sua atenção.

Esse pode ser considerado um bom exemplo de uma *busca pelo reconhecimento*, ligado nesse caso a uma aparente aspiração pessoal de Calligaris, que dizia respeito a uma eficácia profissional que só seria obtida após anos e anos de prática clínica. Havia uma distância entre o que *era* e o que supunha *vir a ser* como psicanalista, comprovando que não basta apenas idealizar nostalgicamente o passado, mas em alguns casos também o futuro, como no caso do jovem e iniciante psicanalista, que paradoxalmente desvalorizava em si mesmo aquilo que era justamente valorizado pelo primeiro paciente que o procura.

Já Renato Mezan, também tratando de particularidades referentes ao seu início de percurso como analista, traz-nos outros ângulos das dificuldades características desse período. Dessa vez nem tanto com o que antecede o recebimento do paciente, como Calligaris já demonstrou, mas sim acerca de percalços específicos derivados de um jeito *supostamente* certo para o psicanalista balizar sua atuação. Ater-se demasiadamente a isso usualmente redundava em uma sensação mista de desconforto e dúvidas por ter agido de uma maneira distinta do que seria *recomendável*, a despeito de toda boa vontade e empenho característico dos iniciantes. Verifiquemos, então, a partir do início dessa estória narrada pelo próprio Mezan (1995a, p. 121) quando começa seus atendimentos:

O paciente se deitou no divã e começou a falar: era a sua primeira sessão de análise. Eu o vi duas vezes, em entrevistas preliminares; ele me dera a impressão de ser mais que neurótico, talvez um caso limite. Era difícil acompanhar seu discurso: não completava as frases, fazia confusas alusões a dificuldades sexuais, a problemas na universidade, a uma sensação de fracasso em várias atividades. Deitado, ele me falava da mesma maneira; impossível acompanhá-lo, pensava eu; este rapaz que fala de maneira tão descolada está muito doente. Prosseguindo sua narrativa, ele se virou e olhou para mim. Um minuto depois, o mesmo movimento. Na terceira vez, eu lhe disse mais ou menos isso: 'Talvez você se sinta fragmentado ao falar comigo; virando-se, você vê que estou sentado atrás de você, e pode ser que isto o acalme, como se você reencontrasse sua unidade olhando-me como num espelho'.

Mas, para sua surpresa, após essa intervenção, o paciente não apenas parou de se virar no divã, bem como também nunca mais se virou tentando alcançá-lo com o olhar; o que num primeiro momento lhe pareceu efeito da interpretação, aparentemente adequada para aquele momento específico, ainda que no fundo admitisse que continuava sem entender nada.

Porém, mesmo assim, começou pouco a pouco a se interrogar sobre essa hipótese, acerca das possíveis razões de tal intervenção e muitas dúvidas e inquietações começaram a

atormentá-lo, até que se deu conta de que, no fundo, se sentia *culpado*, deixando ressoar uma pergunta bastante pertinente: “Culpa de quê, entretanto, e em relação a quem?” (Mezan, 1995a, p. 122). Boa pergunta que Freud (1930, p. 147, grifos do autor) ajuda a responder quando nos lembra que “mesmo quando a pessoa não *fez* realmente uma coisa má, mas apenas identificou em si uma *intenção* de fazê-la, ela pode encarar-se como culpada. Surge então a questão de saber por que a intenção é considerada equivalente ao ato”.

Nesse sentido, como um desdobramento, talvez pudéssemos formular uma interrogação: que coisa má poderia ter feito Mezan a ponto de despertar-lhe tal culpa? Desconfiamos que uma resposta hipotética pudesse ser formulada de imediato: porque não fez do jeito certo, de uma forma ou jeito que os psicanalistas que o precederam provavelmente fariam; daí sua *angústia*. E de onde viria tal ideia, se nossa desconfiança se confirmasse?

Além da óbvia conexão com o *superego técnico psicanalítico*, estipulado por Figueira (1996), podemos avançar mais um pouco, acompanhando as reflexões de Mezan (1995a, p. 122) acerca das possíveis origens de tais reprimendas, quando fala de sua surpresa com esse paciente, talvez um tanto diferente dos pacientes que atendia em Paris. Lembra que:

Ele viera até mim através de minha supervisora, pessoa conhecidíssima em São Paulo, que me ajudara muito quando da minha instalação como psicanalista nessa cidade, após alguns anos de formação em Paris. Eu imaginava, portanto, ter uma certa responsabilidade para com aquela senhora, que confiara em mim e me prevenira que o paciente era ‘difícil’.

Ou seja, Mezan parecia se preocupar com o paciente, com a forma como a análise poderia se desenvolver a partir de suas intervenções, mas também e, sobretudo, levava bastante em consideração o que sua supervisora, aquela que encaminhou esse paciente “difícil”, poderia dizer ou achar, visto que confiou claramente em seu potencial de analista, ainda que relativamente iniciante e pouquíssimo conhecido na cena psicanalítica paulistana.

Tomá-la como um *ideal de ego*, ao que parece, tornava-se um fardo extra para Mezan carregar durante e entre as sessões de análise que conduzia, pois a *idealização* da supervisora pode ser facilmente associada ao já conhecido desdobramento dos imperativos superegoicos, que denunciam uma insuficiência nos planos de satisfazer o “outro” que é tomado como alvo de um *reconhecimento*, ou mesmo de *amor e valorização*. Para piorar um pouco, Mezan nos mostra que comumente as coisas não param nos supervisores:

Minha psicanalista teria sabido se safar melhor; ah, se ela estivesse ali... Uma segunda imagem de mulher vinha assim se superpor à da supervisora; ambas analistas experientes, eu as encarregava de encontrar a palavra exata,

ou de me censurar se eu não a tivesse pronunciado. Uma luz: eu tinha proferido minhas palavras mais para elas do que para meu paciente. *Meu medo de 'não ser bem-sucedido' era de fato um medo de que elas viessem a me considerar incompetente ou inapto, que elas me recusassem seu amor só para me prodigalizar sua reprovação.* (1995a, p. 123, grifos nossos)

Chegamos então a um ponto importante: o *medo da reprovação* que, ao menos nesse caso específico, pode ser claramente endereçado às duas personagens citadas, mas, como já extraímos do ponto de vista de Figueira (1996), a primeira figura mítica a assombrar o psicanalista é ninguém menos que o próprio Freud, representante prototípico de *como* um psicanalista *deveria* atuar. Não é à toa que, como já evidenciamos, suas recomendações eram transformadas em dogmas, beirando verdadeiros tabus. Caberia pensar, grosso modo, se não apenas Mezan, mas talvez qualquer psicanalista pudesse se questionar: como Freud teria procedido num caso como esse?

Surge então o terreno fértil para a identificação com esse pai mítico, que pode dar mostras por vários meios, desde o mais caricato personagem estereotipado, *imitando* o que supõe ser o verdadeiro *Freud*, até as mais sutis formas *identificatórias*, oscilando entre o aprovável e o reprovável, o que seria analítico e não-analítico, por mais complicado que seja definir com precisão tal ponto. Trata-se de um fenômeno relativamente fácil de perceber quando nos debruçamos em narrativas de casos clínicos de psicanalistas de várias escolas e em abordagens teóricas. Colocar Freud no lugar de *ideal de ego* é uma coisa; tomá-lo como *modelo* de identificação à guisa de um *ego ideal* é outra coisa, talvez mais problemática.

Mesmo assim, além da presença potencialmente disruptiva de Freud no imaginário de um analista, especialmente se tomado pelo superego técnico psicanalítico, surgem também outras formas de *identificação* muito comuns, igualmente perceptíveis na situação narrada por Mezan (1995a, p. 124, grifo nosso):

Uma identificação com minha psicanalista também estava em jogo: quando de minha primeira sessão, ela também não tinha me interrompido ao cabo de cinco minutos, motivo pelo qual quase caí do divã? Meu psicanalista francês tinha levado cinco semanas para começar a tossir no consultório!

Mais um ponto a ser explorado nesse exemplo bastante auto-explicativo oferecido por Mezan (1995a, p. 127, grifo nosso), que desvela agora uma das possíveis consequências de sentir-se aquém de um ideal, por mais questionável que possa ser, pois nem isso aplaca a angústia:

A imagem do 'bom analista' que eu queria ser, a ideia de ter que prestar contas daquela sessão para outros analistas mais experientes, funcionavam

assim como um acobertamento para uma sensação de confusão mais profunda. [...] Sob o pretexto de acalmá-lo, eu visava, na verdade, me tranquilizar, refugiando-me no respeito ao enquadramento analítico. [...] Consegui deste modo denegar minha vivência de *angústia 'pessoal'* substituindo-a pela ideia de uma falha, por assim dizer, *'profissional'*.

Transformar essa angústia dita pessoal em algo da ordem do *profissional* nos auxilia a aprimorar um pouco mais nossa hipótese do *narcisismo profissional*, pois desse modo poderíamos *isolar* minimamente o mal-estar na profissão, como vimos na sequência dos exemplos extraídos de Mezan e Calligaris. O derradeiro e mais ilustrativo depoimento, porém, chega através de um depoimento advindo de *Ser ou não ser imprescindível: esta é a questão*, trabalho de Joel Birman (1996), que aborda mais um aspecto concernente à relação do psicanalista com seus pares, mas a partir de um episódio pontual que, do seu ponto de vista inicial, parecia absolutamente prosaico⁵⁷: interromper por um certo período a prática clínica, para um período sabático na França, fruto de sua de sua atividade docente na Universidade.

Essa decisão precipitou certa sensação de mal-estar, que conectou inicialmente com a forçosa separação que impingiria aos pacientes, pois interromperia todos os atendimentos em data específica. Por outro lado, também se interrogou sobre sua própria família, visto que atrapalharia a carreira escolar dos filhos e a rotina profissional da esposa, uma vez que previsivelmente todos deveriam se mudar para a França, até mesmo porque que o projeto duraria mais de um ano. Mas, para sua surpresa, suas preocupações não se confirmaram efetivamente. Tanto a família aceitou bem a ideia – inclusive se entusiasmando com o aspecto inovador da empreitada e organizando-se para acompanhá-lo – como também os pacientes que, dentro das possibilidades de cada um, elaboraram razoavelmente bem as inevitáveis angústias de separação e as compreensíveis sensações de desamparo, cada qual em seu nível de intensidade e profundidade.⁵⁸

Mesmo assim, a sensação desconfortável permanece, e leva Birman (1996, p. 201, grifos nossos) a se perguntar:

Onde se encontrava então o mal-estar? *Entre os meus colegas, os psicanalistas. Isso não deixa de ser surpreendente, evidentemente. Eu diria que é algo quase escandaloso!* Por que a interrupção da atividade analítica

⁵⁷ Ressalte-se que esse é um fato bastante comum no ambiente acadêmico, nos quais os pesquisadores podem permanecer durante períodos determinados em outros territórios; estudando, pesquisando e produzindo por meio de convênios entre instituições acadêmicas que promovem intercâmbios com fins específicos de cooperação intelectual e científica.

⁵⁸ De fato, apenas um paciente interrompeu de surpresa o processo, deixando de comparecer às sessões, antecipando-se estrategicamente à separação, algo até minimamente esperado por Birman.

de um colega, por um certo tempo, se transformou em fonte de uma certa inquietude para alguns analistas? *Onde* estava a *fonte* desta inquietude?

Surpreso então com a constatação, Birman transforma esse mal-estar em objeto central de investigação no referido trabalho, dividindo em dois grandes campos as reações advindas de seus pares: inicialmente os brasileiros, que deixaria em breve, e os franceses, que o receberiam em pouco tempo, numa convivência que se tornaria mais próxima e regular por um bom número de meses.

Dos psicanalistas brasileiros que tiveram em primeira mão a notícia, Birman colheu variadas reações, num rol que abrangia desde sutis desconfianças, que pareciam encobrir buscas das razões latentes para tal decisão – aparentemente tresloucada, pois implicava o *abandono* de seus pacientes, um compromisso quase sacralizado, afinal a atividade clínica deveria ser sempre *soberana*, acima de quaisquer outras coisas e, por consequência, o psicanalista jamais deveria *abandonar seu posto*, exceto talvez nas férias, que logicamente deveriam ser muito bem pensadas e planejadas com cada paciente.

Birman sentia estar sendo culpabilizado por alguns colegas, ora acusado de voracidade, por querer mais e mais, sem uma necessidade premente e justificável, o que lhe soava como uma refinada acusação de estar à beira de uma atuação, com um *sintoma ainda não suficientemente analisado* ou, pior ainda, de *falta de solidariedade* junto à classe psicanalítica, pois estaria saindo de uma posição que *deveria* continuar ocupando. Essas críticas fazem crer então que, justamente pelo fato de o autor ocupar um lugar estrategicamente importante na cena psicanalítica – e, consequentemente colher os frutos por isso – deveria, portanto, se limitar a usufruir de maneira vitalícia as benesses advindas de seu potencial que, como bem destaca Birman (1996, p. 202), deve ser cumulativo, crescer mais e mais e não supostamente retroceder, afinal, ele já estaria “com a ‘vida ganha’ nas nossas paragens!”. Por que então arriscar tudo isso?

Assim, me diziam que eu já tinha tanto, do ponto de vista simbólico, eu deveria me alimentar da minha ‘glória’ e ‘militar’ pela psicanálise no Brasil, me valendo, pois, de meu capital simbólico para isso e aumentá-lo mais ainda dessa forma! Enfim, havia aqui uma mentalidade acumulativa em ação, que pensa a existência das pessoas em termos de *concentração de capital simbólico e financeiro*, sendo, pois, regulado este discurso pela *lógica da caderneta de poupança*. (1996, p. 203, grifos nossos)

No entanto, como se isso tudo ainda não fosse suficiente, o autor também recebeu outras críticas e reações de estranhamento, dessa vez não apenas dos colegas brasileiros, mas agora dos parceiros de profissão da França, país que naquele momento não dava as mesmas

mostras de estar tão tomado pela lógica de acumulação já citada. Na verdade, Birman ouviu variadas opiniões dos franceses, e grande parte delas giravam em torno de uma possibilidade impensável na França, devido, sobretudo, à concorrência acirrada no mercado “psi” e às previsíveis dificuldades de recomeçar a prática clínica depois de uma interrupção desse porte, o que afetaria perigosamente a sobrevivência material do psicanalista.

Algo então se repete: uma sutil *desconfiança* também ligada a seus aspectos subjetivos ainda *pouco* analisados, pois estaria agindo num feitio onipotente, não pensando nos pacientes que deixaria no Brasil. Isso indicaria então que está com algum “problema” sério e que essa viagem poderia ser tomada como uma *fuga defensiva*, denotando com isso ser “pouco sério” ou, pior ainda, “não sério”, o que, ao menos em terras francesas, pode causar abalos significativos nos *encaminhamentos* e no *reconhecimento dos pares*.

Birman destaca que algumas poucas falas destoavam disso tudo, mas dentre elas nota que diziam de certa inveja de alguns psicanalistas, que dependiam economicamente de seus consultórios, diferentemente dele, que provavelmente teria seu período sabático financiado por uma ou mesmo por ambas as instituições acadêmicas, brasileira e francesa, detalhe que o ajudaria a prescindir dos honorários obtidos na atividade clínica. Outros, por sua vez, valorizavam seu ato, tido como de coragem, pois afastar-se do consultório, mesmo que não definitivamente, era um sonho secretamente alimentado. Birman (1996, p. 204, grifos nossos) então lança luzes para uma particularidade pouco investigada quando se fala da profissão:

Bem, a psicanálise é uma atividade pela qual *os analistas precisam para existir* de uma maneira fundamental. Eles não prescindem dela, em hipótese alguma! Por isso, *os analistas trabalham até uma idade muito avançada, quase até a morte, o que não acontece com as outras profissões em que as pessoas se aposentam numa certa idade*, regulamentada devidamente pelo Estado. Então, se eu estava interrompendo a minha atividade analítica, considerando tudo isso, algo certamente muito ‘problemático’ estaria acontecendo na minha relação com a prática analítica. Por conseguinte, como é que eu poderia *abrir mão* desta fonte de existência e de reconhecimento, *o que não costuma fazer nenhum analista*? Assim me diziam outros colegas.

De fato, Birman formula boas perguntas, que consideramos prudente reverberar um pouco mais, pois acreditamos que mantenham íntima relação com a nossa hipótese do narcisismo profissional. Uma delas nos chama bastante a atenção: por que poucos psicanalistas se *aposentam da atividade clínica*? Múltiplas respostas poderiam ser formuladas, talvez nenhuma definitiva, mas o mais comum é saber do falecimento de colegas

que psicanalisam até os últimos dias de vida, em termos literais⁵⁹, sem exagero de nossa parte. O mesmo poderia ser dito dos grandes nomes da Psicanálise, novamente sem temor de soar exagerado, como apontam, por exemplo, os relatos dos dias finais de Freud, Lacan e Klein.

Afinal, como já vimos anteriormente, os psicanalistas falam de suas dificuldades, escrevem sobre crises de sua profissão, concordam com Freud alcunhando-a de impossível, relatam a solidão e outros dissabores do psicanalisar, mas por que então praticam tanto e tão intensamente o psicanalisar e, depois de algum tempo de atividade clínica, nota-se que raramente mudam de profissão? Talvez porque no fundo seja uma profissão prazerosa,⁶⁰ ainda que isso pouco seja problematizado nos escritos do campo. Caso contrário incorreríamos no risco de nos limitarmos a uma interpretação simplista: escolher e manter-se na profissão *é apenas* da ordem de um sintoma neurótico ou, se preferirmos nos atermos às *questões narcísicas*, um profundo exercício de *masoquismo*. Nos dois casos, algum ganho e, conseqüentemente, alguma dose de prazer está implícita, se pensarmos em termos metapsicológicos.

É daí que Birman (1996, p. 207, grifo nosso) extrai um ponto que julgamos procedente nessa problematização:

Contudo, é evidente que para ser psicanalista não é preciso se restringir aos aspectos formais da prática psicanalítica, mas que é preciso ir além disso. É preciso radicalizar sobre isso e *reconhecer efetivamente que ser analista é uma forma de ser e de existir diante das coisas*, que não se restringe apenas ao quadro formal da cura psicanalítica.

Parece ser uma provocação interessante radicalizar o tema, chegando ao que Birman evidencia: que ser analista é, no fundo, uma, dentre outras, *forma de ser* e, principalmente, *de existir*. Ou seja, Birman pode estar começando a desvelar a magnitude que envolve o exercício dessa profissão, chamando a atenção para a existência de possíveis relações com outros aspectos da vida cotidiana do psicanalista e, principalmente, para a relação essencial

⁵⁹ É importante frisar que profissionais de outras áreas dizem que apreciariam trabalhar até o fim de seus dias – a expressão “morrer no palco”, como proferida por alguns artistas é bastante representativa –, mas também podemos nos defrontar com relatos unânimes de profissões desgastantes nas quais o profissional recebe como prêmio a aparentemente esperada aposentadoria.

⁶⁰ Catarina Koltai (2000), em debate referente aos desafios futuros da psicanálise, inclusive sugere que falar do prazer do ofício deveria ser parte integrante de um projeto que pudesse tratar da vitalidade da profissão. Esse poderia ser um bom mote para mais uma pergunta: afinal, porque se fala tão pouco dos prazeres dessa profissão? Disponível no [link <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1807200022.htm>](http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1807200022.htm) Acesso em 10 de fevereiro de 2009.

entre o analista e seus pacientes. Mais ainda, o autor diz com todas as letras: a *dependência*, em certo grau, dos pacientes para a existência do psicanalista.⁶¹

Posto isso, consideramos que já temos subsídios suficientes para solidificar nossa hipótese acerca do narcisismo profissional. Daremos a ela um estatuto de conceito chave a partir de agora, que dirá respeito à relação do psicanalista com sua imagem, em especial com os ideais que podem atravessar sua prática, à distância entre o ideal e o possível, entre o que pode ser equivocadamente sacralizado na teoria e cruamente verificado na prática cotidiana. Como resultante dos possíveis embates entres os pólos, interessa-nos também problematizar previsíveis desdobramentos sintomáticos dessa dinâmica, potencialmente conectados às dificuldades na profissão, objeto de nosso interesse privilegiado como um ponto central. Dizendo de outra forma, um pouco mais direta e disposta num enunciado que agora tomamos como pergunta de pesquisa:

Haveria alguma relação entre as dificuldades enfrentadas pelo psicanalista no desempenho de sua profissão e o que chamamos de seu narcisismo profissional? Confirmando-se essa hipótese, o que pode o psicanalista fazer frente a isso?

Para responder a essas perguntas, centramo-nos em duas frentes, na verdade duas etapas subsequentes que se completam: a primeira delas aborda a questão das *dificuldades*, mas *tomadas sob o prisma do narcisismo profissional* – e com tudo o que poderia englobar esse termo –, debruçando-nos sobre os dados que obtivemos em uma varredura previamente efetuada.

A segunda etapa será dedicada ao *tratamento possível* dessas dificuldades ou, como cremos já ter explicitado no enunciado, para além da constatação, investigaremos o que tem sido teorizado ou realizado em termos de enfrentamento dessa questão que afeta a prática analítica. Frise-se que concebemos tratamento no sentido mais amplo da palavra, do modo como se pode *tratar* uma questão⁶², ultrapassando a noção comumente imaginada de tratamento derivada da Medicina, a de remissão dos sintomas. De fato, tencionamos dar a esse

⁶¹ Afinal, se fosse – *hipoteticamente* – possível, que todos os pacientes se limitassem apenas a uma auto-análise, não haveria analistas. Portanto, o psicanalista não precisa somente psicanalisar, sustentar esse desejo, mas também e paradoxalmente precisa receber potenciais pacientes, ou *ter* uma prática clínica razoável – e se com a agenda repleta, melhor – para obter o *reconhecimento* dos pares, vital para sua existência, o que corrobora de maneira cristalina as afirmativas de Dejours (2004), acerca do grau de eficácia necessário à sublimação nessa profissão.

⁶² Estamos utilizando o termo *questão* nos moldes propostos por Dunker (2003) em *A questão do sujeito: construção, constituição e formação*, trabalho que recomendamos como via de aprofundamento deste tema em particular.

termo uma gradação mais nobre, que possa condensar um rol mais amplo de considerações acerca do tema.

Cabe, neste momento, passar à formalização de nossos procedimentos de investigação, advertindo que, qualquer seleção, em especial quando se trata de material bibliográfico, é um processo bastante peculiar, atravessado por um viés pessoal⁶³. Essa *arbitrariedade na escolha* é, dentro do campo psicanalítico, não apenas compreendida, mas até mesmo relativamente esperada; pois é justamente daí que pode advir algo que consideramos precioso: as marcas de um *estilo* singular daquele que fez as escolhas, elegeu os recortes e, com isso, revela suas preferências. Corazza (2002, p. 361) detém um ponto de vista interessante sobre esse aspecto recorrente nos trabalhos científicos:

Uma das coisas mais maravilhosas, para mim, na função do pesquisador é sua ‘arbitrariedade’. Ele escolhe, desde o início. Ele tem de escolher: desde o bruto, a teoria, a porção da teoria, as unidades. Arbitrariedade que, como todas, não é tão arbitrária assim, pois há algo aí que não sabemos: por que escolho isto e não aquilo, por que isto ou aquilo também ‘me escolheu’. E algo que é da ordem da responsabilidade ética de ser um pesquisador/estudioso daquela teoria, autor, objeto bruto, etc.

Dessa forma, cabe-nos agora explicitar alguns pontos que dizem de nossas escolhas, visto que o tema das dificuldades e seu possível tratamento, por ser vasto e multifacetado, fizemos optar por circunscrever a pesquisa a partir de alguns limites que julgamos razoáveis e, principalmente, operativos na presente tese.

O primeiro desses limites refere-se aos autores que elegemos como alvo desta pesquisa: Freud, Ferenczi e Lacan. Três psicanalistas que, cada qual ao seu modo, praticaram a Psicanálise, contribuindo com suas descobertas e teorizações acerca dos meandros da clínica psicanalítica e, o que mais nos importa, revelaram certos aspectos dessa profissão que até hoje incensam o debate no campo psicanalítico.

É de alguns pontos específicos da produção teórica desses autores que extraímos o material necessário à nossa investigação. Em paralelo, também nos remetemos a comentadores que abordam diretamente o mesmo tema, ou ainda àqueles que eventualmente possam contribuir para seu aprofundamento, uma vez que o levantamento bibliográfico revela

⁶³ Um bom exemplo disso são as citações que encontramos nas leituras que por certas razões nos atraem, muitas vezes meticulosamente estruturadas pelo autor e cuja fonte original, quando tomados pela curiosidade, eventualmente conseguimos acessar. Perguntamo-nos por que o autor não foi além no recorte, ou não se ateu ao parágrafo subsequente ou posterior, deixando de lado alguma coisa que, na condição de leitor interessado, nos parece relevante a partir de nossa leitura.

que, de certo modo, já há um discurso razoavelmente constituído acerca das temáticas que estamos abordando na presente tese.

Queremos também destacar outro ponto particular que se refere ao lado mais objetivo dos procedimentos. Pinçamos os elementos representativos de nosso objeto de interesse, deixando agora claro que, por vezes, fazemos uso de alguns excertos relativamente *longos*, porém contingencialmente *necessários* quando temos em vista a intenção de lançar luzes em ângulos específicos que precisam ser contextualizados dentro de enunciados ou raciocínios mais explicativos. Uma tentativa de pôr em prática o que Mezan (1998, p. 370, grifo do autor) sugere acerca dos recortes possíveis da palavra do outro, quando assevera que “a forma ideal de trabalhar com a citação é *fazê-la render*, tirar dali alguma coisa que faça avançar o argumento e, eventualmente, voltar a esta mesma citação, mais adiante, para fazê-la funcionar de outro jeito”.

Fazer render não é apenas reverberar o que pode estar sendo dito nas linhas ou entrelinhas, mas também evidenciar algo que nos interessa em termos de uma lógica mais ampla do trabalho. É o caso, por exemplo, do uso parcimonioso de *grifos* ou *interpolações* a que procedemos quando nos detivemos em trechos específicos que nos saltam aos olhos e que, de alguma forma, repetem-se, insistem, sobressaem-se, desvelando nuances e particularidades que potencialmente nos ajudariam na *descoberta* e *mapeamento* das dificuldades que interpelam o psicanalista.

Destinamos capítulos específicos a cada um dos três autores que elegemos como alvo de nosso interesse. Em termos mais detalhados: essa etapa *inicial* é inaugurada em um *primeiro capítulo*, que se destina a uma investigação do tema da dificuldade *circunscrita* à obra freudiana. Nesse momento específico, o objetivo inicial é *qualificar* o tema, demonstrando como Freud – de quando em quando, às vezes repetidamente – trazia essa temática à tona. Não apenas falava de si e, por extensão, de sua prática, mas também e principalmente orientava, advertia e admoestava os psicanalistas que à sua volta se aglutinavam, muitas vezes com uma franqueza surpreendente. Mesmo assim, alguns comentadores sugerem que esses escritos, na verdade, traziam uma versão mais polida dos meandros da cena psicanalítica de então, aspecto que nos levou, por exemplo, a valorizar o que descobrimos em outro lugar que esmiuçamos durante o processo de revisão bibliográfica: nas trocas de cartas entre Freud e certos interlocutores.

É o que está presente no *segundo capítulo*, a partir de um recorte que providenciamos, atendo-nos a apenas *um* desses interlocutores, Sándor Ferenczi, personagem que decidimos privilegiar, com especial ênfase no conteúdo de algumas cartas endereçadas a Freud durante o período de invenção da Psicanálise e, especialmente, no período da solidificação de seu método, ainda relativamente dependente de seu criador, pelo menos até aquele momento. Nossa atenção se deteve em Ferenczi, porque pudemos detectar e agora lançar luzes sobre aquilo que os dois psicanalistas traziam acerca das dificuldades da clínica psicanalítica *dentro e fora* dela. Ou, mais ainda, notamos que Ferenczi tentava *aplicar* o que Freud *preconizava*, mesmo nem sempre obtendo os resultados minimamente esperados e, por meio da correspondência, desvelava certas inovações que promovia nos tratamentos que conduzia. Outro aspecto que surgiu nas cartas é que Ferenczi, por meio de suas dúvidas e inquietações, acabava por ir além – talvez pelo fato de haver uma dimensão do privado nessas cartas, justamente pela proximidade com Freud –, tangenciando certos assuntos como a vida em família, a amizade, alguns planos pessoais e outros aspectos que aqui nos interessam, pois teremos a oportunidade de investigar uma possível intrusão das vidas particulares na atividade clínica ou o contrário, que também nos interessa sobremaneira, a atividade psicanalítica afetando a vida pessoal e familiar do psicanalista. Gostaríamos de salientar nossa tentativa de promover uma organicidade lógica no encadeamento desses capítulos, pois consideramos Ferenczi um personagem que poderia representar de maneira condensada os psicanalistas a quem Freud recomendava, admoestava e advertia com certa regularidade, como já frisamos.

Seguindo então essa organicidade intrínseca que encadeia a tríade desses capítulos, encerramos esta etapa delineando um *terceiro capítulo*, que se refere à contribuição de Lacan. Jacques Lacan tomou como missão pessoal aquilo que chama de *um retorno a Freud*, expressão que reitera quando se vê às voltas com uma crescente pasteurização da profissão, advinda dos modelos de formação oficiais que orientavam, de maneira quase hegemônica, os novos caminhos institucionais da Psicanálise, especialmente após a morte de Freud. Em franca oposição a esse cenário, encontramos, em seus vários trabalhos, teorizações sobre o papel do analista frente ao ato analítico, presente em termos e expressões como desejo do analista, trabalhador decidido, ou ainda em suas reflexões acerca do lugar do analista no mundo, em seu tempo. Inclua-se nisso sua releitura de alguns postulados freudianos como a questão da transferência e da “contra-a-transferência”, a resistência advindo do analista e não do paciente, o horror do analista frente a seu ato, a formação *versus* a institucionalização da psicanálise, suas inovações no manejo do tempo e do dinheiro dentro das sessões, além de

aforismos que condensam com rara precisão muito do que ocorre no dia a dia da clínica. Nesse capítulo privilegiaremos alguns recortes desses temas, caracteristicamente pertencentes ao universo lacaniano, mas evidenciado a partir de recortes de narrativas de pacientes, de supervisionandos ou mesmo de pares de Lacan, visto que esses personagens, por terem vivido e com ele convivido nessa época, acabam fornecendo elementos que não estão presentes nos textos mais acadêmicos, permitindo-nos aprofundar a investigação de algumas hipóteses e pontos de interesses ligados à questão das dificuldades, em especial após Lacan e sua influência no cenário psicanalítico mundial.

Além desses aspectos, consideramos também que podemos encontrar no percurso de Jacques Lacan certa similitude com Sándor Ferenczi, uma vez que ambos, em períodos distintos, cada qual a seu modo e estilo, foram fiéis à invenção de Freud. Teorizaram e praticaram a Psicanálise, pondo em xeque as hipóteses aventadas por Freud, inovaram sem subserviência, expandindo as descobertas e, dessa forma, fizeram contribuições significativas no sentido de proporcionar avanços ao legado freudiano. Parece-nos compreensível, então, limitar nossa escolha a esses autores, nessa sequência, e com os recortes que antecipamos.

Na *segunda* etapa, destinada ao tratamento possível das dificuldades elencadas e esmiuçadas nos capítulos anteriores, focamos as proposições, críticas, e outras contribuições efetuadas por autores do campo psicanalítico, incluindo um texto de cada um dos três autores anteriormente citados, visto que também abordaram essa temática e que trazem algumas formas de soluções para as dificuldades que elencamos: *Análise terminável e interminável*, de Sigmund Freud (1938); *O problema do fim da análise*, de Sándor Ferenczi (1927), e *Proposição de 9 de Outubro de 1967 sobre o psicanalista da escola*, de Jacques Lacan (1958), que versam, em essência, sobre a análise pessoal do psicanalista e, em especial, sobre os laços estabelecidos com outros psicanalistas.

Para além desses três autores, notamos também que outras leituras de pesquisadores do campo demonstram que, de maneira geral, as saídas propostas passam por vias ligadas às mudanças necessárias do psicanalista frente à sua prática. Mudanças de posicionamento frente a alguns aspectos, dentre eles o próprio já clássico tripé composto pela análise pessoal, a supervisão e o contato regular com os pares. Encontramos também determinados autores que falam de uma dimensão que poderíamos considerar para *além* de uma possível intensificação do envolvimento na formação, que demanda uma mudança de *posição subjetiva* do analista, não apenas no que tange à formação psicanalítica propriamente dita, mas principalmente à

importância de um aprimoramento contínuo de sua formação mais ampla, cultural, intelectual e relacional. Temas como a escrita, a leitura, a transmissão, a formação cultural, o posicionamento frente às questões sociais, a relação com a teoria e com outros campos do saber passam então a ocupar um lugar que problematizaremos a partir de nossa experiência pessoal, momento no qual, de maneira pendular, nos será possível voltar ao início, já com outro olhar para as questões que nos interrogaram no começo deste trajeto a ponto de formalizarmos a presente tese. Esperamos então que o percurso metodológico que aqui desenhemos possa nos ajudar a responder à questão central, ajudando-nos a estruturar este trabalho no estilo e nas projeções efetuadas.

2 FREUD PSICANALISTA: TESTEMUNHO E ADMOESTAÇÕES

Entretanto, esse bom tempo não pode durar para sempre. Um dia, nuvens aparecem. Surgem dificuldades no tratamento; o paciente declara que nada mais lhe acode à mente. Dá a mais nítida impressão de não estar mais interessado no trabalho, de estar, despreocupadamente, não atribuindo mais importância às instruções que lhe foram dadas, no sentido de dizer tudo o que lhe vem à cabeça e de não permitir que obstáculos críticos impeçam de fazê-lo. Comporta-se como se estivesse fora do tratamento e como se não tivesse feito esse acordo com o médico. Está visivelmente ocupado com algo, mas pretende mantê-lo consigo próprio. Esta é uma situação perigosa para o tratamento. Inequivocamente, estamos nos defrontando com uma formidável resistência.

Sigmund Freud

Este capítulo tem um objetivo central: investigar nos textos freudianos menções ao nosso objeto de estudo, as possíveis dificuldades enfrentadas pelo psicanalista no desempenho de sua profissão, tida como impossível pelo próprio Freud. Conseguimos recortar e extrair trechos que apontam variados ângulos de entrada para a investigação, mas demos preferências às questões advindas do manejo com a transferência e também com as exigências que se impõem ao analista, tanto aquelas relativas à formação específica, ou à Cultura, como as suas próprias exigências – particularidade que nos interessa em especial, visto que pode apontar para os ideais que podem atravessar o psicanalisar, faceta superegoica que nos remete ao que estamos chamando de narcisismo profissional.

Partimos do fato de que Freud, ao longo de sua obra, endereçou-se várias vezes diretamente aos psicanalistas, como facilmente reconhecemos nos clássicos *Artigos sobre a técnica*, publicados por volta de 1910. Textos⁶⁴ que visavam estabelecer alguns princípios

⁶⁴ A esse respeito, sugerimos a leitura de *As incidências éticas subentendidas/entrelidas nos 'artigos técnicos' de Sigmund Freud*, de Castro e Oliveira (2008), trabalho disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922008000200018&lng=en&nrm=iso&tlng=pt> Acesso em 26 de março de 2011.

básicos do tratamento psicanalítico, lançando luzes a certos procedimentos e situações clínicas até então pouco exploradas em seus trabalhos anteriores.

Sabedor de que a prática psicanalítica começava a se tornar progressivamente cada vez popular e, com isso, aumentando também o número de praticantes, Freud passa a temer uma simplificação⁶⁵ de sua criação, decidindo então formalizar certos aspectos do fazer psicanalítico.

Quando falava em público, nas já famosas conferências, Freud também tentava deixar claros alguns postulados básicos de sua criação, muitas vezes visando qualificar o corpo teórico da Psicanálise, granjeando respeito por essa proposta de um tratamento inovador, ainda pouco compreendido ou mesmo respeitado pelo *establishment* científico da época. Além disso, em certos textos mais coadjuvantes, nem sempre tão citados com a mesma frequência, Freud acabava por também tocar em assuntos ligados às especificidades do ato de psicanalisar, ao psicanalista na relação com os pares e com os pacientes, como também na relação com a Cultura, como mostram seus chamados textos sociais. (Cf. MENDES, 2006)

Um olhar panorâmico, contudo, também nos permite notar certa intenção naquilo que Freud propunha aos praticantes de sua invenção. Algo que consideramos bastante próximo de uma *admoestação*, o que confere um tom relativamente distinto de um termo que utilizou: as *recomendações* àqueles que exercem a Psicanálise. Afinal, quando falamos de uma recomendação⁶⁶, supõe-se que o receptor pode ou não fazer uso delas, deixando ao encargo de

⁶⁵ O que inclui também certos episódios de charlatanismo, característicos dessa época e que, de quando em quando, ainda ressurgem. Um exemplo bem atual foi a tentativa de apropriação do referencial e da prática psicanalítica, por parte dos pastores de determinada igreja evangélica, capitaneados pelo então deputado e pastor Éber Silva, autor de um projeto de lei que propunha uma regulamentação da profissão, através de formações específicas que passariam então a ser oficializadas por instituições totalmente desconectadas das tradições de diversas instituições psicanalíticas como, por exemplo, a *Sociedade Psicanalítica Ortodoxa Brasileira*, criada por esses mesmos pastores. (Cf. Oliveira, 2002) Devido a isso, esse evento acabou potencializando a mobilização de várias entidades de psicanálise pelo país afora, de variadas linhas e abordagens teóricas do campo psicanalítico, numa inusitada união. Totalizou-se então mais de sessenta e oito instituições participantes de um movimento que, redundando em intensa mobilização junto à mídia, ao Congresso Nacional e à Sociedade Civil, ajudou a derrubar o referido projeto, como mostra o manifesto conjunto dessas entidades, disponível em: <http://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanálise/textos_discussao_psicanálise/manifesto_de_entidades.htm> Acesso em 22 de fevereiro de 2009. Para maior compreensão desse marcante episódio, sugerimos a leitura de *Ofício do psicanalista: formação versus regulamentação*, coletânea de textos organizada por Alberti *et al.* (2009) e, para uma investigação ainda mais detida dos documentos relativos ao tema, uma consulta ao site do Movimento Mineiro de Psicanálise, em especial o trabalho até então inédito de Rodrigo Barbosa, disponível em <<http://mmpsicanálise.org/textos/rodrigo-barbosa.pdf>> Acesso em 02 de fevereiro de 2009.

⁶⁶ Ainda que Freud (1913, p. 164, grifo nosso) deixasse bem claro um aspecto: “Penso estar sendo prudente, contudo, em chamar estas regras de ‘recomendações’ e não reivindicar qualquer aceitação incondicional para elas. A extraordinária diversidade das constelações psíquicas envolvidas, a plasticidade de todos os processos mentais e a riqueza dos fatores determinantes opõem-se a qualquer mecanização da técnica; e ocasionam que um curso de ação que, via de regra, é justificado possa, às vezes, mostrar-se ineficaz, enquanto outro que habitualmente é errôneo possa, de vez em quando, conduzir ao fim desejado. Estas circunstâncias, contudo, não nos impedem de estabelecer para o médico um procedimento que, *em média*, é eficaz”.

seu bom senso o encaminhamento na tarefa que se avizinha. Mas, quando se trata de uma admoestação, tendo em vista o quilate simbólico de um emissor como Sigmund Freud, as coisas mudam um pouco de figura, passando a ter outro peso.

Corroborando nossa asserção, Figueira (1996, p. 63, grifos do autor) defende uma posição interessante nessa sutil *intensificação das admoestações* de Freud aos praticantes da análise, a partir do momento em que a Psicanálise começa a se espalhar⁶⁷ e a dificultar o conhecimento⁶⁸ de todos os novos praticantes. Diante disso, ressalta:

Em tal contexto, é possível dizer que o pior inimigo potencial da psicanálise é *aquela que a aplica*, seja porque ele ignora a técnica, ou porque sua personalidade afeta profundamente a sua aplicação. Freud, que desejava o reconhecimento científico de suas descobertas, e que planejava ter a psicanálise internacionalmente estabelecida como uma instituição, tinha que agir para tentar controlar esta fonte de problema. E, na verdade, pode-se facilmente verificar nestes textos a principal preocupação de Freud é o analista – o que é mesmo que dizer que, para ele, o perigo está muito próximo de casa: na organização psíquica do psicanalista. Considerando que esta situação era realmente assim, o melhor modo de lidar com ela era, naturalmente, *o controle das interferências indesejáveis por parte da mente do analista*. Com os ‘Trabalhos técnicos’, o que Freud conseguiu fazer foi embutir no discurso psicanalítico um controle do *analista real*, através da colocação de todo o peso de sua autoridade nas recomendações de que a análise deveria ser conduzida de acordo com certas regras técnicas.

A autoridade de Freud, se tomada como um elemento de análise – em especial se levarmos em conta traços característicos de sua maneira de agir, conduzir as coisas e estabelecer laços –, não pode ser simplesmente subestimada. Para examiná-la, voltemos o olhar para a situação analítica por ele inaugurada, junto aos doentes dos nervos que o procuravam (Cf. PERON, 2004), alguns deles tomados até hoje como casos paradigmáticos; aliás, caberia estranhar um pouco as razões dessa perenidade, problematizando-a talvez como um indicativo de algo ainda relativamente pouco explorado.

Freud certa vez se queixou de que seus casos clínicos eram lidos como romances, ainda que os consideremos verdadeiros testemunhos. Esse fenômeno não se explica apenas pelo inquestionável talento literário que acompanha a estilística na escrita de Freud, mas

⁶⁷ Portanto, escapando ao seu controle pessoal, que ainda era possível nos limites de Viena e lugares próximos com seus correligionários, como Budapeste com Ferenczi e Zurique com Jung. Ressalte-se que nesse momento surge a Associação Psicanalítica Internacional, justamente com a finalidade política de controle da situação.

⁶⁸ E o mais curioso é que essa palavra surge justamente quando o assunto é *encaminhamento*, pois psicanalistas afirmam reiteradamente que só encaminham um interessado em análise para algum colega que conheçam. *De que conhecimento se trata?* E, mais ainda, como pensar então o *reconhecimento* pelos pares, questão que já evidenciamos no percurso metodológico?

também pelo que portam de espetacular suas narrativas, em um momento histórico no qual suas hipóteses ainda aturdiavam significativamente. Romances, como se sabe, demandam personagens interessantes para sua consecução e, especialmente, para sua repercussão. Nesse quesito, Freud operava com maestria⁶⁹, pois conseguia fazer surgir nas mulheres então diagnosticadas como doentes dos nervos, a despeito das rígidas demandas do discurso da ciência, personagens histéricas ensandecidas, insatisfeitas com o amor – sempre insuficiente – recebido do outro, reivindicativas e, principalmente, falantes. Esses *pacientes-personagens* imaginam, fantasiam, produzem enigmas em seus corpos e, principalmente, ajudam Freud a aprimorar sua cura pela fala, a limpar as chaminés, como se nota em um de seus casos mais clássicos, *Anna O.*, que hoje sabemos ser um codinome para Berta Pappenheim, inicialmente paciente de Breuer, outrora parceiro de Freud. O mesmo valeria analogamente para os neuróticos obsessivos como, por exemplo, o *Homem dos Ratos*, alcunha dada por Freud a Ernest Lanzer.

Anna O. e o *Homem dos Ratos*, postos em cena pela pena de Freud, acabam por se tornar casos clínicos que podemos qualificar de *prototípicos* na história da Psicanálise, e mesmo romances *fundadores* de uma *mítica* relação entre um paciente e seu analista. Lanzer e Pappenheim, cada qual ao seu modo, forneceram a Freud elementos que o ajudaram a alicerçar as bases do tratamento analítico, encarnando um dos personagens centrais: o paciente, que aceitou fazer sua parte de um tipo de tratamento que – devemos convir – não se coaduna facilmente com outros modelos de tratamento como, por exemplo, o da Medicina, que se “esteia num objetivo terapêutico preestabelecido, calcado nos ideais de saúde e de normalidade, visando a eliminação dos sintomas [...]” (JORGE e FERREIRA, 2002, p. 21).

De fato, em uma análise ocorre exatamente o *contrário*, o que Lorenzer (1987, p. 114) chama de uma “reversão radical da interação médico-paciente”, principalmente na “situação diagnóstico-terapêutica”, pois enquanto o saber que atravessa o diagnóstico surge dos ditos e do particular de um sintoma, a terapêutica não se dá somente pela supressão desse sintoma, mas pelas mudanças subjetivas que impelem o paciente a um novo posicionamento, frente até mesmo à sua própria queixa inicial. Esse aspecto, por si só, já demanda do paciente certa abertura para a constituição de uma relação diferente daquelas até então possivelmente vividas em suas experiências anteriores, junto a outros médicos.

⁶⁹ Como atesta *Freud como escritor*, trabalho de Patrick Mahony (1992).

Na relação com o paciente, “Freud não coloca o crédito de seu dispositivo na *pessoa* do analisante, mas na sua *palavra*”⁷⁰, desde que esta seja dita segundo o modo ditado pela regra. É nisto que reside o rigor de seu método” (Elia, 2004, p. 20, grifo do autor) que, de certo modo, depende crucialmente da regra fundamental endereçada ao paciente, ainda nos primeiros contatos. O postulado da associação livre se baseia na aceitação de dizer tudo o que passa pela cabeça, tendo como contrapartida a escuta advinda da atenção flutuante sustentada pelo psicanalista – personagem usualmente bastante preocupado, tomado pela tarefa de zelar pela viabilidade da empreitada, enquanto o paciente, ao menos conscientemente, é também parceiro nessa seriedade. Em termos inconscientes, porém, as coisas não funcionam bem assim, podendo gerar a força motriz de uma provável dificuldade estrutural do tratamento: o que o paciente quer e espera *nem sempre coincide* com o que o analista quer e espera, ainda que secretamente, do tratamento.

De modo geral, tanto a análise, que pode começar a partir de uma entrevista preliminar, quanto o analista que a conduz representam para o paciente, em última instância, o *novo*, algo de que se espera até mesmo uma resistência, uma vez que destoa do conhecido, do rotineiro, do familiar e, principalmente, do que é aparentemente seguro.

É justamente no encontro entre esses os dois personagens, e a partir do que pode claudicar, emperrar ou embaraçar a fluidez do processo, que podemos estabelecer um recorte providencial para nosso intuito, destacando uma declaração de Freud (1912, p. 143, grifo nosso) acerca do tema de nosso interesse e, especialmente, de uma forma bastante precisa:

Não se discute que controlar os fenômenos da transferência representa para o psicanalista *as maiores dificuldades*; mas não se deve esquecer que são precisamente eles que nos prestam o inestimável serviço de tornar imediatos e manifestos os impulsos eróticos ocultos e esquecidos do paciente.

Frente a esse alerta de Freud – para que o psicanalista se atenha às vicissitudes da trama transferencial, das múltiplas variações e surpresas que surgem durante cada sessão –, temos a intenção de agora avançar em nosso percurso, estabelecendo dois tópicos para investigação: o primeiro aborda dificuldades presentes na dinâmica característica da relação transferencial e no manejo de suas múltiplas manifestações por parte do psicanalista (a partir do que Freud dizia); o tópico subsequente examina, por outro ângulo, as exigências que se

⁷⁰ O que, para Alfredo Jerusalinsky (1998, p. 37), acaba desvelando “um ponto crucial na responsabilidade de um psicanalista: fazer notar o quanto a palavra tem valor de ato, ou seja, colocar em relevo os efeitos de sofrimento que tem para o sujeito qualquer forma de sua restrição”.

impõem ao psicanalista, tanto aquelas relativas ao método e à sua aplicação, como às possíveis exigências que este potencialmente se auto-impinge.

2.1 O manejo da transferência

Na relação entre paciente e analista, um fator pode ser considerado um dos pilares centrais de tratamento psicanalítico, manifestando-se sob diversas facetas, intensidades e arranjos, desde a própria indicação do nome do psicanalista, ou mesmo por uma procura espontânea do paciente. Freud relata que, após a leitura de seus textos, certas pessoas o buscavam tocadas pelo conteúdo e, de alguma forma, também pela significação que atribuíam às suas palavras.⁷¹ Esse fator é a transferência, fenômeno clínico regularmente investigado pelos pesquisadores do campo e que é considerado como condição básica para a assunção de uma análise. Nas palavras de Major (2003, p. 15, grifo do autor), é por meio da transferência que “alguém ocupa o lugar deixado vago em sua história, suspende e altera toda relação prévia do sujeito e expõe sua *excessividade* infinita”. Nesse ponto, Freud (1925[1924], p. 56, grifo nosso) é bastante claro:

[...] uma análise sem transferência é uma impossibilidade. Não se deve supor, todavia, que a transferência seja criada pela análise e não ocorra independente dela. A transferência é meramente descoberta e isolada pela análise. Ela é um fenômeno universal da mente humana, decide o êxito de toda influência médica, e de fato *domina o todo das relações de cada pessoa com seu ambiente humano*.

A transferência, portanto, além de sua universalidade tipicamente humana⁷², inerente às relações entre as pessoas, também define o início – ainda que num estágio bastante embrionário – de uma análise, ou ao menos de um possível encontro com um psicanalista. Em

⁷¹ Como, por exemplo, o caso do *Homem dos ratos*, no qual Freud (1909, p. 163) afirma que Ernest Lanzer o procura após folhear algumas páginas de *A psicopatologia da vida cotidiana*, texto de 1901, no qual acabou encontrando “a explicação de algumas curiosas associações verbais que lhe recordaram tanto alguns de seus próprios ‘esforços de pensamento’ em correlação com suas idéias, que decidira colocar-se aos meus cuidados”. A respeito desse caso específico, sugerimos o trabalho de Mahony (1991), intitulado justamente de *Freud e o Homem dos Ratos*.

⁷² Ainda que determinadas linhas teóricas presentes no campo das psicoterapias façam uso de verdadeiros malabarismos semânticos para descrevê-la com outras palavras. Destarte, o fenômeno é invariavelmente o mesmo e comprova uma das hipóteses centrais de Freud sobre o dínamo que move o tratamento pela palavra por ele inventado.

um primeiro momento, cabe dizer, esse encontro *depende fundamentalmente do futuro paciente*, que atribui certa dose de saber ao psicanalista por ele eleito, após algum tipo de contato prévio.⁷³ Cumpre deixar essa questão clara, porque ela denota que a transferência, em sua positividade, *parte do* paciente e, nesse primeiro momento, *independe* do analista – aspecto que o deixa alijado da possibilidade de se remeter à fonte segura de saberes prévios acerca desse particular.

É junto ao analista que, já após a entrevista que permeia esse primeiro encontro, a transferência pode se efetivar, adquirindo intensidades e modulações que, novamente, podem surpreendê-lo. Ressalte-se que nos casos em que isso não ocorre da maneira esperada, resta ao psicanalista suportar previsíveis dúvidas sobre o que poderia eventualmente ter ocorrido na sessão, que ficam sem respostas justamente pela ausência de elementos mais explicativos⁷⁴. Nesse ponto específico, Pommier (1998, p. 41) sinaliza que “o primeiro encontro com um psicanalista pode-se desenvolver sob o signo da simpatia ou antipatia”. Diríamos mais ainda: o psicanalista, na verdade, detém pouco domínio sobre a multiplicidade de fatores que atravessam a entrevista inicial, desde o telefonema⁷⁵ do interessado, o primeiro face-a-face ao abrir a porta do consultório e, principalmente, *após* fechar a mesma porta, que aponta para o que poderá se desenrolar na sessão subsequente, pois depende *desse* encontro o *retorno* do provável paciente para o restante do tratamento.

⁷³ Prévio, porque pode se dar por meio de narrativas de outros pacientes ou supervisionandos, pelos efeitos perceptíveis em suas vidas, pela palavra escrita ou falada desse analista ou mesmo em relações diretas ou indiretas que podem ocorrer em ambientes diversos como, por exemplo, no campo da educação ou do trabalho. Em resumo, o psicanalista efetivamente *não sabe* como e por que alguém chega até ele. Para Maurano (2003, p. 14), “o caminho que um sujeito trilha desde a constatação de seu mal-estar até chegar a um tratamento psicanalítico é, freqüentemente, bastante alongado. Muitas vezes ele só recorre à psicanálise depois de inúmeras tentativas fracassadas de suprimir seu mal-estar”.

⁷⁴ Ou, como certas expressões recorrentes comprovam, quando dizem que o psicanalista lida com o não-saber, com a castração, que tem de se haver com a incompletude e com o ilógico e irracional do inconsciente. Vale também acrescentar que, não raro, a supervisão é vista, especialmente pelos mais iniciantes, como um porto seguro no qual o supervisor, beirando o oráculo, indicaria, ao esperançoso supervisionando, os caminhos para entender onde errou e, principalmente, para que esse suposto erro não se repita.

⁷⁵ Aspecto pouco estudado no campo psicanalítico, até mesmo porque na época de Freud a telefonia ainda não era acessível e popular como nos dias de hoje, o que torna compreensível a raridade desse elemento nas teorizações de Freud e dos autores da época. Ao pesquisar o cotidiano da vida de Freud, Flem (1986, p. 183) reforça nossa hipótese, ressaltando que, “entretanto, como alguns médicos vienenses, Freud já tinha um telefone nos anos 90. O aparelho estava fixado numa boa altura na parede do *hall* de entrada do apartamento da família. Seu filho Martin lembra-se que as crianças sentiam uma mistura de medo e curiosidade diante daquele objeto ruidoso. ‘Passou mesmo um certo tempo para que ousássemos nos servir dele. De qualquer maneira, não tínhamos a quem telefonar: nenhum de nossos amigos tinha telefone.’ Freud detestava aquele aparelho e só atendia se não houvesse ninguém em casa. Ele estava tão habituado a olhar intensamente seus interlocutores que ficava incomodado por não ter ninguém à sua frente, a não ser um microfone sem vida”. Já Lacan, por exemplo, é várias vezes citado como um psicanalista que produzia intervenções interessantes, não só nos telefonemas iniciais, mas também durante o tratamento, quer seja ligando para o paciente ou recebendo ligações. Uma boa sugestão de leitura a respeito desse assunto é *Alô, Lacan? É claro que não*, de Jean Allouch (1999). Do nosso ponto de vista, o telefonema, e tudo o que recobre esse ato, pode ser considerado parte integrante de uma função diagnóstica, lembrando que a voz – e consequentemente o ouvir – bem como o primeiro olhar trocado entre ambos na sala de espera revelam bastante do potencial paciente. Subdimensionar esses aspectos podem nos levar a esquecer a importância da dinâmica pulsional que recobre ambos, tanto o olhar quanto a voz.

Freud (1914, p. 201) cita um exemplo de sua prática que ilustra quão corriqueiros podem ser esses eventos nos momentos ainda preambulares do tratamento: relata que uma senhora o havia procurado após uma “fuga” de casa, deixando um marido perdido, sem saber onde procurá-la. E acaba repetindo a “fuga” com Freud, não mais retornando, fazendo com que ele percebesse que fora “abandonado também, antes que tivesse tempo de dizer-lhe algo que pudesse ter impedido esta repetição”. Deixou o marido perdido e, provavelmente, o analista também, ainda que Freud não tenha exposto os efeitos desse abandono nem o que se desenrolou após o episódio, ou a forma como pôde, à sua moda, fazer reverberar tal episódio.

Não é difícil deduzir por que então, em um de seus textos mais clássicos sobre esse tema, chamado *A dinâmica da transferência*, Freud (1912, p. 135, grifo do autor) acaba chegando a uma conclusão curiosa: esse fenômeno clínico, mesmo sendo vital para um desenrolar do processo, também pode agir no *sentido contrário*:

[...] permanece sendo um enigma a razão por que, na análise, a transferência surge como *a resistência mais poderosa* ao tratamento⁷⁶, enquanto que, fora dela, deve ser encarada como veículo de cura e condição de sucesso. [...] À primeira vista, parece ser uma imensa desvantagem, para a Psicanálise como método, que aquilo que alhures constitui o fator mais forte no sentido do sucesso nela se transforme no mais poderoso meio de resistência.

Resistência nem tão incomum de se verificar no cotidiano da clínica, pois a transferência pode portar em seu espectro certas dualidades, ambiguidades ou mesmo reversões absolutamente inesperadas para o psicanalista, enfim, derivações do enigmático lugar reservado a ele durante o decorrer da relação que se desenrola com o paciente. Freud (1912, p. 140), nesse ponto, tece considerações interessantes:

Temos de nos resolver a distinguir uma transferência ‘positiva’ de uma ‘negativa’, a transferência de sentimentos afetuosos da dos hostis, e tratar separadamente os dois tipos de transferência para o médico. A transferência positiva é ainda divisível em transferência de sentimentos amistosos ou afetuosos, que são admissíveis à consciência, e transferência de prolongamento desses sentimentos no inconsciente. Com referência aos últimos, a análise demonstra que invariavelmente remontam a fontes eróticas. [...] Originalmente, conhecemos apenas objetos sexuais, e a psicanálise demonstra-nos que pessoas que em nossa vida real são simplesmente admiradas ou respeitadas podem ainda ser objetos sexuais para nosso inconsciente.

⁷⁶ Convenhamos que esse método inventado por Freud, aos olhos de alguém de fora do campo psicanalítico, provavelmente seria considerado bastante peculiar, senão estranho, visto que uma vantagem *necessária* ao bom andamento do tratamento acaba por se tornar, em diferentes graus, dependendo de cada paciente, também um elemento que o obstaculiza.

Ou seja, a transferência pode se apresentar de duas maneiras. Uma – quase *ideal* – seria assentar-se num vértice de amor transferencial não intenso que o paciente se submeteria “amigavelmente” a uma das regras fundamentais: dizendo sem exceção o que lhe viesse à cabeça, poderia, em tese, associar livremente pontos que dariam acesso aos conteúdos inconscientes. Dessa forma, estaria colaborando para a fruição do processo analítico e, de certa forma, facilitando o trabalho do analista, que poderia investir energia em sua parte da tarefa: manter a atenção flutuante a serviço da escuta desses conteúdos.

Por outro lado, contudo, como nos mostra a experiência clínica, há *mais uma* maneira possível de perceber a transferência: pela *antítese* dessa maneira quase *ideal*, que também pode surgir por meio de um clima de animosidade, no qual o paciente silencia, “sofrendo uma espécie de bloqueio; esquece o que ia dizer e, mesmo se esforçando, não consegue se lembrar” (Jorge e Ferreira, 2002, p. 39), passando a refutar pontuações do analista, negando-se a ousar na tentativa de associar determinados pontos, medindo excessivamente as palavras, além de outras mostras de insuspeita oposição. Nesse quadro, incluem-se também os episódios de erotização da transferência, presentes em alguns casos, fagocitando por completo o interesse do paciente, afastando-o da associação livre, canalizando sua atenção – e intenção – para o corpo do psicanalista, deixando-o com a difícil e solitária tarefa de lidar com todas as possíveis dificuldades advindas desse desvio pulsional, num caminho que muitas vezes parece não ter volta.

Freud (1912, p. 135) reitera que se, em determinado momento, cessam as associações de algum paciente, “a interrupção pode invariavelmente ser removida pela garantia que de ele está sendo dominado, momentaneamente, por uma associação relacionada com o próprio médico ou com algo a este vinculado”. Esse silêncio, logo – esse *não dizer* – não significa necessariamente que o paciente não esteja pensando ou sentindo, apenas não está comunicando ou deixando transparecer determinados elementos que atravessam seus pensamentos, por *não poder*, por *não querer* ou mesmo por *achar que não deve*, ainda que absolutamente cômico de sua parte no tratamento, acordada que foi durante as entrevistas preliminares.

Essa dualidade⁷⁷ característica do movimento transferencial – que pode ocorrer tanto no limite de uma única sessão, ou mesmo durante um período mais longo de um tratamento – é esperada e, levando-se em conta a plasticidade peculiar desse fenômeno clínico, o próprio

⁷⁷ Ou mesmo ambivalência, típica nos casos de neurose obsessiva.

Freud (1925[1924], p. 54) alerta que devemos sempre “ter em mente que a associação livre não é realmente livre”. Mesmo que o psicanalista declare cuidadosamente quão fundamental é essa regra para o tratamento, deixando clara a importância de dizer tudo o que passar pela cabeça, em especial o que supostamente não deveria ser dito, por quaisquer razões que o paciente possa validar. Em suma, associa-se *em deferência* a um personagem que, *enquanto* é alvo de um investimento libidinal e ocupa uma posição especial, detém certo poder e, precisamente por isso, *e a partir disso*, o analista pode operar, mantendo-se em uma posição de aposta ou, ainda, de franca expectativa.

Afinal, desde o começo do tratamento, o psicanalista concentra seus esforços no sentido de manejar ética e cuidadosamente a transferência para que o paciente possa compreender que esse cenário – por ele mesmo montado, e incluindo o próprio analista – não passa de uma fantasia, que supostamente deveria ser atravessada sem grandes pruridos durante o desenrolar do tratamento. Porém, não depende apenas da boa intenção do psicanalista, nem mesmo do esmero que julga empregar ao acolher os interessados que o procuram, bem como também do tratamento minucioso que dá à condução das entrevistas iniciais.

As várias advertências de Freud nesse campo parecem servir mais como uma *preparação de espírito*, para que os analistas não se chocassem com a dramaticidade do que pode surgir, em diversos graus, no enlace transferencial. Dito de outro modo, Freud dá mostras de que a neutralidade ou mesmo a manutenção de uma atenção uniformemente suspensa estão longe de qualquer ideal, como se o psicanalista pudesse, em tese, estar acima de quaisquer interferências vindas do paciente, da relação ou, ainda, de si mesmo.

Comprovando esse elemento no cotidiano de sua prática clínica e, por conseguinte, solidário aos analistas, Freud (1940[1938], p. 204, grifo nosso) alerta para a dimensão da fantasia que, além de atravessar radicalmente a dinâmica transferencial, favorece uma fixação do paciente em aspectos que se afastam da realidade:

É tarefa do analista tirar constantemente o paciente da ilusão que o ameaça e mostrar-lhe sempre que o que ele toma por uma vida nova e real é um reflexo do passado. E para que não caia num estado em que fique inacessível a qualquer prova, o analista toma o cuidado de que nem o amor nem a hostilidade atinjam um grau extremo. [...] *Um manejo cuidadoso da transferência, de acordo com essa orientação, é, via de regra, extremamente compensador.*

Não é sem razão que Freud recorre a uma metáfora que parece excessiva, advertindo que quando conjuramos os demônios, com eles devemos tratar, ou seja, se o psicanalista se oferece como alvo para um empuxo libidinal que está à deriva – daí o facilitador da transferência –, tem que necessariamente estar preparado para tudo o que possa advir disso, como foi demonstrado nos parágrafos anteriores.

Responder a Freud, concordando que o manejo da transferência é obviamente compensador e necessário, remete-nos ao que Figueira (1996, p. 62) adverte, acerca do “superego técnico psicanalítico” que pode estar presente na tentativa de manter-se fiel ao fundador da Psicanálise. Essa fidelidade implica não apenas tentar *fazer como Freud* aparentemente *diz*, nas linhas e entrelinhas, mas também, por mais paradoxal que possa parecer, incorrer no perigoso risco de *fazer como Freud faria*, da mesma maneira que ele. Se estamos falando de narcisismo profissional, esse *fazer como* redundaria numa tentativa de gratificá-lo por meio de uma identificação insustentável, visto que ele passará a ocupar, a partir de então, como criador, o lugar de *Ideal de Ego* ou, como nos convém aqui, um superego técnico que vigiaria, nesse caso, o manejo da transferência por parte de *qualquer* analista após Freud.

A dificuldade do manejo transferencial poderia residir, sobretudo, na distância entre *o que de fato ocorre* no consultório, e *o que preconiza* Freud. De acordo com Figueira (1996), ainda que de quando em quando dê sinais de que se deve respeitar a individualidade de cada analista, e de que não poderia ser tomado como modelo de praticante, mesmo assim, Freud acaba discursivamente apresentando-se de modo sutilmente autoritário, como se dissesse que cada analista poderia fazer ao seu modo, mas teria um ganho partindo de suas descobertas, o que nos leva a um embaraço:

A contradição é bastante clara: de um lado, as regras técnicas suprapessoais, que resultam da experiência acumulada de ninguém menos que o próprio Freud, são oferecidas *ex cathedra* para analistas inexperientes porque assim eles podem economizar tempo e sofrimento (neste sentido, todos os analistas devem ser seguidores de Freud). Por outro lado, Freud tem que admitir que estas mesmas regras tem alguma relação com sua própria individualidade, e que, portanto, *pessoas diferentes podem gerar diferentes psicanálises* (neste sentido, todos os analistas são potencialmente pares de Freud). (p. 64, grifo do autor)

Ora, restaria então uma pergunta: de que maneira fazer *como* Freud e manter, ao mesmo tempo, *particularidade e estilo próprio*? Como fazer, especialmente nos casos de manifestações mais características de uma transferência negativa ou mesmo erotizada, se os

relatos de Freud não trazem soluções explicativas ou tranquilizadoras? Prontamente avisados disso, poderíamos ainda nos perguntar: isso se aplicaria também aos casos de transferência manifestamente positiva, nos quais o amor transferencial parece imperar e, ao que tudo indica, as condições se prenunciam mais favoráveis?

Ler sobre a transferência, teorizá-la, ou mesmo discuti-la em pequenos grupos à base de instigantes exemplos é uma coisa. *Experimentá-la e manejá-la* é outra coisa, bem distinta. Basta tomar como exemplo os relatos de Freud (1925[1924], p. 40, grifo nosso) com pacientes histéricas que por ele se diziam apaixonadas, permanecendo ou abandonando o tratamento. Confirmemos então a veracidade dessa asserção:

E certo dia tive a experiência que me indicou, sob a luz mais crua, o que eu há muito tinha suspeitado. Essa experiência ocorreu com uma de minhas pacientes mais dóceis, com a qual o hipnotismo me permitira obter os resultados mais maravilhosos e com quem estava comprometido a minorar os sofrimentos, fazendo remontar seus ataques de dor a suas origens. Certa ocasião, ao despertar, lançou os braços em torno do meu pescoço. A entrada inesperada de um empregado nos livrou de uma discussão penosa, mas a partir daquela ocasião houve um entendimento tácito de que o tratamento hipnótico devia ser interrompido. *Fui bastante modesto em não atribuir o fato aos meus próprios atrativos pessoais irresistíveis, e senti que então havia apreendido a natureza do misterioso elemento que se achava em ação por trás do hipnotismo.*

Os atrativos pessoais a que Freud se refere, numa mistura de ironia e bom senso, especialmente quando tomados sob a ilusão da transferência, não são apenas distorcidos, mas principalmente *valorizados* pelo paciente, sendo por demais localizados na pessoa ou mesmo no corpo do analista, o que destoa da proposta original que reivindica um tratamento centrado na *palavra*.

Além disso, o trato inicial novamente não é cumprido, não apenas porque o paciente prefere focar a libido em outros pontos, mas também convida – e em alguns casos convoca – o analista a sair de sua posição. Este, por sua vez, pode se sentir tentado a corresponder aos encantos emitidos pelo paciente, que o lisonjeia e toca diretamente em sua vaidade⁷⁸ – aspectos subjetivos que, espera-se, já tenham sido parcial ou totalmente tratados em sua análise pessoal. Mesmo assim, lidar com o amor transferencial, além de toda a densidade dos afetos que o envolvem, não é apenas vital e imperioso, mas também quase sempre *inquietante* para o psicanalista, pois, além de inexistir um manual que ensine uma suposta técnica

⁷⁸ Nesse quesito, atribui-se a Freud um alerta interessante, que mostra que podemos nos defender de um ataque, mas somos indefesos quando o que nos *atinge* é um elogio.

definitiva e desenvolvida *a priori* para esses momentos, sua experiência pregressa no campo do amor igualmente pouco o ajuda.

O cenário que surge, ou o *playground transferencial*, como Freud (1914) insinua, torna-se então um terreno minado, no qual o psicanalista deve ter coragem para aceitar a parte que lhe cabe na fantasia enredada pelo paciente, bem como habilidade e lucidez para sair dela de quando em quando e poder atuar estrategicamente no caso. Freud (1915[1914], p. 221, grifo nosso), nesse tópico específico, traça uma interessante analogia:

O psicanalista sabe que está trabalhando com *forças altamente explosivas* e que precisa avançar com tanto cautela e escrúpulo quanto um químico. Mas quando foram os químicos proibidos, devido ao perigo, de manejar substâncias explosivas, que são indispensáveis, por causa de seus efeitos?

Manejar a transferência, driblando os explosivos exageros do amor ou da hostilidade que surgem travestidos de resistências, não requer do analista apenas alguma dose de perspicácia, mas também um *desdobrar-se* quase permanente para dar conta dessa dimensão repleta de imprevisibilidades. E dizemos desdobrar porque o analista não detém a vantagem do paciente, que pode não só despejar todas as facetas de seus modos de transferência na relação com o analista, como também conta com ele para poder ter acesso a essa manifestação de seu inconsciente, que deve se tornar consciente pondo em marcha alguma esperada dose de elaboração. Já o analista não conta com ninguém naquele momento, nem concreta e fisicamente, tampouco com uma teoria asseguradora, afora talvez com uma preocupante exceção do já citado superego técnico analítico que, ao que parece, pouco ajuda o praticante.

Novamente Freud (1940[1938], p. 201, grifo do autor) nos ajuda a compreender um pouco mais desse cenário:

Com os neuróticos, então, fazemos nosso pacto: sinceridade completa de um lado e discrição absoluta do outro. Isso soa como se estivéssemos apenas visando ao posto de um padre confessor. Mas há uma grande diferença, porque o que desejamos ouvir de nosso paciente não é apenas o que ele sabe e esconde de outras pessoas; ele deve dizer-nos também o que *não* sabe.⁷⁹ [...] Acontece um certo número de outras coisas, algumas das quais poderíamos ter previsto, mas também outras que estão destinadas a surpreender-nos. A mais notável é a seguinte: o paciente não fica satisfeito de encarar o analista, à luz da realidade, como um auxiliar e conselheiro que, além do mais, é remunerado pelo trabalho que executa e que se contentaria com um papel semelhante ao de guia numa difícil escalada de montanha.

⁷⁹ O que se configura uma desagradável tarefa para o paciente: destinar um *quantum* de esforço para dizer o que sabe e provavelmente *esconde* e, principalmente, para dizer o que *não* sabe ou, como lembraria com propriedade Freud (1916[1915-16], p. 126, grifo nosso), dizer aquilo que “não sabe que sabe e, por esse motivo, *pensa* que não sabe”.

Diríamos mais: o paciente *não sabe* e, em muitos casos, *não quer* saber, visto que, diferentemente de um padre confessor – que espera apenas arrependimento a partir de uma suposta completude da confissão –, o analista *incide* justamente nesses pontos da divisão, evidenciando em momentos específicos pontos que levam à dimensão do não-dito, na qual o arrependimento seria de pouca valia.

Mais uma vez entra em cena considerável dose de esforço e habilidade⁸⁰ necessária ao analista que, com base em seus cálculos particulares, precisa cuidadosamente *cadenciar*⁸¹ o processo, pois também está em jogo uma contabilidade do paciente. É porque leva em conta a cadência do paciente que Freud (1913, p. 186) adverte os psicanalistas da necessidade de se manterem alertas, especialmente nesse ponto que consideramos desgastante, pois é esperado que o neurótico alimente a suposição de que a análise implica sempre um ganho, deixando intactas coisas que, no fundo, muito provavelmente *não quer* alterar:

É tempo, agora, que empreendamos um levantamento do jogo de forças colocado em ação pelo tratamento. A força motivadora primária na terapia é o sofrimento do paciente e o desejo de ser curado que deste se origina. A intensidade desta força motivadora é diminuída por diversos fatores – que não são descobertos até que a análise se acha em andamento – sobretudo pelo que chamamos de ‘lucro secundário da doença’, e mas ela deve ser mantida até o fim do tratamento. Cada melhora efetua uma sua diminuição. Sozinha, porém, esta força motivadora não é suficiente para livrar-se da doença. Duas coisas lhe faltam para isto: não sabe que caminhos seguir para chegar a esse fim e não possui a necessária cota de energia para se opor às resistências. O tratamento analítico ajuda a remediar ambas as deficiências.

Afinal, esse lucro extraído do sintoma neurótico, classificado por Freud como um *ganho secundário*, mas nem sempre menos preponderante, é um poderoso impeditivo⁸² para uma mudança de estado geral do paciente (Cf. DUNKER, 2002). Temos então mais um significativo complicador, entrando em cena através da força intrínseca desse elemento que

⁸⁰ Freud (1933, p. 277) fornece um bom exemplo, extraído de uma lenda oriental: “O sultão ordenou que dois sábios lhe revelassem seu horóscopo. ‘Vossa sorte é propícia, senhor!’, disse um deles. ‘Está escrito nas estrelas que haveis de ver todos os vossos parentes morrerem antes de vós.’ Esse profeta foi executado. ‘Vossa sorte é propícia!’, disse também o outro, ‘pois li nas estrelas que haveis de sobreviver a todos os vossos parentes’. Este foi ricamente recompensado. Ambos tinham expressado a realização do mesmo desejo”.

⁸¹ A escolha dessa palavra não é gratuita, pois a experiência demonstra com surpreendente clareza que, se uma análise caminhar muito bem, com sucessões de descobertas, *insights* e revelações que eventualmente surpreendam por demais o paciente – mesmo com a ocorrência de verdadeiros efeitos terapêuticos, comum às entrevistas iniciais – pode também gerar um efeito curioso: o paciente interrompe a análise porque *está* funcionando! Muitas vezes progredir no tratamento implica abrir mão dos benefícios que extrai do sintoma e, portanto, o recuo torna-se até explicável.

⁸² E novamente nos defrontaríamos com um misto de espanto e confusão expressos pelo leigo que tenta compreender o processo analítico. Provavelmente estupefato, talvez se interrogasse sobre qual tipo de lucro um sintoma, muitas vezes claramente limitante para alguém, pudesse ser defendido, em alguns momentos com unhas e dentes, atravancando o tratamento?

resiste ao vital, embora vagaroso, processo de *elaboração*, devido ao rearranjo das catexias libidinais. Quase sempre muito fixadas em pontos de bastante cristalizados, essas catexias acabam inevitavelmente por tornar o tratamento longo, demandando *tempo*, tópico que também passa a ser incluído pelo neurótico em suas contabilizações de ganho e perda, e não torna menos fácil para o analista apresentar esse previsível ângulo do tratamento ao possível paciente, ou seja, a análise *não é fácil, custa e demora*.

A saída proposta por Freud (1913, p.171, grifo nosso), ao que parece, é comunicar essa dificuldade ao paciente com meticulosa sinceridade:

Para falar claramente, a psicanálise é sempre questão de longos períodos de tempo, de meio ano ou de anos inteiros – de períodos maiores do que o paciente espera. É nosso dever, portanto, dizer-lhe isso antes que ele se decida finalmente sobre o tratamento. Considero mais honroso, e também mais conveniente, chamar sua atenção – sem tentar assustá-lo, mas bem no começo – *para as dificuldades e sacrifícios que o tratamento analítico envolve*, e, desta maneira, privá-lo de qualquer direito de dizer mais tarde que foi enganado para um tratamento de cuja extensão e implicações não se deu conta. Um paciente que se deixa dissuadir por essa informação mostrar-se-ia, de qualquer modo, inadequado posteriormente. É bom o progresso do entendimento entre pacientes, o número daqueles que enfrentam com êxito este primeiro teste aumenta.

Freud levanta um ponto que consideramos importante e pouco abordado: a adequação – ou inadequação, em alguns casos – de alguns pacientes a uma proposta que difere sensivelmente de outras no campo das psicoterapias ou mesmo das intervenções farmacológicas. Ou seja, a análise não poderia ser pensada maciçamente para todas as pessoas, ou ainda como uma panaceia coletiva para todos os males, visto que é um processo que exige, e muito, do interessado, e ele nota não ser tão fácil nem reconfortante saber mais sobre aquilo que o aturde, afeta, incomoda ou perturba.

Já para aqueles que se afinam aos pressupostos básicos do processo analítico, que aceitam a cota de sacrifício necessária e que não esmorecem frente às vicissitudes inerentes ao processo, surge então um paradoxo percebido por Freud e ainda plenamente comprovável no cotidiano das análises: a *pressa* em finalizar o tratamento começa a mudar com o decorrer das sessões, passando de um anseio pela aceleração do processo para uma curiosa *despreocupação* quanto a uma possível lentificação, como Freud (1913, p. 171, grifos nossos) afiança a partir de sua experiência clínica:

Não obrigo os pacientes a continuar o tratamento por um certo período de tempo; permito a cada qual interrompê-lo quando quiser. Mas não escondo

dele que, se o tratamento é interrompido após somente um pequeno trabalho ter sido feito, ele não será bem sucedido, e poderá facilmente, como uma operação inacabada, deixá-lo em estado insatisfatório. Nos primeiros anos de minha clínica psicanalítica, costumava *ter a maior dificuldade em persuadir meus pacientes a continuarem sua análise*. Esta dificuldade há muito tempo foi substituída e hoje *tenho de me dar aos maiores trabalhos para induzi-los a abandoná-la*.

De fato, se tomado por pruridos minimamente éticos, o psicanalista espera e aposta que, no final de um processo analítico, ocorra a *dissolução* da transferência, que venha a ser destituído do lugar de um personagem que supostamente sabe sobre a dimensão inconsciente de todos que o procuram. De forma mais direta, o analista trabalha para se tornar, após certo tempo de elaboração, um personagem desnecessário e descartável, de que o paciente possa abrir mão do amor transferencial. O problema é que certos apaixonamentos podem durar muito mais que o razoavelmente esperado e favorecem mais a fusão que a separação, levando a um fenômeno controverso, mas indiscutivelmente complicador: a contratransferência, ou aquilo que o analista, no fundo, não sabe de si mesmo, de seus *pontos cegos* que se anelam a esses movimentos transferenciais e que jogam contra a transferência do paciente (FREUD, 1912).

Aliás, esses movimentos jogam contra a própria análise, o que nos leva a mais uma possível variação superegoica do psicanalista: justamente por se confrontar diariamente com os tais pontos cegos, pode cair na tentação de idealizar um psicanalista que estaria acima desses pecados banais e, principalmente, que fosse criativo o suficiente para bolar saídas espetaculares nos momentos necessários e que, no fundo, sempre soubesse o que fazer nesses momentos difíceis do tratamento. As narrativas de casos clínicos, em especial, falam geralmente dessas saídas inventivas, quase convencendo a audiência ou os leitores de que aquele psicanalista alcança aquilo corriqueiramente. Isso vale até mesmo para Freud que, mesmo à custa de narrativas nas quais praticamente só desnuda seus fracassos, quase sempre fica para o leitor certa sensação de estar aquém da criatividade tão peculiar de Freud.

Sendo assim, vimos que no manejo da transferência as dificuldades, por si sós, são certamente significativas e quase sempre portadoras de inquietações para o psicanalista, pois dela depende e com ela atua durante todo o processo analítico. Ao adicionarmos ainda a dimensão superegoica de um personagem como Freud que, por meio das admoestações presentes em seus escritos, deixa claro que espera que todo analista atenha-se ao ouro da transferência e, por extensão, afaste-se do cobre da sugestão. Fica no ar então uma dúvida que esmiuçaremos agora, que diz respeito às exigências imputadas ao psicanalista, desde Freud,

pela comunidade psicanalítica e, como já pudemos depreender a partir de nossa hipótese do narcisismo profissional, de suas *próprias* exigências.

2.2 O psicanalista e suas exigências

Freud, como clínico e pesquisador, manteve certa regularidade em seu estilo de trabalho e teorização. Uma das particularidades que deve ser ressaltada de forma elogiosa é que, na maioria das vezes, abordou de maneira aprofundada aquilo que estaria mais próximo do *fracasso* do que do sucesso de suas engenhosas iniciativas no cotidiano da clínica. Mezan (1987, p. 09) valoriza esse aspecto, ressaltando que as “dificuldades se manifestam primeiramente no campo da clínica, mas imediatamente são conduzidas por Freud a uma elaboração teórica”.

Uma das definições mais simples e provavelmente mais diretas de metapsicologia seria talvez: praticar e teorizar, escutar e especular, intervir e refletir sobre os efeitos. Dito assim parece fácil e até mesmo natural que isso ocorra regularmente na prática psicanalítica, como se tudo confluísse tranquilamente para esse cenário. De fato, soa até reconfortante, mas, como pudemos perceber anteriormente, no caso do manejo transferencial as coisas não transcorrem necessariamente dessa forma que se julga previsível.

É nesse ponto que reside o problema que nos interessa, pois quando o caso conduzido por um psicanalista difere sensivelmente de uma narrativa clínica mais clássica – como, por exemplo, os casos clínicos de Freud –, quase sempre uma dúvida surge no ar como, aliás, ficou bastante claro no exemplo de Renato Mezan em nosso capítulo referente aos aspectos metodológicos, no qual se interroga onde poderia ter errado quando tomou certa decisão durante uma sessão. Freud (1933, p. 189, grifos nossos) abordou de um jeito bastante direto esse tópico:

Os iniciantes em análise, principalmente, ficam em dúvida, em caso de insucesso, se devem *atribuí-lo* a peculiaridades do caso ou *à sua própria inabilidade de manejar o procedimento terapêutico*. Mas, conforme já disse

anteriormente, não creio que se possa conseguir muito com intentos nessa direção.

Nesse trecho, Freud parecia estar desdobrando aquilo que discutia com Ferenczi acerca da transformação de suas recomendações em dogmas, pois deixa entrever que paralisar-se no escrutínio superegoico da própria suposta inabilidade realmente não parece gerar bons frutos. Mas, se estamos tratando de exigências, além da imediata conexão com o *superego técnico analítico* já mencionado por Figueira (1996), talvez seja necessário pensar primeiro as exigências que o processo analítico impõe a cada um dos personagens envolvidos.

Começando então com o paciente, considerando tudo o que foi exposto até aqui, para que um tratamento analítico se dê, e com resultados minimamente plausíveis, pode-se dizer que há uma significativa exigência a ele endereçada. De imediato, o apreço pela regra fundamental, uma aposta quase radical na associação livre, que surge de uma disposição considerável para tomar parte em um laço no qual a comunicação entre analista e paciente não se dá pelas vias tradicionais, mas que, ao contrário, se efetiva por intermédio de uma relação artificial⁸³, que se desenha num cenário no qual se espera o repetido confronto com surpresas, descobertas inesperadas, conexões entre pontos aparentemente díspares, mas principal e fundamentalmente com o *não-saber*, quase em uma antítese de outras situações sociais nas quais o saber apressado, o sentido e a compreensão parecem imperar. Ao suportar esses momentos de certa ignorância sobre grande parte de si, o paciente acaba, no decorrer das sessões, dando-se conta de certas coisas praticamente impossíveis de serem aprendidas em outras situações da vida cotidiana.⁸⁴

Com o decorrer das sessões, certas mudanças começam a surgir: os exageros que citava e promovia vão tomando outra dimensão, as escolhas que o paralisavam passam a ser menos cruciais, enfim, passa-se a mudar de posição frente a si mesmo e ao outro, o que implica, sobretudo, um complexo rearranjo de muitos aspectos subjetivos e mesmo objetivos da própria vida, num sentido mais amplo. Diante disso, Freud (1916[1915], p. 27, grifo nosso)

⁸³ Relação que, cabe frisar, por vezes é mais profunda e intensa que quaisquer outras que o paciente possa manter para além do consultório, em sua vida cotidiana; especialmente quando levamos em conta a assunção da neurose de transferência, que intensifica sobremaneira o laço entre o paciente e o personagem por ele eleito na fantasia fundamental, encarnado artificialmente na figura do analista.

⁸⁴ Um bom exemplo é o *escutar-se* e, com isso, o valor que passa dar a seus ditos, uma forma sutil de relação que começa a estabelecer com seus ditos, com os lapsos e esquecimentos, suas supostas “brincadeiras” passam a ser encaradas de outra forma, além dos atos falhos, que passam a dizer muito mais do que o pretenso equívoco semântico.

deixa claro que, em um tratamento psicanalítico, o paciente deve entrar, desde o começo, com sua cota de implicação:

Quando, porém, tomamos em tratamento analítico um paciente neurótico, agimos diferentemente. *Mostramos-lhe as dificuldades do método, sua longa duração, os esforços e os sacrifícios que exige*; e, quanto a seu êxito, lhe dizemos não nos ser possível prometê-lo com certeza, que depende de sua própria conduta, de sua compreensão, de sua adaptabilidade e de sua perseverança.

Dito de outra forma, uma análise impõe ao pretendo interessado certos sacrifícios e mudanças de posição subjetiva frente a aspectos bastante singulares de sua economia libidinal. De fato, temos então uma lógica *invertida* para aquele que se propõe a empreender uma análise: primeiro, perde-se em termos narcísicos, uma suposta unidade egoica mantida fragilmente pela força da estrutura e dos arranjos sintomáticos, para então ocorrer um ganho em termos de expansão das possibilidades, um vislumbre da saída de uma condição na qual impera a miséria neurótica – que independe do saldo bancário –, o que pode redundar em maior flexibilidade frente a decisões e escolhas que se mostram necessárias durante vários momentos da vida.

Enquanto para o psicanalista temos a convicção de que as exigências se tornam ainda mais significativas, o paciente, desde que se atenha à regra fundamental, tem seu direito assegurado de fantasiar e implantar seu cenário particular da transferência. A margem de liberdade do psicanalista é menor, mais limitada e, como tencionamos demonstrar, por vezes restrita devido à intromissão de questões superegoicas do próprio analista, travestidas de exigências muitas vezes mais suas do que de outrem.

Uma das exigências é saber, por que, afinal, o psicanalista quis começar a psicanalisar e o que o levou a empreender tal oferta. Goldenberg (2006, p. 66) considera essa questão uma especificidade peculiar desse ofício, tornando-o nesse aspecto distinto de outros, pois o psicanalista “não só não pode ter nenhum ideal como objetivo de sua ação, como tampouco pode tê-lo como causa oculta”. Ou seja, psicanalisar de uma maneira eticamente respeitável implicaria abrir mão das clássicas aspirações de curar, resolver, sanar, aliviar, confortar, e que quase sempre ocultam intenções⁸⁵ bastante questionáveis.

⁸⁵ Ou, como diria com propriedade Freud (1913, p. 225): “Nossas mais elevadas virtudes desenvolveram-se como formações reativas e sublimações, de nossas piores disposições”.

Abandonar, então, as ilusões do “furor *sanandi*”, como descrito por Freud (1915[1914], p. 221), passa a ser um prurido que se choca com as motivações mais ingênuas que acobertam essa decisão de praticar a *cura pela palavra*. Há, porém, um antídoto específico e que precederia esses passos iniciais no início do percurso clínico: a constatação de que “somos levados à obrigação do analista de tornar-se capaz, por uma *profunda análise dele próprio*, da recepção sem preconceitos do material analítico” (FREUD, 1926, p. 250, grifo nosso). Em outras palavras, trata-se de envolver-se profunda e radicalmente com uma indispensável análise pessoal e, por meio desta, defrontar-se sem preconceitos com o *próprio* inconsciente, sem um saber prévio e estabelecido como garantia. Isso implica saber, por exemplo, em certo momento, acerca das tais nem sempre nobres razões que alicerçam o desejo de curar, como lembra com propriedade Gérard Pommier (1998, p. 437):

Aquele que quer tornar-se analista geralmente o deseja muito tempo antes de ter começado uma cura pessoal. Neste caso, ele se engajará numa profissão ou numa formação sobre a qual pensa que o aproxima de um tal objetivo: por exemplo, começou estudos, de medicina ou psicologia. O saber universitário que ele assim acumulará será útil sem dúvida, por mais de um motivo. Entretanto, a sapiência acumulada apresenta também um inconveniente. É que o futuro analista ignorará deste modo o traço particular de seu passado distante sobre o qual sua ambição se apóia, porque seu curso de estudante, depois sua experiência profissional, mascararão facilmente esta origem. Como está escrito nos manuais, ele crerá engajar-se nesta profissão para fazer o Bem e ignorará em que Mal recalcado seu desejo se apóia.

Essa seria a condição básica que, de imediato, possibilitaria a ampliação dessa possibilidade de recepção do inconsciente – agora e de seus pacientes – que não o fizesse *resistir* à assunção de conteúdos inesperados que, justamente por não se coadunarem com o que se espera de um laço social, acaba por causar embaraços durante uma sessão. Essa é uma dificuldade que Freud (1917, p. 171, grifo nosso) considera notável quando se trata de Psicanálise:

Para começar, direi que não se trata de uma dificuldade intelectual, de algo que torne a psicanálise difícil de ser entendida pelo ouvinte ou pelo leitor, mas de uma dificuldade afetiva – *alguma coisa que aliena os sentimentos daqueles que entram em contato com a psicanálise, de tal forma que os deixa menos inclinados a acreditar nela ou a interessar-se por ela*. Conforme se poderá observar, os dois tipos de dificuldade, afinal, equivalem-se. Onde falta simpatia, a compreensão não virá facilmente.

Dificuldade então de acreditar na Psicanálise, ou ao menos na parte dela que afeta diretamente as questões mais sintomáticas do sujeito, que provavelmente fará a leitura que o interessa, com restrições e recortes imprevisíveis. Freud (1926, p. 226, grifo do autor) já se antecipava a essa questão, lembrando que, nos processos formativos, ao tentarmos transmitir

algo da Psicanálise – tarefa longe de ser fácil ou controlada –, ainda que pela via de uma instrução teórica estruturada, “podemos ver quão pouca impressão lhes estamos causando, para começar. Eles absorvem as teorias da análise tão friamente quanto outras abstrações com as quais são alimentados. Poucos deles talvez *desejam* ficar convencidos, mas não há qualquer vestígio de que estejam”.

Partindo então do pressuposto de que o analista já tenha ultrapassado essa complexa dificuldade afetiva, estando agora sensivelmente mais aberto às descobertas da teoria psicanalítica, às suas conexões e, principalmente, aos efeitos que experimentou em si mesmo – e dessa forma mais receptivo aos múltiplos elementos que compõem a dimensão da fantasia, ao que se chama de recalcado –, pode-se dizer que aquilo que o analista aprende em sua análise pessoal⁸⁶ acaba orientando sua prática. Essa análise o ensina⁸⁷, de alguma forma, a escutar e incidir sobre as manifestações do inconsciente daquele que o procurou e que, dentro do possível, aceitou minimamente a regra fundamental. Seria pertinente perguntar, então, se na ausência da técnica, num sentido mais enciclopédico, não acabaríamos nos defrontando com um complicador extra para o psicanalista: *a crença no método* como um fator prévio de impulsão do tratamento. Afinal, se está funcionado tão bem para ele, certamente também estará para seus pacientes, como se dependesse *apenas* desse aspecto para as coisas se desenrolarem a contento.

A experiência cotidiana nos mostra, mais uma vez, que as coisas não se dão de forma tão tranquila. Freud (1926, p. 259) já advertia que o “preparo para a atividade analítica de modo algum é fácil e simples. O trabalho é árduo, grande a responsabilidade”. Essa afirmação apenas corrobora o que reiteramos anteriormente: espera-se não apenas do paciente uma boa dose de sacrifício e possíveis mudanças de posição subjetiva, mas *também* do analista são necessários esforços para a condução de uma análise, para fazê-la fruir.

Então, onde o “pobre infeliz”, como Freud (1937, p. 282) certa vez já alcunhou o psicanalista iniciante, poderia aprender sobre esse *como fazer* que os americanos denominam pragmaticamente de *know-how*? Como se transmitiria esse “conhecimento” que se distingue do que provavelmente aprendeu de forma instrumental na graduação (que precedeu a decisão de psicanalisar), ainda em seus estudos acadêmicos, como é comum na maioria dos casos?

⁸⁶ Aprende – e *apreende* – por meio de experiência que, mesmo não afinada aos modelos pedagógicos, pode ser extremamente didática, ensinando por vias que escapam aos aspectos mais cognitivos.

⁸⁷ E nesse sentido, toda análise poderia ser didática, como veremos mais à frente com Lacan.

Portando-se como um aluno exemplar? Estudando mais e mais, debruçando-se sobre as obras do campo psicanalítico e acumulando conhecimento teórico numa progressão geométrica?

Freud (1910, p. 212, grifo nosso) sempre manteve uma posição relativamente cética com relação ao que não está “nos livros”:

Não é bastante, pois, para um médico saber alguns dos achados da psicanálise; ele deve também estar familiarizado com a técnica se ele deseja que seu procedimento profissional se oriente por um ponto de vista psicanalítico. Esta técnica não pode no entanto ser adquirida nos livros, e ela por certo não pode ser descoberta independentemente, *sem grandes sacrifícios de tempo, de cansaço e de sucesso*. Como outras técnicas médicas, ela tem de ser aprendida com aqueles que já são experimentados nela.

Sacrificar seu tempo e defrontar-se com o cansaço, poucas vezes com algum sucesso, representaria então, de acordo com Freud, a cota a ser paga pelo analista nesse trajeto de descoberta de uma técnica que, na verdade, pouco tem efetivamente de técnica, no sentido estrito do termo: de procedimentos que se remetem a um objeto mais ou menos regular, que pudessem ser replicados uniformemente da mesma maneira em diversas situações.⁸⁸ Na verdade, pode-se notar que Freud destaca a importância do *outro*, de um *par*, um psicanalista mais experiente como guia nesse longo percurso da formação.

Esse psicanalista mais experiente é, em primeiro lugar, o próprio analista eleito transferencialmente, aquele que conduz sua análise e o tensiona em cada sessão rumo à dimensão inconsciente de suas falas, ditos e atos, servindo, provavelmente a contragosto, como modelo identificatório. Usualmente, de forma subsequente, deve-se incluir também o supervisor, igualmente alvo de empuxos guiados pela identificação, mas que podem, com o devido cuidado, apontar os caminhos de outros laços disponíveis na comunidade analítica, ampliando a possibilidade de aprendizagem e troca de experiências.

Com o contato regular estabelecido com outros pares, inicia-se o que qualificaríamos como uma *nova etapa* do psicanalista que inicia sua prática, e outro parâmetro mais sofisticado começa a guiar seu caminho na clínica, especialmente em termos de um enxugamento dos aspectos imaginários que atravessam o furor de curar. Não ser um “diretor de consciência” (LANDMAN, 2007, p. 81), nem ocupar o lugar de mentor do paciente,

⁸⁸ Em senso estrito, pode-se dizer que, em um tratamento psicanalítico, entram em cena certos operadores que estão a serviço de fazer a palavra fluir – como a associação livre do lado do paciente e, do lado do analista, a atenção flutuante – e confundirlos, ou mesmo reduzi-los a uma técnica que possa ser aprendida, quase sempre redundando em complicações para os analistas, especialmente os mais iniciantes.

tampouco remoldá-lo de acordo com suas ideias e visão de mundo, passam a ser parâmetros fundamentais do analista na condução de um tratamento – pressupostos que marcam um posicionamento mais afeito a um aspecto ético, de não direcionamento do paciente. Eis o que podemos considerar uma dificuldade suplementar no ato de psicanalisar: uma *auto-exigência*. Falamos de tudo o que se espera do analista a partir de Freud e chegando aos pares que compõem a comunidade que, de uma forma ou de outra, sinaliza o que *pode* e *deve* ser feito, deixa subentendido o que *não pode nem deve* ser feito pelo analista durante um tratamento. Esses sinais e subentendidos acabam se transformando em pseudo-regras que podem receber inesperada consistência.

É bastante comum nesse momento a intensificação de um exercício de comparação, por parte do analista, não apenas da diferença entre sua prática cotidiana e a teoria que encontra nos livros, ou dentre as variadas formas de transmissão com aqueles psicanalistas mais experientes que admira, mas também entre sua análise pessoal e os tratamentos que dirige, balizando de forma questionável duas coisas que não podem ser pareadas, especialmente no início do percurso clínico. O resultado geralmente gira em torno de sensações que variam da impotência – passando por perceber-se aquém de um *suposto* ideal de analista experiente – a uma vaga noção de insuficiência no contato com a teoria ou no aprofundamento da própria análise. Com isso, há o terreno fértil para a exacerbação da citada auto-exigência, faceta sutil do *superego técnico psicanalítico*, como observou Figueira (1996), que citamos anteriormente.

Perguntamo-nos se, no fundo, isso tudo talvez não possa favorecer a irrupção de um imperativo, de uma obrigação quase moral, um arremedo de *ideal* que obviamente pouco teria a ver com o paciente que, aliás, muito provavelmente nem pensava em tal dimensão quando da procura por um profissional que pudesse dar conta de suas questões mais íntimas e inquietantes. Esse ideal, como todos os outros, naturalmente, sempre inatingível. Freud, em seu texto *Recomendação aos médicos que exercem a Psicanálise* (1912), reitera os prejuízos a uma análise quando a ambição terapêutica do jovem analista impregna o processo, preocupado, muitas vezes sem se dar conta, com o *sucesso* da cura, ao invés de suportar a complexidade do cotidiano de um tratamento, sessão após sessão.

Parece-nos suficiente esse rol de dificuldades que pudemos extrair da pena de Freud. Muitas delas francamente verídicas, observáveis e principalmente *verificáveis* no cotidiano da clínica; outras mais afeitas à plasticidade psíquica de cada analista e, desse modo,

relativamente peculiares, e que mereceriam exames mais pormenorizados, o que não é nosso intuito nesse momento.

Temos a intenção de tomar o objeto de nosso interesse à luz de um conceito-chave que estamos forjando. Aventamos, então, a hipótese de que Freud, até mesmo pelo seu estilo, acabou influenciando sobremaneira os praticantes de sua invenção, os psicanalistas que surgiram concomitantemente e após seu início no percurso que empreendeu até seus dias finais. Nesse sentido, tomar as dificuldades da clínica psicanalítica sob a ótica do narcisismo profissional pareceu tornar-se viável a partir de uma percepção acerca de uma *mistura* entre o criador e a criação, entre Freud e a Psicanálise, entre o primeiro analista e seus casos prototípicos, que provavelmente se tornaram miticamente fornecedores de parâmetros que, como foi exposto até o momento, transformaram-se em regras, em *ideais do psicanalisar*. A relação que cada psicanalista, após Freud, empreende com esses ideais forneceria o solo no qual pode erigir o que chamamos de narcisismo profissional.

Para solidificar a hipótese levantada, daremos agora mais um passo, aprumando nosso olhar para um psicanalista contemporâneo de Freud que não apenas tentou aplicar o que era recomendado, mas também dialogava com Freud sobre o que não conseguia efetiva e idealmente fazer, trazendo à luz elementos que clarificam a problemática que ora investigamos. Seu nome é Sándor Ferenczi.

3. FREUD E FERENCZI: CONFISSÕES E INVENÇÕES

O Sr. me disse certa vez em Berchtesgaden; ‘O ser humano tem de amar algo’. Esse algo poderia ser tanto o trabalho manual quanto a ciência. Mas, evidentemente, não é apenas isso. Temos que amar também pessoas, se quisermos ser felizes. (...) É uma falta de tato importunar o Sr. com esses fatos puramente pessoais, eu poderia resolver isso sozinho. Mas conhecendo minha insaciável necessidade de apoio, o Sr. achará isso compreensível e perdoável. Para passar à parte científica de minha carta, gostaria de registrar uma hipótese; que a prática analítica continuada traz consigo um aumento dessa necessidade de apoio. Antes de o Sr. ter instaurado a exigência de ‘reprimir a contratransferência’, nós todos já o fazíamos instintivamente, e essa repressão permanente tem de se acrescer a algo perturbador, quando se está, após 10 ou 12 horas de trabalho, totalmente só ou privado de qualquer objeto de amor, como eu. De fato, é sobretudo à noite que sinto como dolorosa essa solidão.

Sándor Ferenczi em carta a Sigmund Freud

Nossa intenção neste capítulo é expor, por meio dos excertos extraídos da atividade epistolar efetuada por Freud e Ferenczi, que certos temas tratados por ambos revelam, por vezes de maneira bastante clara, aspectos que nos interessam para o escrutínio das dificuldades que interpelam o psicanalista em sua profissão, tanto no cotidiano da clínica no sentido mais estrito, como também em sua vida privada; particularidades que notamos surgir com relativa frequência⁸⁹ nas cartas trocadas por esses pioneiros da Psicanálise.

Começamos lembrando que Freud foi o primeiro psicanalista. Ele inventou esse campo, teorizou, praticou e desenvolveu o método por mais de quatro décadas. Mas, como

⁸⁹ Apenas à guisa de comparação, tomamos as cartas com Fliess, dados extraídos da obra de Erik Porge (1998, p. 14), *Freud/Fliess - mito e quimera da autoanálise*: “assuntos relativos aos pacientes; trabalhos em andamento, estudos preparatórios e projetos, relacionados ou não com publicações; assuntos concernentes à família, à mulher, filhos e outros parentes; projetos de viagem, relatos sobre férias; leituras; assuntos concernentes a amigos e conhecidos; a saúde dos correspondentes; acontecimentos externos; juízos, opiniões e sentimentos de Freud a respeito de Fliess e seus trabalhos, e julgamentos de Freud a seu próprio respeito; relatos de sonhos e formações do inconsciente, elementos da chamada auto-análise”. Porge (1998, p. 15) ainda assinala que “Freud mantém uma certa pressão na correspondência: queixa-se com muita frequência de ainda não haver recebido resposta, ou expressa sua impaciência pela resposta a uma carta que esteja enviando. Ora se mostra alegre e cheio de humor [...], ora, ao contrário, se mostra deprimido e cansado”.

todo criador – ou desbravador, como provavelmente se intitularia –, defronta-se com a solidão ou, em seus termos, com períodos de “esplêndido isolamento” (FREUD, 1914, p. 33).

Talvez como forma de tentar escapar desse lugar de isolamento – inicialmente dentro dos limites da Viena, onde iniciou sua prática –, Freud buscou possíveis saídas junto à comunidade acadêmica, que não o acolheu da maneira por ele esperada. Frente a essa frustrante recepção de suas ideias, Freud encontrou um jeito de estabelecer interlocuções com os poucos que se mostravam interessados na nascente teoria e, especialmente, que pudessem compartilhar minimamente das temáticas acerca desse momento histórico da aparição de algo absolutamente novo no mundo. Para Mahony (1990, p. 33, grifo nosso), o “ensino psicanalítico tradicional tem-se concentrado convenientemente na estreita cena discursiva entre analista e paciente, às vezes se descurando perigosamente da *cena discursiva mais ampla que se dá entre os analistas, inclusive Freud, ao escreverem e falarem entre si*”.

De nossa parte, damos importância estratégica⁹⁰ às interlocuções de Freud, especialmente nas trocas de cartas, com um recorte bem definido, centrando nosso interesse em *apenas uma* das correspondências com *um*⁹¹ desses parceiros de cartas, Sándor Ferenczi, personagem que não foi escolhido de forma apressada, e que poderá, a partir de sua relação com Freud – além de suas interessantes questões como psicanalista –, ajudar-nos na tarefa de tentar responder às questões que atravessam esta tese.

Avancemos então tratando agora da explicitação de nossas razões para a escolha da estratégia de utilização de certos tópicos presentes nas cartas trocadas entre ambos. Em primeiro lugar, queremos justificar as razões pelas quais escolhemos este personagem, Sándor Ferenczi, “o primeiro húngaro a empreender a tarefa de despertar nos médicos e homens esclarecidos de seu país o interesse pela psicanálise”, como Freud (1910[1909], p. 257) o

⁹⁰ Até porque julgamos que podem revelar aspectos pouco tocados, visto que atualmente isso não seria possível, como destaca Meyer-Palmedo (2008, p. 08): “Ao longo de toda a correspondência, esbarramos com as relações entre os membros da família, amigos, colegas, alunos e analisandos. Passamos a ter uma idéia das intersecções e dos entrelaçamentos que uniam a todos das mais diversas formas, e que já foram objeto de pesquisa de outras obras em outros contextos. Este tipo de intersecção é característico para toda a vida social em que as esferas profissional, de formação e da vida privada se entrecruzam de maneiras variadas, sempre inseridas no respectivo contexto sócio-cultural. Vistas a partir de nossa perspectiva atual, e considerando a demanda básica da psicanálise por uma rígida separação entre a esfera profissional e a intimidade pessoal, no mínimo estranhemos essas intersecções, para não dizer que as julgamos imprudentes”.

⁹¹ Pois é sabido que Freud manteve, por toda a vida, intensa troca de cartas com muitos interlocutores, como nos mostram Major e Talagrand (2007, p.117), comentando sobre os diversos destinatários, começando pela própria amada de Freud, ainda na juventude, com as cartas que enviava para Martha, “assim como a não menos volumosa correspondência que ele manteve com seus discípulos Jung, Ferenczi, Eitingon, Abraham, e as numerosas cartas a Oskar Pfister, Lou Andreas-Salomé, Marie Bonaparte, Arnold Zweig, Stefan Zweig, Arthur Schnitzler, Alber Einstein e Romain Rolland, viriam a enriquecer o retrato do homem Freud, dando-lhe uma dimensão mais familiar do que ele deixava transparecer em *A Interpretação dos Sonhos* ou em sua correspondência ‘analítica’ com Fliess”. Para Grosskurth (1992, p. 49), um “traço notável da correspondência de Freud é o fato de que o grosso dela era limitado quase exclusivamente aos seus colegas de profissão”.

define. Historicamente, Ferenczi foi um psicanalista que poderia ser considerado um *par* à altura do criador da Psicanálise, ainda que a relação transferencial fosse nitidamente verticalizada, como era recorrente entre Freud e seus interlocutores.

Freud refere-se a Ferenczi com respeito e admiração. Por duas vezes, Freud o homenageia: no quinquagésimo aniversário do psicanalista húngaro, quando re-lembra a chegada dele a Viena, em busca do autor que havia escrito um livro que tratava dos sonhos por uma via muito original, evento que acaba por sedimentar uma “longa, íntima e até hoje imperturbada amizade” (Freud, 1923, p. 333); e também no obituário, em 1933, ano de sua morte, quando afirma ser “impossível imaginar que a história de nossa ciência venha algum dia a esquecê-lo” (Freud, 1933, p. 279), deixando clara a importância de Sándor Ferenczi para ele mesmo e, por extensão, para a solidificação do edifício teórico da Psicanálise. Sanches (1993, p. 65) considera que Ferenczi foi o “mais próximo discípulo de Freud e aquele que, na primeira geração de analistas, mais contribuiu com idéias originais e importantes para a psicanálise depois do próprio Freud”.

Corroborando essa percepção, encontramos alguns autores como Kupermann (1996, 2003a), que valoriza também a influência que Ferenczi exerceu sobre Freud em temas como o manejo transferencial, a flexibilização da técnica, o término de uma análise, além de uma temática que pouco aparece nos escritos psicanalíticos: a *amizade* entre os psicanalistas. Ainda nessa mesma linha, Lescovar & Safra (2004) destacam a valorização dada por Ferenczi aos aspectos éticos na relação entre analista e paciente, apontando para seu pioneirismo no trato com questões tão complexas como o egoísmo ou a dignidade. Coelho Júnior (2004), por sua vez, enfatiza a fecundidade do pensamento e das inovações de Ferenczi, que ousava discutir teoricamente questões como a empatia entre o analista e o paciente no processo analítico – tema derivado da controvertida análise mútua que necessita ser compreendida, para além de uma aposta arriscada, como uma posição que subverte os lugares e põe em xeque o modelo médico no qual conhecimento e poder se misturam. Aliás, nesse tema delicado do exercício de poder numa relação de tratamento, não podemos deixar de lembrar que Jacques Lacan⁹² nele trafegou com bastante desenvoltura, como podemos depreender de seu sempre citado texto *A direção do tratamento e os princípios de seu poder*, quando se refere a Ferenczi como aquele “que foi o mais atormentado pelo problema da ação analítica [...]” (LACAN, 1958, p. 619).

⁹² Como mostra o trabalho de Bernardes (2002), com o apropriado título de *A segunda regra fundamental: um comentário sobre Ferenczi de Lacan*

Sanches (1993, p. 65) destaca que, ainda que não suficientemente reconhecido na comunidade psicanalítica, mesmo assim...

Ferenczi fez contribuições notáveis no campo da teoria e da técnica psicanalítica que, por razões históricas, transferenciais e políticas permaneceram, em sua maioria, pouco estudadas (fenômeno que permite a curiosa reinvenção de suas idéias por aqueles que desconhecem sua autoria).

Para Soller (1998, p.183), as inovações e a coragem no enfrentamento das questões clínicas fazem de Ferenczi um autor que, mesmo incompreendido, “não merecia ser censurado”, mas, ao contrário, resgatado e estudado como mais profundidade. Posição análoga à de Gerber (1999, p. 142), que procura as razões pelas quais as ideias de Ferenczi despertam “tamanha resistência” na comunidade psicanalítica que, com a exceção de Balint, pouco valorizou o legado desse autor inovador.

Há ainda outro ângulo de igual ou maior magnitude que sugerimos levar em consideração: a importância de Ferenczi no que tange à criação e estruturação do projeto freudiano de uma instituição que se responsabilizasse pela formação e legitimação da profissão e de seus representantes, psicanalistas atravessados por um processo rigoroso de estudo da teoria e de envolvimento das questões do próprio inconsciente. As palavras de Nina Leite (2003, p. 83, grifo do autor) ilustram com elegância esse ângulo da história do movimento psicanalítico:

Denominado Grão-Vizir, Ferenczi, de fato, ocupou lugar especial na história da psicanálise. Vizir é uma palavra de origem árabe, da raiz semítica *wzr*, de wazir, que significa ministro, encarregado, e de wazara, levar uma carga. Diferentemente do lugar de príncipe herdeiro, que caberia de direito inicialmente a Jung, esse discípulo, alocado primeiro na posição de vizir, tomaria verdadeiramente a carga a seu encargo. O fato de ter sido o autor do documento fundador da International Psychoanalytical Association (IPA), em Nuremberg, atesta não só a confiança que Freud lhe devotava, mas também a força de atração que uniu esses dois homens.

Para essa autora, Ferenczi ocupou o lugar vago que Fliess deixou. Problematicando essa relação particular com Freud, a partir dos postulados lacanianos, Leite se interroga sobre uma possibilidade muito interessante: a de que esse vizir húngaro poderia até mesmo ser considerado *um passador* de Freud, não só pela intensa dinâmica transferencial entre ambos, mas, sobretudo, pelo que causava em Freud, como veremos mais à frente, em nossas articulações. Chauvelot (1997, p. 92) sintetiza com mais habilidade o que estamos querendo frisar:

Freud inventou a psicanálise, passou a vida a construí-la e a defendê-la, a teorizá-la e a enriquecê-la, a tratá-la com esmero, a resumi-la, a retomá-la e a divulgá-la. Ferenczi esbarrou com a psicanálise, mergulhou nela, modelou-a, filtrou-a, requintou-a, cristalizou-a. Ele a viveu sob todos os aspectos, quis torná-la perfeita e inatacável: ele a quis completa, obrigatória, controlada – e por isso submeteu-se a tudo. Pagou de si. Quis ser analisando, mas foi supervisionado, supervisor, analista de seu analista e até passador.

Adicionaríamos que a inspiração potencializada pela parceria é um aspecto a se pensar mais detidamente – o que Lacan argutamente já fez, quando localizou e estabeleceu relações entre os textos ferenczianos. Aliás, Leite (2003, p. 91) também se pergunta “[...] até que ponto as elaborações de Lacan quanto ao passe e ao final de análise são tributárias dessas histórias”.

Acreditamos que essas argumentações são satisfatoriamente convincentes para realçar a magnitude e a grandeza de Ferenczi na cena psicanalítica, mas a principal razão pela qual optamos por essa correspondência talvez não pudesse ser incluída diretamente nessa dimensão anteriormente citada, pois, na verdade, foi muito mais a espontaneidade e a dose de informalidade presentes no diálogo estabelecido entre ambos que nos chamou a atenção. Dois psicanalistas abordando questões usualmente relegadas a um segundo plano, trazendo à luz pormenores que até então soariam obscuros, além de temas que parecem inusitados, sendo raras vezes encontrados em textos mais tradicionais da literatura psicanalítica. De fato, ambos tratavam de aspectos que parecem ser bem pouco considerados, senão *excluídos* da cena psicanalítica. Ousamos mesmo afirmar que a leitura atenta dessa troca de cartas, em especial, provavelmente sensibilizaria muitos psicanalistas dos dias de hoje, principalmente aqueles mais ligados ao dia-a-dia da clínica, e que podem encontrar, nessa co-respondência, curiosas narrativas, que tratam de tópicos que soam *estranhamente* familiares, e revelam personagens distintos daqueles que a bibliografia mais formal muitas vezes *não* revela.

Freud tangencia esse ponto quando reitera que os biógrafos acabam por rebaixar o herói por eles biografado com tanta admiração, pois é “[...] inevitável que se aprendermos mais a respeito da vida de um grande homem, ouviremos também falar de ocasiões em que ele, de fato, não se saiu melhor do que nós, em que, na realidade, se aproximou de nós como ser humano” (1930, p. 245). Talvez seja por isso que Freud (1982) propositadamente pouco desvelou de sua vida pessoal ou familiar⁹³, como podemos notar em sua carta a então noiva Martha Bernays, datada de 28 de Abril de 1885, quando deixa bastante claro que deseja que

⁹³ Ainda que não seja possível precisar a importância de Martha na vida de Freud. Os trabalhos de Badou (2007) e também o de Kress-Rosen (2008) tratam dessa temática.

os biógrafos “[...] se atormentem, não temos nenhuma vontade de tornar as coisas fáceis demais para eles” (p.169).

Um deles ao menos não se atribulou com isso, tanto que se notabilizou como um de seus mais comentados e respeitados biógrafos: Peter Gay. Esse autor sustenta que Freud sempre preconizava aos seguidores a necessidade de certa frieza emocional do analista, permanecendo opaco e só mostrando o que nele se projeta *do paciente*. Contudo, há dúvidas quanto ao fato de o próprio Freud praticar a Psicanálise da maneira que sugeria⁹⁴ em seus escritos, se efetivamente seguia as recomendações tão preciosamente recuperáveis nos já clássicos *Artigos sobre a técnica*. Nesse ponto, Gay (1989b, p. 283) é muito claro quando afirma que:

Vimos Freud adaptar segundo seus interesses e por vezes quebrar as regras, com um senso soberano de domínio e no interesse da pura humanidade. Devolvia os honorários aos seus analisandos, quando estavam em épocas difíceis. Permitia-se comentários amistosos durante as sessões. Fez amizades com seus pacientes prediletos. Conduzia, como sabemos, análises informais em alguns cenários surpreendentes: a análise de Eitingon durante passeios noturnos por Viena é apenas a mais espetacular dentre seus experimentos informais. Mas, nos artigos sobre técnica, Freud não deixava passar sequer uma insinuação dessas escapadas.

Sendo assim, prosseguiremos agora avançando para além dos escritos mais formais que são comumente estruturados para publicação, pois nossa escolha por esse conjunto de correspondências⁹⁵ faz parte de uma estratégia que, esperamos, se mostre operacional em termos de exposição: localizar em fontes alternativas, tradicionalmente pouco investigadas, aspectos e conteúdos que digam respeito ao objeto de nosso interesse; apontar algumas vicissitudes que notamos ser pouco faladas nos escritos mais conhecidos, e já publicados no campo psicanalítico, acerca da prática do psicanalista.

O ponto de mira inicial é, portanto, a *Correspondência Freud & Ferenczi*, documento potencialmente revelador da relação entre dois psicanalistas e das temáticas que os interpelavam naqueles idos. “Os dois homens fizeram amizade e trocaram, em um quarto de

⁹⁴ Até mesmo Freud (1916[1915], p. 30) duvidava da fidedignidade das narrativas acerca do que ocorria a portas fechadas, como podemos deduzir de uma de suas conferências introdutórias sobre a psicanálise, proferida a futuros médicos da Universidade de Viena: “A conversação em que consiste o tratamento psicanalítico, não admite ouvinte algum; não pode ser demonstrada [...]. Portanto, os senhores não podem estar presentes, como ouvintes, a um tratamento psicanalítico. Este pode, apenas, ser-lhes relatado; e, no mais estrito sentido da palavra, é somente de ouvir dizer que chegarão a conhecer a Psicanálise. Como consequência do fato de receberem seus conhecimentos em segunda mão, por assim dizer, os senhores estarão em condições bem incomuns para formar um julgamento. Isto obviamente dependerá, em grande parte, do quanto de crédito podem dar a seu informante”.

⁹⁵ Que por razões editoriais acabou por se transformar em dois tomos completos (1908-1911 e 1912-1914), restando ainda um terceiro volume, que englobaria as cartas até 1933, a ser lançado em futuro próximo no Brasil pela Editora Imago.

século, uma considerável correspondência, de mil e duzentas cartas⁹⁶” (MAJOR e TALAGRAND, 2007, p. 131). Os organizadores da obra, em particular Eva Brabant (1994, p. 25), destacam esse aspecto da história da psicanálise, que “gira em torno de si mesma”, mas que “(m)esmo assim, interessa relembrar as relações entre seu criador e os pioneiros: essas relações caracterizam as tendências de um tipo de pensamento e influenciam suas idéias”.

Na trilha aberta por Brabant, partiremos para a extração de certos elementos presentes nas cartas que documentam essa relação, elegendo dois grupos temáticos. Um deles aborda a questão do tempo junto aos pacientes, no sentido mais clássico do tempo em Psicanálise, mas também outros tempos aparentemente mais triviais como o tempo livre dedicado à família, a quase insolúvel falta de tempo livre para o prazer – visto que o dever ocupa de maneira extensa a profissão, além de uma atenção especial a tudo que diz respeito ao psicanalista em seu tempo – tempo de um presente de invenção ou de um futuro de projeção auspiciosa. O outro grupo abrange as temáticas relativas ao dinheiro, às dificuldades enfrentadas por Ferenczi para cobrar os honorários que garantiriam sua subsistência material e, principalmente, a forma como se endereçava a Freud clamando por reconhecimento e deixando claro que estava aquém do recomendado por Freud, uma vez que não conseguia fazer *como* Freud.

3.1 A lida com o tempo

Sempre nos interrogaram as razões pelas quais Freud preferiu privilegiar *dois* temas específicos – ainda que indiscutivelmente presentes no cotidiano da clínica psicanalítica – em um dos textos que incluiu no conjunto de artigos sobre a técnica que, genericamente, alcunhou de escritos que serviriam de recomendações a todos os médicos que desejassem praticar a psicanálise. Afinal, muitos outros tópicos poderiam ser abordados, mas Freud marca

⁹⁶ Roazen (1978, p. 402) amplia ainda mais esse número, afirmando que “Freud escreveu mais cartas – cerca de 2.500 – a Ferenczi que a qualquer outra pessoa (Jones, por exemplo, recebeu cerca de 400)”.

com distinção: “Pontos de importância no início do tratamento são os acordos quanto a *tempo* e *dinheiro*” (FREUD, 1913, p.168, grifos do autor).

Tendo em vista a relevância desses dois pontos, sublinhados por ele, poderíamos nos perguntar por que Freud não incluiu nessa recomendação *outros* temas de importância capital, tais como a questão da sutileza do manejo transferencial, a necessária sensibilidade para a interpretação, além de outros tópicos inerentes ao tratamento, que observamos anteriormente em vasto rol de exemplos.

Naturalmente, devemos nos lembrar de que Freud tratou também desses outros temas em textos distintos, de outras épocas. A despeito disso, contudo, permanece a pergunta: *por que afinal privilegiou dessa maneira o tempo e o dinheiro?* E o mais curioso é que, em alguns momentos, tratou desses temas por uma via quase concreta, realçando o valor dos honorários e a duração da sessão e do tratamento, conectando-os até mesmo a um quinhão de poder que o psicanalista deveria manter, mesmo que qualquer experiência psicanalítica demonstre, no fundo, que tempo e dinheiro são elementos, sobretudo, *simbólicos*, e que dessa forma deveriam ser tratados. Sendo assim, ainda é possível perguntar sob que prisma esses tópicos poderiam ser considerados indicativos de possíveis dificuldades para o psicanalista no cotidiano de sua profissão.

Para tentar responder, destinamos esta seção ao tema do *tempo*, considerando-o uma palavra que *condensa* aspectos que potencialmente dizem respeito ao nosso objeto de investigação, e à forma como pudemos captar na leitura das cartas o tempo como uma dificuldade na clínica que esses dois pioneiros inventavam nos primórdios da Psicanálise. Queremos deixar bem claro que tencionamos ir além do significado mais óbvio desse tema na clínica psicanalítica, comumente ligado ao tempo da sessão, ao tempo de duração do tratamento, ao momento da interpretação e a outros exemplos mais fácil e rapidamente identificáveis. Percebemos nas cartas outros ângulos desse tema que consideramos valiosos para discussões inaugurais no campo como, por exemplo, o tempo livre do psicanalista, o uso desse tempo livre que engloba a temática das férias, no sentido mais linear e cronológico, relativo ao presente e ao futuro da Psicanálise, entre outros.

Nos dias de hoje, quando se fala em tempo, é bastante comum ouvirmos desdobramentos ligados a um aspecto recorrente: a insuficiência. Mais e mais as pessoas conduzem suas vidas em um ritmo acelerado e, cabe realçar, o cotidiano das grandes metrópoles parece também contribuir para essa percepção. Além disso, o excesso de

estímulos e informações em circulação deixa a sensação de que alguma coisa importante está passando e de que não acompanhar é supostamente estar perdendo alguma coisa, ainda que incerta, numa contabilidade difícil de explicar, e um tanto quanto difusa.

Quando imaginamos Freud em Viena, no início de um século ainda não plenamente contaminado por essa aceleração tão característica da modernidade, poderia ser até razoável supor *outra forma* de relação com o tempo do relógio ou calendário, provavelmente menos atarantado⁹⁷ e, portanto, *supostamente* isento dessa sensação desconfortável que a maioria das pessoas cita correntemente, e não apenas nas sessões analíticas.

Tanto Freud, em Viena, quanto Ferenczi em Budapeste – duas capitais importantes e certamente bastante ativas em uma Europa ainda anterior às duas guerras mundiais e, posteriormente, sofrendo muito com elas – poderiam ser considerados típicos representantes de um modo de vida burguês⁹⁸, em um padrão que hoje classificariamos a partir do termo *classe média*. Tecer uma afirmativa como essa significa encará-los como personagens atravessados subjetivamente por certos parâmetros, hábitos e costumes de uma época específica, o que incluiria certo modo de planejamento das rotinas e do cotidiano em geral, nas relações e também no desfrute do tempo livre como, por exemplo, as férias ou viagens mais curtas, nacionais e transnacionais – até mesmo pela proximidade geográfica de alguns pequenos países, como no caso daquela parte específica do continente europeu.

Desse modo, espera-se encontrar essas temáticas nas cartas – ainda que em alguns momentos possa soar relativamente banal –, mas, por outro lado, o lado que aqui nos interessa, o tempo tomado de uma maneira mais objetiva, como componente direto ou indireto de algum possível *sofrimento* desses dois psicanalistas, mas fundamentalmente tomado como um aspecto subjetivo intrinsecamente ligado ao trabalho: produzir, planejar e realizar.

Na verdade, encontramos dois personagens que tentavam, cada qual ao seu modo, viabilizar um balanceamento *entre o dever e o prazer*, expressão que Ferenczi utiliza em uma carta endereçada a Freud, da qual extraímos um trecho que consideramos inaugural nessa nossa tentativa de problematizar a questão do tempo na atividade de um psicanalista:

⁹⁷ Ainda que Freud (1908) já alertasse em *Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna* sobre a aceleração das coisas da vida daquela época, um prenúncio para os tempos atuais, certamente ainda mais hiperbólicos em termos de intensificação das agruras dos cenários descritos por Freud e autores por ele pesquisados nesse trabalho específico.

⁹⁸ Peter Gay (1992, p. 146) qualifica Freud como “um bom burguês, e viveu sua vida de acordo com este princípio, com as suas certezas morais, o seu comprometimento com a vida em família, os seus charutos, e as suas férias de verão metodicamente planejadas”.

Tenho estado o dia inteiro ocupado, renunciei a todas as minhas atividades como ‘médico de família’ e, afora minhas atividades junto ao tribunal e as consultas da previdência, tenho me dedicado quase que exclusivamente às análises. O aspecto financeiro dessa atividade tem pouco a pouco melhorado, especialmente depois de eu não mais aceitar novos pacientes grátis. *À noite, estou geralmente tão cansado que não sinto grande vontade de trabalhar. Opo, assim, entre o dever e o prazer, por uma solução de compromisso: a leitura de suas obras.* Estou lendo novamente os últimos capítulos da ‘Interpretação dos Sonhos’ e, cada vez, tiro dela novos conhecimentos e esclarecimentos que até o presente tinham me escapado, tendo ficado, por assim dizer, escondidos. Acho que a ‘Interpretação dos Sonhos’ contém o germe de tudo o que sabemos hoje e o que deverá ser objeto de nosso trabalho nos próximos tempos. (FREUD, 1994, p. 130,⁹⁹ grifo nosso)

De que *dever e prazer*¹⁰⁰ poderia estar tratando Ferenczi? E, mais ainda, essa solução de compromisso expressa por meio da leitura de obras psicanalíticas, ainda que relevemos sua intensa ligação transferencial com Freud, acaba realçando uma temática que não é incomum entre analistas: a sensação de estar aquém ou de ser insuficiente em relação a um ponto mítico dos – e nos – estudos. Como se esse “sintoma” – ler quando não se sente fazendo o que deveria, e com isso *transformando o prazer*, que poderia ser desfrutado de qualquer outra forma, *em uma obrigação*: ler, sinônimo de estudar, de trabalhar ou de produzir – apontasse para a tentativa de repor alguma coisa certa ou incerta que supostamente faltou em determinado ponto ou momento pregresso de seu percurso clínico.

Mezan (1995b, p. 62, grifo nosso) considera esse aspecto sintomático muito específico da condição de psicanalisar:

Este passa a maior parte do seu tempo recluso entre quatro paredes, com porta dupla e chave na fechadura¹⁰¹. O isolamento é por isso uma ameaça real à sua estabilidade psíquica e ao seu senso crítico. O exercício da psicanálise cria uma curiosa atmosfera de irrealidade, pois as convenções do bom-senso e da vida cotidiana se encontram suspensas em decorrência das regras da arte. *Ler o que outros escrevem representa para o psicanalista, por essas razões, mais do que um prazer ou um dever de atualização*

⁹⁹ Carta 66: de Ferenczi para Freud em 30/06/1909.

¹⁰⁰ Appel-Silva e Biehl (2006) destacam que, especialmente nos tempos atuais, o trabalho não atende de forma satisfatória os desejos característicos do que se convencionou chamar de *sujeito pós-moderno*, supostamente ávido por novidades e emoções contínuas. Como antídoto a isso, há o surgimento de certas práticas particulares, na tentativa de tornar lúdico o trabalho, ou ao menos um pouco mais prazeroso. Para essas autoras, a “prática do trabalho marcou, assim, uma cisão entre as concepções “dever-prazer”. Esta cisão foi oriunda da modernidade. Porém, nesta época, era prioritariamente permitido socialmente aos sujeitos o exercício das práticas do dever, sendo o prazer considerado como um valor proibido. Na pós-modernidade, houve uma liberalização das práticas lúdicas e a vivência do prazer” (p. 529).

¹⁰¹ Mauro Mendes Dias (1993, p. 80, grifo nosso) lembra que “o psicanalista é aquele para quem o tempo, o tempo que passa dentro do seu consultório, é por onde passa sua condição de ser oriundo do real. Entra-se à luz do dia e, quando se vê, já é noite. *Puxa, como o tempo passa rápido!* não se deixa de repetir. Quando se dá em si, o analisante já mudou de vida, já fez e aconteceu e, então, dá-se conta de que o tempo está além da história”.

profissional; é uma atividade regeneradora tanto do seu narcisismo quanto do que estou chamando, por comodidade, de 'senso crítico'.

Além de combater a solidão e o isolamento inerente ao psicanalisar e de tomar o ato de ler como um dever torna-se fácil a tarefa de concatenar possíveis ligações com o termo cunhado por Sêrvulo Augusto Figueira (1996): *superego técnico psicanalítico*. Se passarmos então a falar de imperativos superegoicos, a constatação de que o prazer *pode* passar a ser um dever torna-se justificável. Aliás, como já vimos, uma das manifestações clássicas desses imperativos se dá na transformação de certas recomendações que foram se transformando em normas como, por exemplo, o fato de Ferenczi não mais aceitar pacientes em tratamentos gratuitos sem considerar cada caso em sua singularidade, o que contradiz frontalmente a posição de Freud acerca desse ponto.

Ainda que nos soe enigmático, há outro aspecto que julgamos importante, e que diz respeito a uma mudança *positiva* no consultório a partir de certos deslocamentos, decisões e escolhas pessoais, de que Ferenczi dá mostras. Após ter dito que abandonou certas atividades pouco ligadas ao analisar, sente que passou a receber mais pacientes, aprendendo de algum jeito a cobrar como Freud sugerira, evitando os tratamentos gratuitos e viabilizando, aparentemente, sua subsistência exclusivamente do movimento advindo do consultório. Esse lado enigmático é corroborado não só a partir da própria experiência pessoal, mas também a partir de colegas, em conversas informais, ainda que ninguém consiga *de fato* explicar claramente essa possível relação entre os dois pontos. Talvez isso também possa ser creditado a certos giros na análise pessoal, a algum rearranjo em termos de economia da libido, que colabore para tornar flexíveis os alvos do investimento libidinal. Uma carta de Ferenczi alavanca nossa hipótese:

Em mim, o processo tem feito progressos muito mais rápidos: sonho muito; analiso meus sonhos e encontro uma grande quantidade de infantilismos. Em consequência, as análises de outros também estão indo bem melhor; eu encontro as soluções melhores, com maior rapidez. [...] De resto, estou cientificamente isolado. Tenho um único aluno, que ainda está no começo. Ademais ele é muito pobre e provavelmente deverá ir logo embora. [...] Os jovens estão começando a se interessar pelo Sr. Hoje estive aqui um jovem estudante de medicina, enviado pelo departamento estudantil do 'Círculo Galileu' (Clube dos Livres-Pensadores), e eu acabei deixando que me extorquissem uma conferência. Falarei no próximo sábado, no clube, sobre a 'Psicopatologia da vida quotidiana'. Até o Natal tenho ainda de fazer cinco conferências! Seria muito bonito, se não tornasse impossível para mim o

trabalho realmente científico, não-pedagógico. No futuro, não responderei de forma leviana a tais convites. (FREUD, 1994, p. 150,¹⁰² grifos nossos)

Novamente nos defrontamos com a dubiedade entre o prazer e o dever. Ferenczi, ao que parece, sinalizava preferir a produção científica ao trabalho dito pedagógico; o que nos induz a pensar inicialmente se, no fundo, não se trata de sinal de *identificação* a Freud, trabalhador incansável, um *Ideal de Eu* praticamente inalcançável, se pensarmos em termos de carga de trabalho e produtividade¹⁰³. Outro pensamento, porém, aponta um aspecto pouco tocado e que mereceria ser convenientemente apreciado: o psicanalista, para além de sua atividade clínica, *necessita* de cuidar também de alguns aspectos intrínsecos a ela, como o envolvimento com a transmissão. A teorização a partir do que já foi dito e escrito, bem como a *teorização pessoal* de cada psicanalista contribuem para permitir o avanço do campo a partir da regularidade na publicação de produções essencialmente clínicas, de ordem metapsicológica ou mais teórico-conceituais.

Essa necessidade, se assim podemos dizer, seria uma das vias possíveis de *elaboração, por parte do analista*, acerca do que consegue captar dos casos clínicos de sua responsabilidade, dos tratamentos que conduz. Em outras palavras, uma possibilidade de fazer retornar o que pôde escutar sob transferência e, principalmente, os efeitos e consequências *em seu íntimo* a partir da oferta que estabeleceu aos que o procuraram. Ressaltamos que esse retorno custa, dá trabalho, *toma tempo* e exige muito do analista, portanto, pode-se tolerar a insistência desse tema nas cartas, especialmente nas que partiam de Freud, como podemos agora perceber nestes dois exemplos:

Em consequência de um acesso enfurecido, que me levou a escrever o Leonardo até a página 30, adiei a ocasião de agradecer ao Sr. pelo material enviado. *Agora estou mais livre: trabalho menos e ganho menos, esperando terminar o L[eonardo] até o Congresso.* (Freud, 1994, p. 208,¹⁰⁴ grifos nossos)

Querido filho (até que você volte a interditar novamente o título de filho). Sucedem no mundo um grande número de coisas desagradáveis que nos obrigam a escrever. [...] O trabalho sobre o totem está uma porcaria. *Leio livros enormes sem estar realmente interessado*, pois já conheço os

¹⁰² Carta 79: de Ferenczi para Freud em 26/10/1909.

¹⁰³ Mahony (1992, p. 198, grifo do autor) comprova esse traço do criador da Psicanálise com a seguinte observação: no “espaço de um mês e meio, Freud compôs seus cinco profundos ensaios metapsicológicos – ‘tal furor de atividade’, repitamos Jones, ‘seria dificilmente igualado na história da produção científica’. Referindo-se à composição dos três primeiros artigos metapsicológicos em cinco semanas, Robert Holt memoravelmente exclamou: ‘Eu calculei que levaria uma semana inteira só para *copiar* esses três artigos manuscritos – a forma usual de Freud escrever –, se trabalhasse durante tantas horas por dia quanto pudesse agüentar”.

¹⁰⁴ Carta 119: de Freud para Ferenczi em 03/03/1910.

resultados, é meu instinto que me diz. [...] Muitas coisas não querem se encaixar, mas também não podem ser forçadas, *nem todas as noites tenho tempo*, etc. Às vezes tenho a sensação de ter desejado estabelecer apenas uma tênue ligação e depois descoberto, com a minha idade, ter de casar com uma nova mulher. *Trabalho bastante, das 8 às 8*, mas tenho pouco a dar aos meninos. E eles rapidamente viram uns selvagens, quando não estão ocupados. (FREUD, 1994, p. 372,¹⁰⁵ grifos nossos)

Nessas duas cartas em particular, Freud começa a abordar um aspecto complementar acerca do que dizemos sobre a necessidade da escrita e da transmissão, por parte do psicanalista. Essa necessidade liga-se a uma busca por *tempo livre*¹⁰⁶, vital para essa tarefa e muitas vezes mais longo e custoso do que pequenas escapadelas da família, como Freud parece dizer de seus filhos – reais, e não de seu “filho” Ferenczi –, o que, aliás, não o diferenciaria em nada de qualquer profissional liberal dos dias atuais, com os tradicionais queixumes sobre a falta de tempo para acompanhar o crescimento ou desenvolvimento de seus rebentos ou mesmo o convívio familiar. Freud parecia mesmo sentir-se desconfortável com essa dificuldade:

De momento estou sendo um péssimo correspondente, *pois tenho de dedicar todas as minhas horas livres (e não são muitas) à maldita redação americana (três conferências já partiram)*. Mas isso não deve influenciá-lo, pelo contrário: quanto menos eu puder oferecer, mais estou precisando receber. [...] O Sr. deve receber minha fotografia por esses dias. *Sinto-me tão inibido que não consigo providenciar nada sozinho, preciso recorrer a minha esposa e a meus filhos, sobretudo porque minha cunhada, que cuida geralmente dessas questões, ainda não está aqui* [...] Mesmo a saúde poderia estar melhor, a América teve custos altos neste sentido. (FREUD, 1994, p. 168¹⁰⁷, grifos nossos)

As hoje famosas conferências solicitadas por Stanley Hall, que o recebeu na *Clark University*, parecem ser um bom exemplo de um desdobramento do trabalho de Freud no consultório. Essas exigências levavam-no a teorizar, escrever e cuidar da publicação, incluindo aí os aspectos da produção editorial, além de detalhes pitorescos como, por exemplo, encontrar uma foto que provavelmente seria utilizada no livro ou em material promocional como, aliás, faz parte da rotina de qualquer escritor mais reconhecido. É curioso Freud citar essa inibição momentânea, além de revelar a importância da ajuda da cunhada,

¹⁰⁵ Carta 255: de Freud para Ferenczi em 30/11/1911.

¹⁰⁶ Peter Gay (1989a, p. 26) toma essa questão por outro ângulo: “Entre as provas mais sólidas de profissionalismo de Freud está o volume de sua produção. Exercitava-se da única maneira que um escritor pode se exercitar: escrevendo sempre que conseguia achar (ou criar) tempo”.

¹⁰⁷ Carta 86: de Freud para Ferenczi em 21/11/1909.

Minna, com a qual contava, ao invés de Martha e dos filhos, que pareciam gravitar ao seu lado e ao redor do que envolvia sua profissão.

Freud também parecia estabelecer algum nexos causal entre essa carga de trabalho e sua saúde física, elemento recorrente em suas cartas. Mas, por outro lado, Gay (1989c, p. 152, grifo nosso) nos alerta:

Manter um diário e escrevê-lo, algo apreciado, especialmente no século XIX, por pais e professores, há muito tinha suas convenções; saúde, o clima e os pensamentos profundos sobre o amor e a religião eram temas quase que obrigatórios. Eles, também, podem tornar-se *sintomas reveladores de uma sociedade preocupada com o estado mental e do corpo*.

Ainda assim, não podemos realmente dizer se esse tópico se limitava à interlocução com Ferenczi, ou se na verdade dizia respeito a um *excesso particular*, do qual talvez devêssemos mesmo suspeitar, especialmente a partir do que Freud (1913) intitulou de *ganho secundário*. Afinal, por que essa insistência, tão claramente observável? Temos aqui um exemplo ilustrativo:

Com o Sr., porém, gostaria sem dúvida de conversar sobre nossa ciência [...] *Estou trabalhando – se é que ainda pode chamar de trabalho o ritmo com que estou trabalhando atualmente (pois, afora os domingos, quase não consigo escrever algumas poucas linhas)* – em um Método Geral da Psicanálise, sobre o qual já tenho vinte e quatro páginas escritas. Penso que ele deverá ser bastante importante para aqueles que já analisam. (FREUD, 1994, p. 87¹⁰⁸, grifo nosso)

Difícil não deixar de notar o destacado grau de exigência que Freud fazia *a si mesmo*, considerando que escrever apenas aos domingos, após atender no consultório – *de segunda a sábado, ininterruptamente*, como conta em seus textos mais autobiográficos, fato também confirmado por alguns pacientes que narram suas análises com Freud (Cf. ROAZEN, 1999) –, não é o que se poderia chamar de trabalho. Então, beirando o estarrecimento, poderíamos nos perguntar: qual seria um ritmo de trabalho *respeitado*¹⁰⁹ por Freud e, como arrumar tempo para tudo? Freud não parecia realmente se importunar com esse ritmo de trabalho:

Sobre o verão, gostaria de revelar-lhe que tenho uma necessidade imperiosa de um período de solidão, já que em Seis terei de fazer o trabalho para Kraus, que só pode ser amadurecido em passeios silenciosos. [...] *Aliás, voltei a trabalhar como um*

¹⁰⁸ Carta 22: de Freud para Ferenczi em 26/11/1908.

¹⁰⁹ “O trabalho de Freud lhe dava muito prazer, mas não era um prazer que ele pudesse dispensar... vemos a concentração no trabalho como único objetivo na vida, o que nos traz de volta aos quadros em suas paredes, às almofadas no divã e aos tapetes no chão – o desejo predominante de conforto e aconchego. Neste desejo, como em tantas outras coisas, Freud era como um burguês qualquer. Era apenas honesto” (GAY, 1989a, p. 47).

*verdadeiro burro de carga*¹¹⁰, das 8 da manhã às 9 e meia da noite! (FREUD, 1994, p. 293¹¹¹, grifo nosso)

E Ferenczi, de maneira que julgamos bastante eficiente, reporta-se a Freud alimentando essa crença, transmitindo-lhe as agruras dos meandros de suas tentativas de estabelecimento em seu país, período que evidencia a dureza característica do início da clínica; um começo que muitas vezes perdura por anos, sem a garantia de que não reapareça de quando em quando, exigindo do analista um desgastante *recomeçar*:

Fisicamente também estou bem, de forma que poderia ter muito mais trabalho. Este ano começa mal; tenho apenas 2 ou 3 análises por dia – e uma delas está quase no fim –, novas não estão aparecendo. *Mas, não me incomodo nem um pouco: quero dedicar meu tempo livre (o qual até agora preenchi com doenças) à ciência.* (FREUD, 1994, p. 149¹¹², grifo nosso)

Doença, no caso de Ferenczi, parecia preencher as lacunas no tempo, que deveriam estar preenchido por trabalho, clínico ou científico, mas, no que tange a Freud, isso parecia caminhar em direção oposta, uma estranha mistura de doença e trabalho, como se o mal-estar¹¹³ tivesse nele uma função de impulsão:

Não estou muito satisfeito com coisa alguma por aqui, *estou física e psiquicamente naquele estado que em mim costuma acompanhar um trabalho interior intenso, ou melhor, a preparação a ele. É uma forma de miséria; quando me sinto bem, raramente sou produtivo.* Leio, leio e tudo fermenta. Se vou chegar a algum lugar – não sei. (FREUD, 1994, p. 365¹¹⁴, grifo nosso)

Para esclarecermos um pouco mais esse tema recorrente nas cartas, ampliando a discussão, teremos que fazer uso de uma pequena digressão, aprofundando o exame do tema a partir do pesquisador que privilegiamos anteriormente, Christophe Dejours, ressaltando que um dos pontos que nos capturou acerca de seus postulados reside no fato de que o psicanalista poderia ser considerado em pé de igualdade com qualquer profissional. Um operário ou um

¹¹⁰ Um burro de carga que curiosamente, recomendava o *contrário* aos colegas que iniciavam a prática clínica como, por exemplo, num diálogo com Lou André Salomé, em carta enviada por volta de 1923, na qual dizia com todas as letras: “Estou tomando conhecimento, horrorizado – e por fonte confiável –, de que *dedica até 10 horas por dia à psicanálise*. Naturalmente, considero isso uma *tentativa de suicídio mal dissimulada*, o que muito me surpreende, porque, ao que saiba, tem muito pouco sentimento de culpa neurótico; *intimo-a, pois a dar fim a isso*, aumentando, antes, o preço de suas consultas da metade ou de um quarto, segundo as oscilações da queda do marco” (FREUD *apud* MIJOLLA, 1985, p. 139, grifos nossos).

¹¹¹ Carta 480: de Freud para Ferenczi em 22/06/1914.

¹¹² Carta 347: de Ferenczi para Freud em 15/11/1912.

¹¹³ Que poderia ser mensurado a partir da carta por ele endereçada a Karl Abraham, em 03 de Junho de 1912: “A resposta a sua pergunta, a saber, como faço para escrever, além de ocupar-me de minha prática analítica, é simples: é preciso descansar da psicanálise trabalhando, sem o que não agüento” (FREUD *apud* MIJOLLA, 1985, p. 123).

¹¹⁴ Carta 249: de Freud para Ferenczi em 05/11/1911.

executivo, por exemplo, ainda que aparentemente tão distintos, não o seriam ao menos na questão da relação entre o tempo e o trabalho, como mostram dois recortes de pesquisas efetuadas por Dejours e seu grupo.

O primeiro recorte, dedicado a operários que efetuam atividades repetitivas, em que o tempo é forçosamente cadenciado, traço típico das organizações de trabalho *tayloristas*, ou mesmo *fordistas*. Essa repartição das tarefas, o ritmo e a interligação entre elas exigem do trabalhador algo que parece estranho aos pesquisadores: uma *mudança na relação* com o tempo, exigindo deles uma relativa paralisia do funcionamento psíquico – um rebaixamento de saudáveis descontinuidades que, por exemplo, comportariam o devaneio como representante exemplar – para se manterem em um contínuo de concentração e foco que servem *exclusivamente* à tarefa. Afinal, nesse caso em particular, tal atitude é sumamente necessária, pois controlar o corpo pressupõe, por exemplo, não perder o dedo numa prensa, ou outros tipos de ferimentos advindos daquilo que o senso comum chamaria de *distração*.

Dejours percebeu que esses operários, ao paralisarem parte de sua atividade psíquica, até como estratégia de sobrevivência, acabam por disparar uma auto-aceleração, suficiente e necessária para parearem a cadência imposta pela tarefa e, com isso, conseguem, de alguma forma, relaxar um pouco, evitando ou postergando o esgotamento. Mas, e *após* o trabalho, como fica essa relação com o tempo? Dejours (2004, p. 177, grifo nosso) responde:

Obter a repressão pulsional pela auto-aceleração é desgastante e caro. Quando é alcançada e não há mais conflito entre funcionamento psíquico e organização do trabalho, o operário – e as pesquisas comprovam-no – procura proteger e estabilizar esta economia psíquica. Fora do trabalho ou da fábrica, ele se impõe ainda cadências artificiais, fazendo tudo de maneira frenética. O operário corre nas baldeações dos transportes coletivos e dirige o automóvel como um louco; a operária administra suas atividades domésticas com o ritmo apressado da fábrica. *O trabalhador e a trabalhadora param apenas quando vencidos pelo cansaço, seja para cair em um sono sem sonhos, seja para estatelar-se em um sofá na frente da televisão, escolhendo o mais tolo dos programas, pois este protege a paralisia do pensamento e não ativa o pensamento elaborativo.*

Como consequência desse processo diário e regular, após longos períodos, esse operário apresenta doenças somáticas, que inscrevem no seu corpo um elemento que não aparece em termos psíquicos, causando na maioria das vezes um envelhecimento precoce e uma sobrevida mais curta, especialmente nos casos mais graves. Prosseguindo nesse raciocínio, porém, poderíamos nos perguntar: e na família, como fica esse operário *acelerado*

a partir de outra possibilidade de relacionar-se com o tempo? Ouçamos Dejours (2004, p. 177, grifo nosso) novamente:

Convém ainda observar que, *uma vez dentro de casa, o operário realiza um grande esforço para manter suas funções operatórias*. Quando tem crianças pequenas, essas querem sempre brincar, mas ser parceiro de uma criança em uma atividade lúdica pressupõe uma flexibilidade do funcionamento psíquico pouco compatível com sua situação mental. Os jogos infantis podem assim transformar-se em uma espécie de provocação, que faz vir abaixo justamente o esforço que o operário realiza para resistir ao sofrimento causado pelo trabalho. Assim, é freqüente que a criança seja repreendida ao propor uma brincadeira. Numerosos cenários podem então organizar essa tragédia racional. Com muita freqüência, a criança, sensível ao sofrimento dos pais ‘taylorizados’ e às suas estratégias defensivas, sofre comprometimentos em seu próprio desenvolvimento psicoafetivo. Particularmente o processo sutil de estabelecimento das aptidões à sublimação corre o risco de ser comprometido por desordens importantes e, não raro, as crianças se deparam com problemas de repetência escolar, cuja origem, em última instância, está na organização do trabalho que disciplina a jornada dos pais, o que implica que a ordem econômica defensiva transborda para a ordem da economia familiar como um todo.

O segundo recorte proposto pelo autor está referido ao executivo, também alvo das pesquisas da Psicodinâmica do trabalho, igualmente pelo vértice do tempo como elemento a ser problematizado, mas por meio de um termo bem atual: a hiperatividade desses trabalhadores.

Na concepção de Dejours, os executivos – no fundo de maneira análoga aos operários, pois ambos vendem sua força de trabalho, como qualquer postulado básico marxista demonstraria – também *aceleram* para suportar uma cadência. Ao contrário da monótona repetição, essa cadência é profundamente exigente, com picos inesperados, representados por infundáveis reuniões, vários interlocutores diferentes ao dia, falta de domínio da própria agenda, viagens inesperadas, cobranças por metas e objetivos nem sempre razoáveis, além de uma possível sensação de isolamento e solidão característica das posições de poder. Como o autor já ressaltou, parte-se novamente de uma inversão: como o trabalhador, desta vez o executivo, se mantém nesse ambiente *sem adoecer*? A hiperatividade desses executivos é fruto de algum tipo de deficiência em termos de funcionamento psíquico, algo que pode ser considerado um novo tipo de patologia¹¹⁵ ou, no fundo e na verdade, seria uma *resposta*, uma consequência dessa situação também patognomônica? Novamente Dejours (2004, p. 179) responde:

¹¹⁵ E aqui temos a sensação de que Dejours mantém uma posição crítica ao uso deliberado desse termo *hiperatividade*, transformado que foi em verdadeiro modismo pelo processo atual de medicalização do cotidiano.

Pesquisas realizadas junto a executivos da diretoria de empresas multinacionais de origem norte-americana permitiram-me observar como, além do funcionamento operante, a exaustão leva esses executivos ao uso de psicotrópicos, notadamente cocaína. Assim, algumas psicoses são recorrentes no meio dos executivos com postos de responsabilidade em empresas norte-americanas, favorecidas ademais pela extinção progressiva das defesas psiconeuróticas engendradas pela estratégia defensiva da repressão pulsional. Para manterem o seu posto e assumirem suas responsabilidades, eles caem na toxicomania, o que certamente não ocorreria caso não fossem anteriormente tomados na armadilha contra o seu próprio funcionamento psíquico e apanhados de profundo temor ao observarem o vazio que surge neles quando não conseguem seguir a cadência de trabalho dos demais colegas de diretoria. Isto mostra, uma vez mais, que a normalidade não implica sempre a felicidade.

Nesse trabalho de Dejours não encontramos nada que dissesse respeito ao executivo chegando a sua casa, mas, da mesma forma que acontece com o operário, não seria surpresa se esse trabalhador também apresentasse dificuldades em modular essa hiperatividade para brincar com os filhos pequenos, ou na relação com a TV.

Tanto o tempo acelerado quanto aquele marcado pela hiperatividade parecem não carecer de maiores explicações, o que nos ajuda então a formular uma questão central nesta seção: e se, por acaso, nos parágrafos anteriores, trocássemos as palavras operário ou executivo por psicanalista? *O que mudaria e como mudaria?*

Uma resposta de Freud a Ferenczi aparentemente nos fornece algumas hipóteses sobre o que poderia advir, por exemplo, de um ano extenuante, com dedicação *desmesurada* ao trabalho:

Sua indisposição é certamente consequência do trabalho do ano inteiro, *sejam quais forem os sintomas com que isso tenha se manifestado*. Esperamos que justamente a viagem de navio lhe faça particularmente bem. [...] Estou bem descansado, *mas intelectualmente muito lento*. Em família vai tudo otimamente bem. (FREUD, 1994, p. 135¹¹⁶, grifos nossos)

Por outro lado, certo tipo de trabalho típico de uma realização mais coletiva, como é comum no campo psicanalítico com seus congressos e eventos de variados portes, parecia incomodar também Freud, pois exigia um ânimo e uma energia que parecem ser sugados quando do isolamento da clínica e da escrita. A organização de um congresso é um bom exemplo, pois força algum nível de encontro com os pares: “Com o nosso pequeno congresso dos próximos dias, espero elevar o moral, *aquele moral elevado que é preciso ter, de tempos*

¹¹⁶ Carta 71: de Freud para Ferenczi em 09/08/1909.

em tempos, depois de se ter sofrido por acúmulo de trabalho e outras indisposições” (FREUD, 1994, p. 114¹¹⁷, grifo nosso).

Nesse sentido, ao que parece, o psicanalista poderia ser considerado *um trabalhador* ordinário, como, aliás, Lacan certa vez já o qualificou, mas adicionando um adjetivo, tornando-o um *trabalhador decidido* frente à objetificação que o processo de institucionalização estaria causando à formação psicanalítica. E, portanto, desse ângulo, não seria nada estranho se nos perguntássemos se o psicanalista *também* não poderia ser um alvo desse modelo de investigações. Dejours (2004, p. 180, grifo nosso) nos deixa um alerta apropriado:

[...] é importante lembrar aqui que as estratégias defensivas lançadas para enfrentar o trabalho não se detêm na oficina, no chão da fábrica ou no escritório. Não mudamos o funcionamento psíquico ao cruzar as portas da fábrica ou da sede social da empresa. *As estratégias defensivas não apenas não ficam no vestiário, mas ainda são capazes de colonizar o espaço privado e a economia familiar e ter ainda conseqüências mais importantes sobre o funcionamento psíquico dos cônjuges e dos filhos.*

O psicanalista, quando sai de seu consultório, chegando a sua casa, tendo ou não uma família pensada em moldes mais tradicionais, também poderia ilustrar enunciados dramáticos como os que extraímos de Christophe Dejours, mesmo que em cenários diferenciados, talvez com outras questões e problemáticas? Se podemos nos perguntar, por exemplo, se o operário e o executivo passam por dificuldades de ajustar o tempo – em quantidade e qualidade – para o convívio social, para outras atividades que seriam afetadas com a aceleração ou lentificação trazida do trabalho, que dizer então do psicanalista?¹¹⁸ O que dizer desse profissional que, em essência, trabalha com um tempo distinto do tempo cronológico, ainda que o relógio e o calendário lhe sejam atinentes? Seria então possível pensar no que propõe Ana Martinez Westerhausen (2008, p. 29, tradução nossa), com um *tempo do analista*? Pensemos então em sua hipótese:

[Talvez] a dedicação exclusiva à Psicanálise seja o que mais convenha ao discurso analítico. A que nos referimos com o sintagma ‘tempo do analista’?

¹¹⁷ Carta 49: de Freud para Ferenczi em 23/03/1909.

¹¹⁸ Outro complicador que podemos adicionar é que aqui privilegiamos um psicanalista perto de um modelo mais clássico e comumente idealizado, com seu consultório privado repleto de pacientes, uma vida calcada em um estereótipo de classe média, intelectualizada e com um estilo de vida que possivelmente não se distanciaria muito do estilo de Freud. Hoje, após mais de cem anos da invenção da Psicanálise, há psicanalistas que atuam para além dos limites do consultório particular, atendendo pessoas em processos individuais ou mesmo em intervenções grupais, em instituições e organizações públicas e privadas, atingindo todas as classes sociais, relacionando-se com outras profissões em equipes multidisciplinares, num complexo emaranhado de relações, lugares, laços e posições nas quais a questão do reconhecimento, preconizada por Dejours, ou mesmo essa problemática do tempo, seriam potencializadas exponencialmente.

Em primeira instância à administração do tempo real de que dispõe o analista. Entre colegas escuta-se amiúde: ‘estou esgotado... não paro... não me sobra um minuto para meus assuntos... etc.’, o que evoca o analista hiperocupado, que consome quase todo seu tempo nos fazeres analíticos: atender pacientes, docência, tarefas institucionais, etc., e que, sem dúvida, [ainda assim] resiste a recusar novas demandas e ofertas que lhe tomam mais tempo ainda. Analista viciado em Psicanálise? Analista que tomado dentro do discurso capitalista, não pode deixar de produzir? Analista onipotente? Acostumamo-nos a responder que a causa analítica é que determina o uso do tempo de que dispomos, como se ela garantisse a melhor existência do desejo do analista. Mas não é seguro que a dedicação exclusiva à Psicanálise seja o que mais convenha ao discurso analítico.

A pergunta “Um analista viciado em psicanálise?” evoca uma questão complexa e que demandaria diversos desdobramentos, mas, de imediato valeria a pena retomar o que Birman (1996) narrou anteriormente, ainda em nosso percurso metodológico, acerca das reações dos colegas quando de sua decisão relativa a um ano sabático. Poderíamos assim aprofundar por outro veio a questão do tempo, problematizando a relação entre o analista e as férias, um período de suposto afastamento do psicanalisar. Afinal, muita tinta já foi gasta tratando da relação entre o paciente e as férias de seu analista e da forma como isso mobiliza aspectos muito primitivos de abandono ou mesmo de desamparo; contudo, pouco se fala do lado do analista, especialmente daquele profissional exageradamente ligado ao seu trabalho e que, como frisou Westerhausen, muito facilmente encontramos na comunidade psicanalítica, com colegas atarantados e que, por mais que se queixem, raramente mudam.

Encontramos uma carta que nos ajuda a clarear um pouco mais essa questão, pois, quando as férias chegavam, Freud demonstrava que acabaria encontrando certa dificuldade em se desligar do trabalho, como se a atividade impregnasse por demais a libido investida durante o período de trabalho e persistisse nas férias:

Há anos me conformei em ser um determinado tipo de veranista: nos primeiros dias logo após ter parado de trabalhar, muito feliz e contente; a seguir, umas duas semanas depois, caio na real miséria do esgotamento, absolutamente legítimo, que se segue ao ano de trabalho; e assim me comportei também este ano. E é neste estado de espírito que escrevo hoje ao Sr. É um estado desagradável, como quando não se consegue dormir ou então está muito cansado para acordar. *Sinto que os resíduos do trabalho não me deixam em paz*¹¹⁹. O que eu precisaria é de concentração, para depois

¹¹⁹ Nesse tópico, Patrick Mahony destaca uma distorção atribuída a uma suposta dificuldade de Freud nesse campo: “Ao manter que o sombrio Freud negligenciava o papel saudável do divertimento na vida, alguns encontram justificativa no seguinte caso relatado por Erikson: Certa vez perguntaram a Freud o que ele achava que uma pessoa normal deveria estar apta a fazer. Quem perguntou provavelmente estava esperando uma resposta ‘profunda’ e complicada. Mas Freud simplesmente disse: ‘*Lieben und arbeiten*’ (‘amar e trabalhar’)” (Erikson *apud* Mahony 1992, p. 207). Originalmente publicado em: ERIKSON, E. *Identity: youth and crisis*, Nova Iorque: Norton, 1968. Já Harari (2008, p. 168) discorda, pois defende que Freud tenha dito outra coisa: “O que libera, uma análise? – a capacidade, diz Freud, de *Genuss* e de *Lesitung*. Para minha surpresa, em geral isso foi traduzido como amar e trabalhar. Se alguém conhece o alemão, sabe o que quer dizer a

trabalhar seriamente, mas estou totalmente incapaz de produzir. Pensei que os passeios em belos bosques cerrados iriam me trazer essa concentração, mas provavelmente é um erro, pois o que tenho diante de mim são dunas e o mar, podendo atribuir minha preguiça a esta má influência. Na realidade, agora não estou conseguindo fazer nada, nem mesmo desfrutar do repouso que a situação justamente requer, e tenho de esperar. (FREUD, 1994, p. 254¹²⁰, grifo nosso)

Quando Freud diz que os resíduos do trabalho não o deixam em paz e, em vista disso, fica impotente em termos de produção, levantamos algumas hipóteses, aumentando mais ainda a sensação de estarmos próximos de um tema que talvez soe inexplorado: a *saúde* do psicanalista ou, com um pouco mais de ousadia, a *salubridade* dessa profissão. Freud enfatizava o aspecto do excesso que Ferenczi poderia estar cometendo, assumindo tantos compromissos:

Reconheço os esforços intensivos que tem feito para criar o grupo de Budapeste, *mas acho que com as conferências de 9 as 11, três vezes por semana, o Sr. assumiu uma carga demasiada pesada. Lembre que o Sr. só pretende sair de férias em setembro* e que, antes disso, ainda tem o verão inteiro pela frente (FREUD, 1994, p.237¹²¹, grifo nosso)

Ainda que considerasse as férias ou as viagens de navio com Ferenczi um momento privilegiado de interlocução – talvez não muito distante de certa valorização que os analistas dão a consultórios maiores, com mais salas e mais colegas, que colaboram para um evitamento da solidão, mesmo que em breves intervalos¹²² para o café – Freud indica outro olhar que poderíamos lançar para a questão do tempo, agora em termos de porvir:

Sem sombra de dúvida, nossa correspondência padece da espera pelo verão. Sem que o desejemos, tudo se adia para os dias em que estaremos passeando no convés do George Washington e *conversando sobre o presente e o futuro da psicanálise. Não posso fazer nada contra essa compulsão e limito-me, portanto, às informações concretas.* (FREUD, 1994, p. 127¹²³, grifo nosso)

primeira palavra: gozo e não prazer. E, a segunda palavra: produção. Efetivamente essas duas vertentes, essas duas colunas vertebrais de nossas vidas”.

¹²⁰ Carta 153: de Freud para Ferenczi em 02/08/1910.

¹²¹ Carta 138: de Freud para Ferenczi em 05/06/1910.

¹²² Quanto a esse detalhe específico do intervalo entre uma sessão e outra ou, mais ainda, na ausência de um paciente, Manoel Tosta Berlinck defende uma posição interessante, a partir de sua experiência pessoal: “Comer e dormir também são formas freqüentemente adotadas pelo psicanalista para preencher o seu tempo criado pela ausência de um cliente à sessão de análise. Aliás, descobri que a comida desempenha importante função também nos intervalos das sessões e, geralmente, serve para preencher uma sensação de vazio – uma falta – causada pela própria interrupção da sessão. A fome experimentada pelo analista entre as sessões, freqüentemente está associada a uma forte sensação que o cliente tem quando a sessão é interrompida, uma fantasia de que ele recebeu pouco de seu analista e está com fome” (BERLINCK, 1988, p. 54).

¹²³ Carta 62: de Freud para Ferenczi em 23/05/1909.

Presente e futuro da Psicanálise que podem indicar o futuro do psicanalista. Ferenczi parecia compreender que o futuro da Psicanálise dependia dele, psicanalista:

Totalmente abandonado pelos colegas de profissão e pelos médicos mais velhos, acabei por organizar o curso para jovens estudantes entusiastas que estão felizes demais por poderem enfim assistir a algo de vivo, novo e belo, depois das áridas preleções universitárias. *Cumpro minha missão de garantir a psicanálise para a posteridade três vezes por semana, à noite, das nove às onze. [...] As palestras dadas até tarde da noite e depois do trabalho de um dia põem minhas forças brutalmente à prova, mas o grande interesse demonstrado pelos ouvintes me faz esquecer todo e qualquer cansaço.* (FREUD, 1994, p. 236¹²⁴, grifo nosso)

Consideramos que esse aspecto mereceria ser alvo de um olhar mais detido sobre a responsabilidade do psicanalista com relação ao presente e ao futuro da Psicanálise, talvez dois modos de pensar temporalmente a profissão: *como estou* e *como estarei* seriam duas possíveis enunciações em qualquer formulação que remeta ao *hoje* e ao *amanhã* da Psicanálise. Ferenczi, mais uma vez, nos interroga:

Caro Professor, estou me sentindo como um velho engenheiro ferroviário que conheço, que – aposentado após 50 anos de serviço – se põe diante da locomotiva parada à sua frente e exclama com ingênua admiração: ‘Mas é mesmo uma bela invenção!’ *Há anos que a psicanálise ocupa minhas horas da manhã à noite, sou um operário desse método, ela é minha ferramenta e meu pão de cada dia. E não passa dia em que eu não tenha de parar – com frequência, no meio do trabalho – para admirar o enorme progresso no conhecimento da humanidade, seja da humanidade doente, seja da humanidade saudável. ‘Mas é mesmo uma bela invenção!’* (FREUD, 1994, p. 230¹²⁵, grifo nosso)

Seriam esses comentários de Ferenczi indicativos de, ao menos no aspecto do presente, outra possível forma de conceber o alerta de Lacan (1953, p. 322): “Que antes renuncie a isso, portanto, quem não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época”. Ou ainda, em termos de futuro, de acordo com Dunker (2008, p. 24), que julga que a Psicanálise “está perfeitamente em acordo com esta época, simplesmente porque ela contribuiu para produzi-la. A questão é saber se ela poderá sair de sua própria época para poder reencontrá-la”. Parece-nos então que esse lidar com o tempo pode ser considerado uma especificidade da profissão, pareado talvez a mais um elemento, o dinheiro.

¹²⁴ Carta 137: de Ferenczi para Freud em 27/05/1910.

¹²⁵ Carta 133: de Ferenczi para Freud em 06/05/1910.

3.2 O trato com o dinheiro

O dinheiro, assim como o tempo, também é um tema caro aos psicanalistas, não apenas pela destacada importância desse elemento no tratamento, mas, sobretudo, pelo simbolismo que porta na relação analítica. Marque-se também que a gênese desse aspecto simbólico deriva da própria concepção dessa invenção humana que serve como índice de medidas, mensurações e principalmente de *valor* como, por exemplo, no sistema de trocas mediado pelo preço de bens, mercadorias ou serviços. É bom lembrar que o dinheiro foi criado exatamente para servir como parâmetro de simetria entre os interessados no escambo de elementos *dísparos*, que não poderiam ser pareados por meio da troca simples de uma unidade por outra.

No sentido específico mais facilmente identificável do dinheiro no tratamento, Freud já alertava que o psicanalista deveria considerá-lo um substrato relacionado ao poder¹²⁶, além de um elemento vital para a sua própria organização financeira e subsistência material¹²⁷:

Mas o psicanalista deve colocar-se na posição do cirurgião, que é franco e caro por ter à sua disposição métodos de tratamento que podem ser úteis. Parece-me mais respeitável e eticamente menos objetável reconhecer os próprios direitos e necessidades reais do que, como ainda é costume entre os médicos, desempenhar o papel do filantropo desinteressado – posição que não se pode, na realidade, ocupar, sob pena de ficar-se secretamente prejudicado, ou *queixar-se em alta voz, da falta de consideração e do desejo de exploração evidenciado pelos pacientes. Ao fixar os honorários, o analista deve também considerar o fato de que, por mais que trabalhe, nunca poderá ganhar tanto quanto outros especialistas médicos.* (1913, p. 174, grifo nosso)

¹²⁶ Dutra (2004, p. 19) considera que para “suportar o real da clínica, os analistas procuram lançar mão de estratégias: os temas contratuais, quando estabelecidos aprioristicamente, parecem-me uma estratégia para tal”. O autor também desconfia de que “combinações do tipo: ‘não recebo em cheque, só em dinheiro’ (por que não receber em cheque, no qual a assinatura tem algum peso?); ‘não dou recibos’; ‘faltou, paga’, etc.” mantenham conexão com essa questão.

¹²⁷ Sendo assim, os honorários não deveriam jamais ser estipulados com base em sentimentos derivados de amizade, caridade ou benemerência, pois isso afetaria não apenas o tratamento em si, mas também a própria subsistência do profissional. Um exemplo agudo que ilustra essa hipótese reside no tratamento gratuito, pois não necessariamente colabora na fruição do processo e, não raro, aumenta os obstáculos em termos de resistência, por mais paradoxal que possa parecer. Sbrana (2005, p. 168) é bastante realista nesse quesito, quando lembra que “Freud nos adverte que não há razão para imaginar que a cura analítica encontraria, entre os que aparentemente mais precisam dela, uma recepção mais facilitada. Não há razão para imaginar que o que a Psicanálise tem a oferecer àquele que venha a fazer seu percurso, em sua nova ou antiga clientela, seja evidentemente sentido como um benefício maior do que a própria doença”.

É interessante notar como Freud considera esse aspecto do dinheiro na relação analítica, aparentando entender de antemão que o paciente provavelmente não corresponderia a um posicionamento amigável ou razoavelmente compreensivo quanto ao dinheiro, ao valor a ser investido no tratamento. Seria plausível também levar em consideração que Freud, *possivelmente*, detinha questões subjetivas muito particulares¹²⁸ com relação a essa temática do dinheiro e a tudo que envolve essa dimensão, mas não é nosso foco de interesse central neste momento. O que nos parece mais importante destacar é que o dinheiro em análise acaba por revelar certas pistas de como o paciente funciona na vida e nas relações, o quanto mensura aspectos indizíveis por meio da monetização das coisas, do valor que dá a si e ao outro. Nesse ponto, Quinet (1991, p. 87) adverte que “não há duas pessoas que tenham a mesma relação com o dinheiro”.

Múltiplas reações poderiam ser descritas por qualquer psicanalista a partir da experiência no trato corriqueiro dessa temática: o provável analisando pode aceitar sem contestar, surpreender-se indicando que provavelmente esperaria um número diferente – não importando se aquém ou além –, refutar dizendo-se impotente e lamentando não poder pagar o valor pedido, regatear um desconto ou solicitar um recibo que supostamente lhe permitiria recuperar parte do valor despendido, além de um sem número de outros movimentos possíveis nesse momento inicial do tratamento.

E ainda que concorde com o valor e, desta feita, aceite pagar o que foi combinado, mesmo assim deve-se levar em conta que essa decisão também pode potencializar na fantasia desse provável analisando relações duais e imaginárias nas quais, frente ao outro, seria privilegiado ou favorecido, ou mesmo explorado e lesado sem piedade. Vale também citar que surgiriam outras questões passíveis de reflexão quando pensamos na relação entre a analidade e o dinheiro, que o próprio Freud (1908) tão bem retratou em seu *Caráter e erotismo anal*: o dinheiro, bem como também as fezes, são considerados possibilidades de dádiva a serem oferecidas ou recebidas na relação entre o bebê e a mãe. Dar ou reter o dinheiro numa relação dual, dentre outras coisas, pode também significar intersecções acerca do amor, quer pela via de sedução, controle, identificação, ou até mesmo de relação de dominação *do* outro e *para* o outro. Talvez essa seja ainda mais uma razão para a insistência de Freud (1926, p. 236, grifo nosso) na firmeza que o analista deveria manter nesse momento:

¹²⁸ Como apontam alguns biógrafos, em especial Octave Mannoni (1994), com seu *Freud: uma biografia ilustrada*, no qual relata que Freud, em suas memórias autobiográficas, punha ênfase no impacto que teve em sua vida, ainda pequeno, o episódio da falência do pai, comerciante de um determinado ramo da indústria da época que foi à completa bancarrota, obrigando-os a se mudarem para Viena.

E deve ser assim, em primeiro lugar porque a análise está inteiramente fundamentada em completa franqueza. As circunstâncias financeiras, por exemplo, são discutidas com igual detalhe e imparcialidade: dizem-se coisas que são ocultadas de qualquer cidadão, mesmo se ele não for um concorrente ou um coletor de impostos. Não discutirei – na realidade, eu próprio insistirei com energia – que essa obrigação à imparcialidade também *impõe grave responsabilidade moral ao analista*.

Em resumo, o dinheiro em análise poderia ser tomado como um interessante *elemento diagnóstico*, revelando muito daquele que paga, ainda que, surpreendentemente, pouco se encontre sobre isso em termos de teorizações a respeito de *quem recebe* o pagamento. Após constatar esse aspecto, investigando a questão do dinheiro na obra de Freud, Gordon (2000, p. 68) se pergunta: “Será que o analista não nega mesmo as questões relativas a dinheiro?” Midlej (2001, p. 17), por sua vez, faz eco à mesma dúvida, questionando-se sobre a relativa “escassez dos textos psicanalíticos que tratam da questão do dinheiro”, a despeito de sua importância na clínica psicanalítica.

Uma das respostas possíveis a essas desconfiças poderia ser localizada na relação *entre o analista*¹²⁹ e o dinheiro, na forma como cada analista, no fundo, pode lidar com o que amealhou. Não é difícil constatar que, no imaginário de um grande número de pessoas, considera-se que o analista calcula o quanto pode “extrair” de cada paciente – o que o torna um personagem ávido pelo dinheiro e, como não poderia ser diferente, caro, inacessível e, provavelmente, insensível. Fachinelli (2004, p. 21, tradução nossa), em seu texto intitulado *O dinheiro do psicanalista*, explana de modo mais aprofundado essa hipótese:

É quase supérfluo notar que o total de dinheiro recebido por um (clássico) analista mais ou menos corresponde, a despeito de casos excepcionais, ao montante obtido por qualquer outro profissional, como médico, advogados e jornalistas. O que magnifica os ganhos fora de proporção do analista aos olhos da maioria das pessoas, e por isso não parece razoável, quase exorbitante e sempre privilegiado, é que os ganhos derivam de um número pequeno de pacientes. Como vocês bem sabem, não estamos falando de três ou quatro sessões por ano, mas de três ou quatro sessões por semana.

De fato, de quando em quando chega aos ouvidos algum relato estupefato de algum parente de pacientes que, ao saber do montante investido no tratamento, sugerem que a análise seja interrompida, e que ele mesmo poderia ser um interlocutor mais acessível e

¹²⁹ Mauro Mendes Dias (2000, p. 99, grifo nosso) acrescenta algo a esse quesito pouco explorado, quando ressalta “que através do dinheiro o analista pode estabelecer uma relação privilegiada com sua vida privada, através de sua relação com a Psicanálise, não se trata somente de como ele poderá se manter da sua vida privada, com o que ele recebe do consultório, *mas também no sentido que ele pode empreender para constituir a sua vida privada numa atividade que não lhe garante determinada quantidade de dinheiro. Nesse sentido, o dinheiro constitui um elemento que decide pela relação que o psicanalista faz da psicanálise com a vida privada*. [...] me parece importante poder pensar essa utilização mesma que o psicanalista faz do dinheiro que ele ganha em sua clínica”.

gratuito. Outro ponto que gostaríamos de problematizar é que ocupar o lugar de psicanalista implica também ser tomado como alguém que ganha quantias consideráveis, que supostamente deteria um poder de conseguir acumular mais e mais dinheiro a partir do completar dos horários em sua agenda, de seu consultório cada vez mais cheio. Ocupar esse lugar idealizado quase sempre redundava em ser alvo de cobiça ou de inveja, tanto faz se dos próprios pacientes, dos colegas que não conseguem o mesmo, ou ainda dos psicanalistas iniciantes, às voltas com o sempre incerto início do percurso clínico.

É exemplar a observação de Ferenczi sobre o quase sempre duro início do percurso de um psicanalista que, por não deter ainda uma clientela significativa, vê-se forçado¹³⁰ a achar outras saídas para garantir sua subsistência, angariando recursos de *outras fontes* que não o consultório particular. Isso pode ser obtido através de outras práticas, muitas vezes de uma profissão que tenha porventura exercido antes, mas com um complicador, já provavelmente atravessado pela experiência analítica, o que aparentemente interroga Ferenczi e soa para nós estranhamente familiar:

Diante de tais generalidades, a auto-análise tem de dar resultados positivos. De toda a maneira, algumas de suas frases correspondem de maneira bastante exata à cadeia de meus pensamentos. ‘Triunfar como um herói’ é para mim, como é para quase todas as pessoas, a coroação de uma fantasia de grandeza. *Que eu não serei rico, é uma firme convicção minha, muitas vezes pensada e repensada, evidentemente como reação ao desejo de ser rico.* ‘Não trabalhar em tantas coisas, aprofundar-se numa só’, é uma idéia que tenho com frequência. *Eu gostaria de me retirar de todas as atividades não analíticas (do atendimento aos trabalhadores, do tribunal).* Esse ‘trabalhar em’ me soa um tanto quanto suspeito, mas não consigo encontrar em mim um complexo sexual correspondente. (...) Também eu quase não tenho novos pacientes. Mas tenho bastante o que fazer. ‘Teoricamente’, muitos médicos praticantes têm-se interessado por mim e por minhas palestras, mas aqui os médicos acham impossível consultarem um não-docente. Não tenho a menor perspectiva de docência. Antigamente (antes da análise) isso me incomodava muito, agora me incomoda bem menos. A Psicanálise compensa as honras externas. (FREUD, 1994, p. 164¹³¹, grifo nosso)

Uma parte dessa carta é quase paradigmática, e aborda uma dispersão nas atividades, com Ferenczi dizendo estar fazendo tantas outras coisas no início do percurso, até mesmo por necessidade material, mas que se vier a prevalecer por mais tempo pode causar potencial

¹³⁰ Obviamente isso não valeria para iniciantes de uma classe social mais abonada, que não necessitam se preocupar com a subsistência material, pois contam com outros recursos alternativos e alheios ao psicanalisar. Mas, de nosso ponto de vista, trata-se de exceções e, ainda assim, não estamos certos de que o início da prática clínica não afetaria de outras formas esse tipo de novato.

¹³¹ Carta 85: de Ferenczi para Freud em 20/11/1909.

desconforto, como se a dedicação ao trabalho clínico e à produção teórica não fossem inquestionavelmente colocadas em primeiro lugar em uma hierarquia libidinal. Em outras palavras, como se não fosse possível também servir a dois senhores, sendo vital uma exclusividade na dedicação ao trabalho clínico. É apropriado lembrar que Ferenczi, ainda que à guisa de uma intensa identificação, tomava como parâmetro de dedicação ninguém menos que o próprio Freud, um mau exemplo de flexibilidade ou tolerância quanto ao ritmo de trabalho e ao investimento de libido esperado por parte daquele que decide analisar. A próxima carta de Ferenczi permite-nos levantar hipóteses sobre esses pontos.

Eu vou muito bem, à parte de uma gripe menor que já foi quase superada. *Analiso sem me sobrecarregar, evidentemente com maior economia psíquica do que antes.* Os pacientes e o tribunal trouxeram-me resultados favoráveis também em termos financeiros nos seis meses passados. Em seis meses, pude economizar 4.000 coroas (o custo da viagem à América). No próximo ano, talvez seja possível aumentar em 50% meus honorários que cobro hoje (10 coroas), se a procura aumentar. O livro “Lélekelemzés” parece estar saindo bem. Somente em uma cidade da província (Debreczin) venderam-se quarenta exemplares dele. *Motivos de insatisfação só os tenho em relação a mim mesmo: a resistência ao trabalho (ao trabalho científico) ainda persiste. Aproveito a menor ocasião para dar palestras ou ler trechos de A[natole] France ou de Mrejkovski para Frau G, ao invés de enfrentar o árduo trabalho de escrever e reescrever, cuidando do estilo. Conheço os motivos dessa resistência, mas sou demasiado fraco para lutar contra eles (‘A preguiça é uma doença húngara’, diz um ditado daqui).* (FREUD, 1994, p. 210¹³², grifos nossos)

Preguiçoso ou não, aparentemente Freud dava mostras de estar satisfeito quanto ao empenho de Ferenczi na Hungria em prol do desenvolvimento da Psicanálise. Mas, por outro lado, provavelmente estava insatisfeito no que tange ao manejo com o dinheiro, mais especificamente na dificuldade de Ferenczi em cobrar, o que poderia pôr em risco o tratamento do paciente citado na carta que Freud lhe envia, em tom professoral:

O que o Sr. me conta na última carta ocupou minha mente em diferentes direções. (...) O jovem rapaz de Pre*burg também está insatisfeito aqui com Sadger. *Ele gosta mais do Sr. pessoalmente e gostaria de voltar para o Sr., se os conhecidos dele em Budapeste não fossem molestá-lo.* Ele também tem algo contra Rekawinkel. No fundo, ele não quer nada. Eu mandei dizer a ele umas grosserias através da mãe. *Aproveito a ocasião para dizer que está errado em cobrar apenas 10 coroas pela sessão, quando Sadger está cobrando 20. Veja, o Sr., as 10 coroas não retiveram o rapaz com o Sr., nem as 20 o impediram de procurar S[adger]. Prometa-me corrigir-se!* (FREUD, 1994, p. 221¹³³, grifos nossos)

¹³² Carta 120: de Ferenczi para Freud em 04/03/1910.

¹³³ Carta 128: de Freud para Ferenczi em 12/04/1910.

Corrigir-se poderia ser entendido como uma submissão ao jeito peculiar de Freud com relação ao pagamento, mas também poderia ser compreendido como um alerta ao analista para a imperiosa necessidade de considerar esse aspecto na condução dos tratamentos, não apenas naquilo que o toca diretamente, em termos fantasmáticos, mas também na multiplicidade de aspectos que devem ser levados em conta no trato com o paciente.

Entender o que corrigir, porém, não minimiza a dificuldade que reside em abordar essa questão, pois lidar com o dinheiro numa dimensão mais simbólica, especialmente como significativo elemento diagnóstico acerca do paciente, já implica uma tarefa delicada para o analista, exigindo dele uma *atenção* bastante acurada e resvalando em aspectos muito sensíveis do paciente. Essa lida demanda não apenas certa dose de cuidado, mas, como Freud (1913, p. 173, grifo nosso) deixa claro, a relação do próprio analista com a questão do dinheiro *também* é fator de influência nesse momento:

Um analista não discute que o dinheiro deve ser considerado, em primeira instância, como meio de autopreservação e de obtenção de poder, mas sustenta que, ao lado disto, poderosos fatores sexuais acham-se envolvidos no valor que lhe é atribuído. Ele pode indicar que as questões de dinheiro são tratadas pelas pessoas civilizadas da mesma maneira que as questões sexuais – com a mesma incoerência, pudor e hipocrisia. O analista, portanto, está determinado desde o princípio a não concordar com esta atitude, *mas em seus negócios com os pacientes, a tratar de assuntos de dinheiro com a mesma franqueza natural com que deseja educá-los nas questões relativas à vida sexual. Demonstra-lhes que ele próprio rejeitou uma falsa vergonha sobre esses assuntos, ao dizer-lhes voluntariamente o preço em que avalia seu tempo.*

Nos *negócios* com o paciente, de acordo com o que acabamos de ver nesse enunciado de Freud, o psicanalista deve, portanto, já haver *ultrapassado* a questão da *vergonha do cobrar*, do *valor que dá ao tempo* que destinou exclusivamente ao paciente – reservado a ele e que deve ser pago mesmo se esse paciente eventualmente não comparecer à sessão – e, principalmente, advertido suficientemente quanto ao aspecto mundano do próprio dinheiro (GORDON, 2000).

Em relação ao trato com o dinheiro, há, da parte de Freud, um ponto que julgamos importante destacar, referente à maneira como um psicanalista pode considerar seus pacientes, contabilizados um a um. Como mostramos anteriormente nas discussões sobre o tempo, analisar por horas a fio um paciente após o outro pode significar ganhar mais e mais dinheiro, até mesmo pela ampliação da escala e do volume, pelo preenchimento total da agenda; por outro lado, também implica ter menos tempo livre, o que, para esses pioneiros, ao que parece,

significava perder a possibilidade de escrever e produzir teoria psicanalítica, vital para o desenvolvimento da disciplina naqueles idos. Não fica nítida a forma como esse cálculo entre o *ganhar* com mais pacientes e *perder* tempo livre – que poderia ser direcionado para produzir teoria – opera no diálogo entre ambos. Isso pode ser percebido em uma carta de Freud, ao tratar de uma melhora circunstancial no estado de saúde: “Tenho me recuperado rapidamente, graças à intensa redução em minha atividade, *mas estou insatisfeito pelo fato de a saúde andar de braços dados com a pobreza*” (FREUD, 1994, p. 176¹³⁴, grifo nosso).

Reduzir as atividades significa atender menos pacientes, ganhar menos e, conseqüentemente, estar mais perto do que Freud chama de pobreza, como se ampliar as atividades, trabalhar mais e ganhar mais também implicasse uma *afetação* na saúde. Mas as coisas não são tão simples. Quando parece intensificar as análises – indo no caminho inverso, aceitando novos pacientes e, ao que parece, entusiasmando-se com um novo caso em especial, hoje facilmente identificável como o *Homem dos Lobos* –, Freud observa em outra carta:

No geral, não sou nada mais do que uma máquina de fazer dinheiro que se esgota de tanto trabalhar nas últimas semanas. Um jovem russo rico que eu havia aceitado tratar por causa de uma paixão amorosa compulsiva declarou a mim depois da primeira sessão o seguinte, a guisa de transferência: ‘- Judeu ladrão, gostaria de te pegar por trás e cagar na tua cabeça’. Com seis anos de idade, o primeiro sintoma manifestou-se em xingamentos blasfemos contra Deus: porco, cão, etc. Quando ele via na rua três montes de estrume, sentia-se mal por causa da S[anta] Trindade, e procurava ansiosamente um quarto, para destruir a evocação. (FREUD, 1994, p. 200¹³⁵, grifo nosso)

Novos e excitantes casos provavelmente fariam a escolha pender para a oferta de mais horários disponíveis, o que automaticamente diminuiria o tempo livre para escrever, mas há ainda outra possibilidade extra: retirar tempo de outros campos da vida como, por exemplo, do convívio familiar. Esse extra faz com que a máquina de fazer dinheiro em que se transformou o psicanalista efetivamente se esgote e precise de algo típico da época: uma estação de águas ou similar para tratar sua saúde. É provavelmente sobre isso que Freud fala, quando menciona a cidade grega de Corfu, um local turístico por excelência:

A tentação de ir junto a Corfu foi grande, mas breve. Sem contar com o desprazer de estar a três, este não é o momento de renunciar a alguns milhares de coroas por causa de um estado de saúde miserável. Isto não vale para o Sr., que é jovem e independente. *Vejo a necessidade de me limitar cada vez mais ao erotismo anal e*

¹³⁴ Carta 92: de Freud para Ferenczi em 19/12/1909.

¹³⁵ Carta 112: de Freud para Ferenczi em 13/02/1910.

penso em realizar a função primária, isto é, ganhar dinheiro, o mais intensamente possível. (FREUD, 1994, p.188¹³⁶, grifo nosso)

Ou seja, ganhar mais e o mais intensamente possível não parece condizer muito com o que Freud postulava em seus artigos sobre a técnica, nem tampouco com a honesta revelação advinda de um auto-diagnóstico acerca de um já citado erotismo anal, satisfeito no ajuntar crescente de dinheiro. Arriscamo-nos a dizer que ganhar dinheiro, nesse caso, passaria a ser mais uma *obrigação* e não uma *consequência* de um trabalho reconhecido pela qualidade. E novamente só podemos creditar tal revelação ao empuxo promovido por Freud nessa temática.

Por outro lado, levando-se em consideração a plasticidade da libido e o dinamismo dos movimentos pulsionais bastante particulares, seria previsível que o psicanalista pudesse, de quando em quando, *re-pensar suas posições*, como descritas anteriormente por Freud, e desejar voltar a produzir, nem que seja por meio de certa diminuição na chegada de novos casos. Podemos observar ambos os movimentos em duas cartas:

Escrevo-lhe apressadamente, porque de outra forma não seria possível. A exploração é à americana. Quase não tenho tempo para viver, muito menos para trabalhar. Ainda por cima, Stanley Hall, em uma carta realmente amável, lembrou-me de minha promessa relativa às Cinco Lições. Por ora, terminei realmente apenas metade de uma página. *Há muito menos pacientes chegando do que pacientes regulares, o que faz com que dificilmente eu possa redistribuí-los. Os pacientes são nojentos, proporcionando-me a oportunidade de realizar novos estudos técnicos [...]* Estou me ocupando também do Leonardo da Vinci. (FREUD, 1994, p. 147¹³⁷, grifos nossos)

No trabalho científico, estou amarrado às conferências americanas, das quais a primeira já partiu. De resto, tive sorte em dois pequenos trabalhos: as significações opostas de palavras primitivas e uma análise de – pasme com o nobre objeto – Leonardo da Vinci. Mas nada de grandioso. *Este período está bem aborrecido, eu estou totalmente ocupado e reduzi propositalmente meu trabalho; mas alguns casos são monótonos, e não aparecendo novos casos, praticamente não posso redistribuir nada no 'círculo'.* *Espero que em breve eles façam greve e diminuam.* (FREUD, 1994, p. 160¹³⁸, grifos nossos)

Entretanto, há um ponto que deve ser esclarecido: esse cálculo dos arranjos e rearranjos de agenda com vistas a uma otimização do tempo livre nem sempre é tão factível, visto que não há *nenhuma garantia* de que mais pacientes chegarão, ou mesmo de que isso se repita com frequência, pois nem assim o psicanalista sente-se efetivamente seguro em recusar

¹³⁶ Carta 375: de Freud para Ferenczi em 10/02/1913.

¹³⁷ Carta 78: de Freud para Ferenczi em 22/10/1909.

¹³⁸ Carta 84: de Freud para Ferenczi em 10/11/1909.

novos casos, tendo em vista a *sazonalidade* da demanda. Há ainda certo prurido em fazer uso de um estratagema que soaria absolutamente plausível em outros campos profissionais, mas que, no caso do psicanalista, provavelmente seria alvo de questionamentos e críticas: *aumentar os honorários* de cada novo paciente e, no final, *poder ganhar o mesmo trabalhando proporcionalmente menos*, restando um precioso tempo livre, como Freud aponta:

De qualquer forma, estou disposto a renunciar aos tratamentos em estações de águas, aos quais, mesmo assim, devo algo: um funcionamento intestinal inteiramente normalizado, já há três meses sem problemas. *Já dei um primeiro passo para me preservar, desistindo da consulta das 8 às 9 da manhã, quer dizer, renunciei aos pacientes sem substituí-los. A perda já foi equilibrada com o aumento dos honorários por sessão.* (FREUD, 1994, p. 241¹³⁹, grifo nosso)

Esse, aliás, poderia ser um argumento de Freud frente a essas indagações: trabalhar menos em termos quantitativos, ou seja, menos pacientes na agenda, implicaria certa melhoria no seu estado de saúde, o que nos permite aventar até mesmo a possibilidade de que o trabalho do psicanalista – sua atividade cotidiana representada pelo analisar paciente após paciente – pode significar também um custo extra para o profissional: *pagar com sua saúde*. Seria fecundo, ainda, perguntarmo-nos se o paciente não acaba pagando o analista para que este, de algum jeito, ao receber, acabe de alguma forma pagando também; dito de outro modo, *ambos*¹⁴⁰ *pagam* pelo tratamento. Como pensar, então, em gratuidade num tratamento psicanalítico? Para o analista, parece que nunca é de graça.

¹³⁹ Carta 424: de Freud para Ferenczi em 12/10/1913.

¹⁴⁰ Fernanda Costa-Moura (2000) em seu trabalho *A cota do analista*, deixa claro que está em jogo um “custo no ato de cobrar por uma sessão; primeiramente em destituição subjetiva. O trabalho de destituição subjetiva do lado do analista é exigido na medida em que cobrar, fixar, estabelecer com cada analisante um preço por seus honorários aloca o analista na série de objetos feitos equivalentes – equivalência o que o dinheiro vem assinalar, aquilatar, limitar”.

4. LACAN: ENTRE IDAS E VOLTAS

O sentido de um retorno a Freud é um retorno ao sentido de Freud. E o sentido do que Freud disse pode ser comunicado a qualquer um, porque, mesmo dirigido a todos, cada um estará interessado – e basta uma palavra para fazer senti-lo: a descoberta de Freud questiona a verdade, e não há ninguém que não seja pessoalmente afetado pela verdade.

Jacques Lacan

Neste capítulo, assim como procedemos com Ferenczi e Freud, persistiremos centrando nosso olhar na temática das dificuldades enfrentadas pelo psicanalista, mas agora com o foco em um terceiro personagem, Jacques Lacan. Não nos centramos nas dificuldades por ele enfrentadas diretamente, nem eventualmente rastreáveis em sua obra – como foi possível fazer com os recortes que estabelecemos com Freud –, tampouco em algo análogo às trocas epistolares entre Freud e Ferenczi. Na verdade, tencionamos investigar as possíveis dificuldades enfrentadas por aqueles que com ele conviveram, baseados no material¹⁴¹ que pudemos obter em depoimentos e testemunhos de psicanalistas, analisando, supervisionados e pares contemporâneos de sua época, no período que compreende, aproximadamente, quarenta anos, partindo da década de 1950 e chegando até próximo de sua morte, em 1981.

Como nosso olhar está centrado na questão das dificuldades – e que nos permite deslizar para o tema do narcisismo profissional –, tivemos o cuidado de selecionar com apuro os depoimentos e falas que nos interessam, descontando eventuais exageros, no sentido da admiração excessiva ou mesmo da crítica visceral, que podem eventualmente encobrir outros aspectos que escapam ao interesse da presente tese. Winter (2009, p. 134, grifo nosso) deixa claro um alerta:

¹⁴¹ Cabe dizer que, para efetivarmos esse procedimento, viabilizando-o e dando-lhe consistência suficiente, compilamos material extraído de obras específicas como, por exemplo, narrativas de análises efetuadas com Lacan, testemunhos de trabalhos conjuntos, seja por supervisão formal ou ainda na fundação e sustentação de escolas de psicanálise, além de comentadores que relatam particularidades dessa época que julgamos efervescente e disparadora de mudanças no cenário psicanalítico.

O que mais chama a atenção nesse burburinho em torno das tiradas de Lacan é o fato de envolver, com frequência, *tiradas relatadas fora de contexto e apresentadas como se se bastassem a si próprias, independentemente da transferência daquele que relata as frases e, sobretudo, dos eventuais efeitos que elas poderiam ter tido no tratamento*. Efeitos que faziam com que não fossem simplesmente ‘tiradas’, mas interpretações! Como sabemos, para verificar em análise se uma interpretação é uma interpretação, precisa-se do material que a ela se segue e do testemunho dos efeitos subjetivamente ou não que ela pode ter favorecido.

Assim, recortar excertos mais curtos ou mais longos, como tem sido nossa escolha desde o início, pode eventualmente colaborar para uma maior fidedignidade de nosso material de apoio. A palavra viva de um terceiro faz parte de nossa lógica de demonstração e argumentação, mas naturalmente não dispomos de nenhuma garantia de que consigamos filtrar os possíveis excessos que, para nossa satisfação, ainda assim corroboram nossa hipótese acerca do que chamamos de narcisismo profissional. Todavia, a despeito desses obstáculos, insistiremos nessa opção metodológica.

Para a continuidade de nosso raciocínio argumentativo, necessitamos dar um primeiro passo retrocedendo historicamente para situar o personagem Jacques Lacan, psicanalista francês que, em dado momento de seu percurso clínico, tomou como missão de sua vida empreender um *retorno a Freud*, termo que utilizava para marcar uma diferença em relação aos psicanalistas – notadamente aqueles pertencentes ao quadros institucionais da Associação Psicanalítica Internacional, da qual até ele mesmo fazia parte. Esses psicanalistas se afastavam daquilo que Lacan considerava a relha cortante da descoberta freudiana e, em especial, colaboravam na cristalização de uma concepção cada vez mais burocratizada do tratamento inventado por Freud, num viés que pendia para uma medicalização que progressivamente se afastava da cura pela palavra.

Para Lacan, esse modo de conceber e praticar a Psicanálise não apenas acabaria por desvirtuá-la progressivamente¹⁴² – como confirma a transformação que os psicanalistas americanos da Psicologia do Ego¹⁴³ acabaram promovendo, diluindo e tornando cada vez

¹⁴² Horne (1999, p. 65) ressalta um aspecto dessa problemática em território brasileiro: “As recomendações freudianas deram lugar a polêmicas e posições diversas no seio da Internacional. Por um lado, a neutralidade foi-se descaracterizando e dando lugar a silenciosa indiferença e a passividade formal; há técnicas que padronizam, por exemplo, não falar durante os três primeiros meses do tratamento e, por outro, surgiram técnicas ditas ‘mais humanas’ ou ‘menos rígidas’. Uma das tentativas de saída para tal oscilação, que teve extraordinária influência nas associações oficiais do Brasil, foi a teoria da contratransferência”.

¹⁴³ Para Cesarotto e Leite (1993, p. 33), essa “escola pós-freudiana americana tomou o nome da Psicologia do Ego, e definiu a terapêutica como uma aliança entre o ego do analista e a parte sã – ou sem conflitos – do ego do analisando, onde a meta a ser atingida era a integração e o equilíbrio, tanto psíquicos quanto sociais. Para fazer isso, não era mais necessário prestar atenção às manifestações do inconsciente; o acento ficou assim colocado nas funções do controle egóicas, e a perspectiva de cura foi postulada como uma identificação exitosa com o analista, modelo de pessoa sadia e exemplar”.

mais adaptativa a prática psicanalítica –, mas também fortaleceria a institucionalização hegemônica das associações de psicanalistas, supostamente guardiãs do legado freudiano. Para se perpetuar, esse fenômeno necessita intrinsecamente de estruturas hierarquizadas, que mais e mais tendem para normatizações e, principalmente, burocratizações, que acabam por fomentar um conservadorismo que, em última instância, não apenas destoa do espírito psicanalítico original, como também sufoca¹⁴⁴ as iniciativas mais criativas e ousadas.

Um bom exemplo disso poderia ser encontrado na trajetória do próprio Lacan que, então didata da Sociedade Francesa de Psicanálise, começa a inovar em alguns dispositivos tradicionais – em especial nos aspectos relativos ao tempo de duração da sessão, com os cortes característicos do tempo lógico no lugar dos clássicos cinquenta minutos¹⁴⁵ que vigoravam –, promovendo mudanças, torções, variações e, em certos casos, re-inventando a criação de Freud.

Lacan não foi o primeiro a inovar, como pudemos verificar anteriormente com Ferenczi. A história da Psicanálise mostra que outros também o fizeram, ainda que ao custo de desagradar Freud e, com isso, colher as consequências radicais de um posicionamento dissonante. Durval Mazzei Nogueira Filho (1995, p. 28) fornece-nos mais alguns pontos acerca desse capítulo específico da Psicanálise:

Lacan, como outros, foi um crítico atroz dos procedimentos reinantes da *International Psychoanalytic Association* (IPA). Posso citar Balint e Winnicott como psicanalistas que não obedeceram cegamente aos ditames institucionais e, cada um à sua maneira, procura manter a marca de independência. No entanto, os desdobramentos de suas posições não tiveram as consequências que brotaram a partir de Lacan. Da mesma forma, Lacan não foi o único psicanalista a ter contra si a instituição psicanalítica. Jung, Meltzer e mesmo Lagache, companheiro de Lacan na saída da Sociedade de Psicanálise de Paris (SPP) e na criação da Sociedade Francesa de Psicanálise (SFP), a tiveram contra si. Com consequências radicalmente distintas. Jung abandonou princípios básicos. Meltzer e Lagache não deixaram, que eu

¹⁴⁴ Jean Clavreul (2007, p. 23, grifos nossos) parece partilhar do mesmo ponto de vista, lembrando que: “A esse respeito, quero citar Althusser, que me observava que *quanto mais os partidos marxistas que estão no poder são fortes, menos há estudos marxistas*. Outro exemplo: *quanto mais a Igreja católica é forte (penso na Irlanda e na Polônia), menos há teólogos*. No que se refere à psicanálise, *quando mais as instituições são poderosas, menos há possibilidades de inovações originais*”.

¹⁴⁵ De acordo com Dunker (2010), trata-se de um tema ainda controverso: “Um exemplo muito discutido dessa atitude é o uso do tempo lógico. Investigando a incidência da temporalidade nas relações intersubjetivas Lacan propõe uma espécie de modelo lógico para pensar as relações do sujeito com seu próprio ato no tempo, dada a hipótese do inconsciente. No processo de construção de certezas, decisões e escolhas nos deparamos sempre com o outro e conseqüentemente com nosso próprio desejo inconsciente. Como interpolar este aspecto decisivo da experiência de qualquer sujeito no interior da clínica psicanalítica? A tese de Lacan é de que o próprio tempo da sessão e do tratamento em seu conjunto deveriam ser ponderados a partir desse aspecto constitutivo dos sujeitos desejantes. Ou seja, quando uma sessão de psicanálise começa nunca se sabe quando ela vai terminar. Sua duração é variável e dependente do que é efetivamente dito e realizado entre os participantes da cena analítica”.

saiba, marcas teóricas nos fundamentos da disciplina psicanalítica. Não foi o caso de Lacan. A fundação da Escola Freudiana de Paris (EFP), fora de jurisdição da IPA, e o ensino que Lacan permaneceu proferindo não pôde ser considerado “isso não é psicanálise”, como ocorreu com o ensino e a Sociedade de Psicologia Analítica de Jung. A Psicanálise atual está irremediavelmente manchada pelas palavras de Lacan. Mesmo naqueles que não se dizem lacanianos, seja lá o que significa “ser Lacaniano”.

Tal postura, como seria previsível, passa a gerar certos efeitos: Lacan se torna então um analista didata disputado, concentrando mais e mais analistas em formação; o que fazia com que suas progressivas inovações nos dispositivos analíticos passassem a ser comentadas e, principalmente, criticadas¹⁴⁶ pela ousadia, e que, em essência, contrariavam o modelo mais clássico de formação que envolvia a questão da análise didática¹⁴⁷. Lacan, na verdade, passou a medir forças com o *establishment* da hierarquia da Sociedade Francesa de Psicanálise, negando-se a retornar aos procedimentos mais canônicos que a tradição psicanalítica sustentava naquele tempo, por volta dos anos 50 e que, de várias formas, sacramentavam estruturas de poder nas instituições psicanalíticas. Para Jorge e Ferreira (2003, p. 10, grifos nossos), esses posicionamentos mais radicais de Lacan “sacodem o movimento psicanalítico, produzindo um verdadeiro *turbilhão* em torno dele – *turbilhão aliás com que contava* –, levam ao revigoreamento da psicanálise. Não à-toa, Lacan insiste que visa à reconquista do campo freudiano”.

Tendo então se desviado de certo conjunto de normas e desafiado a tradição da instituição, passa então a não mais ser considerado didata, com seu nome formalmente excluído da lista, o que significava que as análises que dirigia não teriam valor na lógica interna da Sociedade Francesa de Psicanálise, impedindo que os analistas em formação pudessem cumprir os requisitos necessários ao projeto formativo da instituição. Claude Dumézil (2007, p.140) era um desses jovens analistas, e destaca um aspecto desse episódio que nos interessa:

Com efeito, Lacan não podia evidentemente aceitar a condição que lhe era imposta de parar as análises didáticas, o que teria significado que aqueles

¹⁴⁶ Criticado pelos pares da Sociedade Francesa de Psicanálise que discordavam de suas posições e, principalmente, da releitura que propunha de vários aspectos da teoria freudiana. Daniel Wildlöcher, psicanalista que rompeu com Lacan, ainda que seu analisando, narra um episódio bem representativo, quando de sua entrevista pela Comissão Turquet, composta por enviados da Inglaterra interessados em investigar e barrar as tais inovações, convocando praticamente todos os analistas em formação que se deitavam no divã de Lacan: “Disseram-me: ‘Mas, a SPP ou a SFP, não existe só isso na psicanálise no mundo. Quanto a Lacan, é seu direito acreditar nas teorias dele, o problema não está aí. *O problema é a prática dele, é esse número incrível de pessoas que ele tem no divã*’” (2007, p. 234, grifo nosso).

¹⁴⁷ Nesse quesito, Lacan, por exemplo, considerava que *toda* análise *poderia ser didática* e não apenas aquelas conduzidas por didatas reconhecidos pela Associação Psicanalítica Internacional e suas sociedades locais, via de regra elencados numa lista formal.

que como eu estavam em análise com ele há vários anos deveriam mudar de analista. Quem quer mudar de analista faz isso por livre e espontânea vontade e não porque pessoas de uniforme vêm lhe dizer que você está lidando com um “escroque”. Com efeito, também se podia compreender assim: “A análise que você está fazendo não é válida. Você está fazendo com alguém que não sabe praticar a análise, em todo caso não a análise didática. Você está perdendo o seu tempo, vá, pois, procurar em outro lugar!”

Lacan é fustigado num ponto bastante específico, algo como um calcanhar de Aquiles que fragiliza qualquer analista, dedutível de enunciados variados, mas que podem ser condensados numa só expressão: *isso que você faz não é psicanálise!* O que, em certo sentido, desdobra-se em algo como: *você não é psicanalista!*

Ainda assim, sua resposta foi, durante certo tempo, tentar permanecer nos quadros da instituição, defendendo não apenas sua posição, mas também reivindicando o direito de continuar no grupo. Safouan (2007, p. 85, grifos nossos) não discorda desses posicionamentos de Lacan, considerando-os adequados e até mesmo esperados de sua parte, pois, era, “de qualquer modo, o meio onde ele podia encontrar colegas. *Quando somos analistas, queremos ser ouvidos por analistas!* Ele fazia questão de ser entendido, de ser ouvido. Seu ensino era, em sua mente, destinado a analistas. *Excluí-lo era, portanto, calá-lo*”.

Não podemos esquecer que, com isso, Lacan contrariava até mesmo seu outrora analista, Rudolph Löwenstein, que foi, por sinal, um dos principais articuladores do arcabouço teórico da já citada Psicologia do Ego em solo americano, para onde imigrou após a ascensão do nazismo. Ainda assim, a busca por reconhecimento o incluía¹⁴⁸, como nos revela Leclair (2007, p.44) em uma passagem comprovada pessoalmente: “Fui testemunha, em 1963, em Estocolmo, da cena em que Lacan corria atrás de Löwenstein, para tentar desesperadamente lhe dizer: mas é preciso, de qualquer modo, que eu lhe explique, para que você compreenda que é vital para você”.

¹⁴⁸ O que nos parece condizente com o depoimento de Betty Milan (1979), quando demonstra que: “Numa carta escrita em 1953 a Rudolph Löwenstein, o analista de Lacan, este explica àquele que havia introduzido sessões curtas na análise didática por causa de uma resistência particular que ele encontrava nos candidatos a psicanalista. Sentiam-se superiores a outras pessoas que procuravam análise e não acreditavam que pudessem auxiliá-los. Tendo 50 minutos garantidos, o que quer que eles dissessem era para não dizer nada, sendo um modo de evitar um trabalho analítico sério. Tornando a terapia mais imprevisível, as sessões curtas servem para intensificar as relações entre o analista e o analisando”. Trabalho disponível em <<http://www2.uol.com.br/bettymilan/artigos/publicados/70-104-freud.htm>> Acesso em 26 de fevereiro de 2010.

No entanto, como a história da Psicanálise nos mostra¹⁴⁹, Lacan encerra a participação com sua saída da Sociedade Francesa de Psicanálise, episódio que alcinha de *excomunhão*, passando então a tomar outros rumos, fundando uma escola de Psicanálise, convocando e arregimentando tanto colegas mais experimentados quanto jovens analistas, como veremos mais à frente. O que nos interessa iluminar, de imediato, é o Lacan que surge *após* esse momento, que radicaliza o seu já propalado *retorno a Freud*, que significou a intensificação das variadas formas de mudanças e inovações na clínica psicanalítica que levou adiante, permitindo-nos dizer que se inaugurou, então, um novo modo de pensar e praticar a clínica psicanalítica.

Fazendo então uma conexão com nosso tema de interesse, especialmente após as leituras efetuadas, nutrimos uma hipótese particular de que seja nesse retorno *de* Freud que Lacan empreendeu que podemos encontrar alguma possível fonte de dificuldades para os psicanalistas; aqueles que, *após* Lacan, se defrontaram com essas re-invenções tão peculiares e ao mesmo tempo tão rigorosas, pois, quando examinadas a fundo, acabam revelando intrínseca ligação com a lógica do tratamento.

Estamos reiterando esse aspecto, porque, afinal, se Freud se queixava¹⁵⁰ de que suas recomendações eram transformadas em dogmas, como já demonstramos anteriormente, não seria surpreendente que isso porventura se *repetisse* com Lacan. Ainda que não fornecesse recomendações ou admoestasse da mesma maneira¹⁵¹ que Freud, pelo peso de sua figura carismática e dos efeitos de suas intervenções no cenário psicanalítico, poderia causar um retorno a Freud *também* nessa dogmatização.

É possível dizer que esse retorno de Freud promovido por Lacan, em especial após o episódio da dita excomunhão, favorece a assunção de um “modelo” de psicanalista *distinto* do

¹⁴⁹ Especialmente o extenso trabalho de Roudinesco (1994), *Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*, respeitada biografia de Lacan. Sugerimos também um olhar para *Jacques Lacan, um psicanalista: percurso de um ensino*, de Erik Porge (2006). Ambos iluminam aspectos cruciais desse episódio.

¹⁵⁰ Queixas que, no olhar de Didier-Weill, Weiss e Gravas (2001, p.17), parecem ainda ecoar, pois “ao convidar os analistas a ousarem autorizar-se a pensar, Lacan não esquecia a inquietude expressa por Freud quando via analistas que, ao se tornarem ‘obedientes a prescrições tabus’, eram forçados a esquecer o espírito criador com que, no entanto, tinham tido que conviver na experiência de analisando”. Para esses autores, resta uma dúvida: “como compreender que jovens analistas, alunos da IPA, que supostamente tinham encontrado em sua análise pessoal com o que transformar uma fala alienada em fala desejante, pudessem ser levados a renunciar ao achado dessa fala para situá-la novamente numa relação de obediência superegóica a uma regra institucional?” (p.14).

¹⁵¹ Leclair (2007, p. 37) considera que “Freud não tinha o mesmo pudor que Lacan, a mesma reticência que ele em relatar seu trabalho clínico, a começar, aliás, pelo trabalho com os próprios sonhos. Lacan podia adormecer em dez segundos, quando tinha um tempinho, o que lhe era bem útil considerando o ritmo de vida que levava. Se tinha essa capacidade de adormecer imediatamente, Freud, este, tinha a capacidade de produzir sonhos quanto precisava trabalhar. Bom, sabemos, ele contou isso, faz parte de suas histórias com Fliess”.

que se imaginava um psicanalista na época ou, como bem marca Goldenberg (2007, p. 366), “diferente do freudiano, silencioso, apático”. De fato, potencializa-se certo personagem, que passou a inovar ainda mais em vários aspectos, com re-leituras por vezes surpreendentes¹⁵², inspiradas ou metabolizadas a partir dos textos freudianos; escrituras de fundo que cumpriam o papel de cartografia de uma nova maneira de conceber e praticar a Psicanálise. Para Dunker (2010), os propósitos de Lacan que alicerçavam suas inovações visavam ter efeitos nos psicanalistas:

Essa ambição de fundamentar a ação do psicanalista tanto ética quanto epistemologicamente é ao mesmo tempo um convite à exploração de novas formas de intervenção e à construção de um estilo próprio para cada analista. Ou seja, em vez de padronizar a ação, normativizar a formação de analistas e burocratizar os procedimentos clínicos, Lacan tenta fixar alguns princípios com segurança e convidar o psicanalista a pensar e problematizar continuamente as razões de sua prática.

Fica claro que, em certa medida, a estratégia de Lacan funcionou: sacudiu¹⁵³ os psicanalistas e empurrou-os a alçar novos vãos, mas, por outro lado, é possível perceber também o surgimento de psicanalistas por demais identificados a esse impactante personagem. Num primeiro momento, como vimos, Lacan foi acusado de não mais praticar a Psicanálise e, num segundo momento, após o já citado turbilhão lacaniano, a coisa parece se inverter: somente a Psicanálise lacaniana passaria a ser a *verdadeira* e real Psicanálise, fiel a Freud.

¹⁵² Lacan inova nas interpretações, que passam então a cumprir função de abrir o discurso para as novas significações e potencializar associações do paciente, deslocando o lugar de saber último atribuído até então ao analista. Desmistificou de maneira contundente a rigidez impingida à periodicidade das sessões, imputando valor ao analítico e a outros aspectos que não o número mínimo de sessões por semana que supostamente garantiria a entrada em análise. No que tange à questão da duração das sessões, passou a considerar o tempo lógico em vez do cronológico, o que redundava em cortes surpreendentes das sessões, impactando com uma nova forma de abertura para o inconsciente. Inclua-se na mesma linha o manejo com o dinheiro, tomado radicalmente em sua dimensão simbólica, passando a ser parte do tratamento, exercendo importante função diagnóstica. Diferenciou-se também por meio das sutilezas de seu manejo da transferência, além de considerar a resistência do lado do analista e de seu horror ao ato do qual, eticamente, deve dar conta. Ressaltem-se também certos aprofundamentos promovidos por Lacan em termos teóricos como, por exemplo, na temática do significante, na maneira como se apropria da linguística, da filosofia, da matemática e de outros campos de saber aparentemente díspares, bem como também do valor que empresta ao tema do final de análise e atravessamento da fantasia. Ainda assim, ressalta que sua única contribuição considerável à obra freudiana é a noção de *objeto a*, fundamental na lógica de seus textos e comunicações orais dos seminários que apresentava ao público na Universidade que o acolheu. Ainda que Charles Melman (2007, p.109) desvele um aspecto curioso da relação de Lacan com a Universidade, pois, diferente de Freud e Ferenczi, que almejavam entrar formalmente nesse ambiente acadêmico, “Lacan, de fato, não suportava o meio universitário. Houve universitários que souberam reconhecê-lo e apreciá-lo, mas são pouco numerosos e, em geral, não o citam. Ele sofria porque seus amigos mais próximos, e pessoas com quem ele trabalhava (penso nomeadamente em Lévi-Strauss, em Jakobson, em Foucault), às vezes usavam o seu mel, mas não diziam isso, ao passo que ele mesmo nunca deixava de prestar homenagem àqueles em quem se inspirava ou que o ajudavam em seu trabalho”.

¹⁵³ Angelina Harari e Bernardino Horne (1998, p. 115) reiteram que com “o empobrecimento teórico, a sonolência do analista foi se tornando cada vez mais problemático para nós; até a chegada de Lacan, que recolocou a questão em sua perspectiva de clínica, considerando o desejo do analista como desejo de despertar. Lacan não desperta unicamente o analisando de sua tendência a se entorpecer no prazer, mas também o analista, a quem cabe cortar a sessão ao mesmo tempo em que sustenta a incômoda posição de testemunha do encontro impossível e sempre frustrado com o Real”.

Do nosso ponto de vista, esse cenário gerou algumas dificuldades para os psicanalistas, tanto no sentido de desejarem – ou se sentirem obrigados a – *fazer como* Lacan, fazendo dele um ícone salvador da Psicanálise. Torna-se uma auto-imposição de cada psicanalista de orientação lacaniana o encargo de se responsabilizar por manter no mundo *essa* Psicanálise agora tida como verdadeira e radicalmente fiel às origens freudianas. Essa responsabilidade pode se tornar um sutil dever, perceptível nas provas que passa a ser obrigado a fornecer, quase repetindo o psicanalista¹⁵⁴ que se submetia aos ditames da instituição criticada anteriormente. Estamos enfatizando que o *desejo* ou o *dever de ser como* Lacan pode ser facilmente questionado ou confirmado a partir de nossa hipótese do narcisismo profissional, uma vez que o lugar de ideal já estaria ocupado, e que Lacan poderia ser tomado pela via do ideal de ego, ou de ego ideal, dependendo de cada psicanalista... lacaniano.

Diante disso, passamos agora ao que concatenamos para alcançar nosso objetivo neste capítulo, mais uma vez fazendo uso de duas seções que nos parecem suficientes para abarcar ao menos dois ângulos específicos que nos interessam nessas novas dificuldades, a partir do que expusemos até o momento: a forja de novos psicanalistas e a defesa da verdadeira psicanálise no mundo.

4.1 Forjando um novo psicanalista

O encadeamento dos tópicos que elencamos anteriormente parece apontar para o surgimento de um *novo* psicanalista, que praticasse uma psicanálise distinta de um processo

¹⁵⁴ Talvez como o psicanalista ainda jovem e em início de formação – ou até mesmo os mais experientes, o que seria ainda pior –, que tomava as recomendações de Freud como prescrições imperativas; choque igualmente tomado por Balint, vinte anos após, quando também se pergunta sobre a submissão sem questionamento dos candidatos e o paradoxal comportamento por demais reverencioso em relação aos psicanalistas mais experientes. Frente a esse cenário, Didier-Weill (2001, p. 14) reverbera: “A questão colocada por Freud e Balint corresponde, em suma, a isto: como compreender que jovens analistas, alunos da IPA, que supostamente tinham encontrado em sua análise pessoal e com o que transformar uma fala alienada em fala desejante, pudessem ser levados a renunciar ao achado dessa fala para situá-la novamente numa relação de obediência superegóica a uma regra institucional?”.

que degradou a invenção freudiana. Surge então uma dita *verdadeira*¹⁵⁵ psicanálise que, para existir e se sustentar no mundo, precisa de praticantes que mantenham o rigor nas inovações e, principalmente, na pureza dos procedimentos, agora orientados por uma ética¹⁵⁶ e não por uma técnica, como ocorreu com o tratamento anímico criado por Freud a partir da distorção à qual foi submetido.

Recordando um pouco o que explicitamos anteriormente, Lacan foi penalizado pela Associação Psicanalítica Internacional por transgredir certos procedimentos específicos como, por exemplo, no trato com o tempo e com o dinheiro. Sessões curtas e manejos específicos no pagamento das sessões passaram a ser suas marcas, ainda que não fizessem parte destacada de seus textos mais teóricos, no mesmo tom e ênfase¹⁵⁷ com que Freud, por exemplo, demarcava seus artigos sobre a técnica. Na verdade, podemos dizer que isso foi propagado oralmente – até mesmo pelos efeitos causados nos participantes, lembrando que Lacan nunca descreveu seus casos clínicos no papel de psicanalista, com exceção de Aimée¹⁵⁸, como pudemos verificar com facilidade nos depoimentos que coletamos para este capítulo. Supomos que essa divulgação tenha tido mais efeito do que um suposto manual da técnica lacaniana, se porventura assim existisse.

¹⁵⁵ Em antítese a uma psicanálise *não* verdadeira, falsa ou infiel aos princípios freudianos. Portanto, essa marca negativa realçaria a verdadeira psicanálise, num movimento muito similar ao narcisismo das pequenas diferenças, já evidenciado por Freud quando esmiúça os fenômenos dos grupos. Rivalidade e diferenciação passam a ser estratégias de delimitação da auto-imagem como, aliás, é bastante comum, por exemplo, entre torcidas de clubes de futebol, ainda que nos perguntemos se, por outro lado, a psicanálise sobreviveria *sem* essa rivalidade. Schafer (1993, p. 126, grifos nossos) é bastante crítico quanto a isso: “Quando as ficções de uma escola passam a ser tomadas como mitos, *as outras escolas tendem a ser vistas como tolas, errôneas, perversas, antiquadas, perigosas e sujeitas a um desprezo e deboche consideráveis*. É freqüente, mesmo entre os membros de uma mesma escola, na apresentação de um relatório clínico ouvir-se de um outro colega a observação: “*Eu não chamaria isto de uma análise*”. Esta observação é, por sinal, um dos grandes impedimentos da apresentação de relatos clínicos nas reuniões das sociedades psicanalíticas. E como as coisas se passam desta maneira, os membros de outras escolas sentem-se ainda mais à vontade para criticar o trabalho de um outro, dizendo: “*Eu não chamaria isto de análise*”. Este julgamento é, na maior parte das vezes, arbitrário; simplesmente não reconhece o fato de que estamos longe de uma psicanálise comparativa bem desenvolvida que possa nos servir para fazer julgamentos tão absolutos”.

¹⁵⁶ Como ressalta Marcio Peter Souza Leite (2007, p. 358) “A psicanálise não é um materialismo do signifiante; é uma ética. A estrutura descreve uma combinatória; a ética implica uma decisão. Isto quer dizer que na experiência analítica não se trata só de mecanismos estruturais, trata-se de escolhas subjetivas que têm o modelo da escolha forçada. Trata-se, como em todas as análises, de terminar com o efeito de fascinação da palavra para fazer surgir um dizer que deixe “a coisa” falar, e inventar um saber do que não se pode dizer”.

¹⁵⁷ Ainda que Octave Mannoni (1991, p. 41), reiterando o que já problematizamos anteriormente, há que se ter certa dose de saudável desconfiança acerca das narrativas de Freud, deixe claro que não “devemos apenas estudar sua obra, mas também escutar aquilo que os testemunhos nos contam, em particular, aqueles que fazem alguma exposição de uma análise que fizeram com ele. Essas exposições são frequentemente enganosas, valem para aqueles que as fazem, mas pode haver nisto outro ‘efeito’: é que somos levados a crer que no consultório do mestre deveriam se revelar mistérios mais surpreendentes que aqueles que esses testemunhos puderam conservar. Pode-se muito bem imaginar que se o próprio Homem dos Ratos tivesse nos contado sua própria análise, ela certamente não teria nos parecido nem tão clara, nem tão nova quanto o texto de Freud”.

¹⁵⁸ Estamos nos referindo à sua tese de doutoramento, intitulada *Da psicose paranóica em suas relações com a realidade*, publicada originalmente em 1932, quando Lacan ainda estava envolvido com a psiquiatria.

A imagem de Lacan que começa a se formar é a de um psicanalista que atenderia dezenas de pacientes, com sessões que durariam poucos minutos, por um valor que causasse inquietação e, especialmente, que funcionasse em alto grau de excelência, chegando a resultados que inexoravelmente passassem por saber transmissível e transformações profundas na vida do então analisando. Podemos, mais uma vez, duvidar saudavelmente da consistência dessa cena, como se *sempre* fosse assim com Lacan, pois o cotidiano de uma clínica psicanalítica não se coaduna tão facilmente com essa conveniente perspectiva. Essa cena poderia ser facilmente tomada como um *ideal*, passando talvez a ser um *novo ideal* num *novo momento* da história da Psicanálise. Encontramos em Goldenberg (2007, p. 363, grifo nosso) um eco à nossa hipótese:

A clínica de Lacan é o que Lacan fazia no número cinco da rue de Lille; já a clínica lacaniana almeja ser a prática que leva até as últimas consequências a lógica do tratamento inventado por Freud. Cumpre dizer, entretanto, que muitas vezes Lacan se empenhou em demonstrar *que fazer o contrário do que o mestre mandava era o melhor jeito de seguir o espírito da sua letra*, ao passo que obedecer às indicações técnicas estabelecidas era traí-lo sem remédio.

Considerando que temos interesse em problematizar a possível relação entre a dificuldade e o ideal, talvez pudéssemos aqui *isolar* a dificuldade central que passaria a atravessar a prática de cada lacaniano após esse período. Para isso, precisamos concentrar nossa atenção na *transformação* promovida por Lacan, especialmente no que diz respeito às estratégias práticas no cotidiano¹⁵⁹ das sessões. De início, as estratégias pareciam estar a serviço um plano tático provavelmente bem engendrado em seu íntimo, mas se tornaram, a partir de certo momento, empobrecidas técnicas estanques, tal como se deu com Freud, com a transformação de recomendações em dogmas.

Se pudéssemos eleger um bom exemplo para solidificar nosso argumento, não enfrentaríamos obstáculos em encontrá-lo no cotidiano de qualquer supervisão, ocasião em que o manejo do tempo da sessão e o aspecto simbólico do dinheiro passam a ser tratados como fundamentais e tomados como *cruciais em si*, especialmente pelos iniciantes. Os jovens analistas, ainda que não se deem conta, acabam rebaixando tempo e aspecto simbólico do dinheiro a meros *procedimentos técnicos lacanianos*, desvirtuando a potência de tais manejos na singularidade de cada caso. Como mostra Marco Antonio Coutinho Jorge (2000) em *Usos e abusos do tempo lógico* (o problema da duração das sessões em Psicanálise depois de

¹⁵⁹ Referimo-nos aos manejos ligados à interpretação, ao manejo da transferência, além dos já citados tópicos do tempo da sessão e dos honorários.

Lacan), tecendo críticas compreensivelmente duras a essa má novidade surgida no cenário analítico atual: as sessões curtas ou ultracurtas passam a ser a regra, tornando-se curiosamente uma face invertida¹⁶⁰ daquilo que a fez surgir – em vez de cinquenta, cinco minutos para cada paciente.

Encontramos alguns dados para subsidiar a afirmação de Jorge, começando por Jean Clavreul (2007, p. 29, grifos nossos), que se analisou com Lacan:

Em relação a eles, eu diria que Lacan não pensava em meu ser cheio de dificuldades ou cheio de esperança, ele só se interessava pelo que eu dizia. Logo, comecei com ele. Tive então de ser hospitalizado. E ele veio me ver no hospital, umas vinte vezes talvez, para que fizéssemos as sessões. Devo dizer que, na época, isso não me havia impressionado, *porque eu não tinha modelo para me dizer como um analista devia fazer ou não*. Evidentemente, não era comum, *mas Lacan era assim. Há um monte de coisas dessa ordem que ele fez existir ao longo de sua vida e que são muito diferentes da imagem que em geral passam dele*.

Clavreul corrobora nossa hipótese, quando marca que há uma *imagem* de Lacan que é passada, e bem sabemos que em cada processo de passagem ou de transmissão algo pode ser adicionado, excluído, sublinhado ou mesmo deformado, redundando em uma imagem bastante próxima desse ideal de um dito novo psicanalista: uma figura de analista trabalhando muito¹⁶¹ e de um jeito decidido¹⁶², intensamente tomado pela ideia de *fazer diferente* do

¹⁶⁰ Um diálogo entre Luiz Carlos Menezes e Jean Laplanche, quando de uma entrevista para o Jornal de Psicanálise, ilustra melhor esse aspecto, como podemos perceber a partir de uma pergunta feita por Menezes: “Entre as exigências da IPA, há a de que o *training analyst* seja didata, que a análise didática se faça com quatro sessões semanais, realizadas em dias diferentes, não podendo haver sessões no mesmo dia, etc. Até aqui falamos sobretudo da primeira condição, a do analista didata. Há também a questão da frequência às sessões. René Diatkine lembrava, outro dia, de ter ouvido Paula Heimann, nos anos 50, afirmar categoricamente, num congresso: ‘Análise, são cinco sessões por semana; quatro sessões é psicoterapia!’ Atualmente, análise são quatro sessões por semana; três sessões é psicoterapia. O que o senhor pensa disso?” Ao que Laplanche responde: “Em primeiro lugar, vou lhes contar uma história engraçada, a respeito dos lacanianos. Foi na Faculdade de Nanterre, Saint-Denis, que é dirigida pelos lacanianos, eles têm um departamento de psicanálise, de pesquisa. Um deles recebe um dia um candidato e lhe pergunta: ‘Você está em análise?’”. “Sim, eu faço análise” — responde o candidato. “E sessões de que duração?”. “Bem, 40 minutos”. O professor laciano levanta então os braços: “É terrível, você não sabia, mas está em psicoterapia, porque análise é em sessões de cinco minutos!”. Eu penso que é uma questão séria, e que não há nenhuma razão para tratá-la dizendo: ele tem o espírito analítico, e o espírito analítico é tanto uma sessão como quatro. Claro, em psicoterapias de uma sessão por semana, pode ser que ocorra alguma coisa de analítico, é certo. Mas eu penso que a frequência de quatro sessões é de toda forma boa, se não a tornarmos uma questão meramente formal”. Disponível em <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352008000100002&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em 20 de fevereiro de 2011.

¹⁶¹ E talvez no sentido quantitativo, distinto de um paciente a cada hora, ou cinquenta minutos, como Freud, por exemplo. Gérard Haddad (2003, p. 266) descreve um cenário único: “Terminado o exercício, o do seminário ou da apresentação, Lacan corria pra o consultório, onde já o esperavam numerosos pacientes, vindos alguns da Itália, da Espanha ou de mais longe ainda. Seu almoço se reduzia, então, a um sanduíche ou a um prato que ele comia diante de seus primeiro interlocutores. Lembro-me do *steak tartare* que ele comia falando comigo. Se não guardei o que ele disse nesse dia, por uma misteriosa razão o cheiro da cebola que vinha junto com o que ele dizia ficou na memória. Nenhum paciente, nos poucos minutos que lhe eram concedidos, nunca o encontrou ausente, distraído, ‘por fora do assunto’, mas sempre, ao contrario, de uma incrível presença. Foi este o espantoso fenômeno humano com quem convivi durante mais de dez anos”.

¹⁶² E mais uma vez Haddad (2003, p. 298) nos fornece o exemplo desse trabalhador decidido: “Por trás da porta, na verdade havia apenas um pequeno recinto que servia de secretaria a Glória. Foi nesse espaço confinado e sombrio que a fiel pessoa passou tantos anos da vida a datilografar seus textos, a atender e a filtrar as chamadas, a fumar também sem parar. Ao lado

estabelecido pelos padrões que vigoravam na instituição da qual Lacan diz ter sido defenestrado, imbuído de uma visão mais nobre e menos pragmática do próprio ofício. Charles Melman (2007) observa que a conduta de Lacan, “ela era aquela, antes de tudo, de um homem de dever. Ele às vezes é apresentado como sendo um homem de prazer” – o que nos remete a Ferenczi, reportando-se a Freud acerca do mesmo binômio prazer-dever –, mas Melman também espera que Lacan tenha tido alguns momentos de prazer, “mas, como sabemos, era primeiro um homem de dever, um cara que era, como poucos foram, ligado a seu trabalho, às suas relações, aos seus analisandos” (p. 107).

Aventariamos até mesmo que essa imagem pode, em certos momentos, corresponder efetivamente a determinados traços de Lacan, podendo ter sido gerada – ou fomentada, em grande parte – por algo que beirava certa lógica persecutória do próprio Lacan, escapando de didatas, padrões e burocratizações típicas da Associação Psicanalítica Internacional que o excomungou. E, mais ainda, nesse sentido, poderíamos também nos perguntar se Lacan não estaria *identificado* por demais¹⁶³ a Freud, em especial nesse aspecto de uma resolução quase heroica frente aos impasses com o coletivo? Essa pergunta não é gratuita, pois no fundo nos questionamos se isso não seria um *traço constituinte* próprio da cena psicanalítica. Em uma seção específica de *Psicologia de grupo e análise do Ego*, que trata justamente das possíveis gêneses dos processos identificatórios, em dado momento Freud (1921, p. 134, grifo nosso) aponta que “a identificação esforça-se por moldar o próprio ego de uma pessoa segundo o aspecto daquele que foi tomado como modelo”. Afinal, se especularmos acerca do peso de Freud no imaginário do analista, concluiremos que não seria por demais ousado aquilatar esse aspecto na reviravolta causada por Lacan, em seu retorno ao criador da Psicanálise.

Ora, em que pesem todos esses aspectos, valeria nos perguntarmos se, caso Lacan não se envolvesse apaixonadamente por esse fortíssimo desejo de mudança, como estaria a invenção freudiana atualmente? Provavelmente a psicanálise ainda estaria contaminada por questionável dose de ortodoxia anna-freudiana, deixando no ar uma amarga dúvida: se a disciplina ainda existiria¹⁶⁴, em termos de representatividade e eficácia, em nível mundial.

dessa passagem de dois ou três metros, ficava o quarto de dormir de Lacan, quase que inteiramente ocupado por uma cama grande, uma verdadeira cela de monge. “Ele às vezes trabalhava aí até as três horas da manhã. Mais de uma vez, encontrei-o adormecido no meio das folhas de papel sobre as quais tinha trabalhado...”.

¹⁶³ Em comparação, por exemplo, a Melanie Klein e Winnicott, nos quais não encontramos os mesmo traços identificatórios, especialmente nesses quesitos.

¹⁶⁴ Serge André (1998, p. 134) marca a diferença, dizendo que “existe uma psicanálise que se consagra fundamentalmente a perfazer a harmonia do sujeito do inconsciente com o discurso capitalista, e existiria uma outra, talvez – como podem ver,

Faça-se justiça também às mudanças – provavelmente apaixonadas¹⁶⁵, mas talvez não tão facilmente objetáveis – promovidas por Klein e Winnicott, que ousaram, cada qual ao seu modo, transgredir o modelo *standard* que reinava.

Lacan ousou, pagou o preço, e persistiu nesse desenvolvimento de suas inovações, formalizando e articulando cada novo procedimento ou conceito em uma trama teórica que se impõe pela solidez, tornando árdua para possíveis críticos a missão de desconstruí-la. O que nos chama a atenção nos depoimentos que colhemos é que podemos localizar em pequenos atos de Lacan – quase sempre ligados aos aspectos transferenciais e aos sutis pontos de gozo que surgiam na relação – as intervenções que obedecem, em última instância, aos seus postulados teóricos¹⁶⁶, deixando entrever uma boa dose de coerência entre a prática e a teoria, que deve ser ressaltada¹⁶⁷, mas também, por outro lado, consideramos que pode favorecer ainda mais a idealização, como, aliás, os próximos exemplos ilustrarão. O primeiro deles vem de Alain Didier-Weill (2009, p. 33, grifos nossos):

Quero trazer alguns exemplos concretos que evidenciem de que modo Lacan podia não resistir. Podia, no caso, aceitar certas propostas que fui levado a lhe fazer de inovar em alguns pontos do tratamento: aceitou, por exemplo, o pedido que formulei num momento dado de fazer, dentre as nossas sessões, ao menos uma semanal, por escrito. Assim, durante dois anos, enviei pelo correio sessões escritas, junto com uma nota de 500 francos. Outro exemplo. Quando concluí minha análise com ele e me propôs, prosseguirmos nosso

sou prudente – , que responderia ao desejo de Lacan e que teria por objetivo procurar uma ruptura, subjetiva ao menos, entre o inconsciente e o capitalista”.

¹⁶⁵ E que, sem dúvidas, tocaram Lacan, como explicita Jean Pierre Klotz (1998, p. 108): “Tomemos o exemplo de um psicanalista célebre, célebre também por ter sido apreciado por Lacan: Winnicott. Não era Winnicott inteiro que ele amava, mas aquele do objeto transicional. O ponto de encontro situa-se nos antípodas de um ponto de semelhança. Não há nada mais dessemelhante do que os estilos, as premissas, os percursos de Winnicott e de Lacan. Winnicott jamais considera nada que se assemelhe à estrutura de linguagem do inconsciente. Se eles se cruzam por um tempo, não é para se tornar os cruzados unidos por uma causa comum, Mas isso absolutamente não impede o encontro a respeito do objeto transicional – encontro problemático, suscetível de sustentar um problema sem garantia de solução. Dez anos depois, Lacan recusará de modo igualmente categórico a elaboração winnicottiana do *self* que ele tinha valorizado no objeto transicional. Outro exemplo bem conhecido é o de Melanie Klein, a ‘tripeira genial’, cuja obra Lacan qualifica de ‘trôpega, mas orientada’. Ele admira manifestamente aquela que ousa criar, trilhar novos caminhos. Contudo, não endossa a obra acabada, nem as construções com as quais ela resolve os problemas que foi a primeira a levantar”.

¹⁶⁶ Um panorama geral desses postulados pode ser obtido em *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan*, de Marco Antonio Coutinho Jorge (2005), no qual são esmiuçadas as bases conceituais do pensamento lacaniano.

¹⁶⁷ O que colocaria em xeque certas críticas rasas às inovações de Lacan, como é comum encontrar de quando em quando na boca ou na pena de autores que discordam da intenção que poderia subjazer, por exemplo, ao corte da sessão, deixando nas entrelinhas que Lacan fazia isso apenas para ganhar mais dinheiro, otimizando as possibilidades de sua agenda. O depoimento de Claude Dumézil (2007, p. 158, grifo nosso) aprofunda essa temática: “Mas o Lacan que nos interessa, isto é, em plena posse de suas faculdades, era um praticante com um respeito absoluto pelos pacientes e muito aberto a toda demanda de análise. Era um dos raros, em sua posição, a não impor longas esperas quando lhe formulavam uma demanda de análise. É verdade que a sua prática de sessões de duração variável, ou de sessões bem encurtadas, permitia-lhe atender muita gente. Glosou-se abundantemente a esse respeito. Na última biografia publicada, calculou-se até o quanto ele podia ganhar por dia. Naturalmente, *de brincadeira*, nós todos fizemos esse cálculo em nosso tempo e ninguém chegou à mesma ordem de grandeza na verdade, *que importância tem isso, exceto para o fisco?*”.

trabalho com uma supervisão, fiz a seguinte contraproposta, que ele aceitou: será que poderíamos tomar “em supervisão” tanto o analista Lacan que me analisou durante dez anos quanto o analista que eu tinha me tornado naquele tratamento? No caso, será que seria possível, no só-depois, formular questões teóricas a partir do saber inconsciente revelado aos dois pela experiência compartilhada? Mais particularmente, questões às quais a teoria de Freud e de Lacan pareciam não responder? Foi com esse procedimento, possibilitado por Lacan, que aprendi tudo o que sei do inconsciente. Por outro lado, aquela foi a oportunidade de compreender o que para ele era o passe, esse tempo mediante o qual um devindo analista tinha não de inventar a psicanálise – isto já estava feito –, mas de fazer passar sua forma de reinventá-la.

Lacan, assim como Freud, parecia estar às voltas com algumas questões que o intrigavam acerca do processo analítico, e Didier-Weill – ao seu modo e de acordo com a contingência de sua análise – demanda algo que foge ao convencional, tanto uma sessão semanal por escrito, quanto compreender *a posteriori* a dupla analítica¹⁶⁸, e a que, como ele mesmo ressalta, Lacan *não poderia resistir*. Se não resistia, era porque isso o capturava, e provavelmente pela própria atitude de Lacan¹⁶⁹ – especialmente naquele momento histórico, daí a necessidade um olhar mais amplo para a demanda em jogo –, de constante inquietação frente às possibilidades de comprovação de suas hipóteses¹⁷⁰ particulares. Levar isso em conta nos permite ampliar um pouco a percepção dos pontos que compuseram essa imagem que estamos agora abordando. Perguntamo-nos se teria o mesmo efeito na memória de Didier-Weill, caso Lacan simplesmente tivesse refutado sua demanda, dizendo que aquilo fugiria ao sentido de uma análise, tomada de forma mais impenetrável.

Mas Lacan por vezes surpreendia. É o que podemos depreender no exemplo que nos é fornecido por Adnan Houbballah (2009, p. 49, grifo nosso), explicitando outra faceta de Lacan, a partir da narrativa de suas supervisões:

Um outro caso, mais preocupante, foi o de um jovem de 20 anos. Um caso difícil, diante do qual eu me sentia cada vez mais desarmado, de tanto que ele me transmitira sua angústia. Eu desconfiava de que ele era psicótico e

¹⁶⁸ O que nos faz pensar na análise mútua, por vezes empreendida por Ferenczi. (Cf. KUPERMANN, 2003a)

¹⁶⁹ Como mostra Serge Leclaire (2007, p. 40), ao dizer de sua convivência com Lacan: “Vejo-o mais como um explorador, e isso também é muito freudiano, do que como um guerreiro. Explorador que nada podia deter. Eu lhe contei essa anedota de Gripsholm, mas o número de lugares onde ele tinha algo a descobrir, o número de vezes em que tentou fazer com que lhe abrissem uma igreja, um museu, um lugar privado, reservado, fechado, é incalculável. Pôde-se rir disso, mas era uma paixão”.

¹⁷⁰ Como, por exemplo, a hipótese de que no final da análise teríamos uma analista de si mesmo, da própria experiência, por excelência. Pierre Rey (1990, p. 118, grifo nosso), jornalista, conta uma passagem de sua análise com Lacan que ilustra claramente esse tópico: “Na véspera, para ajudar uma amiga a sair de uma situação de angústia traduzida num sonho, eu havia sentido uma vontade irresistível de revelar-lhe seu sentido. - *Está perfeitamente qualificado para tanto* – disse-me vivamente Lacan. Eu não sabia muito bem do que ele estava falando. Algumas semanas depois reiterou: - *Nunca pensou em se tornar analista? Olhei-o abismado. Eu, analista? – Está falando sério?*”.

tinha medo de que passasse ao ato. Certa noite, ele não veio ao consultório, embora eu o esperasse. Soube umas horas depois que fora internado. A angústia me invadiu. Telefonei para Lacan, que me disse para ir vê-lo assim que saísse do trem. No final de uma longa conversa, Lacan concluiu: “Sua dúvida está confirmada, é um psicótico e é a sua angústia que tinha razão”. Recomendou-me ir ver meu paciente no hospital e pôr-me à sua disposição. O que foi muito benéfico para meu paciente; ele prometeu voltar a me ver assim que tivesse alta. *Durante essa supervisão, Lacan nunca me incentivou a fazer sessões curtas. Uma vez, relatei-lhe uma sessão curta com um paciente; ele não disse para eu não fazer aquilo de novo, mas me recomendou a fazê-lo com conhecimento de causa e quanto à ocasião fosse propícia.*

Ou seja, Lacan foi em direção inversa à da já citada burocratização da sessão curta, indicada acriticamente a todos os casos, dizendo claramente que Houbballah fizesse *o contrário*: mantendo as sessões com tempo estabelecido enquanto não tivesse conhecimento de causa¹⁷¹ e, principalmente, a ocasião fosse *propícia* no curso daquela análise. Ora, essa cena prototípica, como já reiteramos, é recorrente, quase como se o iniciante estivesse perguntando se acertou, ou se fez do “jeito” certo?

Difícil não estabelecer correlação com o que destacamos ainda no capítulo destinado ao percurso metodológico, acerca do episódio ocorrido com Mezan (1995a), quando o psicanalista se sente culpado por ter feito algo desaprovável junto ao seu paciente que insistia em se virar no divã. A essência do problema continua a mesma, mas nos parece que agora segundo um novo imperativo: tornar-se um analista lacaniano implica *analisar de certa maneira*, tendo em vista uma condução do tratamento que se pauta pela ética e não mais pela técnica, portanto um novo ponto de mira bastante específico. Serge André (1998, p. 133) radicaliza essa posição: “Saibam ou não aqueles que ocupam essa função, ser psicanalista é assumir uma posição política no sentido mais elevado do termo. Mas falta ainda ver qual e precisar o quê, na maneira de considerá-la, especificaria o psicanalista conseqüente com seu ato”.

E ser conseqüente com seu ato implicaria também, nessa concepção, que praticar uma *nova* psicanálise – verdadeira e fiel às suas origens freudianas, talvez mais pura sem as

¹⁷¹ Alguns analisantes frisam, por exemplo, que Lacan *nunca* praticou a sessão curta com eles como, por exemplo, Giroud (1998, p. 18, grifo nosso), que também discorda desses comentários generalizantes: “Alguns relatam que Lacan despachava os pacientes em dez minutos. *Nunca fiquei com ele menos de meia hora*. Sempre com sua escuta atenta – prova disso eram duas palavras penetrantes, julgadas aqui e ali”. Soler (2009, p. 114), por sua vez, também compartilha dessa percepção: “Eu não só não tinha previsto, como não entendia os fundamentos daquela prática. Seus motivos, suas razões, sua legitimidade me escapavam. No entanto, posso dar meu testemunho de que, nessa perplexidade, nada havia de reivindicação que tantas vezes ouvi sendo expressa por outros. E, de fato, posso dizer que, durante tantos anos de análise, nem uma única vez tive a sensação de ter me faltado nem tempo, nem a atenção especial que o analisando exige em geral. Questão de demanda, evidentemente!”.

distorções ‘ipeistas’ – não apenas demanda *fazer diferente* em muitos sentidos, mas principalmente *autorizar-se* a ocupar o que Lacan chama de lugar do analista, ainda que obviamente simbólico por excelência, mas principalmente um lugar no qual a margem de liberdade de atuação do analista crescia sensivelmente. Poderíamos até mesmo dizer que, de um certo ângulo, aumentaria o *poder*¹⁷² do analista, mas Lacan, de maneira perspicaz, limitou-o pelo desejo do analista e pela ética de sua atuação. Talvez seja também prudente rememorar, neste ponto, um alerta freudiano: quando dotamos um homem de poder, qualquer que seja o tipo, muito provavelmente ele o usará mal¹⁷³ (Cf. ROZITCHNER, 1989).

Como fazer uso desse poder passa a ser então uma dificuldade, pois esperar os cinquenta minutos ditados pelo relógio ou, ainda, afirmar que o tratamento sempre será composto por quatro sessões semanais e que os honorários se balizam por valores de mercado não garante mais o desenrolar do processo analítico. Fez-se preciso um novo olhar e posicionamento frente ao que Lacan chama de direção do tratamento¹⁷⁴, que desaguasse na queda das identificações, no saber que o paciente, analisando ou futuro analista, pudesse adquirir e dele se apropriar. Trata-se de um saber último sobre seus aspectos inconscientes que o tornasse analista de si mesmo, de sua própria experiência, especialmente após a travessia de uma fantasia arcaica. É preciso convir que essa direção apontada por Lacan difere substancialmente tanto de uma identificação ao ego saudável do analista, quanto de um fortalecimento de seu ego frente a um necessário processo de adaptação à vida em grupo, como algumas orientações psicanalíticas pareciam valorizar. Esse novo posicionamento frente ao tratamento passa a ser chave central da posição do analista que, no manejo dos operadores analíticos, conduz a análise, mas não a vida do analisando.

Conjecturamos que esse novo posicionamento é difícil de ser sustentado, e também nos perguntamos se atuar dessa forma – *ser lacaniano*, como se diz – não se configuraria

¹⁷² Octave Mannoni (1991, p. 46), de certa maneira, tangencia esse tema quando reitera: “Pois é certo que o que se passa na análise não é feito para gratificar o analista, que deve utilizar a autoridade unicamente em favor da própria análise”.

¹⁷³ Nesse ponto, Brodsky (2002, p. 23) adverte: “A questão é de saber como um analista é feito. Certa vez, Lacan disse que uma coisa é uma Auto-Escola estar referida à emissão de carteira de motorista, uma outra é que ela pretendia intervir também na fabricação do carro”. Freud também dizia que o “mau uso da análise é possível, em diversos sentidos; em especial, a transferência é um instrumento perigoso nas mãos de um médico inescrupuloso. Não há instrumento garantido contra mau uso; se um bisturi não corta, tampouco pode ser usado para curar” (1917[1916-1917], p. 539).

¹⁷⁴ Termo, aliás, utilizado originalmente por Freud (1911, p. 124, grifo nosso) em um texto relativo ao manejo da interpretação de sonhos no tratamento: “Sei que é pedir muito, não apenas do paciente mas também do médico, esperar que abandonem seus propósitos conscientes durante o tratamento e entreguem-se a uma orientação que, apesar de tudo, ainda nos parece ‘acidental’[...] Advirto, portanto, que a interpretação de sonhos não deve ser perseguida no tratamento analítico como arte pela arte, mas que seu manejo deve submeter-se *àquelas regras técnicas que orientam a direção do tratamento como um todo*. Ocasionalmente, é natural, pode-se agir de outra maneira e permitir um pouco de liberdade de ação ao próprio interesse teórico; mas deve-se sempre estar cômico do que se está fazendo”.

penoso, lembrando a observação de Dejours (2004), que sublinha a necessidade de reconhecimento dos pares. Nesse caso, os pares ficariam *limitados* aos lacanianos, aos outrora poucos que Lacan dizia precisar para começar seu retorno a Freud, após o episódio da excomunhão. Em outro momento, Dejours (2002) teoriza um aspecto paralelo ao desejo de reconhecimento que pode nos ajudar neste momento, quando fala das maneiras de julgamento do trabalho. De acordo com suas concepções e com a psicodinâmica do trabalho, duas formas poderiam estar em jogo: um julgamento de utilidade e um julgamento de beleza.

Ambas as formas destacadas por Dejours, a despeito de terem sido geradas em um campo aparentemente distinto, podem nos fornecer alguns elementos de reflexão a partir de um breve exercício de comparação. Se tomarmos uma organização como exemplo, o julgamento de utilidade pode ser considerado aquele que advém do cliente e do superior hierárquico. No caso do psicanalista lacaniano, talvez possamos pensar que o “cliente” poderia se sentir “insatisfeito”, ou mesmo “satisfeito”, dependendo de vários ângulos nos quais nosso olhar poderia se fixar; afinal, como já vimos anteriormente, as pessoas que parecem refutar quatro sessões por semana por razões variadas provavelmente se sentiriam reconfortadas ao encontrar um analista que aceitasse encontrá-las uma vez por semana; mas, ao mesmo tempo, a mesma pessoa – que provavelmente já experimentou outros divãs – poderia também se sentir bastante incomodada com uma sessão relativamente mais curta em relação aos cinquenta minutos que ordenavam suas experiências anteriores, e que supostamente permitiriam que ela “falasse bastante” ou algo assim. Por outro lado, a relativa flexibilidade do analista lacaniano no que tange à frequência e aos honorários contribui para um processo que caminha na mão contrária da elitização do tratamento, como foi comum até os anos setenta¹⁷⁵. Há que se frisar também que, se até então apenas os mais abonados podiam empreender uma análise, após Lacan a análise pode ter sido apenas considerada – de maneira errônea – uma aventura intelectual.

Para além do pragmatismo da utilidade – que pode ser facilmente distorcida em utilitarismo – há também o julgamento estético que, desta vez, é mais sutil e provavelmente mais impactante, pois é fornecido pelos pares, por quem entende das artes do ofício e pode, por isso, julgar em termos estéticos qualquer produção. Dejours (2002, p. 55) é direto nesse quesito, quando aponta o aspecto contingente desse julgamento:

¹⁷⁵ Jane Russo (2006, p. 419), ao falar de realidade brasileira, aponta que é nesse período que a psicanálise, que “já vinha se difundindo desde pelo menos os anos 1930, conquistou definitivamente os corações e mentes das camadas médias letradas dos grandes centros urbanos”. Esta autora abordou esses assuntos também em outros trabalhos (RUSSO, 1993 e 1998).

Constitui, de certa forma, um julgamento mais significativo, mesmo que seja o julgamento mais comum – aquele que, de longe, tem mais valor. Consiste, além do reconhecimento da conformidade às artes do ofício, em apreciar o que faz a distinção, a especificidade, a originalidade e até mesmo o estilo de trabalho. Em contrapartida, tal julgamento confere ao ego o reconhecimento de sua identidade singular ou de sua originalidade, isto é, da especificidade em nome do qual o ego não é precisamente idêntico a nenhum outro. Aqui ainda, o julgamento é essencialmente proferido pelo outro na linha horizontal da paridade.

Parece surgir então uma nova dificuldade no universo lacaniano, agora pensando a prática em termos estéticos – provavelmente tomando os kleinianos como a antítese do que deveria ser feito –, ou mesmo em termos de um novo ideal – a análise como uma experiência contra-adaptativa e, em essência, um não ideal. O risco de o julgamento estético se tornar um balizamento dos tratamentos pode facilmente surgir, ainda que provavelmente não estivesse na alça de mira de Lacan quando começou esse processo que chamamos de um forjar do novo psicanalista que rompesse as barreiras da burocratização e se autorizasse a fazer diferente dos padrões empobrecedores, com mais autonomia frente aos desafios da clínica psicanalítica.

Sendo assim, partindo desse ponto, podemos dizer que esse novo psicanalista, para se manter e poder sustentar essa nova psicanálise, precisa de uma sensação específica de solidez para a consecução do psicanalisar, de uma oferta que endereça e que pode redundar em demanda. Caso isso ocorra, resta a questão de como proceder “corretamente” após o retorno a Freud, visto que a identificação com um grande mestre, por uma “via carismática” (Russo, 2006, p. 423), pareceria garantir essa solidez e, conseqüentemente, uma nova leva de analistas estaria por vir. É o que veremos na seção subsequente, que aborda a defesa da verdadeira psicanálise no mundo – que não pode se limitar a uma apreciação estética ou utilitária –, e que nos conduz à pergunta: *como ser lacaniano sem ser Lacan?*

4.2 Defender a verdadeira psicanálise no mundo

Vimos que a identificação a Freud – tomado como um pai mítico que rondaria o imaginário de qualquer psicanalista – é um risco que já tem sido teorizado por alguns

comentadores¹⁷⁶ que destacam de maneira contundente o efeito deletério de tal fenômeno. Consideramos que a relação estabelecida por Ferenczi com Freud foi um exemplo bastante representativo, lembrando ainda que Ferenczi não apenas foi muito próximo do criador da Psicanálise, seu contemporâneo e, principalmente, íntimo de sua família, além de ocupar lugar crucial na política interna da Psicanálise e de sua expansão pelo mundo, por meio de sua atuação nos primórdios da Associação Psicanalítica Internacional. Sendo assim, seria até presumível que tal fenômeno identificatório pudesse surgir nessa relação, especialmente quando sabemos de determinados aspectos dos laços entre os analistas naquele momento de criação da Psicanálise. Poderíamos nos perguntar se tal fenômeno efetivamente *cessou* na relação entre Freud e Ferenczi, ou se, *estruturalmente*, em maior ou menor escala, pode fazer parte do cenário psicanalítico, ainda que em épocas distintas, com as peças eventualmente se cambiando, mas mantendo no fundo a *mesma* lógica das re-edições? (Cf. STEIN, 1988)

Uma vez que estamos tratando de algo que chamamos de narcisismo profissional e que, como já problematizamos, a identificação é *um* aspecto crucial desse tipo de laço, prosseguiremos investigando a questão das dificuldades de um psicanalista em sua prática, porém, desta vez, a partir do exame da figura de Jacques Lacan e dos efeitos gerados com as ebulições que causou no campo psicanalítico com suas inovações na prática clínica, subversões nos padrões *standards* que imperavam, além de suas re-leituras do texto freudiano.

Não seria à toa então que surgissem psicanalistas que se afinassem muito com esse personagem, inquestionavelmente revolucionário e potencialmente gerador de seguidores, que, aliás, o próprio Lacan criticou certa vez, em Caracas: “Cabe a *vocês* serem *lacanianos*: quanto a *mim* sou *freudiano*.” (*apud* Jorge e Ferreira, 2003, p. 10, grifos nossos). O que Lacan antevia com isso? Já estaria percebendo o advento do lacanismo e de seu dialeto particular, o lacanês? Oscar Cesarotto (1999, p. 178) considera que o lacanismo necessita ser compreendido por vários ângulos. Um deles diz do “código linguístico, que o configura e o determina”. Avança então mostrando a importância de “verificar como esta linguagem típica delimita territórios e ordens de pertinência que, em certas ocasiões, coincidem com instituições formais, sem que isto seja uma condição de existência.” Em relação ao lacanês, Cesarotto deixa claro que:

[...] alguém de qualquer trajeito identificatório com o mestre no mimetismo da sua performance, e para além da emulação de sua verborragia na

¹⁷⁶ Em especial os trabalhos de Richard Webster (2003) e Frederic Crews (1999), críticos contundentes da Psicanálise.

transmissão da sua retórica, tornou-se conspícuo um repertório de significantes tradicionais. Na constância deste jeito, foi descartando e precipitando um jargão. (1999, p. 180)

Estamos destacando essa reprimenda de Lacan quanto aos lacanianos, porque julgamos que essa frase pode conter um elemento que será preponderante de agora em diante. A partir do conteúdo que reunimos, dos testemunhos daqueles que conviveram, analisaram-se ou trabalharam com Lacan tanto em supervisão quanto nas instituições psicanalíticas, detectamos um fio condutor que nos capturou a atenção: a dificuldade de *não* se identificar excessivamente a Lacan ou de, como já evidenciamos pouco atrás em forma de paradoxo, ser lacaniano sem ser Lacan.

É razoavelmente comum e até previsível, especialmente no início do percurso clínico, identificar-se maciçamente a um personagem, desde o próprio analista ou supervisor, chegando mesmo a nomes mais grandiosos – e tanto faz se estamos aqui tratando de Freud, Lacan, Klein, Winnicott ou qualquer outro grande expoente da Psicanálise. Identificar-se a uma figura almejando ser como ela, até mesmo em termos imaginários de sua composição, também é corriqueiro, tanto em pequenos detalhes – usando, por exemplo, as mesmas roupas ou “fumando charutos retorcidos à maneira de Lacan” (Brodsky, 2002, p. 23) –, quanto de maneira mais chamativa, como testemunha Dumezil (2007, p. 160, grifo nosso) acerca desse período de sua vida:

É verdade que, sendo mais jovem, como outros em certos momentos, sucumbi a um certo mimetismo. Isso deve diverti-los, pois se vocês viram fotos de Lacan, podem constatar que de fato não pareço com ele fisicamente. *No entanto, quando eu tinha entre trinta ou trinta e cinco anos, eu achava que ele se vestia com elegância, tive meu período de nó borboleta, meu período charutos, mas não torcidos!* Lacan permitia que atravessássemos esse tipo de fantasia de identificação. Ao passo que, na IPA, um dos critérios do fim de uma análise era a identificação com o analista, um dos balizamentos proposto por Lacan é a travessia da fantasia, essa em particular.

Tencionamos, porém, ir além dessas identificações mais imediatas, e faremos isso a partir do privilégio que daremos a outro aspecto que nos capturou durante nossas leituras dessas narrativas. Em vários momentos pudemos perceber nos relatos muitas rememorações dos manejos de Lacan, especialmente em dois temas que nos são caros, pois deles tratamos anteriormente, o tempo e o dinheiro, que tanto apouquentava Ferenczi e que se destacava na correspondência trocada com Freud.

Consideramos esses manejos instigantes, porque, além de já fazerem parte do folclore¹⁷⁷ acerca da história de Lacan, também nos ajudarão a lançar luzes para o escrutínio das dificuldades daqueles que se incluem no grupo dos lacanianos. Especialmente porque Lacan, sem sobrevalorizar esses aspectos como Freud fez nos artigos que redigiu sobre a técnica psicanalítica, acabou destacando importantes nuances desses dois temas¹⁷⁸, especialmente em termos de efetividade clínica, tanto no aspecto diagnóstico, como no desvelamento de certas fixações libidinais de cada paciente, em sua singularidade. Mesmo que Lacan nunca tenha trazido formalmente nada de seu processo de criação – e nem é possível saber se houve algo desse naipe – desses manejos, seja em seus escritos teóricos ou, ainda, em seus seminários.

Charles Melman (2007, p. 115, grifos nossos) nos ajuda a sofisticar um pouco a relevância desse tema, lembrando-nos do aspecto simbólico de ambos, tempo e dinheiro, agora pareando-os de um jeito alternativo a partir de sua leitura dos atos de Lacan nesse tópico:

Há uma relação métrica com o tempo, em que tanto de tempo é tanto de dinheiro, que precisa ser analisada. É uma relação, permita-me chamá-la por seu nome, de assalariado, é o tempo industrial. Não é o tempo agrícola, é o tempo, muito precisamente, da indústria, tempo que data do século XIX. Por que tomá-lo por um tempo com valor universal? É uma relação com o tempo entre outras. E permito-me dizer que é bem desolador fazer crer que quanto mais nisso pomos tempo, melhor será. [E ao ser perguntado pelo entrevistador se tempo é dinheiro, acrescenta] *O tempo é bem mais que dinheiro, o tempo é a morte... Dizer que o tempo é dinheiro é simplesmente mascarar essa dimensão, que o tempo é a morte; prefere-se esquecer, dizer “o tempo é dinheiro”, logo, dizer que quanto mais o tempo passa, mais eu ganho. Pois não, quando o tempo passa, eu não ganho.* A esse respeito, a maneira de proceder de Lacan era uma maneira de assinalar que não somos eternos. *Achamo-nos eternos, mas não somos eternos.* Por outro lado, há urgência, é preciso se apressar, não se deve deixar para amanhã, não se deve dizer: vou passar ainda seis meses trabalhando na minha tese ou no meu

¹⁷⁷ Ainda que para Christian Simatos esse lado mais folclórico tivesse uma razão específica, que compunha o personagem que ajudava Lacan a fazer as coisas caminharem: “Ele dava o sentimento de estar totalmente imerso em seu trabalho. Mas está claro que seu trabalho era visto pelos analisandos como uma extensão da análise deles, eles faziam daquilo o bem próprio, tanto que não tinham razão de se sentir negligenciados. Por isso é que ele podia se permitir todas as espécies de coisas que não teriam sido aceitáveis num outro contexto, por exemplo, receber em *robe de chambre* tomando o café da manhã. Era folclore, aquilo nunca tinha um grande alcance. A prática dele era no fundo, antes clássica. As intervenções às vezes eram didáticas, as coisas eram recolocadas no lugar a fim de que não nos sentíssemos obrigados a ser cultos. Dele se desprendia uma presença que se experimentava na acolhida, ele não precisava fazer mais nada. Eu tinha o sentimento de que ele fazia seu trabalho de psicanalista. No plano, se posso dizer, material, na época, os honorários eram razoáveis, não se esperava horas, as coisas aconteciam em choques” (2007, p. 193).

¹⁷⁸ Tanto que alguns entrevistados pela comissão Turquet contam que o interesse daqueles que investigavam as inovações de Lacan centrava-se fundamentalmente em saber claramente o que, afinal, Lacan fazia de *diferente* nesses tópicos específicos, e que serviu posteriormente como argumento central para sua retirada da lista de didatas, por fazer algo *distinto* do que a prática tradicional homologava até então.

livro. Não, *há um tempo em que é preciso avançar, para poder em seguida passar a outra coisa.*

De fato, com a relativização desses temas, tanto a inserção do tempo lógico, que imprimia cortes nas sessões que não levavam em conta o tempo cronológico, quanto o manejo sempre surpreendente do dinheiro no tratamento permitiram a Lacan avançar nessa questão, influenciando significativamente um sem número de psicanalistas que, na sua esteira, ousaram quebrar esses padrões. Para Simatos, o que realmente importa é que Lacan foi, por si só, aquele que deu “durante mais ou menos duas décadas, uma coluna vertebral à psicanálise. Disso resultou que *numerosos analistas, inclusive fora do círculo de seus alunos, não tiveram que se queixar*¹⁷⁹ *do mercado de trabalho.* Não acho exagerado dizer que é a ele que se deve isso” (2007, p. 193, grifo nosso).

Esse tributo prestado a Lacan parece-nos justificável, uma vez que, ao desmistificar a sessão de duração fixa – a frequência igualmente inquestionável de mais de quatro vezes por semana – e os honorários inegociáveis, acabou possibilitando o acesso de um maior número de pessoas aos divãs. Um número também maior de analistas passou a se estabelecer, quebrando a hegemonia da prática quase exclusivamente por médicos, como era bastante comum naquele tempo. No entanto, isso não significa que Lacan não tratasse a questão do dinheiro no tratamento de uma forma rigorosa, ou mesmo que não mantivesse certa dose de fidelidade ao que Freud dizia acerca do pagamento das sessões. Ocorre que, diferentemente de Ferenczi, parece que Lacan não tomou as recomendações de Freud por uma via dogmática, *radicalizando as recomendações*, e muitas vezes tomava-as ao avesso, por exemplo, cobrando ao final de cada sessão. Freud deixou entrever que o psicanalista não deveria deixar acumular grandes quantidades de dinheiro, mas receber o combinado em períodos regulares, o que parece razoável; Lacan, contudo, não deixava nada¹⁸⁰ pendente, nenhuma dívida entre uma sessão e outra; posição de analista que, se também pensada mais a fundo, inegavelmente faz muito sentido na lógica do tratamento. Temos alguns bons exemplos para ilustrar esses atos

¹⁷⁹ Posição igualmente compartilhada por Roustang, (1988, p. 10), num misto de crítica e gratidão: “Mas Lacan produziu principalmente analistas, porque sua personalidade e seu discurso atraíram uma multidão de postulantes oriundos de horizontes muito diversos. Ele era, de certa maneira, a vitrine prestigiosa de uma grande empresa. Como a análise, por orientação dele, já não tinha por objetivo precípua a cura do paciente, mas revelava-se como um campo privilegiado onde se era introduzido nos segredos da cultura, deixara de ser infamante fazer-se psicanalisar. Tornar-se um analista reconhecido por Lacan era uma espécie de título de nobreza, que oferecia a possibilidade de formar uma clientela. Sem ele, muitos de nós nunca teriam alcançado esse *status* e não teriam encontrado os meios para viver dessa profissão. Depois de ter dado existência a vários indivíduos, a análise passava a representar para eles um meio de subsistência”.

¹⁸⁰ Como deixa claro Haddad (2003, p. 237, grifo do autor): “Mas Lacan nunca fazia um favor, durante a cura, sem imediatamente cobrá-lo. ‘Você terá que me pagar *algumas* sessões por todo o período que faltou’. – ‘O que o senhor quer dizer por *algumas*?’ – ‘Pois bem, digamos três para não deixar passar em branco’”.

incisivos de Lacan, pois, ao que parece, não deixava passar em branco esses momentos nos quais o pior¹⁸¹ do paciente acaba irrompendo, mesmo que a expensas de certa dose bem ajambrada de teatralidade¹⁸². Acolhamos a narrativa de Patrick Valas (2009, p. 131) a respeito de sua ausência em certo número de sessões durante o começo de 1980, sem uma justificativa adequada; o momento em que pergunta a Lacan quanto lhe deve:

Resposta: – O senhor mesmo pode calcular. Estimei que, no fundo, a ausência era responsabilidade sobretudo minha, bastava eu ter telefonado mais cedo. Calculei: um mês = tantas sessões + tantas supervisões = 5 mil francos. – Não tenho essa quantia comigo, posso lhe deixar um cheque caução, amanhã trago em dinheiro? – Isso mesmo. Preenchi o cheque e lhe perguntei: – Ponho em nome de quem? Berros de Lacan: – Glória, Glória¹⁸³! Ela irrompe imediatamente. – Ensine Patrick a fazer um cheque. Ele, batendo os pés sem sair do lugar, eu, voltando-me para ela: – Em nome de quem? Sem hesitar, ela disse: – Em nome do Outro, com o O maiúsculo – e arrancou o cheque de mim nas barbas de Lacan.

Ou numa entrevista inicial, ainda com Valas (2009, p. 125, grifo nosso): “– Quanto o senhor pode me pagar? *Não gostaria de pesar muito no seu orçamento.* Tinha 100 contos, estendi-lhe a nota, que ele pegou dizendo: – É isso. O senhor virá terça às 9h57; quarta às 10h23; e sexta às 14h44’.”.

Isso parece valer também para a supervisão, na qual o manejo não se dá pela mesma via, como no caso de Adnan Houbballah (2009, p. 46):

Depois, ele perguntou o objetivo de minha visita e me explicou que começaríamos a supervisão da próxima vez. “No começo”, disse ele, “serei pedagogo. Depois, será outra coisa”. Vinte minutos após o início dessa primeira entrevista, evoquei a questão do dinheiro. Expresssei-lhe claramente minha situação: “Só posso pagar 100 francos”. Lacan concorda. Soube depois que Lacan avaliava o preço de uma sessão em função de seus efeitos no tratamento. Por exemplo, na minha volta do Líbano – de onde vim

¹⁸¹ A leitura de *Por causa do Pior*, de Dias e Fingerhann (2005) pode explicitar o que estamos ressaltando.

¹⁸² Ainda que Claude Dumézil considere que esses exageros, mesmo que folclóricos, estavam a serviço de interrogar, causar estranhamento e perpetuar sutis exercícios de contato com o inconsciente, para abalar a mesmice em que podem cair as relações: “Sublinho isso, porque é tão contrário à imagem que alguns querem dar dele, não havia em Lacan nenhum teatro, nenhum “cinema” na relação que ele mantinha com os pacientes, unicamente uma atenção, mas uma atenção de extraordinária precisão, um talento para fazer com que de fato parissem o discurso” (2007, p. 134).

¹⁸³ Sobre Glória, secretária e por vezes fiel escudeira de Lacan, temos um exemplo de algo que tocamos anteriormente sobre o uso que o psicanalista pode fazer de seu dinheiro, fora do consultório, em sua vida: “Lacan costumava maquilar seus atos dando-lhes um ar de farsa, fingindo sobretudo interesse pelo dinheiro. Essa maquiagem não resiste à prova. Que necessidade tinha ele, na sua idade, depois de ter juntado uma bela fortuna, daqueles poucos honorários colhidos no verão de agosto. Na verdade, se Lacan gostava muito de dinheiro, não havia nele nenhuma rapinagem, e ele podia ser de uma generosidade espantosa. Sua secretária Glória me contará, depois de sua morte, a seguinte história. Um dia ela lhe pediu autorização para ausentar-se de tarde. Ele perguntou o motivo. Buscar um apartamento, disse ela, pois o proprietário do seu apartamento lhe pedira para deixá-lo. *Horas mais tarde, Lacan informou-a de que Sylvia, sua esposa, havia encontrado um apartamento para ela. Mas eu nunca vou poder pagar o aluguel desse bairro! – Quem está falando de aluguel? Se ele lhe convier, dou-lhe de presente*” (HADDAD, 2003, p. 257, grifo nosso).

arruinado, em 1975 –, só podia pagar 50 francos por minha supervisão. Ele aceitou, com a condição de voltar à antiga tarifa quando a situação se normalizasse. A supervisão durou 12 anos.

Trouxemos à luz esses exemplos porque, de alguma forma, representam o potencial subversivo de Lacan nessa questão do dinheiro no tratamento, mas antes que passemos à questão do tempo na análise, gostaríamos de frisar que Lacan parecia sustentar esse rigor na singularidade de cada caso, sem uma técnica fixa ou padronizada, ainda que saibamos que Lacan atendia um número significativo de pessoas a cada dia, como nos descreve Gerard Haddad (2003, p. 265, grifos nossos) a partir de sua experiência de analisando:

Quando pela primeira vez me dirigi ao n. 5 da Rua de Lille, no outono de 1969, Lacan, com quase setenta anos, apesar dos cabelos já inteiramente embranquecidos, nada tinha de um ancião. Eu ficava impressionado com sua energia, a voz segura, o andar. Ele atendia os primeiros pacientes a uma hora bem matinal – tive consultas por volta das oito horas da manhã e não era o primeiro a esperar – e fechava o consultório após as vinte horas. O momento do almoço era antes breve, já que a partir das treze horas e trinta costumávamos ser muitos a nos amontoar em sua sala de espera. Quanto às férias, à exceção do mês de agosto, de uma semana no Natal e na Páscoa, de alguns dias em fevereiro, ele sempre estava ali, no posto, em seu querido n.5 da Rua de Lille. Ao contrário de muitos analistas, *o ofício nunca parecia cansá-lo* e com certeza o uso (e o abuso) das sessões curtas o ajudava a agüentar. *Um tal modo de vida e de funcionamento* atesta que, se ele gostava de dinheiro, este evidentemente não era sua motivação principal.

Segundo alguns relatos, Lacan amealhou uma quantidade respeitável¹⁸⁴ de dinheiro com os honorários que estipulava, mas, de acordo com o ponto de vista de Haddad, o manejo com o dinheiro era vital apenas ao tratamento, e ele suspeita que, no fundo, Lacan não era tão ligado ao dinheiro como se supõe, ou ainda como afirmam com veemência alguns que o criticam pela ganância que supostamente se ocultaria por trás das sessões curtas. Cuidadosos com o risco de inutilmente psicopatologizar o criador¹⁸⁵, ainda assim poderíamos nos indagar

¹⁸⁴ Elizabeth Roudinesco (2005), em seu trabalho *A lista de Lacan. Inventário das coisas desaparecidas*, aborda este assunto, entre outros, mostrando que Lacan apreciava investir o dinheiro em coisas que lhe aproovessem, características de seu modo de ser, muito afeitas ao personagem por ele constituído: “Colecionador, fetichista, apaixonado por livros – e principalmente por edições raras ou originais –, Lacan havia acumulado, ao longo de toda sua vida, objetos de todos os tipos: quadros de mestres, aquarelas, desenhos, esculturas, estatuetas arqueológicas, móveis preciosos, roupas extravagantes confeccionadas de acordo com sua orientações: casacos de pele, ternos em tecido raro, golas duras sem vira ou gola virada, nó de gravata, sapatos feitos sob medida e em couros surpreendentes, e, enfim, moedas de ouro – preferencialmente napoleões – aos quais se acrescentavam barras de ouro, repartidas em cinco contas, em cinco bancos diferentes e em cofres dispersos por Paris” (p. 140).

¹⁸⁵ Isso vale tanto para Freud, bem como também para Lacan. Supor que a existência do divã se deva apenas à notória dificuldade que Freud tinha em relação a ser observado no frente a frente que poderia estabelecer com vários pacientes durante o dia soaria como um exagero, bem como também dizer que Lacan preferiria as sessões curtas por não suportar ficar tanto tempo com cada paciente mereceria ser alvo de suspeitas. Ainda que René Tostain (1998, p. 207, grifo nosso) frise: “Fora isso, como todo analista, e acho que mais que todo analista, ele tinha seus pontos cegos, suas zonas de sombra, suas resistências ferozes. No limite de evitação, da rejeição, daí, talvez, sua prática das sessões tragicamente curtas. Aliás, muito tempo depois, pus-me a escrever um livro a *partir de uma dessas recusas de ouvir o que eu dizia, e que chegava perto demais de sua história pessoal*. Aquilo teve para mim consequências consideráveis”.

como seria um tratamento analítico que *não* levasse em consideração os aspectos simbólicos do tempo e do dinheiro, que *não* os incluísse especial e estrategicamente na relação singular com o analista, revelando-se então um poderoso fator diagnóstico?

Nesse sentido, Colette Soler (2009, p. 115) também tem algo a dizer:

Por um lado, todo o movimento analítico concorda, com Freud, que o inconsciente é irreduzível e não conhece o relógio; por outro, é uma questão de tempo a elaboração que permite saber algo sobre ele e a partir da qual o conceito de inconsciente é construído. O inconsciente não conhece o tempo e, contudo, ele é elaborado no tempo.

Se o tempo então está intimamente ligado a múltiplos aspectos da dimensão inconsciente, se o relógio e o calendário podem ser considerados apenas e tão somente invenções humanas que visam capturá-lo e mensurá-lo – ainda que seja necessário assim fazer para a fruição da vida em grupo –, não nos parece que isso poderia ser aplicado em sentido estrito a uma sessão analítica. É aí que Lacan entra em cena de maneira surpreendente, passando a considerar o tempo de uma forma lógica e não cronológica. Aliás, numa lógica bem particular, e que o relato oral divulgado acerca de suas práticas limita-se a repetir dizendo que as sessões tornaram-se curtas, num formato homogêneo¹⁸⁶, para todos os casos. Não é bem o que os depoimentos demonstram. Como, por exemplo, com Melman (2007, p.114):

Com Lacan, as sessões nunca eram, só excepcionalmente, de 45 minutos. Ele às vezes pedia ao analisando para voltar uma ou duas horas mais tarde, às vezes até uma terceira ou uma quarta vez no dia. A duração de uma sessão podia estar ligada a diferentes coisas. Primeiro, ao fato de que você podia não ter nada de significativo a dizer: pode acontecer, nem sempre estamos ligados, o inconsciente às vezes dorme, descansa, está em outro lugar. Assim, Lacan podia parar a sessão porque não havia nada de especial que pudesse ser dito ali. Mas também podia parar a sessão porque o corte dava toda a sua virtude, todo o seu sentido ao que acabava de ser formulado. Havia, nele, um manejo dessa pontuação que às vezes era pertinente, às vezes podia não ser, pois ele não estava seguro de nunca se enganar. Em todo caso, era por razões teóricas muito claras que ele se servia disso.

¹⁸⁶ Como podemos extrair da posição de Philippe Julien (2009, p. 52, grifo nosso) nesse tema: “O importante para que a análise avance é que o analista homologue, registre certa palavra dita pelo analisando. De que maneira? Pela pontuação, ou seja, pela retomada de determinada palavra, de determinada frase que tem efeito de sentido; mas é uma retomada que marca o fim de uma sessão: efeito de furo, vazio criador. O ponto final, ao pontuar, abre para a próxima sessão, prepara uma nova etapa, condiciona uma marcha para adiante: um novo sonho, uma passagem ao ato, um avanço na direção do desejo. Logo, graças à pontuação que põe um ponto final numa sessão, surge a condição de uma nova produção na próxima sessão. Por isso é que o problema que a prática de Lacan coloca é o da escolha que ele fazia de uma pontuação e não de outra. Por que essa escolha? A questão é essa. Ora era uma escolha rápida – e, portanto, uma sessão curta – ora uma escolha que vinha lentamente – e, portanto, uma sessão longa. Isso dependia da fala do analisando. Por esse motivo é que não havia para Lacan *a priori* sessões curtas, como houve quem dissesse: ‘Ele só faz sessões curtas, tem pressa. Trabalha a toda velocidade’. *Não, de jeito nenhum, tudo dependia da fala do analisando*”.

Procedendo então a uma amarração dos dois tópicos que expusemos, tempo e dinheiro para Lacan, avançaremos agora com a ajuda preciosa de Simatos (2007, p. 194, grifo nosso), que lança uma dúvida nessa cena, evidenciando uma dificuldade que nos interessa destacar, relativa ao surgimento, nesses casos, de algo unilateral por parte do analista: “*Não é o lado necessariamente exorbitante de poder que faz a dificuldade do trabalho do analista?*” Essa questão da duração da sessão não era para mim uma questão maior. É verdade, a duração era variável, mas não ultracurta nessa época”.

O que adicionaria um elemento importante ao paradoxo que sugerimos: como ser lacaniano e fazer uso desse suposto poder sem compreender o alcance e o que alicerçavam as desconcertantes¹⁸⁷ inovações de Lacan? Afinal se, ainda que hipoteticamente, o próprio Lacan soubesse claramente, nem isso garantiria que a reprodução desse estilo redundaria em efeitos louváveis. Nesse sentido, Dominique Simonney (2009, p.110) deixa um alerta que nos parece salutar, relativizando o aspecto mais espetacular e problematizando os inevitáveis desdobramentos:

Começemos com uma distinção: a variabilidade do tempo das sessões é uma inovação importante instituída por Lacan no manejo do tratamento. Teve o mérito de sacudir a ritualização, ou mesmo a mumificação então em curso na técnica analítica. Mas uma coisa é o emprego do fim de uma sessão para pontuar o discurso do sujeito; outra é o considerável encurtamento do tempo das sessões, a ponto de deixar ao paciente apenas o tempo de pronunciar algumas palavras ou frases. Não é certo, é até pouco provável que essa técnica seja mais apta do que outra para cingir o Real em questão do tratamento. É certo que ela faz surgir, com toda a sua vivacidade, uma certa quantidade de objetos *a*, fulgurância do olhar, manifestação da voz do analista, até a “merda” a que o paciente pode se sentir reduzido quando a se vê expulso depois de alguns segundos. Por outro lado, tem-se uma acentuação da dimensão imaginária do significante: o paciente irá então se deter numa certa palavra proferida com a qual seu analista o deixou, ou até em alguma palavra proferida por ele, para fazer dela uma chave de sua história, a encarnação significante de sua verdade. Quantos analisandos de Lacan conheci que brandiam essa fala ou essa palavra como um troféu? Fetichização do significante, na verdade, mera resistência. Não que esse fenômeno não exista em qualquer análise; só que a técnica das sessões curtas, ao fazer “a transferência pegar fogo”, a acentua.

¹⁸⁷ Maud Mannoni (2007, p.164, grifos nossos) nos presenteia com um curioso exemplo acerca de sua relação com Lacan, bastante representativo de sua ousadia: “Foi *ele* quem me pediu, a partir de diferentes comunicações que eu havia feito sobre a criança retardada e sua mãe, *para fazer análise com ele*. O que *o* interessava era meu trabalho clínico. Logo, foi por desejo de Lacan que o encontro ocorreu”. Marie-Christine Laznik (2009, p. 71) também fornece outro exemplo: “Ocorre-me agora que, na nossa primeira entrevista, Lacan me perguntou o que eu tinha feito no Brasil em termos profissionais. Depois de me escutar, decidi que eu devia fazer uma tese sobre ‘os ritos de possessão no Brasil e sua eficácia’. Dito e feito, pegou o telefone e ligou pra seu amigo Balandier. Sem ter pedido, vi-me catapultada ao encontro desse professor para fazer um mestrado sobre os ritos de possessão. E, às voltas com esse trabalho, volto a encontrar os ritos de possessão que estavam no princípio de minha relação com ele. Não fiz essa tese, mas, anos depois, incentivei outra pessoa a fazê-la. Acabo de entender as raízes do interesse de Lacan por essas questões”.

Fetichizar o significante, brandindo cada palavra cuidadosamente colhida numa análise *com* Lacan parece ser um elemento questionável, especialmente a recorrência desse fenômeno, como bem aponta Perrier (1987, p. 94):

Ele tinha perfeita consciência do poder do seu nome, do que significava para as pessoas dizer: ‘Estou no divã de Lacan.’ Aliás, as sessões ditas curtas consistiam de uma verdadeira adubagem: o sorriso e o aperto de mão do mestre. Alguns, querendo imitá-lo, chegaram ao ponto de aceitar na sessão várias pessoas ao mesmo tempo. Mas nem todos eram Lacan, o que devia acontecer aconteceu: verdadeiras catástrofes.

Há outro ângulo da questão acerca desse novo psicanalista, que surge agora, e que nos interessa problematizar. Esse novo analista não mais submetido aos ditames de uma instituição centralizadora, pois, a partir de agora, a “ênfase na experiência singular de cada candidato implica, além do abandono de esquemas escolares de transmissão, um constante testar de sua adesão irrestrita à doutrina. A formação nunca acaba. O analista deve dar provas constantes de seu *compromisso com a causa*” (Russo, 2006, p.423, grifo nosso). Nesse ponto, Dunker (2006) localiza um complicador adicional, uma vez que esse novo analista necessita de novas formas de estabelecimento de laços na comunidade, na qual o reconhecimento passa por outras fontes, possivelmente menos verticalizadas, mais acessíveis, tanto aos novos interessados na prática como também ao público em geral – o que pode representar um risco de barateamento do ofício, muito distante da nobreza exercida por Lacan até os anos oitenta.

Cabe agora prosseguir, tendo em mente o que fazer frente a esse cenário...

5. TRATAMENTO DAS DIFICULDADES: SABER FAZER?

Nossos diagnósticos são feitos após os eventos. Assemelham-se à prova do rei escocês para identificar feiticeiras, que li em Vitor Hugo. Esse rei declarava que possuía um método infalível de reconhecer uma feiticeira. Mandava cozer lentamente as mulheres num caldeirão de água fervendo, e então provava o caldo. Depois disso era capaz de dizer: ‘Esta era feiticeira’ ou ‘Não, esta não era’. Conosco se passa o mesmo, exceto que *nós* somos os que sofremos. Não podemos julgar o paciente que vem para tratamento (ou, igualmente, o candidato que vem para formação), senão depois de havê-lo estudado analiticamente por algumas semanas ou meses. De fato, estamos comprando nabos em sacos.

Sigmund Freud

Após a apresentação da seleção dos elementos que compilamos, desde os primórdios de nosso interesse pessoal – como demonstrado no capítulo introdutório e posteriormente formalizado no percurso metodológico, chegando aos três autores que decidimos privilegiar, Freud, Ferenczi e Lacan –, pudemos perscrutar determinados aspectos que nos possibilitaram compreender um pouco mais do objeto com o qual estamos lidando: as dificuldades pelas quais um psicanalista pode passar no desempenho de seu ofício, pensando-as numa possível relação com o que chamamos de narcisismo profissional. Fazendo então um breve exercício de rememoração, vamos retomar essas dificuldades dispondo-as em alguns tópicos:

1. A recorrência de um fenômeno bastante atual: aumento de uma clientela que, mais e mais, se encaixaria no que poderia ser chamado de “paciente dos dias atuais”. Esse paciente se caracteriza por não demonstrar o mesmo grau de compromisso e fidelidade outrora comum naquele que se implicava com o processo analítico, e parece concebê-lo de forma pragmática e utilitária, além de demonstrar considerá-lo um mero antídoto para o mal-estar momentâneo, abandonando o processo após um breve alívio do sintoma que o incomoda, relutando em aprofundar-se nas questões subjetivas mais densas, como espera o psicanalista.

2. O surgimento de uma significativa concorrência em termos de oferta, advinda de tratamentos psicoterapêuticos diversos e de terapêuticas psicofarmacológicas, com uma particularidade comum: são colocados como uma possibilidade *distinta* em relação ao processo analítico tradicional, não apenas por serem proclamados mais rápidos, indolores, mais baratos e, principalmente, reconhecidos por certo tipo de modelo científico mais hegemônico, que tem alcance na mídia e na divulgação em massa, facilitando a aceitação.
3. A constatação de que se trata de uma profissão solitária, na qual a ausência de uma técnica padronizada acaba por deixar o praticante às voltas com um imperativo: tomar cada caso como único e, portanto, recomençar a cada vez, sem que uma experiência pregressa e acumulada lhe sirva de *garantia* frente ao inesperado da clínica. É o caso, por exemplo, dos múltiplos desdobramentos do enlace transferencial tanto pela via do amor, como pela do ódio – que podem, em certo grau, até inviabilizar o tratamento –, ou mesmo pela via do ganho secundário proporcionado pelo sintoma, que fixa de maneira cristalizada o paciente em certos modos de funcionamento, gerando poderosa resistência, a despeito das boas intenções e dedicação do analista.
4. A necessidade de uma crença no método passa a ser um parâmetro pouco confiável para os psicanalistas, especialmente os iniciantes. Dentro do consultório, no decorrer de cada sessão, nem sempre as coisas se desenrolam *exatamente* da mesma forma que o psicanalista pôde experimentar em sua análise pessoal, tampouco se coaduna com o que pode problematizar nas supervisões ou ainda nos encontros com os pares, debruçando-se sobre a teoria. Nesse contexto, torna-se mais difícil formular sua oferta a quem o procura, uma vez que a eficácia do processo que apresenta ao interessado não pode ser mensurada ou demonstrada da mesma forma que outras possibilidades terapêuticas. Apenas insistir para que o interessado permaneça e atenha-se à regra fundamental porque foi bom para ele, analista, não soa como a mais reconfortante estratégia, ainda que não tenha muitas opções.
5. A prática constante do psicanalisar parece exigir progressivamente do psicanalista um engajamento cada vez maior frente a uma causa: fazer a psicanálise existir no mundo, colaborando para seu crescimento e desenvolvimento, o que redundaria em bastante trabalho: escrever, ler, estudar, promover encontros e eventos com os

pares, além do próprio desgaste com o atendimento clínico, que pode ir tomando um tamanho cada vez maior, roubando-lhe tempo da convivência com a família ou amigos, empurrando-o para um perigoso ensimesmar-se, tomado por tudo o que envolve a profissão.

6. A falta do corriqueiro prestígio social necessário também a outras profissões torna-se então um ponto a ser considerado, pois o trato com o paciente não se modula pelos mesmos parâmetros. O tempo e o dinheiro, por exemplo, devem ser manejados de um jeito distinto, não contemplando agrados, descontos, barganhas ou espaço para reivindicações usuais em outros laços sociais, nos quais vigora a intimidade e certa camaradagem. Com isso, a pecha de explorador insensível passa a ser cada vez mais comum, especialmente num país de fortes contrastes em termos econômico-sociais, e no qual as atividades de ajuda são vistas, quase sempre, como obras de caridade ou benemerência.
7. A relação com os ideais da profissão – que começaram com Freud e se re-atualizam a cada novo grande nome na psicanálise, ligado a uma escola ou linha –, favorece uma dispersão no campo psicanalítico. Essa dispersão pode, por vezes, causar nos analistas considerável dose de inibição frente à apropriação de um estilo pessoal; condição que lhe permitiria trazer à comunidade psicanalítica a peculiaridade de sua experiência única e singular junto aos pacientes, para, no confronto com a doutrina, contribuir para o avanço da produção teórica necessário ao desenvolvimento, visto que se alimenta das descobertas do cotidiano da clínica
8. O relacionamento com os pares passa a ser mediado por parâmetros questionáveis, presentes em relações verticalizadas, que podem envolver hierarquização, burocratização dos procedimentos clínicos, especialmente nos casos mais agudos de institucionalização da psicanálise. Essa forma de constituição dos laços afeta sobremaneira a formação, que redunde na produção em massa de analistas conformes, robotizados e sem a flexibilidade e criatividade necessárias para a sustentação do dito lugar de analista.

Uma vez realizado o exercício de rememoração, consideramos que é chegado o momento de avançarmos, concentrando nossa atenção e esforços em uma etapa específica da presente tese, e que diz respeito ao *tratamento das dificuldades* elencadas, abrangendo as

possibilidades de *enfrentamento* dessas problemáticas, as *soluções* e possíveis *saídas* para alguns dilemas recorrentes e percalços característicos do psicanalisar.

Seria tentador e também cômodo atribuir esse conjunto de dificuldades – e a possível relação com o que chamamos de narcisismo profissional – a um aspecto *único* que, ao surgir num diálogo qualquer entre psicanalistas, toca no que se convencionou chamar de *calcanhar de Aquiles* do praticante, aquilo que o atinge mais profundamente em termos narcísicos, em sua imagem de psicanalista, esboçado em um enunciado como este: *no fundo, o que lhe falta é análise!*

Ou seja, *acusar* – e geralmente nesse tom é que se ouvem tais enunciados – um psicanalista de não ter se analisado suficientemente, e de ter, portanto, interrompido *antes* de determinado final sua imprescindível análise pessoal, pode, de fato, ter fundamento e ser – por que não dizer – até mesmo razoavelmente justificável em alguns casos. Por outro lado, desconfiamos também de que esse enunciado pode portar generalizações questionáveis, servindo muitas vezes como um artifício para *fechamento* de discussões, especialmente em temas mais delicados como, por exemplo, no caso do objeto que investigamos. É como se fosse possível dizer que um analista bem analisado *não* passaria por tais agruras em seu cotidiano, o que, aliás, nos levaria a nos questionar: o que seria e como reconhecer um analista *muito bem* analisado?

É quase um consenso no campo psicanalítico que, para que alguém se arvora o direito de psicanalisar, é necessário primordialmente dar um primeiro e inquestionável passo: *analisar-se*. Não são poucos os autores que apontam a importância crucial de uma análise pessoal *aprofundada* como condição básica e indispensável para a condução de tratamentos psicanalíticos. Pode-se dizer sem exagero que analisar-se equivale a um paradigma praticamente incontestável na comunidade psicanalítica, mesmo que se trate de um tema delicado. Afinal, falar da análise dos analistas, de uma análise completa e, especialmente, do *final de análise de um analista*, não é tarefa fácil. Freud (1910, p. 130, grifos nossos), em *As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica*, tangencia esse tema em um momento histórico no qual era relativamente comum se limitar à auto-análise¹⁸⁸:

¹⁸⁸ Strachey pontua que Freud, na maioria das vezes, apontava certa reticência em relação a esse tópico, duvidando da real possibilidade de auto-análises viáveis para os aspirantes da profissão e, posteriormente, insistiu na importância das chamadas análises didáticas, sob a responsabilidade de algum analista mais experiente. (STRACHEY, Nota do editor. In FREUD, 1910, p. 130)

Agora que um considerável número de pessoas está praticando a psicanálise e, reciprocamente, trocando observações, notamos que *nenhum psicanalista avança além do quanto permitam seus próprios complexos e resistências internas*; e, em consequência, requeremos que ele deva iniciar sua atividade por uma auto-análise e levá-la, de modo contínuo, cada vez mais profundamente, enquanto esteja realizando suas observações sobre seus pacientes. *Qualquer um que falhe em produzir resultados*¹⁸⁹ *numa auto-análise desse tipo deve desistir, imediatamente, de qualquer idéia de tornar-se capaz de tratar pacientes pela análise.*

Freud apontava, nesse momento, um limite com relação ao qual todo psicanalista deveria estar bastante alerta: seu próprio saber sobre seus complexos ou, de forma mais ampla, sobre os meandros de sua neurose, especialmente no que diz respeito à dimensão da fantasia, terreno sabidamente difícil de explorar em um processo analítico. Sendo assim, uma auto-análise como proposta¹⁹⁰ por Freud resvalaria em certos obstáculos quando se chega a essa dimensão mais profunda. Nesse caso, estaria ausente um aspecto fundamental: a transferência, dínamo que pode colaborar para a abertura do inconsciente, justamente por abranger o analista nessa fantasia, cena na qual sua inclusão favorece a re-edição de certos enredos nos quais a libido está fixada. Frente a esse dilema, Freud (1916-1917[1915-1917], grifo nosso), propõe uma solução que enfatiza esse ponto:

Aprende-se psicanálise em si mesmo, estudando-se a própria personalidade. Isso não é exatamente a mesma coisa que a chamada auto-observação, *porém pode, se necessário, estar nela subentendido*. [...] Não obstante, há limites definidos ao progresso por meio desse método. A pessoa progride muito mais se ela própria é analisada por um analista experiente e vivencia os efeitos da análise em seu próprio eu (*self*), fazendo uso da oportunidade de assimilar de seu analista a técnica mais sutil do processo. (p. 32)

Trata-se de um analista experimentado que, a partir desse momento, desde Freud, poderíamos chamar provisoriamente de *o analista do analista*, ou seja, um profissional com mais experiência clínica que poderia, didaticamente, “ensinar” como se analisa. E nesse caso as aspas são inteiramente justificáveis, pois potencialmente abrem espaço para alguns questionamentos básicos: ensina-se a psicanalisar? E, em caso positivo, quem poderia ensinar a psicanalisar? Bastaria se tratar de um analista mais experiente?

¹⁸⁹ O que limitaria o exercício dessa prática, pois nem todas as pessoas reuniriam condições para tanto. Em seu *A questão da análise leiga*, Freud (1926, p. 250, grifo nosso) volta a esse ponto: “Não estou afirmando que a personalidade do analista seja uma questão de indiferença para essa parte da tarefa. *Uma espécie de agudeza em ouvir o que está inconsciente e reprimido, que não está na posse igualmente de todos, tem seu papel a desempenhar*. E aqui, antes de tudo, somos levados à obrigação do analista de tornar-se capaz, por uma profunda análise dele próprio, da recepção sem preconceitos do material analítico”.

¹⁹⁰ Ainda que, muito provavelmente, Freud não estivesse tratando de uma auto-análise ingênua, a serviço de uma resistência primária ao encontro com um analista, como se fosse possível prescindir dessa relação. A única exceção minimamente respeitada a essa regra é o próprio Freud, ainda que muitos autores considerem que Fliess ocupou o lugar de analista para ele, como interlocutor no qual supunha um saber e com quem se relacionava; como mostram as cartas trocadas entre ambos, de uma maneira muito próxima da relação analítica, atravessada pela transferência.

Em *A questão da análise leiga*, Freud (1926, p. 281) lança as bases para um delineamento mínimo das características desse novo personagem que o próprio cenário analítico fez surgir:

Mas esses ‘analistas didatas’ – vamos chamá-los assim – precisarão ter tido uma educação especificamente cuidadosa. Se se quiser que ela não fique tolhida, eles devem receber a oportunidade de colher experiência de casos instrutivos e informativos... [...] Tudo isso, contudo, requer certa dose de liberdade de movimento, não sendo compatível com restrições mesquinhas. (p. 281)

Tal dose de liberdade de movimento, em dissonância com as restrições mesquinhas aventadas por Freud, parece uma prova de antevisão no que diz respeito ao que se transformaram certos *analistas didatas* e todos os questionáveis desdobramentos de um já suficientemente comentado processo de hierarquização e encastelamento de parte de alguns psicanalistas, notadamente em instituições oficiais de formação psicanalítica.

Contudo, como se sabe, essas instituições perderam o monopólio desse modelo formativo – no qual a análise do psicanalista deveria ser necessariamente efetuada com um analista didata –, especialmente após Lacan, que postulou que *toda* análise poderia ser didática. As análises passaram a ser consideradas a partir de um prisma específico: deveriam ser profundas, longas e, especialmente, *transformadoras*. Sendo assim, um analista que não se analisou suficientemente, de acordo com o julgamento dos pares, passa a ser visto como um praticante em formação, que deve, de maneira radical, envolver-se com o tripé que sustenta essa formação, autorizando-o a formular sua oferta no mundo.

A análise do analista é, sem dúvida, um primeiro patamar para o exame das possíveis saídas das dificuldades do psicanalisar para o esperado esvaziamento do narcisismo profissional, ainda que nossa revisão bibliográfica tenha apontado outras possibilidades propostas por alguns autores que já se debruçaram sob o tema, tomando-o sob vários ângulos e matizes.

Para abordar a questão da análise do analista, decidimos nos furtar a manter a mesma lógica dos capítulos anteriores, privilegiando sequencialmente os três autores que elegemos, problematizando possíveis formas de tratamento às dificuldades da clínica psicanalítica a partir de três textos específicos. Estamos falando de *Análise terminável e interminável*, de Freud (1937); de *O problema do fim da análise*, de Ferenczi (1927); e da *Proposição de 9 de Outubro de 1967 sobre o psicanalista da escola*, de Lacan (1958). Com eles e através do exame desses textos, tencionamos investigar mais a fundo a importância vital da análise do

analista como uma preciosa possibilidade de tratamento das dificuldades do psicanalisar e, em especial, como possível antídoto ao narcisismo profissional que pode atravancá-lo.

Quanto ao segundo campo das possibilidades, mais amplo e multifacetado, adiantamos que se refere, grosso modo, a um re-posicionamento do analista frente à tarefa interminável de sua formação e ao tipo de relação que pode estabelecer com a transmissão. O transmitir está diretamente conectado com o ato da leitura, com o estudo da teoria, com a escrita e, por fim, com os laços que se estabelecem, tanto com os pares – e não importa se dentro ou fora de alguma instituição psicanalítica – como na cultura, ressignificando sua oferta, tornando-se responsável pela continuidade da psicanálise no mundo, sem transformar essa tarefa em um fardo insuportável, pelo peso de um imperativo superegoico qualquer.

Para tratar adequadamente esses tópicos, elencamos agora duas seções que detêm nosso interesse. Uma delas diz respeito à psicanálise do analista; a seguinte aborda o que poderia ser considerado um além dessa tarefa imprescindível da análise pessoal.

5.1 Três olhares, uma saída: a psicanálise do analista

Começamos então com a *Análise terminável e interminável*, texto clássico de Freud, escrito já no final de sua vida, por volta de 1937, portanto bem próximo de sua mudança para Londres, exílio onde faleceria¹⁹¹ dois anos depois.

Ainda na parte que antecede o texto propriamente dito, Strachey, editor inglês da obra freudiana, mostra que Freud, a despeito do tom pessimista que banha esse trabalho, persiste em temas que atravessam sua obra quase como um fio condutor – que se inicia com Fliess, primeiro e especial interlocutor¹⁹² de que dispunha nos primórdios,¹⁹³ embora com ele o fio se

¹⁹¹ Período importante na história da psicanálise, mas por vezes pouco abordado. Sugerimos como leitura complementar *A morte de Freud*, de Edmundson (2009), que desvela importantes aspectos dos últimos dias de Freud na capital londrina.

¹⁹² Mahony (1990, p.74) se pergunta: “Será que poderíamos afirmar que a interminabilidade da transferência de Freud em relação a Fliess fluiu através da redação de ‘Análise Terminável’?”.

rompa – e permanecem em suas pesquisas. Uma prova disso é exatamente esse texto de que estamos tratando agora, no qual Freud aprofunda a temática de um possível final¹⁹⁴ para um tratamento psicanalítico, pensando o processo do começo ao fim como, aliás, já havia feito anteriormente, quando comparou sua invenção com o jogo de xadrez, no qual também só se pode examinar cuidadosamente o começo, a abertura do jogo e o final¹⁹⁵.

O texto é inaugurado com o tempo. Na verdade, abordando a duração das análises e as dificuldades que o analista encontra não apenas em calcular o tempo supostamente necessário para a duração¹⁹⁶ efetiva de um processo analítico, como também em mensurar os efeitos, a profundidade e a intensidade das incidências do trabalho analítico nos estratos mais profundos do psiquismo do paciente.

Tomando como exemplo aspectos do já clássico caso do Homem dos Lobos, Freud problematiza alguns equívocos que julga ter cometido durante o tratamento, pois notava que a resistência desse paciente em aprofundar-se na análise – especialmente no que tange à associação livre e ao relativo acesso à sua fantasia – permanecia, por razões que Freud desconhecia. Pede, então, a esse paciente que leve em consideração um alerta: sua análise se intensificaria até o final do ano e, no final daquele ano, já próximo a dezembro, ela seria interrompida não importa em que ponto porventura estivesse.

Freud observa, então, um avanço significativo no processo e, ao menos naquele momento, passou a supor que o caso estava perto de ser efetivamente encerrado e que, portanto, seu movimento inovador fora bem sucedido. Na verdade, após certo tempo, Freud

¹⁹³ Na verdade, um trecho da carta 133, de Freud a Fliess, em 16 de Abril de 1900 (*apud* STRACHEY, Nota do editor. In FREUD, 1937, p. 245, grifo do autor): “A carreira de E. como paciente chegou finalmente a um fim, com um convite para passar uma noite aqui. Seu enigma está *quase* completamente solucionado, sua condição é excelente, e todo seu ser está alterado; no momento permanece um resíduo de seus sintomas. Estou começando a entender que a natureza aparentemente interminável do tratamento é algo determinado por lei e depende da transferência. Espero que esse resíduo não prejudique o sucesso prático. Compete apenas a mim decidir se o tratamento deve ser ainda mais prolongado, mas raiou em mim que tal prolongamento constitui uma conciliação entre estar doente e estar bom que os próprios pacientes desejam, e na qual, por essa razão, o médico não deve consentir. A conclusão assintótica do tratamento é substancialmente indiferente para mim; é mais para os estranhos que ela constitui um desapontamento. De qualquer modo, manterei um olho no homem...”.

¹⁹⁴ O que é bastante diferente de uma interrupção da análise, pois o paciente pode simplesmente deixar de comparecer ao tratamento e assim, ambos, tanto analista quanto paciente podem não mais se encontrar. Nesse caso, Freud (1937, p. 251) prefere chamar esse tratamento inconcluso de uma “análise incompleta”.

¹⁹⁵ Afinal, assim como no xadrez, tentar sistematizar o que acontece *entre* as entrevistas iniciais e o final de uma análise é praticamente impossível, devido à multiplicidade de variações perceptíveis em cada caso particular (FREUD 1912, 1913).

¹⁹⁶ Freud faz mesmo uma dura crítica a Otto Rank, psicanalista que, após se afastar dele, tentava acelerar o processo analítico, especialmente após a sua imigração para os Estados Unidos, justamente no período do grande *crash* da Bolsa de Valores, por volta de 1929. Com certa dose de ironia, apontava também que Rank estava se adaptando ao estilo apressado dos americanos, no qual a expressão *tempo é dinheiro* já soava bastante providencial. Abreviar a duração de uma análise pareceria, aos olhos de Freud, estar a serviço dessa ideologia americana.

começa a ouvir notícias de que o Homem dos Lobos havia permanecido em Viena, e se dá conta de que o possível esgotamento da transferência ainda não tinha sido plenamente efetivado e de que alguns resquícios ainda o mantinham bem próximo. Freud (1937, p. 250, grifo nosso) lança um veredito específico acerca de casos como esse:

Subseqüentemente, empreguei a fixação de um limite de tempo também em outros casos, levei ainda em consideração experiências de outros analistas. Só pode haver um veredicto sobre o valor desse artifício de chantagem: é eficaz desde que se acerte com o tempo correto para ele. Mas não se pode garantir realização completa da tarefa. Pelo contrário, podemos estar seguros de que, embora parte do material se torne acessível sobre a pressão da ameaça, outra parte será retida e, assim, ficará sepultada, por assim dizer, e perdida para os nossos esforços terapêuticos, pois uma vez o analista tenha fixado um limite de tempo, não pode ampliá-lo; de outro modo o paciente perderia toda a fé nele. A saída mais óbvia seria, para o paciente, continuar o tratamento com outro analista¹⁹⁷, embora saibamos que tal mudança envolveria nova perda de tempo e abandono de fruto do trabalho já realizado. Tampouco se pode estabelecer qualquer regra geral quanto à ocasião correta para recorrermos a este artifício técnico compulsório; a decisão deve ser deixada ao tato do analista. Um erro de cálculo não pode ser retificado. *O ditado de que o leão só salta uma vez deve ser aplicado aqui.*

Freud então prossegue, avançando para uma questão que nos soa mais interessante ao menos neste momento. Aparenta mesmo não se preocupar mais em saber se o progresso de uma análise pode ser lento ou não¹⁹⁸, mas, na verdade, interessa-se por um possível *término* de uma análise, e se pergunta se haveria de fato alguma possibilidade de levar uma análise ao tal término. Afinal, se já vimos que um analista só consegue levar as análises que conduz até o ponto no qual pôde explorar suficientemente seus complexos, passa a ser vital considerar a análise do analista *a mais completa possível*. Vejamos a resposta de Freud (1937, p. 250): “A julgar pela conversa comum dos analistas, assim pareceria ser, já que freqüentemente os ouvimos dizer, quando deploram ou desculpam as imperfeições reconhecidas de algum mortal seu colega: ‘Sua análise não foi terminada’ ou ‘ele nunca se analisou até o fim’”.

Palavras bastante reveladoras – que corroboram o que já afirmamos no início deste capítulo –, pois, além de ser um fato recorrente na comunidade psicanalítica, é interessante destacar que, quase sempre, a “avaliação” feita pelos pares a respeito de determinado psicanalista não se dá de uma maneira muito diferente da forma que Freud descreveu. Aliás,

¹⁹⁷ Como de fato ocorreu, pois posteriormente o Homem dos Lobos passa a ser tratado pela Dra. Brunswick, psicanalista contemporânea de Freud e que, com certa dose de perícia, conseguiu por em xeque os tais resquícios transferenciais que ainda o ligavam a Freud, traços fundamentais e bastante resistentes de seus sintomas mais primitivos.

¹⁹⁸ Até mesmo porque desfiou vários argumentos que apontavam, grosso modo, para a força da pulsão e principalmente da magnitude da transferência, potencialmente obstaculizam um bom desenrolar de uma análise.

pode-se dizer que é bastante raro e incomum ouvir elogios a um analista, especialmente aqueles louvores que supostamente revelariam que sua análise foi levada até o fim. Em outras palavras, pode-se dizer que há um sério risco de que uma análise completa passe a ser considerada um *ideal*¹⁹⁹ entre os analistas.

Pensar esse ideal a partir do postulado de Dejours (2004) – que realça a importância da necessidade de reconhecimento do psicanalista pelos pares – pode nos trazer alguns complicadores que julgamos relevantes. Um deles estaria relacionado a uma dificuldade que surge embutida na demanda de reconhecimento: o analista pode supor que não deveria deixar entrever que sua análise não está completa, ou mesmo finalizada, um problema que, naquele momento, ao menos para Freud, parecia insolúvel.

É comum ouvir, especialmente entre os jovens analistas, a afirmação de não se sentir “pronto” para iniciar a própria clínica, deixando nas entrelinhas que somente após sua análise chegar a bom termo pode vir a sentir-se supostamente mais seguro para sustentar sua oferta. Outro risco adicional poderia surgir a partir de uma idealização de certos personagens cuidadosamente eleitos pelos movimentos transferenciais particulares da cada um: é o caso, por exemplo, dos expoentes na cena psicanalítica, psicanalistas com larga experiência e renome, que poderiam se misturar a uma análise pessoal idealmente completa; idealmente porque o próprio Freud (1937, p. 251, grifos nossos) parecia duvidar disso, perguntando-se se o analista de fato pode ter exercido uma influência de tão grande consequência, que o paciente não demonstre mais nenhuma mudança negativa após o término dos encontros com o analista:

É como se fosse possível, por meio da análise, chegar a um *nível de normalidade psíquica absoluta* – um nível, ademais, em relação ao qual pudéssemos confiar que seria capaz de permanecer estável, tal como se, talvez, tivéssemos alcançado o êxito em solucionar todas as repressões do paciente e em preencher todas as lacunas em sua lembrança. *Podemos primeiro consultar nossa experiência para indagar se tais coisas de fato acontecem, e depois nos voltarmos para nossa teoria, a fim de descobrir se há qualquer possibilidade de elas acontecerem.*

Trecho precioso, pois demonstra um aspecto que comumente é pouco discutido: efetivamente existem análises terminadas? Obviamente não se trata de imaginar alguém sem vestígios do inconsciente ou com o inconsciente completamente extinto, esvaziado, eliminado

¹⁹⁹ Ainda que, curiosamente, Freud, que nunca se analisou formalmente, mesmo assim é respeitado como um grande psicanalista, considerado de fato o fundador da disciplina. Freud (1933, p. 185) afirma textualmente que nunca se considerou “um terapeuta entusiasta; não há o perigo de eu fazer mau uso desta conferência excedendo-me em elogios”. O historiador da Psicanálise, Paul Roazen (1999) colheu depoimentos de analistas contemporâneos de Freud que relatavam episódios nos quais sua habilidade terapêutica era posta em dúvida.

ou plenamente revisado, mesmo porque o processo de repressão é dinamicamente contínuo durante toda a vida de uma pessoa. Mas o que parece é que Freud imaginava que haveria sempre um *resto* por analisar, o que Lacan de certa maneira já compreendeu de uma forma muito perspicaz, quando falou do atravessamento da fantasia.

Freud lança então um olhar mais atento a essa questão, pois questiona se, de fato, uma mudança econômica em termos libidinais, especialmente pulsionais, garantiriam que não haveria mais nenhuma recorrência de sintomas neuróticos graves durante a vida de um sujeito, após o final de uma análise nos moldes em que estava propondo, ainda que parecesse ter dúvidas disso. Ao menos nesse texto, Freud aparenta defender a posição de que uma neurose dita traumática poderia ter maiores chances de obter sucesso num tratamento analítico, visto que seria mais favorável ao *modus operandi* de sua invenção. Por outro lado, Freud (1937, p. 252) conjectura também que um avanço pulsional muito forte ou desmedido, em suas próprias palavras, “uma força constitucional do instinto e uma alteração desfavorável do ego adquirido em sua luta defensiva, no sentido de ele ser deslocado e restringido, são os fatores prejudiciais à eficácia da análise, e que pode tornar interminável sua duração”. E apontando quão limitado ainda é o conhecimento acerca desses aspectos, Freud (1937, p. 252, grifos nossos) evidencia a importância de novas pesquisas, pois:

Nesse campo, parece-me que o interesse dos analistas está bastante erradamente dirigido. Em vez de indagar *como* se dá uma cura pela análise (assunto que acho ter sido suficientemente elucidado), se deveria perguntar quais são os *obstáculos* que se colocam no caminho de tal cura.

Nessa direção, Freud (1937, p. 256) comenta uma mudança em sua clínica, aspecto que nos parece interessante problematizar neste momento. Ouçamo-lo:

Em dias passados, tratei um número bastante grande de pacientes, os quais, como era natural, desejavam ser tratados tão rapidamente quanto possível. Nos últimos anos dediquei-me principalmente²⁰⁰ às análises didáticas; no entanto, um número relativamente pequeno de casos graves de doentes permaneceu comigo para tratamento contínuo, interrompido, embora, por intervalos mais breves. Com eles, o objetivo terapêutico já não era o mesmo. Não se tratava mais de abreviar o tratamento; o intuito era, radicalmente, o de exaurir as possibilidades de doenças neles e ocasionar uma alteração profunda de sua personalidade.

²⁰⁰ Fenômeno recorrente na clínica de muitos psicanalistas que, com o passar do tempo, tornando-se mais conhecidos e referenciados, acabam por receber mais e mais pacientes que poderíamos qualificar com um “público interno”, oriundo da própria psicanálise, acolhendo psicanalistas, supervisionandos e estudantes de psicologia ou medicina no seu divã, diminuindo sensivelmente o número de pacientes que poderíamos qualificar como leigos, de fora do campo “psi”.

Freud parecia tentar demarcar uma diferença *qualitativa* entre o efeito terapêutico, rapidamente perceptível após um período – muitas vezes nem tão longo – de tratamento e uma cura transformadora, mais efetiva e profunda, beirando uma profilaxia futura, que inviabilizasse por completo uma recorrência dos indesejáveis aspectos sintomáticos de uma neurose.

Naturalmente, Freud se dá conta da inviabilidade de sua conjectura, notadamente quando levamos em consideração o potencial de um empuxo pulsional – em especial quando se pensa na pulsão de morte –, o que demonstra não ser tão simples como se poderia prever, levando Freud (1937, p. 260, grifos do autor) a continuar se perguntando acerca do *que e como* poderia se imaginar o *final de uma análise*. Em suas palavras:

E o que tem a nossa *experiência* a dizer sobre isso? Talvez ainda não seja suficientemente ampla para que cheguemos a uma conclusão firmada. Ela confirma nossas expectativas com bastante frequência, mas não sempre. Tem-se a impressão de que não se deve ficar surpreso se, ao final, ela mostrar que a diferença entre uma pessoa que não foi analisada e um comportamento de uma pessoa após tê-lo sido não é tão radical como visamos a torná-lo, e como esperamos²⁰¹ e sustentamos que seja. Se assim for, isso significará que a análise *às vezes* tem êxito em eliminar a influência de um aumento no instinto, mas não invariavelmente, ou que o efeito da análise se limita a aumentar o poder de resistência das inibições, de maneira que se mostram à altura de exigências muito maiores do que antes da análise ou se nenhuma análise se tivesse efetuado. Realmente não posso me comprometer com uma decisão sobre esse ponto, nem tampouco sei se atualmente é possível uma decisão.

O que não significa em absoluto que Freud com isso interrompa sua pesquisa, pois continua investigando outros ângulos da questão, desde o resto não-analisável – ou o umbigo do sonho, como seria mais coerente com seu estilo –, passando por uma reavaliação do privilégio dado aos aspectos qualitativos em detrimento dos quantitativos, valorizados que foram pelo próprio Freud, quando definia o aparelho psíquico em termos tópico, dinâmico e econômico. Um antídoto possível estaria localizado na neurose de transferência, que supostamente favoreceria a resolução de determinados conflitos intrapsíquicos, abalroados por uma dinâmica pulsional intensa, pois, se de alguma forma, o sujeito pudesse elaborar junto ao analista por essa via, possivelmente o que se resolveria dentro do consultório analítico poderia passar a ser resolvido também *fora* dos limites desse consultório, na vida cotidiana desse paciente.

²⁰¹ Seria questionável a hipótese de uma comparação entre uma pessoa que foi analisada e outra que não tenha sido. Talvez o que valha a pena pensar seja a diferença perceptível entre alguém *antes* de uma análise e essa *mesma* pessoa *após* um processo sério e aprofundado de análise.

Em certo momento do texto, Freud (1937, p. 266) nos lembra que meramente explicar²⁰² determinados aspectos aos pacientes não causava os efeitos que ele supunha e esperava das palavras do psicanalista:

Falamos ao paciente sobre as possibilidades de outros conflitos instintuais e despertamos sua expectativa de que tais conflitos possam ocorrer nele. O que esperamos é que essa informação e essa advertência tenham o efeito de ativar nele um dos conflitos que indicamos, em grau modesto, mas suficiente para o tratamento. Dessa vez, porém, a experiência não fala com voz incerta. O resultado esperado não ocorre. O paciente escuta nossa mensagem, mas não há reação. Pode pensar consigo: 'É muito interessante, mas não sinto traço algum disso'. Aumentamos seu conhecimento, mas nada mais alteramos nele. A situação é muito semelhante à que acontece quando as pessoas lêem trabalhos psicanalíticos. O leitor é 'estimulado' apenas por aquelas passagens que sente se aplicarem a si próprio – isto é, que interessam a conflitos que estão ativos nele na ocasião. Tudo o mais o deixa frio.

No fundo, se pudéssemos resumir tudo o que Freud parece querer comunicar até este momento no texto, chegaríamos a uma constatação: não há, portanto, uma alteração do ego, termo que Freud utiliza, suficientemente *garantidora* de que as coisas não possam voltar a ser como *antes* de uma análise. Assim como não há uma segurança clara de um final de análise, não há também qualquer ser humano analisado que possa ser detentor de um ego absolutamente equilibrado ou mesmo, em termos ideais, livre de qualquer questão psicodinâmica, característica do jogo de forças entre as pulsões do id, os impedimentos do superego e demandas do social. Além desse particular, fica mais claro então o porquê de Freud dedicar tanto tempo e esforço teórico para delimitar e problematizar o terrível embate que se dá entre pulsão de morte e pulsão de vida dentro do sujeito, algo que já havia iniciado em seu *Além do princípio do prazer*, documento de 1920 que marca um novo momento em sua obra.

Tendo então preparado o terreno para um elemento que nos interessa sobremaneira, Freud parte para o final do capítulo, reservando-o possivelmente pela importância e magnitude da questão que passará a tratar: a análise dos analistas.

Freud adentra esse tema específico por meio de uma referência a um artigo de Ferenczi – no qual nos deteremos mais adiante – que trata do final das análises, valorizando

²⁰² Como, por exemplo, nas ocasiões em que fornecemos qualquer tipo de explicação às crianças quando perguntados que somos acerca de temas ligados à sexualidade. Por mais carregados de boas intenções quando formulamos as respostas, não significa necessariamente que elas vão aceitar de maneira irredutível, ou mesmo fazer uso de tal informação, pois usualmente se mantêm reticentes em suas crenças anteriores, de modo muito parecido com os selvagens ou com as raças primitivas que, após receberem as informações ou colonizações pelos cristãos, acabavam continuando adorar no seu mais secreto íntimo os deuses antigos.

um aspecto ali contido: a análise não deve ser abreviada, mas, ao contrário, *aprofundada*. O que nos fornece um suplemento importante para o tema que estamos circunscrevendo. Dentre os fatores que influenciam as perspectivas do tratamento analítico – e se soma às dificuldades da mesma maneira que as resistências – devem-se levar em conta não apenas a natureza do ego do paciente, mas também e, sobretudo, a *individualidade* do analista. Isso nos parece instigante, pois pensar a individualidade do analista significa, de antemão, considerar que os analistas não são obviamente todos iguais nem, evidentemente, *homogeneizáveis*.

Freud (1937, p. 281, grifo nosso) é bastante realista quanto a um aspecto que surge de quando em quando nas conversas entre psicanalistas: a constatação de que o analista é obviamente um ser humano²⁰³ e, portanto, passível de qualquer fraqueza humana. Sendo assim, não se pode discutir que:

[...] os analistas, em suas próprias personalidades, não estiveram invariavelmente à altura do padrão de normalidade psíquica para o qual desejam educar os seus pacientes. Os opositores da análise quase sempre apontam esse fato com escárnio e o utilizam como argumento para demonstrar a inutilidade dos esforços analíticos. Poderíamos rejeitar essa crítica porque faz exigências injustificáveis. *Os analistas são pessoas que aprenderam a praticar uma arte específica; a par disso, pode-se conceder-lhes que são seres humanos como quaisquer outros*. Afinal de contas ninguém sustenta que um médico será incapaz de tratar doença internas se seus próprios órgãos internos não forem sadios; ao contrário, pode-se argumentar que há certas vantagens no fato de um homem que foi, ele próprio, ameaçado pela tuberculose, se especializar no tratamento de pessoas que sofrem dessa doença. Os casos, porém, não são absolutamente idênticos. Enquanto for capaz de clinicar, um médico que sofre de uma doença dos pulmões ou do coração não se acha em desvantagem para diagnosticar ou tratar queixas internas, ao passo que as condições especiais do trabalho analítico fazem realmente com que os próprios defeitos do analista interfiram em sua efetivação de uma avaliação correta do estado de coisas em seu paciente e em sua reação a elas de maneira útil.

Freud postula também que o analista deve estar – de alguma forma e dentro de certos limites – em uma condição superior ao paciente em determinado momento da análise, frente, especialmente, ao confronto com a realidade, pois destaca fortemente que “o relacionamento analítico deve ser baseado no *amor à verdade*” (1937, p. 282, grifo nosso). Ousaríamos dizer também: amor à verdade no sentido de confrontar e enfrentar a realidade que não se coaduna com a realidade psíquica, mas fundamentalmente amor à *própria* verdade, como mostrariam os postulados advindos do ensino de Lacan.

²⁰³ O que nos remete ao alerta de Birman (1999), ainda na introdução da presente tese, para o fato de que os psicanalistas *deveriam* ser demasiadamente humanos, parafraseando Nietzsche.

Freud (1937, p. 282, grifos nossos) então alavanca a famosa frase que utilizamos como epígrafe no começo deste trabalho, falando da profissão impossível, pareando o psicanalisar ao ato de governar e de educar. Na continuidade de suas palavras, podemos perceber outro aspecto bastante interessante:

Evidentemente, não podemos exigir que o analista em perspectiva seja um ser perfeito antes que assuma uma análise, ou em outras palavras, que somente pessoas de alta e rara perfeição ingressem na profissão. *Mas onde e como pode o pobre infeliz adquirir as qualificações ideais de que necessitará em sua profissão? A resposta é: na análise de si mesmo, com a qual começa sua preparação para a futura atividade.* Por razões práticas, sua análise só pode ser breve e incompleta. [...] Essa análise terá realizado seu intuito se fornecer àquele que aprende uma convicção firme da existência do inconsciente, se o capacitar, quando o material reprimido surge, a perceber em si mesmo coisas que de outra maneira seriam inacreditáveis para ele, e se lhe mostra um primeiro exemplo da técnica que provou ser a única eficaz no trabalho analítico. [...] Isso de fato acontece e, na medida em que acontece, *qualifica o indivíduo analisado para ser, ele próprio, analista.*

Ou seja, idealmente teríamos um analista ao final de um processo analítico, pois o saber acumulado dessa experiência lhe permitiria analisar, conduzir outras experiências rumo ao inconsciente. Ainda assim, e ao que parece de forma não muito otimista, Freud (1937, p. 283, grifo nosso) também constatava:

Parece que certo número de analistas aprende a fazer uso de mecanismos defensivos que lhes permitem desviar de si próprios as implicações e exigências da análise (provavelmente dirigindo-as para outras pessoas), de maneira que eles próprios *permanecem como são* e podem afastar-se da influência crítica e corretiva da análise. Tal acontecimento poderia justificar as palavras do escritor²⁰⁴ que nos adverte que, quando se dota um homem de poder, é difícil para ele não utilizá-lo mal.

Consequentemente, Freud (1937, p. 283, grifo nosso) não vê outra solução para o que chama de parceiro ativo da relação analítico:

Todo analista deveria periodicamente – com intervalo de aproximadamente cinco anos – submeter-se mais uma vez à análise, *sem se sentir envergonhado por tomar essa medida.* Isso significaria, portanto, que não seria apenas a análise terapêutica dos pacientes, mas sua própria análise que se transformaria de tarefa terminável em interminável.

Interminável, porém não infundável, pois também deixa claro que, mesmo advertidos contra uma questionável expectativa de completa “normalidade” de alguém que tenha chegado a um final de análise, ainda assim Freud parece valorizar um saber particular que,

²⁰⁴ Freud referia-se a Anatole France, e a seu *La revolte des armes*.

após o processo analítico, permitiria ao sujeito analisado melhor condições para lidar com suas pulsões e com os acontecimentos da vida.

Como prova dessa melhoria, Freud destaca duas dificuldades especiais que surgem nos tratamentos de homens e mulheres. Nos primeiros, a dificuldade extrema de se submeter ao outro, o que equivaleria a se perceber em uma posição supostamente passiva, enquanto nas mulheres a expectativa demasiadamente forte de obtenção de um substituto para o pênis que não possuem, uma lacuna sensível e que demanda resolução também supostamente alcançável pela via da análise. Rochedo da castração é o termo mais comumente utilizado para descrever esses fenômenos clínicos, mas o que importa aqui é o que Freud (1937, p. 287) deixa de conforto para os analistas: a consolação de que forneceu, tanto a homens quanto a mulheres “todo incentivo possível para reexaminar e alterar sua atitude para com ele”. Parece então que há um saber a ser obtido na análise – agora um saber que se sabe – e que se trata, no fundo, de um saber sobre a castração, sobre a suposta posição passiva frente a tudo na vida, incluindo aí a análise e a relação com o analista.

Parte desses elementos surge no texto de Sándor Ferenczi, de 1927, intitulado *O problema do fim da análise*, que, como sabemos, foi inspirador para o texto de Freud que acabamos de esmiuçar.

Ferenczi inicia o texto narrando um caso clínico bastante específico, que diz respeito a um paciente que mentia na vida e na análise, o que o incluía, pela força da transferência. A partir das dificuldades na condução desse caso, quase paradigmático, pergunta-se qual a possibilidade de uma análise chegar *apropriadamente* ao seu fim. Afinal, ele está se defrontando com uma questão de caráter, muito mais do que uma questão de análise dos sintomas ou de queixas propriamente ditas em termos de fantasia. Parece-nos importante valorizar essa dúvida, pois Ferenczi demonstra que esse paciente, em particular, extraía certo prazer nesses atos de mentira e de enganação; esse traço de caráter já perdurava por bastante tempo em sua vida e, ainda assim, não via razão para considerá-lo algo a ser tratado numa análise. Diante dessa constatação, Ferenczi se pergunta se uma análise, para se dar efetivamente por terminada, não teria que, *necessariamente*, envolver uma *análise de caráter*, pois uma análise pode tratar de todos os sintomas e eventualmente transformá-los, mas isso não significa necessariamente uma cura no sentido mais nobre do termo psicanalítico.

Essa preocupação com o caráter nos soa como bastante concernente, pois Ferenczi acaba se interrogando sobre um aspecto: se um tratamento analítico não correria riscos de, a

partir da dissolução de determinados aspectos, não acabar colaborando para uma *recristalização* de certos elementos de caráter, agora rearranjados por meio de uma fórmula distinta, constituída inclusive durante a própria análise. No caso desse paciente em especial, Ferenczi (1927, p. 16) supunha que abandonar “verdadeiramente a tendência para mentir apresenta-se, pois, como sendo no mínimo um dos sinais do fim próximo de análise”. E, mesmo parecendo algo difícil de ocorrer, ainda assim deixa claro que é possível imaginar particularidades²⁰⁵ de pessoas que já chegaram ao final de uma análise:

Entretanto, é possível indicar alguns traços comuns das pessoas que levaram uma análise até o fim. *A separação muito mais nítida do mundo da fantasia e do mundo da realidade*, obtida pela análise, permite adquirir uma liberdade maior quase limitada, logo, simultaneamente, *o melhor domínio dos atos e decisões*; em outras palavras um *controle mais econômico e mais eficaz*. (FERENCZI, 1927, p. 19, grifos nossos)

A separação entre a fantasia – ou a *realidade psíquica*, como delineada por Freud – e a realidade concreta parece ser o tópico principal no qual Ferenczi centra seu olhar, o que nos parece condizente com o eixo central do texto, mas também com o que se verifica em uma análise: muda-se a relação com os dados mais objetivos da realidade – o que inclui os atos, decisões, escolhas e relações empreendidas – se a percepção não está profundamente atravessada pela dimensão da fantasia inconsciente. Seria redundante afirmar a crucial importância desse aspecto na análise pessoal de um analista, ou de qualquer postulante a esse ofício. Dito de outro jeito: a análise de um analista deve ser *profunda*, para que possa alcançar os estratos mais obscuros da dimensão da fantasia que, caso não sejam tratados, causarão estragos²⁰⁶ nas análises por ele conduzidas.

Uma análise profunda, efetuada de maneira adequada, não afetada pela pressa do paciente ou pelo furor do analista, demanda um aspecto vital, ao qual Ferenczi (1927, p. 19, grifo nosso) alude, lembrando Freud: a questão do *tempo*. Ouçamos sua referência ao

²⁰⁵ Ferenczi também se pergunta se a própria apresentação do paciente para o outro, em um final de análise, não deveria ser objeto de investigação. Destaca que certos tiques, maneirismos ou traços fisionômicos mais chamativos, muitas vezes são impressionantemente imperceptíveis ou mesmo negados por um paciente que esteja chegando a um final da análise. Ferenczi então se interroga se não deveria ser parte da análise fazer o paciente saber disso ou, parafraseando o próprio Freud, mostrar como um espelho opaco só aquilo que a pessoa está apresentando. A partir de sua experiência, Ferenczi diz que jamais comunica isso diretamente, mas que com passar do tempo o próprio paciente vai se dando conta, a partir de certos manejos do analista.

²⁰⁶ Freud (1912, p. 156, grifos nossos) é muito claro nesse aspecto: “Mas quem não se tiver dignado a tomar a precaução de ser analisado não só será punido por ser incapaz de aprender um pouco mais em relação a seus pacientes, mas correrá também perigo mais sério, que pode tornar-se perigo para os outros também. Cairá facilmente na tentação de *projetar para fora algumas das peculiaridades de sua própria personalidade*, que indistintamente percebeu, no campo da ciência, como uma teoria de validade universal; *levará o método ao descrédito e desencaminhará os inexperientes*”.

momento de elucidar determinados pontos para o paciente, quando usualmente o psicanalista não sabe se está se *adiantando* ou chegando *atrasado*:

Esse ‘mais cedo ou mais tarde’ contém uma ilusão a importância do fator *tempo*, para que uma análise possa ser inteiramente terminada. *Isso só é possível se a análise dispuser de um tempo por assim dizer infinito*. Estou de acordo portanto com aqueles que pretendem que um tratamento tem muito mais chance de terminar rapidamente se o tempo de que dispomos for ilimitado. *Trata-se menos do tempo físico*²⁰⁷ de que o paciente dispõe do que da sua determinação interior de permanecer verdadeiramente em tratamento por quanto tempo for necessário, sem levar em conta a sua duração absoluta. Não quero dizer com isso que não haja caso em que os pacientes abusam largamente dessa intemporalidade ou ausência de prazo.

Esse tempo, segundo Ferenczi, é bastante favorecedor para um aspecto importante que Freud já destacava: a *elaboração*; termo que abarca um tempo de entendimento, de compreensão e de reposicionamento frente a uma questão sintomática do próprio paciente. Ferenczi se pergunta mesmo se uma análise poderia ser considerada terminada sem a percepção de que houve momentos específicos do que chama de *translaboração analítica*²⁰⁸, que levaria o paciente a um saber mais autêntico acerca de suas questões subjetivas mais intrincadas.

Ainda assim, Ferenczi mantém dúvidas sobre o momento de término de uma análise, pois por vezes o paciente comunica que pensa em deixar o tratamento, julgando-se satisfeito com o que obteve, mas no fundo trata-se apenas de um teste de confiabilidade bastante particular da relação. Interpretar adequadamente uma decisão desse porte é uma tarefa que considera bastante difícil, pois põe em xeque a serenidade do analista:

De fato poder-se-ia falar de uma tentativa inconsciente do paciente de testar a solidez da paciência do analista a seu respeito, de maneira metódica e variada ao extremo, isso não uma, mas inúmeras vezes. Os pacientes submetem assim a uma observação extremamente perspicaz o modo de reação do médico, quer este se manifeste pela fala, pelo gesto ou pelo silêncio. Analisam-no freqüentemente com muita habilidade. Descubrem os menores sinais de moções inconscientes no analista *que deve suportar essas tentativas de análise com uma paciência inabalável e uma performance quase sobre-humana* mas que, em todos os casos vale a pena. (FERENCZI, 1927, p.20, grifo nosso)

²⁰⁷ O que nos leva diretamente à proposta do tempo lógico, efetuada por Lacan.

²⁰⁸ Aqui há algo digno de destaque: “Devemos relacionar essa translaboração, ou seja, o trabalho psíquico a que o paciente se entrega com a ajuda do analista, com a relação de forças entre o recalcado e a resistência; portanto com *um fator puramente quantitativo*. A elucidação da causa patogênica, e das condições da formação dos sintomas é, por assim dizer, *uma análise qualitativa*” (FERENCZI, 1927, p. 20, grifos nossos).

E, um pouco mais a frente, Ferenczi (1927, p. 21, grifos nossos) abre espaço para um assunto que nos interessa significativamente neste momento da presente tese:

A firmeza diante desta ofensiva geral do paciente impõe como *condição preliminar que o analista tenha terminado por completo sua própria análise*. Faço essa observação porque, com frequência, considera-se suficiente que o candidato a psicanalista trave conhecimento, durante um ano, por exemplo, com os principais mecanismos: uma análise *supostamente* didática. A sua evolução posterior é entregue às possibilidades de aprendizagem oferecidas pelo auto didatismo. Assinalei amiúde no passado, que não via nenhuma diferença de princípio entre análise terapêutica e análise didática. Gostaria de completar esta proposição no sentido de que nem sempre é necessário, na prática clínica, aprofundar o tratamento até o ponto que chamamos de término completo da análise; em contrapartida, *o analista de quem depende o destino de tantos seres, deve conhecer e controlar até as fraquezas mais escondidas de sua própria personalidade, o que é impossível sem uma análise inteiramente terminada*.

Mais direto impossível: a análise do analista deve ser inteiramente terminada, esgotada em termos de um desvelar das fraquezas mais escondidas, dos recônditos mais obscuros da personalidade e do núcleo mais recalcitrante do sintoma, de uma fantasia que se prefere não saber, como a clínica psicanalítica comprova recorrentemente.

Nesse ponto julgamos encontrar uma das possíveis gêneses do que já abordamos repetidas vezes: os *ideais* que podem rondar o psicanalista, em especial o analista analisado por completo. Em outras palavras, o final de análise como um ponto a ser inicialmente idealizado, conseqüentemente deformado e posteriormente transformado em objeto de fascinação. Repetindo o que já dissemos anteriormente: um *ideal de psicanalista* que qualquer psicanalista almejaria alcançar ou, ainda, um *psicanalista ideal* que seria inatingível, tornando praticamente todos os psicanalistas insuficientes nesse quesito, alguém dessa marca mítica alcançada por um dos psicanalistas, curiosamente à exceção de Freud, que nunca se analisou formalmente. Talvez possamos localizar aqui também o disparador da ideia do passe, formulada por Lacan, e na qual nos deteremos mais adiante.

Ferenczi também demonstra a importância de o analista perceber certo esforço do paciente em proteger núcleos ainda não tratados da sua fantasia inconsciente. Para o psicanalista húngaro, “todo paciente masculino deve chegar a um sentimento de igualdade de direitos em face do médico, indicando assim que superou a angústia de castração” e, no caso da “doente do sexo feminino, para que possa considerar que venceu a sua neurose, deve ter vencido o seu complexo de virilidade e ter se abandonado sem o menor ressentimento às potencialidades de pensamento do papel feminino” (FERENCZI, 1927, p. 22). Isso valeria

também para o analista em análise, o que justifica o aumento da preocupação nesses casos. É bastante comum ouvirmos críticas a estudantes – especialmente de psicologia ou de psiquiatria – e iniciantes por fazerem um mau uso do conhecimento obtido nos livros durante suas sessões de análise, colaborando mais para o fechamento do inconsciente, pela via da racionalização, do que para um desenrolar mais fluido do processo, comparativamente aos pacientes que nada sabem de Psicanálise. Ferenczi (1927, p. 22, grifo nosso) parece então radicalizar nesse aspecto, indo num caminho contrário, desconfiando de um ideal de fim de análise:

A análise está verdadeiramente terminada quando não há dispensa por parte do médico nem por parte do paciente; a análise deve, por assim dizer, morrer de esgotamento, devendo o médico ser sempre o mais desconfiado dos dois e suspeitar que o paciente quer salvar alguma coisa de sua neurose, quando exprime a vontade de partir. Um paciente verdadeiramente curado desliga-se da análise, lenta mas seguramente; por conseguinte enquanto o paciente quiser vir, terá o lugar da análise. Também se poderia caracterizar esse processo de desligamento da seguinte maneira: *o paciente está, enfim, perfeitamente convencido de que a análise é para ele um novo meio de satisfação, mas sempre fantasístico, que nada lhe fornece no plano da realidade.*

Talvez possamos deduzir que, ao afirmar que a análise pode vir a ser um novo meio de satisfação, distinta da realidade e da fantasia, num sentido mais patognômico²⁰⁹, Ferenczi aponte para o que Lacan sistematizou acerca de um saber sobre o próprio inconsciente, de um possível atravessamento da fantasia. Mas, como se sabe, e a experiência cotidiana demonstra; isso não é tão comum. Quando chegamos ao fim do texto encontramos um parágrafo bastante interessante – e aparentemente com uma boa dose de sinceridade por parte de Ferenczi (1927, p. 23, grifos nossos), que fala do final de análise como algo que se comprova muito provavelmente apenas em *poucos* casos. Leiamos o parágrafo:

Submeti-lhes hoje todas essas observações em apoio de minha convicção de que a análise não é um processo sem fim, mas que pode ser conduzida a um término natural se o analista possui os conhecimentos e a paciência suficientes. *Se me perguntarem se posso citar um grande número de análises concluídas assim devo responder: não.* Mas a soma de minhas experiências leva-me às conclusões enunciadas nesta exposição. *Estou firmemente*

²⁰⁹ O que valeria para cada estrutura em particular, como Ferenczi (1927, p. 23, grifo do autor) cuidadosamente procede, quando ressalta que uma “experiência, igualmente importante no plano teórico, no caso de análises levadas até seu verdadeiro termo, consiste no aparecimento quase constante de uma *transformação de sintomas* antes do final da análise. Sabemos muito bem, graças a Freud, que a sintomatologia das neuroses é quase sempre resultado de uma evolução psíquica. O doente obsessivo, por exemplo, só muda pouco a pouco suas emoções em atos e pensamentos obsessivos. O histerico pode lutar, durante bastante tempo, contra toda espécie de representações incômodas, antes de chegar a converter seus conflitos em sintomas corporais. Aquele que mais tarde, virá a ser esquizofrênico ou paranóico, inicia sua carreira patológica um pouco como o paciente com histeria de angústia: muitas vezes após um árduo trabalho ele consegue encontrar uma espécie de autocura patológica num exacerbado narcisismo”.

convencido de que, quando se tiver suficientemente aprendido sobre seus modos de atuar e seus erros, e se tiver aprendido pouco a pouco a contar com seus pontos fracos de sua própria personalidade, irá crescer o numero de casos analisados até o fim.

Ferenczi retorna mais uma vez a responsabilidade ao analista, impondo-lhe uma tarefa que deixa agora mais claro por que Freud chamou-a de infinita, uma vez que não haveria fim para o permanente interrogar-se que a profissão exige. Interrogar-se sobre si, sobre o modo de atuar e sobre os pontos fracos da personalidade. Em essência, quanto mais se avança na própria análise, analogamente mais se avança nas análises que se conduz.

É importante ressaltar que o texto freudiano sobre o qual anteriormente nos debruçamos foi estruturado e pensado como uma sequência – ou talvez resposta? – a esse trabalho de Ferenczi, produzindo então certas congruências, convergências, similitudes e expansões ao estilo de Freud, mas consideramos também que ambos moveram significativamente Lacan a se aprofundar nessa seara, pois podemos supor que forneceram o germe necessário para que surgissem nos trabalhos de Lacan, termos – e ousadas apostas, devemos dizer – como: desejo do analista, lugar do analista, passe, final de análise, novos laços sociais por meio de Escolas de Psicanálise, formação, ética, entre outros.

Acreditamos também que um escrito de Lacan em particular pode dialogar com os textos de Freud e Ferenczi acerca do final de análise de um analista. Estamos nos referindo à *Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da escola*, trabalho no qual Lacan estipula as bases e os fundamentos de uma escola de psicanálise que seja fiel ao legado freudiano.

Proposição, como é comumente chamado esse texto, tem início com a sugestão de que deve ser lido com base no exame de um texto anterior: *Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956*. Nesse texto de 1956, Lacan demonstra com críticas contundentes seu descontentamento com o modelo de formação que imperava naquele período, especialmente na França, e mais exatamente na Associação Psicanalítica Internacional com a respectiva sociedade de psicanálise daquele país. Lacan fez parte dessa associação por um bom tempo que, como mostram os registros históricos, acabou em sua excomunhão, de acordo com as próprias palavras do psicanalista.

Sua crítica não parece gratuita, ao contrário, leva o leitor a se interrogar acerca de um ponto que julgamos crucial: como pensar a formação de psicanalistas de uma maneira que não fosse atravessada pelo que Freud ilustrava em seu clássico texto que trata da psicologia das

massas, como parecia imperar na instituição censurada por ele, Lacan (1956, p. 478, grifo nosso), que assinala:

Para nosso propósito, devemos partir da observação, ao que saibamos nunca feita, de que Freud pôs a AIP em seu rumo dez anos antes que, na *Psicologia das massas e análise do eu*, se interessasse, a propósito da Igreja e do Exército, pelos mecanismos mediante os quais um grupo orgânico participa da multidão, investigação essa cuja evidente parcialidade justifica-se pela descoberta fundamental da identificação do *eu* de cada indivíduo com a *mesma imagem ideal*, cuja miragem é sustentada pela imagem do líder. Descoberta sensacional, por se antecipar em pouco às organizações fascistas que a tornaram patente.

Lacan identifica exatamente esse modelo de funcionamento na instituição psicanalítica da qual acabara de sair e, por meio de três figuras de linguagem, exemplifica como se dão as coisas internamente nesse modelo de formação, cujos níveis hierárquicos são apresentados como suficiências, beatitudes e sapatinhos apertados. Grosso modo, podemos notar que nivela o que chama de suficiência nos psicanalistas que controlam a organização, o que equivaleria possivelmente aos analistas didatas; as beatitudes representariam os analistas membros da instituição, que se encarregariam de fazer certo jogo entre as suficiências e o grande número de participantes de um nível mais baixo na hierarquia, os aqui chamados sapatinhos apertados, expressão francesa que designa determinada situação de desconforto. Segundo essa descrição, um modelo de formação nitidamente verticalizado, no qual o ensino da técnica pressuporia certa sujeição dos sapatinhos apertados a um modelo praticamente único de transmissão da teoria e da técnica psicanalítica, especialmente quanto aos valores mais ortodoxamente previstos desde Freud.

Julgamos que esse texto merece ser objeto de investigação para o entendimento da sempre delicada questão da formação do psicanalista, mas destacamos que serviu de base para o trabalho que nos atrai neste momento e no qual passamos agora a nos concentrar, que trata justamente da *proposição* para o *psicanalista de escola*, ou seja, uma das *saídas* que Lacan encontrou para se *contrapor* ao modelo da AIP, fundando uma Escola de Psicanálise e, a partir desse ato, estabelecendo alguns preceitos que nos interessam sobremaneira neste momento da tese.

O primeiro deles, diz respeito a uma *escola* de psicanálise,²¹⁰ na qual os psicanalistas estabeleceriam laços de trabalho e formação, com finalidades e estatutos particularizados para

²¹⁰ Para maior aprofundamento no que diz respeito às particularidades de uma *escola* de psicanálise, sugerimos a leitura de *A estranheza da Psicanálise: a escola de Lacan e seus analistas*, de Antonio Quinet (2009), além da coletânea organizada por Marco Antonio Coutinho Jorge (2006), intitulada *Lacan e a formação do analista*.

esse intuito. Enfatizando essa diferença, Lacan (1967) imagina alguns personagens que poderiam contrapor-se a esse modelo anterior por ele criticado: ao invés de suficiências, beatitudes e sapatinhos apertados, Lacan pensou em *membros de escola* ou, mais especificamente, o “AME, ou analista membro da Escola, constituído simplesmente pelo fato de a Escola o reconhecer como psicanalista que comprovou a sua capacidade”, além de outro personagem, não menos importante, chamado por ele de “AE, ou analista da Escola, a quem se imputa estar, entre os que podem dar testemunho dos problemas cruciais nos pontos nodais em que se acham eles no tocante a análise”, mesmo porque, “especialmente na medida em que eles próprios estão investidos nesta tarefa, ou pelo menos, estão sempre em via de resolvê-los” (p. 249).

Lacan tenta, assim, quebrar o que chama de *gradus* da sociedade psicanalítica, fundamentalmente no que diz respeito à hierarquização dos saberes e, principalmente, à autorização para que o analista em formação possa efetivamente se dizer um psicanalista “da sociedade”, como ainda se pode ouvir, de quando em quando. Para Lacan (1967, p. 248), “o psicanalista só se autoriza de si mesmo”, e ele “pode fazê-lo, por sua própria iniciativa”. Por outro lado, também “pode querer que essa garantia, o que, por conseguinte só faz ir mais além: tornar-se responsável pelo progresso da escola, ou tornar-se psicanalista da própria experiência”, o que aparenta se distinguir da condição de se manter sempre com os sapatos apertados.

Um dado interessante é que os lugares, tanto de AE quanto de AME, não são lugares fixos, estanques ou mesmo permanentes. Lacan (1967, p. 247) deixa isso claro quando estipula que “esse lugar implica que se queira ocupá-lo: só se pode estar nele por tê-lo demandado de fato, se não formalmente. Que a escola pode garantir a relação do analista com a formação que ela dispensa, portanto está estabelecido. Pode fazê-lo, e, portanto, deve fazê-lo”.

Lacan (1967, p. 251) também estipula dois preceitos interessantes para o funcionamento da escola: a “psicanálise em extensão, ou seja, tudo que resume a função de nossa escola como presentificadora da psicanálise do mundo, e psicanálise em intensão, ou seja, a didática, como não fazendo mais do que preparar operadores para ela”.

Afinal, de seu ponto de vista, no “começo da Psicanálise está a transferência” (Lacan, 1967, p. 252), portanto o que torna – *de início* – alguém psicanalista é a atribuição da transferência por parte de um sujeito desejoso de saber algo do seu inconsciente, via de regra,

advindo de certo mal-estar na sua vida cotidiana. A eleição de um analista acaba estabelecendo a condição básica para o matema da transferência, que Lacan também deixa claro no texto: um ponto de início, ou seja, a instituição do *sujeito suposto saber*, uma suposição de saber no analista a respeito de seu próprio inconsciente. Seria isso então que definiria de antemão o analista, diferentemente de um diploma ou certificado que avalizasse sua competência técnica. O que deve ser destacado é que suportar a suposição desse saber implica um aspecto crucial: o *de se autorizar a fazer acontecer uma análise*, ou seja, ter a coragem de acolher essa suposição e *não recuar*, pois sua competência ou capacidade técnica serão postas à prova de qualquer maneira, independentemente da chancela de qualquer suficiência ou análise didática formal.

Em estreita conexão com esse autorizar-se, Lacan declara que *toda* análise é didática, julgando mesmo supérfluo considerar uma análise didática nos moldes que critica, uma vez que o saber que se obtém num processo analítico permite ao analista tornar-se, não apenas analista de sua própria existência, mas, principalmente, incidir e causar efeitos no outro que o procura; efeitos causados a partir das questões de discurso, de linguagem, da transferência, da fala, da palavra, da pulsão e, principalmente, de algo de que Lacan cuida com muita atenção nesse texto: *o desejo de analista*. Desejo de analista que difere do desejo *de* psicanalisar ou do desejo de *ser* analista, aspecto bastante comum, especialmente nos momentos de início do percurso clínico, no qual o deslumbramento tem certa relevância, atrelado ao furor de curar.

O desejo de analista é algo que surge durante uma análise, imprevisível e surpreendente, quase sempre decisivo, pois sua assunção durante o processo analítico estaria em ligação direta com o final da análise, o que faz dele, nesse sentido, um elemento tão precioso, merecendo ser circunscrito e bem cuidado por essa Escola de Psicanálise tal qual proposta por Lacan. Esse desejo não apenas *confirmaria* a hipótese freudiana do inconsciente, mas, num sentido mais amplo, reafirmaria também a possibilidade de a psicanálise sobreviver no mundo. Afinal, se o que se espera de um psicanalista é um tratamento psicanalítico, haveria então ao menos *uma* das condições vitais para o desenvolvimento da invenção freudiana, ou causa freudiana, caso se queira radicalizar.

A partir do que chama de desejo de analista, Lacan procede a um desdobramento, pondo em cena outro conceito que consideramos importante: o passe. Leiamos um trecho nos quais suas palavras soam bastante ilustrativas:

Assim, o fim da psicanálise guarda em si uma ingenuidade sobre a qual se coloca a questão do saber, se ela deve ser tida como garantia na passagem para o desejo de ser psicanalista. Donde se poderia esperar, portanto, um testemunho correto sobre aquele que transpõe esse passe, senão de um outro que, como ele, o é ainda, esse passe, ou seja, em quem está presente nesse momento o des-ser em que seu psicanalista conserva a essência daquilo que lhe é passado como um luto, com isso sabendo, como qualquer outro na função de didata, que também para eles isso passará? Quem, melhor do que esse psicanalisante no passe, poderia autenticar o que ele tem da posição depressiva? Não ventilamos aí em nada pelo qual possa se dar pelos ares de importância se não estiver no ponto. É o que lhes proporei dentro em pouco como o ofício a ser confiado no tocante à demanda do tornar-se analista da Escola, a alguns a quem denominaremos passadores. Cada um deles terá sido escolhido por um analista da Escola, aquele que pode responder pelo fato de que eles estejam nesse passe ou que retornaram a ele, em suma, ainda estamos ligados ao desenlace de sua experiência pessoal. É com eles que um psicanalisante, para se fazer autorizar como analista da escola, falará de sua análise, e o testemunho que eles poderão colher pelo vivido de seu próprio passado será daqueles que nenhum júri de aprovação jamais colhe. A decisão de tal júri seria esclarecida por isso, portanto, não sendo estas testemunhas juízes, é claro. (LACAN, 1967, p. 260)

A expectativa com esse dispositivo era abalar a hierarquia calcada no *gradus*, vigente na sociedade de psicanálise e objeto de crítica, mas o substrato de ideia de Lacan, ao que tudo indica, era que o saber estivesse centrado nas mãos do psicanalisante – surgido e conquistado por meio de sua própria análise – e não nas mãos do sujeito suposto saber. Nesse caso, um saber sobre a experiência seria, somente e sobretudo por isso, radicalmente didático, além de potencialmente revelador do que pode ocorrer dentro de um processo analítico, ou seja, produzir teoria *a partir* da experiência clínica, sendo fiel aos ditames e às proposições emitidas por Freud desde o início da psicanálise. Esse racionalismo lacaniano permite-nos perceber que sua proposta de escola obedece a parâmetros que estão muito mais calcados na ética do que nas questões organizacionais, como é comum nas instituições, psicanalíticas ou não. A organização é o que pressupõe a possibilidade de funcionamento do que está instituído, portanto, todos os métodos, técnicas ou mesmo estratégias a serviço *da* organização não apenas estão intimamente ligados ao instituído, mas também, de alguma forma, fazem-no ressurgir de quando em quando nos laços que compõem a tal organização.

Contudo, a ideia efetivamente importante neste momento da tese é que Lacan parecia ter em vista a necessidade de combater algo que julgamos pernicioso, condensado em questões como estas: que tipo de analista pode advir depois de passar por um modelo formativo como esse que foi criticado? O analista formado por essa escola tão institucionalizada conseguiria psicanalisar nos moldes da subversiva descoberta freudiana? Ainda que não respondamos de maneira apropriada, vale destacar a forma como Lacan (1967,

p. 264) encerra o texto; com uma frase que, em um primeiro momento consideramos escandalosa, mas que depois se torna cruamente representativa: “A Escola Freudiana não pode cair no *tough* sem humor de um psicanalista que conheci na minha última viagem aos EUA: ‘A razão por que jamais atacarei as formas instituídas’, disse-me ele, ‘é que elas me asseguram sem problemas uma rotina que gera minha comodidade’”.

Como rareia o espaço para analistas acomodados e conformes à rotina burocratizada, visto que tal postura pode ser fatal para a manutenção da atividade clínica, cabe também ressaltar que os três textos que esmiuçamos – em especial os dois primeiros – apontam para a radical imperiosidade de uma análise pessoal do analista. Uma particularidade que, nem sempre, pode ser confirmada, pois não é incomum a resistência ao inconsciente permanecer fixada na subjetividade do psicanalista, atravessando sua própria análise como, por exemplo, no esvaziamento dos ideais do psicanalisar que já explicitamos anteriormente. Destarte, espera-se que uma análise bem conduzida por um analista experiente possa servir como antídoto a esse cenário, mas desafortunadamente não é o que verificamos regularmente, pois abrir mão de ideais – quaisquer que sejam –, identificações, crenças e principalmente da tentação de servir a um mestre, não são facilmente removíveis da economia psíquica de qualquer um, incluindo os analistas. Diante dessa constatação advinda da experiência, só nos resta re-afirmar tal importância. O texto de Lacan que elegemos nesta seção parece avançar um pouco mais ainda, pois os dispositivos por ele criados estariam a serviço de aturdir os membros de uma escola de psicanálise – ainda que atravessada pelo peso simbólico de sua imagem, da mesma forma que Freud quando criou a Associação Psicanalítica Internacional – que, como qualquer agrupamento, tenderia a se acomodar e a reproduzir a lógica dos grupos, tão conhecida e previsível.

Alguns pesquisadores do campo têm algo a dizer nesse quesito, traduzindo um pouco o espírito dos dias atuais. Bairrão (2000, p. 20, grifo nosso) é bastante direto em sua referência ao tema das psicanálises²¹¹ dos analistas, e considera que devem ser revistas e repensadas atualmente, pois afirma que: “boa parte da chamada crise contemporânea da psicanálise, cada vez convenço-me mais, prende-se não a vicissitudes econômicas ou culturais, mas à *pura e simples falta de análise*”.

²¹¹ Borges e Paim Filho (2009) lembram que Freud sugeria até mesmo a re-análise, a cada período, pois “poder buscar novamente o divã caracteriza uma situação paradoxal, de um lado implica em uma injúria narcísica (um término temporal) e de outro o reconhecimento dessa máxima freudiana: toda análise é interminável”. Trabalho disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0486-641X2009000300013&script=sci_arttext&tlng=PT> Acesso em 08 de abril de 2011.

Diríamos mais, falta de um processo analítico aprofundado, que, de acordo com Fingermann (2008)²¹², produza o que Lacan aposta ser o *desejo do analista*, uma vez que, ao se perguntar sobre o que se pode esperar da análise de um analista, conclui que se espera “que ela produza os tais desejo, ato, função, discurso dos quais depende a prática conseqüente da psicanálise e seu futuro”.

Já Coelho (2008, grifo nosso)²¹³, lança seu olhar em outro ponto, evidenciando, quanto à questão da análise do analista, uma passagem sequencial, *entre* Freud e Lacan, de um aspecto que julgamos central na presente tese:

Um dos aspectos criticáveis na primeira proposição freudiana é que ela torna homogêneo o grupo das pessoas que não procuram análise. Seriam todos esses indivíduos tão saudáveis e normais assim? Constituir-se-iam eles num parâmetro para o final de análise? Creio que não. Convivemos, em nosso dia-a-dia, com muitas pessoas que não realizam um processo de análise, mas que, nem por isso, estão isentas de grande sofrimento psíquico, nem se consideram ou são consideradas como saudáveis pelos demais.

Embora tome como ponto de partida uma crítica à primeira proposição freudiana, que permitiria encontrar naqueles que não procuram análise um ideal de normalidade, Coelho destaca outra perspectiva, mais importante para este trabalho:

Há, entretanto, um aspecto relevante nessa primeira perspectiva de Freud, que merece ser abordado. O seu valor reside não na homogeneização, ao final, entre os dois grupos de pessoas (analisados e não-analisados), mas na desidealização da figura do psicanalista. *A teorização de Lacan sobre a queda do analista da posição de sujeito suposto saber, por exemplo, atualiza, de certa forma, essa operação de desidealização apontada por Freud.* Ainda que o analista porte, em sua diferença, o desejo do analista, ele não se coloca como um modelo ideal, com o qual o analisando se identifica ao final de sua análise. Assim, a diferença entre analistas e não-analistas não diz respeito à questão da normalidade, mas à possibilidade de se ocupar a posição de analista para um outro. Nisso reside um dos pontos essenciais da transmissão da Psicanálise. O passe, enquanto um dispositivo de transmissão, busca, então, dar conta dessa passagem da condição de analisando à condição de analista.

Ainda assim, a análise pessoal de um psicanalista, profunda e transformadora, não garantiria que ele estivesse *isento* das dificuldades que elencamos. Por outro lado, cremos que colaboraria bastante na questão do narcisismo profissional, pela esperada queda e

²¹² Trabalho disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352008000100008&lng=pt&nrm=iso&tlng=PT> Acesso em 08 de abril de 2011.

²¹³ Trabalho disponível em: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?pid=S1678-51772008000300006&script=sci_arttext&tlng=pt> Acesso em 08 de abril de 2011.

desinvestimento nas identificações. Portanto, se apenas mais análise não garante, cabe-nos agora avançar para outras possibilidades debatidas pelos pesquisadores do campo.

5.2 Para além do imprescindível...

Intentamos agora ir além da imprescindível análise do analista, problematizada na seção anterior e comumente citada como uma das principais saídas contra as agruras da clínica. Nossa revisão bibliográfica demonstrou, porém, que outras possibilidades também são aventadas por alguns autores do campo. Antes de passarmos a eles, gostaríamos de ressaltar que encontramos certa dificuldade em condensar o material que obtivemos, devido principalmente à amplitude e variedade dos temas, por vezes também recorrentes. Ainda assim, optamos por apresentá-los de forma sequencial, a despeito da importância de cada um deles, minimizando a possível interrelação encontrável nas conexões imagináveis, visto que, no fundo, partem da temática central que estudamos na presente tese. Para fins de simplificação da exposição, elencamos da seguinte forma:

1. Novas formas de laços entre os analistas;
2. Relação com a teoria: estudos, leitura e escrita do analista.

Começamos então a abordar essa questão do laço entre os analistas, destacando um postulado de Philippe Julien que julgamos preciso para inaugurarmos este primeiro tópico, referente à constatação, confirmada pela historiografia psicanalítica, de que, no fundo, “o drama”²¹⁴ da psicanálise desde o seu nascimento terá sido o do laço social entre aqueles que praticam a psicanálise” (Julien, 2002, p. 192). Concentramo-nos, pois, na tentativa de apontar que certas mudanças no laço entre os analistas poderiam ser vitais para o enfrentamento das dificuldades do psicanalisar, em íntima relação com o que chamamos de narcisismo profissional do psicanalista, com suas idealizações e desdobramentos afins.

²¹⁴ Os trabalhos de Kupermann (1996), Viana (1994 e 2000) e Safouan (1996) são boas sugestões de leitura a respeito desse drama citado por Julien.

Cabe destacar que esse tema já foi objeto de várias discussões no campo, envolvendo teorizações de muitos autores, sendo até mesmo amplamente abordado nos Estados Gerais da Psicanálise, evento de porte da comunidade psicanalítica, ocorrido no início deste século²¹⁵, e no qual um grande número de psicanalistas de todo o planeta²¹⁶ puseram-se a pensar os rumos da psicanálise. Iniciemos então com Paulina Rocha (2000)²¹⁷, praticante de longa data, que descreve um cenário que evidencia o drama citado por Julien, acerca das instituições psicanalíticas e das agruras pelas quais passam atualmente, além de algumas tentativas de resolução. Ouçamo-la primeiramente nesse quesito:

Olhando o mapa globalizado da psicanálise, a Associação Internacional de Psicanálise - IPA se revela como uma grande organização transnacional, uma mega corporação, seguida pela grande corporação lacaniana. Enquanto a primeira se define como herdeira legítima do legado freudiano, a segunda designa-se pelo nome do mestre. Noutros pontos do mapa, estão instituições como o CPPL, pequenas ou grandes, mas sempre em lugares marcados por outras significações. Não tendo a segurança da herança ou da palavra do mestre para firmar sua identidade, restou-lhes a inevitável busca de soluções provisórias para suas identificações. Puderam escapar à paralisação dos mecanismos da lógica identitária, criando opções de saída do narcisismo das pequenas diferenças. Não se tem garantia de saída, mas tem-se a possibilidade de perceber, mais rapidamente, as armadilhas da burocratização ou as tentativas de instalar as hegemonias de pensamento ou de poder.

Uma vez delimitado o terreno institucional e apontado o perigo inerente aos mecanismos da lógica identitária, a autora identifica três grupos de instituições.

Ao observar os posicionamentos das Instituições Psicanalíticas em relação à formação, identificamos três grupos: as instituições cuja finalidade é a formação psicanalítica; as instituições cuja formação está fora nos institutos, fóruns, ou similares e as instituições onde a formação de psicanalistas é uma das atividades institucionais, mas não sua principal finalidade. Será que hoje se poderia ultrapassar o legado freudiano trilhando o caminho da formação

²¹⁵ Para aprofundamento, indicamos o trabalho de Alberti (2000), intitulado *Pequeno relatório do colóquio 'Os Estados Gerais da Psicanálise'*.

²¹⁶ As palavras de Major (2003, p. 07, grifo do autor) na abertura do evento são esclarecedoras: “Todos vocês vieram. Viemos todos. De 34 países, alguns dos quais muito distantes. Muitas vezes, bem sei, superando grandes dificuldades. Nenhum *álibi* deteve vocês, nenhuma resistência impediu vocês de virem, embora essa Convocação à qual responderam, à qual respondemos, não parte de uma instância autorizada ou legitimada antecipadamente. Vocês vieram porque querem que a Psicanálise sobreviva, para que ela continue a se inventar no século XXI, para que a chamada revolução que ela representou no século XX não se apague, para que ela não sucumba às forças destrutivas que tentam, tanto do interior quanto do exterior, lhe causar danos, para que ela se renove em sua vivacidade, por toda parte onde se fizer presente, em todas as línguas nas quais trabalhe, com outros, em uma relação mais autêntica com o desejo, com a fala, com o outro, não só na singularidade do laço que ela ata e desata, como também em sua relação com um mundo muito freqüentemente dominado pelo que há de mais cruel. Vocês vieram sustentar essa aposta exigente e difícil. Sejam bem vindos”.

²¹⁷ Trabalho disponível em: <http://www.estadosgerais.org/gruposvirtuais/rocha_paulina-por_uma_politica_avestruz.shtml> Acesso em 20 de fevereiro de 2009.

sem instituição? Há vários caminhos que conduzem à morada²¹⁸ de Freud, ou seja, é impossível pensar numa solução única e redentora para as instituições psicanalíticas. Tampouco a formação ou transmissão da psicanálise pode ser solucionada, fazendo-se um regimento igual para todos.

Partindo então do pressuposto de que a formação poderia estar irremediavelmente maculada nas instituições psicanalíticas que se ordenam do modo por ela evidenciado, restaria então pensar a formação específica do psicanalista *fora* dessas instituições, correndo os riscos de tal empreitada. Para a autora, esse pode ser um caminho, talvez não completamente viável²¹⁹, como podemos depreender de sua experiência pessoal:

Assumir sem instituição a formação pode ser uma solução de autonomia e maturidade. Muitos, hoje, escolhem ficar fora das instituições psicanalíticas ou se juntam em agrupamentos "informais", tentando não só se protegerem da "malignidade" institucional, mas exercerem de forma mais digna o seu ofício de psicanalista. Conheço grupos de psicanalistas que se reúnem para discutir a clínica com regularidade e cada um constrói suas filiações teóricas e sua pertinência à *polis* psicanalítica. Fazem-se reconhecer e atuam, contribuem para o movimento psicanalítico de forma significativa. Esses psicanalistas não negam suas filiações, trabalham muito para constituí-las, confrontam-se com a solidão do psicanalista, com a falta de garantias no seu trabalho psicanalítico.

Para a autora, a alternativa de formação fora dos muros das escolas de psicanálise se sustenta. Contudo, esse não é seu caminho:

Fazer formação fora de uma instituição psicanalítica é uma das soluções possíveis, mas não é minha escolha. De fato minha escolha é institucional e recai sobre uma instituição como o Círculo, "uma instituição pequena, porém decente". Escolhas são múltiplas, cada um de nós já achou aquela que melhor lhe convém e assumiu a responsabilidade desta decisão. Essa me parece indelegável. Considero assim, que a instituição psicanalítica hoje não pode ser pensada e encarada como um "mal necessário", bem ao contrário, *ela torna-se escolha e responsabilidade de cada um que a ela pertence*. Terminaram as possibilidades de uma vida regulada por certezas e garantias que as sociedades tradicionais, reguladas pela religião e pela teologia, ofereciam. A derrocada dos ideais onipotentes deixou os homens e as mulheres, os psicanalistas também, como que entregue à própria sorte. Tendo que dar conta da sua vida e do seu futuro, do seu reconhecimento pela

²¹⁸ A ironia desse enunciado aponta para a necessidade constante de atenção ao risco de a Psicanálise transformar-se em seita ou algo análogo, pois vários elementos já estariam presentes na lógica interna dos grupos e no próprio processo de institucionalização que a atravessou. Como lembra Mennucci, (2002, p. 303): "Para tanto, foi preciso arregimentar um exército de crentes ou simpatizantes bem no gosto do movimento (lembrem-se dos movimentos feministas, socialistas, nazistas, sufragistas, das minorias, etc.) e ao mesmo tempo procurar responder às problemáticas científicas que a própria disciplina criou. Por isso, muitas vezes percebemos um aspecto quase religioso em nossa comunidade psicanalítica: somos também um exército de crentes (preocupados em penetrar no tecido social) e ao mesmo tempo um grupo preocupado em expandir e refletir sobre o conhecimento que geramos. Temos uma dupla e paradoxal inscrição original. E nossas instituições também".

²¹⁹ Desconfiança compartilhada por Cottet, (2007, p. 28): "Não é uma questão de instituição. O aviltamento ou a corrupção das regras da análise podem também ser observados no consultório ou em um enquadre ortodoxo".

polis psicanalítica, o psicanalista estará às voltas com o desamparo²²⁰, conceito que fala, por excelência, da condição do sujeito moderno. É assim, como tantos outros, um sujeito sem garantias e sem certezas asseguradas, cuja existência depende de um esforço contínuo de criação e produção de sentidos. (Rocha, 2000, grifo nosso)

A posição dessa autora, se pareada à proposta de Dejours (2004) acerca da necessidade de reconhecimento pelos pares, aponta para a dificuldade de uma *formação solitária*, sem laços institucionais e trocas com outros colegas e interlocutores, ainda que o psicanalista, por excelência, necessite de certa *autonomia* em seu processo de formação.

Em *Sociedades psicanalíticas: modo de usar e efeitos colaterais*, Lopes (2004)²²¹ critica as instituições psicanalíticas e tangencia o tema da autonomia, ressaltando que não seria na Universidade, por exemplo, que o psicanalista poderia obter sua formação, em contraponto às instituições psicanalíticas tradicionais. Começa se perguntando justamente sobre essas instituições: se seria melhor não tê-las, mas também, se não as temos, como se sabe? Passemos ao seu argumento:

Em um momento de crise, seja da Psicanálise, contestada pela ideologia do organicismo do consumo e das respostas prontas de todos os fundamentalismos, seja da eterna crise econômica brasileira, quando freqüentar e manter uma instituição pesa muito no bolso de cada um, como defender a existência das sociedades psicanalíticas. Sociedades caprichosas²²² desde a época de Freud, marcadas por: tentativas de hegemonia, cisões, personalismos e dogmatismos. Instituições que

²²⁰ Conceito chave para a compreensão do masoquismo, que desvela o intrincado mecanismo pelo qual alguém pode se sujeitar a outrem em troca de algo vagamente definido como um tipo obscuro de prazer. Birman (1999, p. 18), ao analisar as relações entre os analistas, constata que o que se nota é a “presença massiva de relações de servidão nas instituições psicanalíticas. Infelizmente, diga-se de passagem. Daí, pois, o paradoxo, que nos conduz inequivocamente ao questionamento não apenas da psicanálise mas principalmente das formas de associações dos analistas. Que modalidade de experiência intersubjetiva é promovida pela psicanálise, afinal de contas, para produzir com tanta freqüência a servidão como efeito destacado?”.

²²¹ Trabalho disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372004000100002&lng=pt&nrm=isso> Acesso em 20 de fevereiro de 2009.

²²² Crítica igualmente exercida por Chebabi (2000, grifos nossos): “Ora, é exatamente o que nós psicanalistas não estamos conseguindo fazer em nossas atividades institucionais. Pergunta-se de modo cada vez mais perplexo o que vai ser da psicanálise. Qual seu futuro? O que a está minando? Também em sua história observa-se a mesma “hybris”: salvação para todos os males humanos ou blefe enganador que só faz arrebanhar iludidos. A raridade de profissionais induzia, nos anos 60, 70 e ainda mesmo nos 80, a uma corrida precipitada aos consultórios e enormes eram as filas de espera. *Um montante grande dessa clientela buscava iniciação para uma futura profissão de psicanalista, tentando aprender o ofício com o próprio analista.* Evidentemente, os resultados em termos de alcançar uma maior excelência da qualidade de vida eram pouco comparáveis com a maioria que, ou saía insatisfeita com a sua própria vida, ou partia para se tornar também psicanalista e haurir também do prestígio e da garantia de trabalho. Para tanto faziam graduação em Medicina, enquanto pelas regras das sociedades só permitiam a formação para médicos e depois em Psicologia. Psicólogos passaram a constituir a clientela predominante da maioria dos psicanalistas mais conhecidos. E aí se constituiu o carcoço da deformação: a *busca era dos ganhos secundários*, assegurados pela configuração socioeconômica de então. *Estranhava-se que na Europa a análise não fosse tão procurada quanto no Brasil.* [...] Eu não proponho que fiquemos só estudando. Todo estudo que é para valer, traz como consequência natural, atos”. Trabalho disponível em: <http://www.estadosgerais.org/gruposvirtuais/chebabi_wilson_de_lira-cronica_de_uma_controversia.shtml> Acesso em 20 de fevereiro de 2009.

recentemente foram atacadas por entidades completamente alheias à história e aos princípios fundadores da Psicanálise e que, valendo-se da liberdade da falta de regulamentação, utilizaram o bacharelismo tradicional da cultura brasileira, manipulando todos os rótulos e associá-los às idéias de Freud, mas com propostas de conteúdo totalmente alheio aos princípios freudianos básicos, em uma tentativa de monopolizar para si a prática psicanalítica e alijar do mercado todas as demais instituições.

O que esses autores parecem desvelar é que um dos efeitos deletérios nessa lógica que permeia os laços entre os psicanalistas nas instituições pode ter sua possível gênese observada na própria concepção de projeto formativo, no qual o *lugar simbólico* destinado ao aluno, iniciante ou ainda candidato. Esse lugar influencia sobremaneira tanto sua performance como seu desempenho, aspecto que já se delineia desde a própria formação e estruturação da Associação Psicanalítica Internacional, ainda nos primórdios, por Ferenczi e outros psicanalistas próximos a Freud. Figueira (1996, p. 62, grifo nosso) indica que nesse período:

O que aconteceu desde que Freud publicou os seus ‘Trabalhos técnicos’ entre os anos 1911-1915 é que os analistas, mais e mais confrontados pelas evidências que se acumulavam em relação *aos limites clínicos dos procedimentos sugeridos por Freud*, foram forçados a se mover do controle freudiano da mente do psicanalista para o estudo, compreensão e uso das múltiplas capacidades desta mente para aumentar o poder e o alcance do tratamento psicanalítico.

Ainda que o objetivo nesse momento fosse controlar a contratransferência e seus efeitos na condução dos tratamentos – o que configuraria, de início, algo positivo e talvez necessário – na verdade acabou se exacerbando; fornecendo não apenas subsídios para o incremento do já citado superego técnico, mas principalmente por algo que Saleme (2006, p. 76, grifos nossos) considera profundamente nocivo para um ambiente de formação:

Foi feito exatamente o caminho oposto àquele que manteria a obra de Freud. Em vez de conservar-se o caráter corajoso e criativo da psicanálise, as instituições trataram de moldar e normatizar o psicanalista, entendendo preservação como repetição. Neste jogo de poder, o analista iniciante corre o risco de alienar-se, fazendo uma sobreadaptação ao ambiente para sentir-se incluído.

Nesse contexto, em que já houve um desvio no caminho aberto por Freud, observa ainda a autora:

A instituição tem o poder de reconhecer o analista e lhe fornecer um sobrenome. As instituições que insistem em se manter distantes de constituir-se como órgão legislador encontram-se em um dilema: ao cederem, perdem sua legitimidade ética; ao resistirem, são ameaçados com a desvalorização de seus membros. As instituições formadoras que têm a marca da independência assistem seus membros dirigirem-se num segundo tempo à IPA ou às Universidades, não em busca de um saber, que seria

bastante legítimo, mas em busca de um reconhecimento de sua função. *Há a busca de formação por aqueles que querem saber e outros que querem poder.* A seleção não resolve essa questão, pelo contrário, costuma afastar²²³ os mais criativos e transgressivos. *Minha hipótese é de que as formações psicanalíticas inserem o analista em formação em uma montagem perversa que transforma a criatividade e a vivacidade em normopatia.*

Sair então desse lugar normal demais, normatizado, e que redundava em uma normopatia que nada tem a ver com o que se espera de um psicanalista, passa então a ser uma tarefa de sobrevivência para aqueles que desejam escapar disso, quando o percebem e quando conseguem. Afinal, se

[...] os psicanalistas não dão testemunho de como entenderam, desenvolveram, elaboraram – em sua prática, em sua teorização e em suas modalidades associativas – este “impossível” a que Freud se refere, é preferível dar um outro nome a suas práticas. Ao menos pelo bem da ética à qual a aventura de Freud ateve-se constantemente. (RICCI, 2005, p. 150).

Gontijo (1999, p. 150), por seu turno, considera que a psicanálise, “nos últimos vinte anos, vivencia um processo de estagnação”. Pois, de seu ponto de vista, na obra freudiana sempre foi privilegiada a articulação entre a clínica e a teoria – rotina na qual Freud teorizava a partir do que descobria no cotidiano das sessões –, ao passo que “hoje, verificamos um excesso no campo teórico e, conseqüentemente, a prevalência da extensão sobre a intensão”. E, do seu ponto de mira, considera esse aspecto um problema crítico:

Adoecemos com o que nós mesmos criamos, ao provocarmos uma cisão onde ela menos poderia ocorrer, ou seja, entre a prática e a teoria. Tornamo-nos teóricos repetitivos, tentando viabilizar uma teoria já estabelecida. Permanecer prisioneiro de um passado digno de ser admirado é o bastante para provocar resistências às mudanças exigidas pela contemporaneidade. Nosso compromisso é conceber e construir novas formas de coletivo no qual nossos princípios se façam aplicáveis e, ao mesmo tempo permitir que outros discursos façam função de borda ao nosso, quando articulado a outros saberes. Não se trata de uma ilusão com a idéia de progresso, pois conhecemos os riscos e sabemos da instabilidade das garantias. [...] À psicanálise não escapa o *resto* e, ao invés de eliminá-lo como a atual tendência de descartar tudo que não serve, nela o descartável é um apelo ao desejo. Assim podemos colocar a experiência à frente da teoria e esta constatação confere aos psicanalistas o compromisso de estender para além das instituições psicanalíticas se u trabalho com a transmissão e com a clínica. (GONTIJO, 1999, p. 156)

²²³ Como atesta Lima (1998, p. 27), ao falar de sua percepção do lado de dentro de uma instituição psicanalítica: “Acredito ser esta uma das razões que explica a baixa frequência de candidatos nas conferências e nos congressos, pois além de estimular-lhes inveja, deixa-os inibidos. Assim, como nossa postura técnica não é mais a de Freud, ou seja, não colocamos a mão pressionando a testa, não insistimos com o nosso paciente uma recordação ou elaboração de algo, não somos uma tábua rasa sem emoções, então, a nossa linguagem e compreensão da mente não pode ser mais a mesma. Cabe ao Instituto de formação de cada sociedade de psicanálise encontrar uma forma para a árdua e difícil – impossível, segundo Freud – tarefa de formar um psicanalista, levando-se em consideração, inclusive, as diferenças regionais de um país tão extenso como o nosso”.

A posição dessa autora é afiançada por Luis Hornstein (2008, p. 157, grifos nossos), que também avalia que essa cisão entre a teoria²²⁴ e a prática, ou mais ainda, entre o processo didático da formação e a clínica no sentido estrito, pode redundar em um fenômeno muito comum na cena psicanalítica:

Mesmo que compartilhem a ideia de que teoria e prática devem andar juntas, pode-se constatar sua compartimentação. Em qualquer disciplina, existem mais praticantes do que teóricos. *A criatividade do praticante se dá na prática.* Em Psicanálise os clínicos não apenas falam da clínica, mas também da teoria. Há um enfrentamento entre “clínicos” e “teóricos”. Esquematizo. Os “teóricos” consideram que a única forma de estabelecer a análise como ciência é construindo uma axiomática cuja relação com a clínica tende a se esfumçar. Os “clínicos” se satisfazem com uma teoria rudimentar, apenas o indispensável para poder operar tecnicamente, degradando a prática ao nível de um artesanato mais ou menos empírico. [...] Alguns analistas, diz Mannoni, *parecem pescadores ocupados em aperfeiçoar incessantemente suas redes sem se servir delas para pescar.*

Algumas instituições psicanalíticas parecem se manter em movimento, ainda que paquidermicamente, em vista da gravidade da situação e da percepção do potencial destrutivo desse fenômeno. O que houve foi uma cronificação de certo tipo de laços entre os analistas, não muito distante do que Freud já denunciara²²⁵ em seus escritos que tratam da psicologia das massas, que tão bem serve para guiar nossa leitura nas entrelinhas dos discursos que se desenrolam nos grupos de psicanalistas.

Uma tentativa digna de nota poderia ser localizada entre parte dos lacanianos, como aponta Dunker (2007a, p. 386), quando mostra que a existência de tantas escolas lacanianas, com suas peculiares dissoluções, cisões e separações, seria a evidência de que as expectativas otimistas junto ao universo lacaniano não se comprovaram, devido ao “retorno da velha política clientelista, o antigo carreirismo, enfim, a saga narcísica do reconhecimento e do

²²⁴ Para esse autor, a “teoria deve ser uma caixa de ferramentas que aponta para a transformação dos domínios da problemática sobre os quais se aplica. Não se trata de construir sistemas como belas totalidades auto-referentes, mas instrumentos” (HORNSTEIN, 2008, p. 156).

²²⁵ Roustang (1987, p. 34, grifos nossos) aprofunda um pouco mais o exame dessa temática: “Comparando-se as análises de Freud sobre a Igreja e o Exército, em *Psicologia coletiva e análise do ego*, e o projeto da constituição de uma Sociedade de Psicanálise exposta na *Contribuição à história do movimento psicanalítico*, constata-se obrigatoriamente entre as duas uma estranha relação. *Fidelidade ao fundador, obrigação para com um só chefe, unidade de doutrina, rejeição dos dissidentes, etc., todos estes traços que definem a nova sociedade não podem ter outra explicação analítica que a identificação ao chefe tomado como objeto de amor e guardando para cada um o lugar do ideal do ego.* Tudo se passa como se Freud, que critica de maneira radical os fundamentos de duas sociedades típicas de nossa civilização, não pudesse, no entanto, encontrar outros modelos para pôr de pé uma sociedade que agrupa os defensores de uma prática, de uma técnica e de uma teoria que entretanto desfaz as montagens indispensáveis ao funcionamento da sociedade ocidental. Há aí bem mais que um paradoxo, uma questão posta à Psicanálise e ao seu funcionamento. Pois se toda sociedade de Psicanálise reproduz a Igreja ou o Exército, se ela redestila para os seus membros, por sua estrutura, os efeitos e os erros da identificação e do amor, não resta dúvida de que a Psicanálise também fique ameaçada ou subvertida, *que fique cego o seu fio cortante*”.

silenciamento”, que tinge de dramaticidade algumas apostas originais de Lacan. Vejamos mais atentamente:

Podemos distinguir três grandes feições para a formação desenvolvida no interior dessas escolas lacanianas. Há, por um lado, uma corrente fortemente legitimista, que aspira a globalização do pensamento de Lacan e que precisa, para tanto, manter uma forte homogeneidade teórica e discursiva. Digamos que, nesse caso, vigora um ideal milleranista que procura positivar aquilo que poderia ter sido a proposta de Lacan. Quando se quer, com mão-de-ferro, delimitar clara e distintamente o que é uma experiência legítima e verdadeira, que garantiria legítima e verdadeiramente o que é um psicanalista, a formação corre o risco de degradar-se em mera educação e a criação pode dar lugar à reprodução de modelos. É claro que uma corrente como essa não deve ser identificada com uma associação particular; sendo um legado da cultura lacaniana, esse traço se apresenta de muitas formas. Todavia, parece uma tendência importante, por exemplo, na Escola Brasileira de Psicanálise.

Dunker distingue, em seguida, uma segunda tendência de organização dos grupos de psicanalistas:

Há também uma segunda corrente que pretende preservar a natureza, digamos, “artesanal” inerente ao processo formativo do analista. Tal corrente procura formas mais verticais de organização, como os pequenos grupos formados em torno de uma figura mais experiente (que pode ou não reproduzir a lógica hegemônica), ou ainda em grandes grupos que procuram uma ligação mais horizontal entre seus participantes. Nesses casos encontra-se, muitas vezes, uma preocupação com a excessiva particularização da formação, o que corrompe ou limita o ideal da experiência formativa como uma experiência de confronto com a diversidade. Nota-se nessa corrente uma tentativa de retomar criticamente as propostas formativas de Lacan, apreendê-las em uma cultura que se transformou pela própria experiência histórica trinta anos após a morte de Lacan. No Brasil, podemos mencionar projetos como a Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano, a Letra Freudiana, do Rio de Janeiro, a Associação Psicanalítica de Porto Alegre e o Centro de Estudos Freudianos, de Recife, como exemplos onde parece predominar um projeto formativo do segundo tipo.

Ao que parece, como foi possível apreender, ao menos algumas instituições dão sinais de que, afortunadamente, algo pode ser pensado e efetivado nessa questão delicada. O que se propõe é uma mudança no lugar destinado ao analista em formação, bancando uma aposta de que novos psicanalistas, mais ousados e inventivos²²⁶, com certa fidelidade ao *quantum* de subversão exibido por Freud e por alguns de sua horda durante grande parte do

²²⁶ Talvez mais próximos do que Lacan chama de *trabalhadores decididos*, o que é diferente de *trabalhadores submetidos*, que não aceitem o lugar da servidão, ou como ressalta Birman (1999, p. 19), quando supõe que, com razão, “La Boétie gargalha certamente de maneira irônica, diante desta constatação mordaz, já que mesmo a Psicanálise, que pôde destrinchar com Freud os mecanismos operatórios da servidão, produz analistas-clones engolidos pelas formas masoquistas de subjetivação”.

início da psicanálise, talvez os primeiros quarenta anos, até o desaparecimento do próprio Freud.

Além do processo formativo, da questão institucional, precisamos pensar também o lado daquele que adere a esse processo formativo. O segundo tópico poderá lançar luzes nesse cenário, fazendo surgir uma dimensão que diz respeito ao que o psicanalista pode fazer por si mesmo, à sua *responsabilidade na formação* que decidiu empreender. Trata-se da relação que cada psicanalista pode estabelecer com a teoria do campo psicanalítico, o que englobaria os estudos sistemáticos, a leitura mais abrangente e, principalmente, a escrita do analista frente ao que o interroga.

Um aspecto digno de nota nesse sentido é a necessidade, apontada por alguns autores, do estudo diligente da teoria psicanalítica, de um ato de leitura que ultrapassaria o aspecto mais cognitivo, que dissesse em última instância de uma *relação particular* com o texto. Articularíamos até mesmo uma posição²²⁷ distinta *frente* ao texto, como sugere Mezan (1995a, p. 68, grifos do autores):

A leitura não é deciframento, mas *trabalho*, ou seja, negação determinada do dado imediato e construção de um novo objeto, que mantém com a ‘matéria-prima’ relações muito complexas. A obra é feita para ser lida por alguém que não é seu autor, e comporta, não uma pluralidade de significados que o deciframento viria desvendar, mas uma *potencialidade de suscitar novas significações* mediante o trabalho da leitura, e que só vêm se esse trabalho for realizado

Considerar a leitura um trabalho soa familiar ao psicanalista, pois nos remete ao essencial trabalho de elaboração presente em uma análise, ou mesmo, como destaca o autor, a um trabalho que possibilite suscitar novas significações para qualquer elemento no texto. Um bom exemplo, e talvez o mais clássico, encontramos nos escritos de Freud, o autor fundador da psicanálise – por vezes demasiadamente mítico no campo – e influenciador de todos aqueles que a praticam, detentor de algo que Mahony (1990, p. 104) considera vital:

Freud lançou mão de sua rara capacidade lingüística para expressar uma visão impressionantemente ampla sobre a vida. Nesse aspecto ele se assemelha a escritores clássicos como Virgílio, Dante, Shakespeare, Cervantes e Goethe. [...] Ler esses escritores, inclusive Freud, é aprofundar nossa compreensão acerca de nossa própria humanidade, é realizar nosso

²²⁷ Mesmo porque, especialmente no campo psicanalítico, é bastante comum posicionar-se frente ao texto sacralizando-o, redundando em questionável fixação. Berlinck (2005, p. 115, grifo nosso) considera que certos textos “servem como repetição de uma transferência que não se dissolve. Isso se manifesta pela *ortodoxia textual*. São livros e artigos que reafirmam obsessivamente a filiação a um mestre”.

potencial, é ampliar nossa consciência sobre a infinita complexidade da história e do papel que nela desempenhamos.

Vital porque, além de convidar o leitor a ampliar sua percepção acerca do humano, também o instiga a *continuar* lendo, prosseguir no desafio que surge, pois “nos escritos de Freud, autor e leitor são, em última análise, *indissociáveis* da revelação²²⁸ do assunto”. (Mahony, 1992, p. 149, grifo nosso). Mezan (1995a, p. 16, grifo nosso) parece concordar, quando ressalta um aspecto salutar dessa relação:

[...] é que me parece impossível compreender e praticar a Psicanálise sem passar pelo diálogo com outros analistas, diálogo que pode – por que não? – tomar a forma de uma leitura atenta do que eles escrevem. *A leitura é sempre um trabalho, trabalho para suscitar novas significações a partir do encontro com o texto e com seu autor [...]*

Do ponto de vista de Manoel Tosta Berlinck, essa seria uma característica peculiar da produção teórica²²⁹ psicanalítica, levantando até mesmo a hipótese de que essa relação – primeiramente entre o autor e o papel e posteriormente entre o texto e leitor – poderia ser considerada uma forma requintada de transferência, pois:

O leitor reconhece, então, um texto psicanalítico pela transferência que ele produz. Mas, aqui, é necessário reconhecer que nem todo leitor é capaz de perceber essas características tão sutis de um texto. O reconhecimento de um texto psicanalítico requer um leitor que tenha uma vivência clínica em que a transferência se fez presente e foi analisada. Ler textos psicanalíticos é, portanto, uma atividade subjetiva equivalente à que ocorre na clínica: o autor *transfere* no leitor a possibilidade de um espaço favorável à livre associação surpreendente revelando, assim, sua natureza subjetiva e psicoterapêutica. (BERLINCK, 2005, p. 114, grifo do autor)

Ao que parece, ler textos psicanalíticos teria então uma dupla função. Uma delas da ordem do conhecimento – de certa maneira didático e razoavelmente análogo aos estudos acadêmicos – cumulativo e mantendo certa coerência. Outra função específica, que pode eventualmente terapeutizar, como propõe Berlinck, pode certamente abalar as certezas, desordenar as concepções prévias, os pseudo-saberes e a confiança estabelecida no que o leitor pôde colher de suas experiências anteriores. Talvez fique um pouco mais claro agora

²²⁸ Revelação porque, para Mahony (1992, p. 155), na “obra freudiana existe um texto clínico submerso, um texto do ouvir e falar clínico que cria um efeito único...”. Ao que acrescentaríamos: único porque diz justamente da relação *entre* autor e leitor, talvez uma das mais impressionantes facetas da transmissão.

²²⁹ Que, na percepção de Berlinck (2005, p. 115) – editor de periódicos científicos, dono de editora especializada em psicanálise e livreiro na época desse artigo – impressiona pela vitalidade: “A difusão da cultura psicanalítica ocorre, portanto, além, muito além do divã. [...] Hoje a quantidade de autores de artigos e de livros de Psicanálise é da ordem do milhar. O ensino da Psicanálise nas universidades brasileiras, especialmente em programas de pós-graduação de psicologia clínica, produziu um gigantesco aumento do número de artigos e livros. [...] Por outro lado, o público leitor aumentou muito, nesses últimos vinte anos, graças também, ao ensino da psicanálise na universidade”.

por que, como notamos na parte introdutória da presente tese, alguns psicanalistas destacavam de um jeito queixoso a ausência de tempo livre para se dedicarem à leitura. Provavelmente, esses profissionais se referiam também ao estudo mais formal da teoria psicanalítica – como, aliás, Ferenczi também fez com Freud, comparando este ato a um dever –, visto que ler, ou estudar psicanálise demanda tempo, aliás, bastante tempo. Além disso, implica também a *entrega* a uma tarefa sem garantias, de pura incerteza.

Nesse sentido, Lima (1992, p. 68) lança uma dúvida bastante apropriada: “Quando escutamos um paciente no divã, em que lugar fica a teoria que temos armazenada, ou dialetizada, em nosso conhecimento?”, mesmo porque já evidenciamos anteriormente o que um texto de Freud, por exemplo, com sua excepcional qualidade²³⁰ argumentativa e estilística, pode gerar em termos de idealização para o psicanalista no confronto com sua clínica cotidiana. Poderíamos dizer, então, que lendo ou estudando textos psicanalíticos o analista se defronta com uma experiência de castração, em diferentes graus e intensidades, o que o ajudaria sobremaneira a suportar a castração presente na difícil tarefa de conduzir seus casos e que o ajudaria, de certa forma, na lida com o narcisismo profissional. Os autores do campo psicanalítico, porém, não param por aí; ao contrário, avançam, apontando para outra tarefa que caberia ao analista, na mesma esteira da castração: *escrever*.

Portugal e colaboradores (2006b, p. 12) sugerem que os analistas, por terem um estatuto de “arquivistas das particularidades do sintoma do sujeito e de seu tempo, precisam e inventam escrever”. Escrevendo, na concepção dessas autoras, o analista poderia sair da *ascese* em que estaria mergulhado no cotidiano da clínica, num perigoso *encapsular-se* que a prática pode favorecer. Posição análoga sustenta Teixeira (2003, p.192, grifo do autor), quando circunscreve outro aspecto importante, ao afirmar que é “interessante lembrar que é bastante forte o desejo daquele que se dedicam ao ofício do *psicanalisar* de se aventurar pelas searas da escrita literária ou, pelo menos, ter na escrita dos casos clínicos que acompanham um recurso de elaboração²³¹ necessário”.

²³⁰ Sem contar também que, ao menos no Brasil (Cf. Nina Leite, 1999) a maior parte, senão a totalidade dos psicanalistas, recebe a obra freudiana advinda da tradução inglesa, muito criticada por certo viés (Cf. Carone, 1989), que Bettelheim (1984, p. 17, grifo nosso) traduz a partir de sua experiência pessoal: “Quando, na meia idade, fui suficientemente afortunado para me permitirem começar uma nova vida nos Estados Unidos, e comecei a ler e discutir escritos psicanalíticos em inglês, descobri que a leitura de Freud em traduções inglesas gera impressões muito diferentes daquelas que eu tinha formado quando o lia em alemão. Tornou-se-me evidente que as traduções inglesas dos escritos de Freud *distorcem muito o humanismo essencial* que impregna os originais”.

²³¹ Nesse sentido, Viana (2007, p. 134) traz um relato de sua experiência pessoal que corrobora essa asserção: “Os momentos que mais me ensinaram psicanálise foram os momentos em que escrevi sobre as situações em que me senti fracassando na clínica e que busquei na escrita – no texto escrito – o sentido do meu fracasso. Em 1990 fiz minha tese de doutorado. Foi

Lembrando que Berlinck (2005, p. 114, grifo nosso), que citamos poucos parágrafos atrás, levantou a hipótese de uma modalidade de transferência entre o autor que escreve e o leitor que decifra suas palavras. Ouçamos sua hipótese particular acerca de Freud nessa temática específica:

Poderíamos, então, dizer que Freud *escrevia para dissolver a transferência*, ou seja, transferia para o papel a transferência de cada dia. A dissolução da transferência é, pois, um trabalho que faz parte da existência do psicanalista, ou seja, a psicanálise não implica, apenas, a dissolução da transferência do paciente. Mas essa ocorre, também, na medida em que o psicanalista é capaz de dissolver a transferência do paciente.

Costa (2009)²³², fazendo alusão ao clássico tripé proposto por Freud, considera a escrita do analista uma “quarta perna”, ainda que não evidenciada diretamente por ele em seus textos, e mesmo que saibamos a importância do ato de escrever por toda a vida do fundador da psicanálise. Aliás, detendo-nos especificamente em Freud, e remetendo à troca de cartas com Ferenczi, destacamos que Andrade²³³ (2005, p. 32), em *Para que serve a escrita? Freud escreve (-se)*, reveste de importância esse aspecto do estilo de Freud, mostrando que:

Não é recente nem surpreendente o fato de diversos estudiosos assinalarem a importância das cartas na obra freudiana. Algumas delas integram a edição mais difundida e disponível de suas Obras completas, e muitas outras foram editadas em volumes autônomos. Sabe-se, portanto, que Freud escrevera, durante toda a sua vida, simultaneamente, trabalhos científicos e cartas, além de outros “gêneros”: introduções, prefácios, discursos²³⁴... Antes mesmo do jovem médico neurologista, que desde já iniciara as publicações de seus trabalhos científicos, bem ao formato acadêmico, ele já escrevia..., escrevia cartas. O rumo tomado pelos “trabalhos científicos”, em meio a seus escritos, é de domínio público e vem, há mais de um século, sendo objeto de uma das mais extensas exegeses da cultura contemporânea.

considerada singular, porque fugia ao padrão acadêmico em seu aspecto formal e em seu conteúdo. Foi uma tese (estritamente) psicanalítica no sentido de que se abria para o impensável deixando que o texto me revelasse. A escrita desse trabalho foi dolorosa e fascinante. Acredito que isto se deve ao fato de que o trabalho psicanalítico tem esta natureza. Se nos reportarmos a Freud (1895), escrevendo sobre o sonho de Irma, podemos confirmar que, ali, ele busca sentido para angústia do analista, que o texto do sonho procura camuflar *satisfazendo um desejo*. O sonho aponta que Freud está insatisfeito com seu trabalho, porém, é a pesquisa, por vezes dolorosa, mas sempre intrigante dessa insatisfação, que o leva a escrever a *Fliess* sobre sua fantasia: com aquele sonho nascera a psicanálise”.

²³² Trabalho disponível em: <http://www.sig.org.br/files/artigos/aexperienciadeescritanaformaodoanalistaumaquartaperna.pdf> Acesso em 22 de fevereiro de 2011.

²³³ Trabalho disponível em: http://www.letras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_txt/ale_12/ale12_mca.pdf Acesso em 20 de fevereiro de 2011.

²³⁴ Ainda que Flem, (1993, p. 139, grifo nosso) ressalte um detalhe importante nessa profusão: “A escrita freudiana atravessa os gêneros literários e submete-os ao seu próprio estilo: histórias de doentes, ‘chaves de sonhos’, coletâneas de chistes, diálogo com um interlocutor imparcial, biografias e fragmentos de autobiografia, método, lições e conferências, prefácios, traduções, ensaios teóricos, escritos históricos, antropológicos, literários e estéticos, meditações culturais... *mas nem um único romance*”.

Para Andrade, essa característica de Freud passa a ser uma marca que poderia ser considerada *instituidora* da própria prática psicanalítica e não apenas como algo singular do espírito de um então ainda jovem Sigmund Freud. Trata-se também de inauguração de certo modo de pesquisa ligado visceralmente ao incerto do cotidiano das experiências clínicas, às discontinuidades e incompletudes de algo que não poderia ser reproduzido experimentalmente em laboratório, aliando a escrita *para além* dos relatos de casos, teorizando e conceituando, dia a dia, aspectos que acabam por revelar um cenário efervescente²³⁵:

Foi um tempo de assombro diante da magnitude dos problemas nervosos – particularmente os histéricos –, e, ao mesmo tempo, do assombro diante das descobertas que seu profundo e acurado senso de observação e leitura dos fenômenos apresentados pelos doentes lhe proporcionava. *Diante da descoberta, escrever. Escrever o que se lê. Escrever o que se vê. Escrever o que não se sabe de antemão.* Os documentos desta época atestam uma febril atividade de trabalho em todas estas frentes. (ANDRADE, 2005, p.35, grifo nosso)

Desse modo, o ato de escrever cartas poderia ser analisado por dois ângulos. O primeiro deles toma a escrita como parte integrante de uma lógica intelectual bastante peculiar²³⁶ a Freud, necessária para o desenvolvimento de sua criação, mas também fundamental para a tentativa de torná-la mais palatável aos padrões científicos da época. Esses padrões exigiam certo método na produção e na apresentação do conhecimento, deixando pouco espaço para eventuais alternâncias de estilo e retórica, mesmo que ainda não resvale em arroubos literários desmesurados. A atmosfera acadêmica naquele momento não permitia certos rasgos de ousadia em termos de inovação, especialmente porque a Psicanálise ainda estava fora de um circuito universitário impregnado pelo positivismo, sendo considerada muitas vezes apenas uma excentricidade ou um estudo a-científico. (Cf. JAPIASSU, 1989)

Ressalte-se que, mesmo assim, Freud, de quando em quando, apontava sua dificuldade particular em trafegar nos dois campos aparentemente dicotômicos, o da ciência e o da arte. É o que podemos depreender da entrevista por ele concedida ao escritor italiano Giovanni Papini, em Viena, no ano de 1934, agora recuperada por Andrade (2005, p. 32), e que serve

²³⁵ É o que atesta Rodrigues (2003, p. 16, grifo nosso) ao indagar: “Nesse sentido, o que privilegiamos aqui não é só *o que* escreve o psicanalista, mas também *por que* escreve o psicanalista. Se na clínica o analista se mostra muito mais em face de silêncio, poucas palavras, a literatura analítica nos mostra outra face, uma produção intensa, pujante e efervescente. O que move tanta produção? Afinal, o que os analistas têm em comum com os escritores?”. Monteiro (2006, p. 108) não responde, mas destaca um traço em comum com o poeta e o tradutor: “O psicanalista escuta o não-dito. O poeta vê o não-visto e o tradutor lê o não-escrito”.

²³⁶ De acordo com Phyllis Grosskurth (1992, p. 49), as cartas para Freud “eram um meio de ter acesso à alma sem a presença às vezes irritante da outra pessoa, nem a possibilidade de a outra pessoa interromper a cadeia de pensamento dele”.

para corroborar essa hipótese da relevância das cartas e do ato criativo da escrita para o criador da Psicanálise:

Todo mundo acredita que eu me atenho antes de mais nada ao caráter científico de meu trabalho e que minha meta principal é o tratamento das enfermidades mentais. É um tremendo erro que tem prevalecido durante anos e que tenho sido incapaz de corrigir. Eu sou um cientista por necessidade e não por vocação. Sou, na verdade, por natureza, artista [...] e disso existe uma prova irrefutável: em todos os países onde a Psicanálise tem penetrado, tenho sido melhor compreendido e aplicado pelos escritores e artistas que pelos médicos. Meus livros, de fato, se parecem mais a obras de imaginação que a tratados de patologia. [...] Eu tenho podido cumprir meu destino por uma via indireta e realizar meu sonho: seguir sendo um homem de letras, mesmo que sob a aparência de um médico. Em todo grande homem de ciência está o germen da fantasia; mas nenhum propõe; como eu, traduzir a teorias científicas a inspiração que a Literatura moderna oferece. Na Psicanálise, o senhor encontrará reunidas, mesmo que transformadas em jargão científico, as três grandes escolas literárias do século XIX: Heine, Zola e Mallarmé estão reunidos em minha obra sob o patrocínio de meu velho mestre, Goethe.

Mestre²³⁷ que, por sinal, Freud re-encontra em sua vida, de maneira metafórica, mas igualmente importante, na ocasião de sua indicação para o prêmio Goethe (FREUD, 1930), dedicado aos que fossem considerados dignos da memória desse grande escritor e pensador alemão, influenciador de Freud e tributário de muitas descobertas psicanalíticas, quer seja as antecipando ou mesmo inspirando Freud a desenvolver a veia literária.

A partir dessa perspectiva mais ampla, as correspondências seriam, de um lado, portanto, mais uma possibilidade de dar vazão a essa necessidade premente de organizar as ideias, daí sua impulsão à escrita (COLUCCI, 2002), além de também servirem a um processo contínuo de articulação e troca de experiências com outros psicanalistas que também iniciavam a prática de um método que estava por se construir. Freud, zeloso de sua criação e insaciável receptor de comprovações ou refutações de sua proposta de tratamento, necessitava de mais subsídios que só podiam ser extraídos dessas reflexões advindas do cotidiano da clínica, sempre muito solitário. (Cf. COTTET, 1989)

Aventamos também, por outro lado, que trocar cartas foi *uma* das possíveis saídas encontradas por Freud para o enfrentamento da solidão, exercida cotidianamente e, principalmente, de forma quase compulsiva, como nos demonstra seu filho Ernest Freud (1982), organizador do livro *Correspondências de amor e outras cartas*; livro no qual

²³⁷ Sonia Alberti (2007, p. 15) assevera com todas as letras: “Não há autor literário, e não me parece que erraríamos ao afirmar que não há outro autor qualquer, que mais tenha sustentado Freud em sua obra do que Johann Wolfgang Goethe”.

compila certo montante de cartas, ressaltando em seu relato que teve acesso a apenas *uma parte* delas, dentre as mais de quatro mil²³⁸ missivas enviadas e recebidas pelo pai. Sua descrição é bastante ilustrativa:

Como escritor meu pai era extraordinariamente prolífico e consciencioso, ocupando-se sozinho de sua volumosa correspondência e escrevendo a mão. Respondia a todas as cartas que recebia, fossem de quem fossem, e em geral sua resposta estava no correio em 24 horas. Dedicava suas noites aos escritos científicos, mas cada minuto livre entre as análises era consagrado à correspondência. A estrita observância dessa rotina durante toda sua longa vida teve como resultado alguns milhares de cartas. (p.05)

Ressalte-se também que cada um dos interlocutores dessa atividade epistolar, à exceção de Fliess, provavelmente estabelecia um modo particular de ligação transferencial, não apenas porque Freud poderia ser tomado como um mestre original, fundador da disciplina, mas também pela via inversa, pelo lugar a eles destinado pelo próprio Freud. Como qualifica Kupermann (2003b, p. 261), pode-se falar de uma possível “fusão da pessoa de Freud com o lugar de analista de todos – mítico ou mesmo real – que ocupa no movimento psicanalítico”.

Durante nossa varredura preliminar no material bibliográfico, ainda num momento prévio à seleção mais decisiva, quando elegíamos quais correspondências privilegiaríamos, percebemos pelo contato com esse material que certos assuntos ou temáticas eram abordados recorrentemente com um determinado interlocutor, enquanto outros tópicos eram praticamente ignorados. A sensação que se tem lendo esse conjunto é a de que existiriam *vários* personagens respondendo e não apenas *um* Sigmund Freud.

Sousa e Endo (2009, grifo nosso) corroboram nossa impressão, adicionando um dado interessante na relação de Freud com seus interlocutores:

Freud, sabemos, levava sua correspondência muito a sério. Tinha um caderno de controle de todas as correspondências enviada e recebidas. Dedicava sempre um momento do seu dia a responder as diversas cartas que recebia. *Sabia surpreender e ser surpreendido*. Nem sempre respondia do lugar em que supostamente deveria estar: aliás, essa sempre foi uma marca de seu talento de ouvinte. (p.18)

Consideramos que tal afirmação corrobora o que foi aventado anteriormente por Berlinck (2005): que o ato da escrita, seja em uma carta endereçada a um único interlocutor ou em um texto que pode atingir um número muito maior de pessoas, potencializa certo tipo

²³⁸ Na verdade supõe-se que o número seja muito maior, que ultrapasse vinte mil cartas (Cf. RODRIGUÈ, 1995).

de relação fundamental ao analista. Essa relação é não apenas de alteridade, mas principalmente de ampliação das significações, de novos caminhos para associações a partir do que leu ou estudou de outros psicanalistas do campo; do que pôde extrair de outros campos da cultura ou mundo acadêmico; do cotidiano da vida e, como não poderia deixar de ser, das múltiplas descobertas de sua clínica, daquilo que o captura e o arrasta para o ensimesmar-se, como já advertimos.

Isso englobaria o envolvimento com a transmissão, que excede o reportar ou o relato, como um caso clínico, por exemplo, pois porta em seu bojo algo mais afeito à subjetividade do psicanalista, daquilo que transmite para além de sua intenção consciente, do que crê ter convencido o interlocutor.

Presumimos que esses exercícios permanentes auxiliem no afastamento da posição de aluno aplicado interessado em aprender como fazer no campo da Psicanálise, em busca de uma técnica última que, não somente não existe, como também favoreceria demais a acomodação. Já vimos que o psicanalista pode permanecer fixado a esses exercícios e compreendemos como eles fornecem o húmus no qual viceja o narcisismo profissional, portanto, agora só nos resta o momento de concluir, de posse de todos esses elementos, em conexão com nossa experiência.

6 CONCLUSÕES

Às vezes, algo dentro de mim me empurra a uma síntese, mas eu resisto.

Sigmund Freud, em carta a Fliess.

O final do percurso que empreendemos para estruturar a presente tese chega a seu ápice. Esse término abarcará aspectos mais conclusivos que não puderam ser abordados anteriormente, levando-se em consideração a linearidade e, principalmente, a organicidade deste trabalho. Diante dessa constatação, consideramos serem hora e lugar adequados para tais definições e arremates, além de um tom mais propositivo, ressaltando nossa posição em contraste com a experiência pessoal que atravessou este projeto desde sua concepção.

Em termos retrospectivos, é possível perceber que, por meio da apresentação de certa sucessão de temáticas, verificamos que o psicanalista – personagem eleito como alvo de nossas investigações – vê-se, quase sempre, às voltas com certas dificuldades: algumas mais genéricas e nem tão distintas de outras profissões liberais, enquanto outras se caracterizam por serem bem específicas, além de complicadoras em certos momentos. Entendemos que esse exame nos ajudou a lançar luzes sobre aspectos aparentemente pouco investigados na chamada profissão impossível.

De início, em um panorama mais abrangente, pode-se notar que o psicanalista, de alguma forma, está tomado e impactado pela chamada crise da Psicanálise, pelas cíclicas crises na Psicanálise: pela crise de confiabilidade surgida após a geração maciça de contra-propaganda de uma indústria farmacêutica que com ela rivaliza agudamente, pela crise de demanda gerada por um modelo rigidamente ofertado, além de uma possível crise pessoal de identidade frente a uma profissão que ocupa, em movimento oscilante, lugares distintos na mídia e no imaginário das pessoas. Estar em crise é, na verdade, inerente à Psicanálise. Além do sentido mais comum de momento de desequilíbrio, vacilação e situação de conflito e de carência, em rubrica antiga, na Medicina, crise era o momento decisivo para a cura ou para a

morte. Esse segundo sentido remete ao que Freud (1926) chamou de momento oportuno da cura, que exige o tato do psicanalista.

Partindo desse ponto, estabelecemos como eixo central de nossa estratégia metodológica um percurso que se iniciou na qualificação de um objeto de investigação: as dificuldades com que um psicanalista pode se defrontar na clínica – tanto as mais objetivas, junto ao paciente durante o tratamento, como fora desse cenário específico; as múltiplas relações e laços que estabelece com os pares, outros profissionais e a família; o uso do tempo e do dinheiro; a forma como lida com a teoria, como também com sua identidade e lugar no mundo.

Para esmiuçar tais dificuldades e ir além de uma apresentação descritiva – ainda que um sumário já possa organizar a reflexão – cunhamos uma expressão que nos permitiu aprofundar as problematizações acerca de nosso objeto de estudo: o *narcisismo profissional*, que aborda múltiplos aspectos da profissão ligados ao narcisismo conjecturado metapsicologicamente a partir das descobertas de Freud e das contribuições de Lacan. Entre aqueles que já abordaram o tema, foram privilegiados dois autores em especial: Sérvulo Augusto Figueira (1996), com suas hipóteses sobre o que chama de superego técnico psicanalítico, elemento presente no imaginário e, desafortunadamente, na prática dos psicanalistas; e Christophe Dejours (2004), que se debruça sobre a prática psicanalítica do ponto de vista da psicodinâmica do trabalho e insiste na necessidade de o psicanalista estabelecer laços com os pares, tendo em mira o reconhecimento vital para o fechamento de um circuito de sublimação indispensável ao exercício da psicanálise.

No que tange aos procedimentos de pesquisa, preferimos proceder por meio de recortes específicos, pinçados a partir da eleição de três autores, Freud, Ferenczi e Lacan, tendo em mente as dificuldades e o narcisismo profissional, limitando-nos a problematizar a relação entre ambos.

Com Freud, notamos que o trato com o paciente, atravessado pelas múltiplas vicissitudes da dinâmica transferencial, não é tarefa fácil, tampouco previsível. O psicanalista, ao mesmo tempo em que depende radicalmente do estabelecimento de um laço originado e calcado na fantasia – na melhor das hipóteses pelo amor transferencial – e, portanto, artificial, também se defronta com uma dose considerável de resistência, justamente por encarnar um elemento muito específico das profundas e arcaicas dimensões do inconsciente; dimensão em que pulsões – mais especificamente, o desejo – insistem em busca de um ponto que as acolha.

Dessa forma, fica então mais fácil compreender agora por que Lacan analisa a resistência do lado do analista: sustentar um lugar de acolhimento do recalcado, do indizível e do *não-aceito* com facilidade no laço social, pode acarretar efeitos complicados e, em certos momentos, bastante difíceis de suportar. Pensando mais livremente, poderíamos chegar ao ponto de nos perguntarmos, a partir da proposição freudiana, sobre a parcela de responsabilidade relativa ao ato de conjurar demônios, metaforicamente presentes no manejo da transferência. Invocá-los, como o faz um exorcista? Como um estudioso apaixonado de ciências ocultas? Como um descrente que quer apenas provar que não existem? Ou como algo totalmente novo a partir de Freud, digamos, de uma *posição diferenciada* frente ao inconsciente?

É no enfrentamento do desconhecido, dessa alteridade a que dá o nome de inconsciente, que Freud estrutura um método bastante inovador, baseado em certos aspectos da clínica médica, mas modificado paulatinamente pela precoce inclusão – talvez fosse melhor dizer *intrusão* – da transferência e das vicissitudes relativas aos intensos posicionamentos notados nos casos de histeria que o confrontavam e o ensinaram a inventar a psicanálise. Contudo, suas clássicas narrativas e teorizações acerca desses casos prototípicos – ainda que literárias e ao mesmo tempo rigorosas do ponto de vista científico – mostraram-se insuficientes para serem transformadas em um *manual da técnica*; como quase sempre ocorre com as inovações e invenções que passam a ser apropriadas pela ciência, pela universidade e, principalmente, pelo mercado.

Conseguimos depreender que a ausência de um manual potencializou a sensação de certo aturdimento dos psicanalistas frente aos pacientes que começavam a chegar. Os iniciantes na prática clínica sentiam-se impelidos a *fazer como* Freud, mas se deparavam com as vicissitudes presentes no manejo da transferência. No caso do amor transferencial, um exemplo mais patente, observa-se a obediência a alguns princípios gerais estipulados por Freud; contudo, no cotidiano da clínica, as teorizações não bastavam, e os confrontos *excediam* as possibilidades por ele imaginadas, restando ao psicanalista re-começar a cada caso, especialmente no que diz respeito às relações transferenciais. E, mais ainda, torna-se necessário *re-começar sem um saber prévio* que garantisse o sucesso da empreitada naquele e em outros casos.

Restava, então, guiar-se por uma crença no método, talvez uma crença equivocada na figura mítica de Freud, que afinal já havia procedido a seu modo e de acordo com seu estilo

desde o início, aspectos que, aliás, deveriam ser cruciais na constituição e formação de um psicanalista. Trata-se de psicanalisar mantendo a singularidade, desenvolvendo seu estilo particular de conduzir um tratamento. Porém, para que isso seja factível, é necessário que cada psicanalista enfrente esse Freud que pode estar dentro de si, um Pai que, poderíamos dizer, não mostra muito claramente o *que* fazer nem *como* fazer, mas, principalmente, alerta para o que *não* fazer.

Essas formas de enfrentar o Pai estão patentes, por exemplo, nas cartas escritas por Ferenczi, desnudando as tentativas de pôr em prática as descobertas do fundador da Psicanálise, a intensa influência transferencial, seus avanços na técnica esperando reconhecimento²³⁹ desse mestre, as dificuldades que evidencia. Ferenczi abre nessa correspondência um importante ângulo de pesquisa sobre o trabalho do psicanalista, notadamente no que chama de elasticidade da técnica, daquilo que revelava de sua vida pessoal, do surgimento de aspectos nitidamente superegóicos, que pareciam antever a prática de qualquer analista e não apenas a sua, desvelando um possível aspecto que consideramos estrutural da profissão.

Já Lacan, ao estabelecer seu retorno a Freud – promovendo re-leituras e mesmo torções em certos conceitos estabelecidos –, parece tangenciar essa questão, propondo aos analistas um re-posicionamento frente aos laços com outros analistas, com o próprio ato de psicanalisar, com a decisão de encarar a formação por outro vértice. Lacan aponta também a prevalência de uma ética em detrimento de uma técnica que se tornava pouco a pouco mais burocratizada pelos efeitos da institucionalização da Psicanálise. Ainda assim, pelo material extraído das narrativas dos que com ele conviveram, analisaram-se ou efetivaram supervisões, pudemos também evidenciar uma re-edição de um fenômeno já citado por Freud, quando se queixava a Ferenczi de que suas sugestões acabavam tornando-se dogmas para muitos psicanalistas. Com Lacan, os manejos – especialmente aqueles ligados às questões do tempo e do dinheiro – tornaram-se mitificados pela espetacularização que permeava os comentários, gerando um *jeito lacaniano de psicanalisar*, com questionáveis mimetismos e reduções, visto que o próprio Lacan mantinha perceptível rigor em suas inovações. Novamente surge uma relação de idealização e fascinação por uma figura de mestria, em re-edições que parecem acompanhar a psicanálise desde seu surgimento.

²³⁹ Didier Anzieu (2006, p. 262, grifo nosso) é bastante direto nesse ponto, com o qual, aliás, concordamos plenamente: “Ser psicanalista não é somente amar Freud e reproduzir com relação a ele o processo de identificação primária e secundária; é dar continuidade à realização de um desejo secreto que não creio ter ouvido formular, *o desejo de ser amado por Freud*”.

Quando passamos ao capítulo destinado ao tratamento das dificuldades, que abrangeu o exame das possibilidades de ação nesse cenário, nossa opção inicial foi centrar a atenção naquilo que Freud, Ferenczi e Lacan teriam a dizer sobre a psicanálise dos analistas. Essa análise pessoal, além de imprescindível, deve ser longa, profunda e transformadora, aspecto que tanto Freud como Ferenczi distinguiram como complexo e permeado por obstáculos de várias ordens durante o tempo de duração do processo analítico, especialmente em seu final. Lacan, por sua vez, passa justamente a teorizar o final de análise, procurando mostrar que esse é o momento em que se poderia evidenciar o que destaca como o desejo de analista, um dos pontos *princeps* de sua proposta aos psicanalistas, que fornece o incentivo para que estabeleçam outros laços e formas de trabalho em conjunto – como é o caso do cartel e do passe.

Para além da indiscutível importância da análise pessoal como possível saída frente às dificuldades do psicanalisar, notamos, também, que outros autores apontam variadas formas ou alternativas de enfrentamento, em especial algumas que supostamente remediariam a solidão da prática. Associar-se ou fazer parte de instituições psicanalíticas – ainda que atentos aos riscos daquilo que Freud evidenciava em seu texto da psicologia das massas e que tanto revela do funcionamento dos grupos – parece ser uma possibilidade, mas encontramos também autores que valorizavam a leitura e o estudo diligente das obras psicanalíticas, considerando esse ato não só uma conveniente interlocução com os teóricos do campo, mas, principalmente, uma expansão das significações e do enriquecimento qualitativo da formação. Em consonância com essas propostas, muito também se falou sobre a necessidade precípua da escrita, um exercício considerado vital para a elaboração, por parte do psicanalista, de tudo que experiencia durante um dia de atendimentos, sessão após sessão, tratando cada paciente em sua singularidade, rotina de “uma prática deveras incômoda”, como considera Leclaire (2007, p. 16).

Todo o nosso esforço de garimpagem, compilação e organização do material bibliográfico esteve a serviço de uma pergunta de pesquisa que norteou nossos movimentos: uma possível relação entre as dificuldades elencadas e o que chamamos de narcisismo profissional – hipótese que nutrimos a partir do que observamos também no cotidiano da clínica, e não apenas nos escritos do campo psicanalítico. Além disso, nossa pergunta de pesquisa englobava também o que poderia ser feito pelos psicanalistas a respeito de tal problemática, para além de uma constatação corriqueira.

Desse modo, avizinha-se então o momento de finalizar esse projeto em que a própria indagação vai se definindo passo a passo. Durante o processo de consecução do trabalho, mais e mais elementos vão se agregando à tessitura do texto, fazendo surgir elementos que aguçam a escuta e concentram a atenção. Influenciados por isso e diante dessa comprovação, reunimos condições para afirmar que *há* uma relação intrínseca entre várias dificuldades presentes no psicanalisar e o que chamamos de narcisismo profissional, que pode atravessar a prática do psicanalista. Assim, desejamos agora explicitá-la, para que possamos avançar em termos de soluções e propostas de cunho pessoal, matizadas por nosso percurso nessa seara.

Em primeiro lugar, como já mostrado anteriormente, a própria prática analítica caracteriza-se por ser uma atividade solitária, sem garantias em termos de técnica fixa, como em um grande número de profissões, nas quais dominar uma técnica específica já é meio caminho andado. De fato, o psicanalista não detém o mesmo favorecimento, pois cada paciente que a ele chega, desde os momentos iniciais da entrevista, é – e assim deve ser – considerado um caso novo, um novo caso distinto dos anteriores, especialmente porque a fantasia que está em jogo, com exceção de certos aspectos estruturais, é bastante singular. Sendo singular, a fantasia não pode ser pré-compreendida, mas, ao contrário, deve ser tomada como objeto de reflexão somente *a posteriori*, muitas vezes surpreendendo o psicanalista, deixando-o sem margem de manobra frente aos múltiplos desdobramentos transferenciais que podem turvar sua percepção do tratamento.

É preciso atentar também para a idealização de figuras de mestria – iniciada com Freud e passando por figuras internacionais, regionais ou locais –, que impede a confrontação mais autêntica com a dureza da experiência analítica. Assim identificado, o psicanalista acredita ter a quem supostamente recorrer, e eventualmente responsabilizar, caso as coisas não caminham como seu plano particular concebido à base das idealizações previu, antes de cada momento delicado, de cada dificuldade que o interpela.

Naturalmente não se trata de almejar uma ausência completa e irretocável de identificações, posto que elas perpassam a condição humana. Aliás, diríamos que, em alguns casos, podem ser até mesmo positivas como, por exemplo, no começo do percurso de formação, quando essas figuras tornadas especiais podem apontar alguns rumos, servir como modelos ou mesmo para potencializar trabalho e dedicação à formação. Na verdade, o que estamos evidenciando criticamente é uma postura de *fascinação* permanente frente às figuras de mestria. É importante ressaltar que esse fenômeno parece se evidenciar em especial nos

períodos de intensificação do processo de institucionalização da Psicanálise, em diferentes momentos históricos e, principalmente, na troca de gerações de psicanalistas, como destaca Dunker (2006)²⁴⁰ – o que se dá, por exemplo, com o desaparecimento de Freud seguido da assunção de Anna Freud, envolvida em diversas controvérsias e embates técnicos e teóricos com Melanie Klein. Esse é ainda o caso de Lacan, durante seus anos de produtividade, até meados da década de 80, quando falece e entram em cena outros personagens, que se arrogam a condição de herdeiros de seu legado. Algo que pode chamar a atenção nesse fenômeno é que o processo de análise pessoal de cada analista deveria suprimir a força desse sintoma institucional e trans-geracional, mas, como podemos perceber pelos elementos da historiografia psicanalítica, não é bem o que ocorre.

Entendemos que insistir em permanecer fascinado por essa ou aquela figura de mestria impede o psicanalista de avançar em um processo de formação que dura bastante, custa muito, exige-o significativamente e, principalmente, não fornece garantias tranquilizadoras frente às incertezas da atividade. A sensação de estar aquém de qualquer ponto mítico pode ser questionada; por outro lado, porém, ajuda a potencializar certa postura de humildade necessária ao praticante. Trata-se de uma postura assumida sem uma conotação ingênua, próxima da concepção de Sonia Leite (2006, p. 153, grifo nosso), quando se surpreende com uma asserção de Roland Barthes a respeito do artista amador, em uma exposição de aquarelas: Barthes contrapõe o termo amador não ao simples contrário de profissional, mas como alguém que ama o que faz e que acaba se amalgamando e transformando-se na coisa amada. Guardando as devidas proporções, uma elucubração da autora nos serve neste momento:

Um *amador*, nessa ótica, pode ser pensado também como um entusiasta, isto é, como alguém que ainda mantém o frescor da entrada em um determinado campo da experiência humana. Essa perspectiva, aliás, é contrária à do *expert*, isto é, à do especialista ou técnico que domina um determinado assunto, e que é muito valorizada em nossa cultura. Na exposição sobre Barthes, portanto, uma idéia se me impôs, a do *psicanalista amador*, do qual o percurso freudiano nos deu um verdadeiro testemunho. Por isso, o que

²⁴⁰ Este autor centra o olhar no mapa geopolítico da Psicanálise em diversos momentos históricos como, por exemplo, por volta da década de setenta: “Fato é que a expansão desses três grupos majoritários na psicanálise do pós-guerra – o americano, o inglês e o francês – acaba por dar contornos a uma nova problemática a partir dos anos 70, tradições distintas em suas origens, opostas em suas concepções formativas e antagônicas em termos teórico-clínicos acabaram por conviver em países distantes e expostos a outras configurações culturais. Por exemplo, a forte expansão do lacanismo na América Latina, especialmente no México, Argentina e Brasil, associa-se à sua posição originalmente contestatória e crítica. A tendência à divisão e ao dogmatismo continuam presentes na herança lacaniana, uma decorrência talvez de sua própria estratégia de constituição. O lacanismo foi bem acolhido nos períodos de opressão política vivida por esses países, como instrumento de resistência cultural. A penetração inicialmente mais intensa das escolas inglesas, nos anos 1960, também pode-se justificar no quadro de uma relativa desconfiança e resistência perante as idéias provenientes dos EUA” (Dunker, 2006, p. 409).

denomino aqui *psicanalista amador* pode ser pensado como sinônimo de *psicanalista freudiano*²⁴¹.

Esse psicanalista entusiasmado – que pode ser pareado ao trabalhador decidido proposto por Lacan e, aliás, bastante distinto de trabalhador *submetido* – seria uma figura que, do nosso ponto de vista, encarnaria, de maneira radical, o lugar de *protagonista*²⁴² da experiência psicanalítica, desde a primeira vez que procurou por um analista que o acolhesse e escutasse seu mal-estar de então. Protagonizar em oposição à condição de coadjuvante parece-nos ser a condição básica para uma ressignificação da própria atividade psicanalítica. Imprimir novas significações a múltiplos aspectos da profissão impossível nos soa animador, um bom caminho que possa levar a mudanças no cenário descrito nos capítulos anteriores.

Essa aposta no papel principal permite-nos passar então às nossas proposições que, afortunadamente esperamos, possam contribuir para esse intento. A essência gira em torno de uma mudança de posição do analista. Mais especificamente uma mudança que diz respeito ao *jeito de ser* psicanalista, ao *jeito de estar psicanalista no mundo hoje*. Ousaríamos dizer que se trata uma resposta fidedigna, oriunda de um alerta de Lacan que sempre nos tocou, relativo à necessidade de o psicanalista estar afinado com a subjetividade de seu tempo e época, de seu mundo e, em especial, da realidade cotidiana que o interpela.

Se recapitularmos alguns tópicos examinados anteriormente – desde a pesquisa piloto com alguns psicanalistas e passando pelo rastreamento na produção teórica do campo, chegando a Freud e a Ferenczi –, notaremos que a profissão favorece imensamente a qualificação de impossível, pois destoa de outras ofertas, se pensarmos inicialmente em formas de tratamento. Além de exigir significativamente do praticante, forçando-o a rever as questões do tempo e do dinheiro, no sentido mais amplo dessas palavras, requer uma elaboração quanto ao fato de ter optado por uma prática que rende ganhos limitados em termos concretos, que demanda ao analista que pague com seu ser – como já afirmava Lacan, visto que a transferência é insubstituível –, até porque ele depende de seu corpo, em termos literais, para a condução dos tratamentos. Ressalte-se também que o psicanalista não tem

²⁴¹ Precisamente, aliás, Lacan como se definia, assim como também Melanie Klein, ainda que ressaltasse ser *freudiana* e não *anna-freudiana*, como seria de esperar.

²⁴² De fato, protagonizar sua única e singular experiência, não importando tanto a origem (quer tenha sido tocado por algum texto de Freud ou de qualquer outro psicanalista, ou mesmo em alguma primitiva transferência endereçada a determinado professor ou supervisor em qualquer graduação que tenha efetuado) difere do lugar de coadjuvante, com os tais sapatos apertados descritos por Lacan e, capturado pelas tramas transferenciais, presentes dentro e fora das instituições psicanalíticas, entre os ditos psicanalistas independentes, nas universidades ou em qualquer outro laço, pois esse é um risco inerente e quase impossível de evitar.

meios para explorar a mão de obra alheia, como acontece, por exemplo, em uma subcontratação ou algo do tipo, pois de fato não detém nenhum meio de produção – se pensarmos a partir de uma concepção marxista das relações. Aliás, nem mesmo a mais valia pode ser por ele apropriada, uma vez que, em um processo analítico, esse elemento estaria relacionado ao saber sobre o inconsciente que pode ser obtido pelo paciente, sem relação com os honorários pagos e combinados quando da entrevista inicial.

Essa profissão aparenta também tomar de assalto a libido do profissional, afetando em vários sentidos sua relação com o tempo, mesmo quando está fora do consultório, pois não é fácil acreditar que o psicanalista poderia desligar-se facilmente da intensidade de um dia de atendimentos, como provavelmente acontece também com outros profissionais, de campos distintos. Parece prudente estar atento às relações e laços, tanto familiares quanto de fora do campo psicanalítico, pois a solidão da prática e o ensimesmar-se pode tornar frequente uma limitação: a de relacionar-se quase exclusivamente com integrantes da comunidade psicanalítica. Ferenczi parecia se queixar disso a Freud, que, aparentemente, não podia ajudar – talvez por padecer do mesmo mal, beirando o viciar-se em psicanálise, como foi apontado anteriormente. É provável que Lacan, ao seu modo, tenha fornecido exemplos inspiradores, relacionados ao estilo de vida do psicanalista, como demonstram alguns autores do campo da história da psicanálise.

A relação com a teoria necessita também ser cuidada, pois tende a fagocitar o praticante, principalmente devido à profusão da produção teórica, grande parte dela de alto nível e francamente útil ao psicanalisar. O alerta aqui é que a teoria não pode estar desencarnada da clínica, daquilo que a experiência cotidiana dos atendimentos pode enfrentar, sob o risco de se transformar em um conjunto de meros parâmetros que supostamente apontassem para uma eficácia da técnica, redundando naquilo que Roudinesco (2000) qualifica como uma indesejável *profissionalização de um ofício* tão peculiar. Resta então nos perguntarmos sobre o que cada psicanalista poderia fazer nessas questões, visto que a presente tese pode ter suscitado interesses e aberto eventuais discussões sobre uma metapsicologia do trabalho do psicanalista, ousando até mesmo lançar luzes sobre o tema da salubridade dessa profissão. (Cf. CELES, 2005a, 2005b)

Para que não soemos prescritivos, ou mesmo ingenuamente generalizantes, como seria bastante fácil, visto que certos elementos se repetem e parecem se aglutinar convenientemente, vale lembrar o que Freud dizia, em *O mal estar na civilização*, sobre a

busca da felicidade, de um programa que garantisse plena satisfação a cada envolvido no projeto de se livrar do desconforto da vida em grupo. Para o fundador da psicanálise, a tal felicidade, “no reduzido sentido em que a reconhecemos como possível, constitui um problema da economia da libido do indivíduo. Não existe regra de ouro que se aplique a todos: *todo homem tem de descobrir por si mesmo de que modo específico ele pode ser salvo*” (1930, p. 103, grifo nosso). Ou seja, cada psicanalista poderia se apoiar nessa asserção e encontrar sua justa posição no cenário em que se evidenciam as problemáticas que sublinhamos anteriormente.

Sendo assim, buscar uma saída que seja individual sem cair em um individualismo tão característico da época atual não é tarefa fácil, mas talvez possamos declarar agora alguns tópicos que julgamos representativos, extraídos de nossa experiência pessoal, no percurso de formação e nos anos de prática, escutando e sendo escutados; tópicos que podem colaborar ao menos como inspiração, porque as experiências são sempre singulares, variando de pessoa a pessoa. Tratem-se sequencialmente então de três deles: um, que se refere à prática de um exercício permanente de des-idealização de múltiplos aspectos que se refiram ao ato do psicanalisar; outro, que diz da oferta que o psicanalista disponibiliza na Cultura – o que ligaria o termo crise às múltiplas formas de crítica, concorrências e distorções genéricas, além do necessário envolvimento com a transmissão, a difusão e a sustentação da psicanálise; por fim, o que chamamos de uma nova tomada de posição frente à formação geral e específica.

Iniciemos então ressaltando que o exercício regular de des-idealização que estamos propondo parece supérfluo, especialmente neste momento, no qual as múltiplas formas de idealização já foram destacadas anteriormente em termos de malefício, em uma intrínseca ligação com as vicissitudes do psicanalisar. Pareceria então repetitivo voltar a esse tema, mas ainda assim gostaríamos de avançar um pouco mais nessa questão tão pungente.

De imediato, poderíamos dizer que qualquer mimetismo ou identificação maciça, a Freud ou a Lacan, por exemplo, mesmo que em nível simbólico, além de soar questionável e talvez caricato, ingênuo, senão paralisante, também pode levar o psicanalista a esperar – provavelmente sem que se dê conta disso – que seus pacientes se assemelhem a personagens que se afinariam aos moldes das figuras que elegeu como ideais. Afinal, muito possivelmente, não chegarão a seu consultório *exatamente* aquelas históricas vienenses empedernidas, como as que acorreram a Freud, ou alguns admiráveis intelectuais parisienses que vinham em busca da ajuda de Lacan, mas provavelmente chegarão a esse psicanalista um sem número de casos

de histeria, *estruturalmente* muito semelhantes, o que valeria para outros tipos de pacientes, incluindo os intelectuais de sua comunidade, cidade ou região específica.

O que está em jogo nesse momento é estar atento para não correr o risco de *tentar repetir* simploriamente Freud ou Lacan, tampouco nutrir a expectativa de que os pacientes em potencial se *transformem* em pacientes análogos aos encontrados nas obras clássicas desses autores, ou mesmo nas sempre interessantes e atraentes narrativas de ex-pacientes ou supervisionandos, de que fizemos bom uso anteriormente. De maneira mais direta: sair de uma posição *verticalizada* em relação a Freud e Lacan e *horizontalizar* – com o devido cuidado e bom senso – o labor clínico e o que pode se depreender *dessa* prática, em relação à intersecção com o acúmulo de teoria e autores que o antecederam. Nesse sentido, vale estimar a própria experiência, dispondo-a em um mesmo conjunto, ainda que provavelmente menos espetacular ou decisiva, mas igualmente importante e, principalmente, representativa de um momento específico do percurso clínico e da realidade de *um* psicanalista.

Parear sua experiência singular às experiências de outros psicanalistas mais reconhecidos pode soar impetuoso, mas talvez essa dose de ousadia seja necessária. Além de colaborar para uma saudável tentativa de des-idealização do objeto – no caso Freud e Lacan, como ideais de ego que ecoam o superego técnico psicanalítico, dentre outras facetas –, a consideração das experiências pode também favorecer a diminuição da estereotipia e um consequente aumento na liberdade de ação, presente no engendrar das estratégias, no calcular da tática e no uso de um tato sutil em cada caso, em cada sessão, a cada paciente.

Entendemos que esse exercício pode colaborar até mesmo para uma maior concentração do psicanalista a cada novo caso que lhe chega, preocupando-se mais com o paciente e menos com a figura superegoica de mestria. De grande ajuda seria também deixar em suspensão a teoria, até o momento, por exemplo, da supervisão, que deveria ser repensada, horizontalizada e tratada como um precioso momento no qual o psicanalista pudesse se perceber de fora da cena e escutar-se. Eventualmente, ele poderia levar essas questões para sua análise pessoal, lugar propício para o tratamento de questões fantasmáticas que tendem a obstaculizar os tratamentos, muitas vezes sutilmente encobertas por um indisfarçável furor de curar ou, ainda, por expectativas exacerbadas de uma ambição terapêutica desmedida.

Acreditamos, ainda, que tal exercício colaboraria para o que concebemos ser uma sofisticação da oferta do psicanalista na Cultura, para o tecido social em seu sentido mais amplo, o que incluiria também outra forma de olhar as crises e as críticas, que têm como alvo

vários aspectos da clínica psicanalítica, além das distorções, simplificações e, por vezes, grosseiras tentativas de eliminação que algumas formas de concorrência praticam. Ainda que seja trabalhoso, pensamos que urge fazer esse giro, se afinal estamos postulando um novo jeito de estar psicanalista *nesse* mundo de hoje. Parece-nos que, em essência, pouco mudou desde a época da Freud. Se pensarmos em todas as dificuldades que já examinamos, chegaremos facilmente à constatação de que a relação do psicanalista com a Cultura não é das mais tranquilas, pode-se dizer mesmo que é dissonante e, de certa forma, perigosa, pois sua presença e discurso acabam pondo em xeque certos pontos-chave que a mantêm funcionando, a despeito das contradições e do mal-estar que impera na vida em grupo.

Sendo assim, fica então mais claro por que Freud chamava atenção para as dificuldades que a Psicanálise enfrentaria, ou mesmo para as resistências advindas das pessoas e do coletivo – o que não o impediu de, com vontade férrea, formalizar e sustentar um trabalho de ampliação das possibilidades de sua invenção na época em que viveu. De fato, Freud não foi um médico que ficou comodamente em seu consultório, aguardando os pacientes chegarem até ele; ao contrário, soube fazer algo que é muito penoso aos psicanalistas, *mostrar-se* sem cair em um exibicionismo criticável e que pode ser notado em qualquer profissão.

Lendo a correspondência trocada entre Freud e Ferenczi, foi possível perceber o envolvimento de ambos com a difusão²⁴³ da Psicanálise, a preocupação com o registro da produção teórica, o trabalho braçal que cerca a editoração de livros. E tudo isso em uma época na qual, convenhamos, as artes gráficas ainda eram bastante rudimentares, mais custosas e certamente mais lentas – além do esforço na consecução de encontros informais e eventos científicos, nos quais os laços entre os analistas podem se solidificar. Isso tudo não surge espontaneamente, como, aliás, nos lembra Calligaris (1996, p. 15):

Nós sabemos todos que Freud, desse ponto de vista, fez um trabalho absolutamente exemplar, de promoção e de difusão da psicanálise que ele mesmo inventou. Ele transformou em um espaço de 40 anos. Por um lado, ele produziu uma descrição da vida completamente nova, uma enorme quantidade de metáforas completamente novas para se descrever, e ao mesmo tempo conseguiu, nesse espaço de tempo (evidentemente com a ajuda dos seus alunos e dos alunos dos seus alunos), que essas metáforas,

²⁴³ Gay (1989c, p. 59, grifo nosso) destaca que: “Há, afinal de contas, uma literatura maciça de popularização da psicanálise, para qual o próprio Freud contribuiu *diligentemente* durante toda a sua vida. Ele proferiu conferências acessíveis, animadas com descrições vivas e instâncias reveladoras, sensível às questões e às dúvidas que os seus ouvintes poderiam formular; elas são convites para refletir sobre problemas e proposições da psicanálise na companhia genial, e nunca indulgente, de seu descobridor”.

essa nova descrição da vida, se tornassem verdadeiramente uma linguagem disponível para todos.

Ou seja, poderíamos nos perguntar se a Psicanálise seria a mesma, com o mesmo alcance, se Freud se limitasse a pertencer a uma comunidade científica reservada, homologando descobertas e divulgando-as em um círculo restrito, em publicações específicas? Possivelmente não. Mesmo porque uma das autocríticas mais frequentes no ambiente científico é a de que as descobertas muitas vezes não chegam ao grande público, e que os benefícios acabam sendo fagocitados, distorcidos e reduzidos a produtos a que quase sempre poucos têm acesso.

Mas Freud diferia desse modelo mais encastelado de cientista, uma vez que sempre estabeleceu contatos para além do mundo acadêmico – talvez porque não recebesse o reconhecimento necessário por parte da comunidade científica da época – e com isso ampliou as possibilidades da Psicanálise, chegando a outros campos como, por exemplo, a Educação e a Literatura, entre outros. Houve, então, um extraordinário crescimento e popularização das hipóteses psicanalíticas, ainda que sob certos riscos de barateamento²⁴⁴, como devemos prudentemente alertar. Esse curioso paradoxo, porém, parece ser intrínseco à Psicanálise: quanto mais falada, quase sempre mais popular.

Essa constatação leva-nos a abordar mais detidamente o tema da crise *na* Psicanálise, ou da crise *da* Psicanálise, momentos nos quais o tratamento psicanalítico e seus postulados tornam-se alvos de intensos comentários. A partir do que conferimos anteriormente, cremos que a mudança que estamos propondo aos psicanalistas incluiria outro tipo de olhar para esse tema, e outra reverberação que não se repita de forma resignada e praticamente inexorável. Buscamos, então, Safatle (2007, p. 79, grifo nosso) que, por exemplo, considera que há muito mais em jogo do que uma supostamente irremediável crise de confiança no dispositivo inventado por Freud:

²⁴⁴ Como, aliás, o próprio Freud confirma, ao responder sobre essa temática. Indagado por George Silvester Viereck, em 1926, sobre o fato de a literatura americana de então estar impregnada pelas descobertas psicanalíticas, o que seria uma prova da irrefutável popularidade e alcance da Psicanálise naquele país. Ouçamos a resposta: “- Eu sei – replicou Freud – e aprecio o cumprimento que há nessa constatação. Mas tenho receio da minha popularidade nos Estados Unidos. O interesse americano pela Psicanálise não se aprofunda. A popularização leva à aceitação superficial sem estudo sério. As pessoas apenas repetem as frases que aprendem no teatro ou na imprensa. Pensam compreender algo da Psicanálise porque brincam com seu jargão! Eu prefiro a ocupação intensa com a Psicanálise, tal como ocorre nos centros europeus. A América foi o primeiro país a me reconhecer oficialmente. A Clark University concedeu-me um diploma honorário quando eu ainda era ignorado na Europa. Entretanto, a América fez poucas contribuições originais à Psicanálise. Os americanos são divulgadores inteligentes, raramente são pensadores criativos”. Entrevista originalmente publicada em *Sigmund Freud e o gabinete do Dr. Lacan*, sob o título de *O valor da vida: uma entrevista rara de Freud* (Carone, Mangué e Souza, 1989, p. 127).

Tendo isso em vista, podemos compreender de outra forma a *ânsia social em decretar a crise da psicanálise*. O que está em jogo aqui não é simplesmente um problema relativo à eficácia de uma prática clínica determinada. O que está em jogo é o sentido da noção de cura, de normalidade e o destino que queremos dar ao sofrimento.

Parece-nos que falta aos analistas, se assim podemos dizer, *escutar* o que pode subjazer a tal ânsia social que reside na tentativa de extinguir a psicanálise do mundo. Certa vez, travando contato com um jovem analista que tocou nesse tema, Anna Freud respondeu a ele: “Predizer a morte da Psicanálise talvez esteja na moda. A única resposta inteligente é a que Mark Twain deu, quando um jornal anunciou, por erro, a notícia de sua morte: ‘As notícias sobre minha morte são muito exageradas’ (Roudinesco e Plon, 1998, p. 260)”, ressaltando que é justamente quando atacada que a Psicanálise se sai melhor; ao que acrescentaríamos: parece progredir ainda mais a cada nova leva de críticas.

Nesse sentido, Sternick (1999)²⁴⁵ sugere que se “faça uma psicanálise do fim-da-psicanálise”, apontando que, a despeito do momento delicado, a “hora é de trabalhar – e muito – para enfrentar mais esta crise, cujo viés não é a derrocada, mas o crescimento, na conscientização de nossos impasses e na proposição de novos desafios”. Esse autor aponta uma possibilidade que nos interessa evidenciar: em vez de investigar tal crise, como no fundo estamos propondo, os psicanalistas poderiam paradoxalmente se identificar com os agressores, “sejam eles os que sempre desacreditaram de seu valor terapêutico, as terapias ‘alternativas’ de caráter paliativo e enganoso, ou as ênfases exageradas e totalmente irrealistas sobre os supostos efeitos benéficos dos psicofármacos”.

E fica então mais clara a razão por que propomos escutar, ou mesmo afinar a percepção frente a esse discurso que impera; o que significa lê-lo nas linhas e, *principalmente*, nas entrelinhas. Uma primeira pergunta pode ser facilmente formulada: a quem interessa o desaparecimento da Psicanálise²⁴⁶? Limitar esse interesse simplesmente a uma resistência de

²⁴⁵ Trabalho disponível em: < <http://www.gradiva.com.br/site/scripts/11psi.htm> > Acesso em 20 de janeiro de 2010.

²⁴⁶ Dentro de certos limites, alguns opositores centram suas baterias na a-cientificidade do método, muitas vezes sem conhecê-lo em sua essência ou, pior ainda, como alerta Gay, (1989, p. 41): “Uma coisa é rejeitar um instrumento metodológico porque não se tem a oportunidade de conhecê-lo. Uma outra, bastante diferente, é rejeitá-lo *depois* de distorcê-lo”. Outros autores, como Fernandes (2005, p. 225), desviam o olhar para uma questão ideológica que sustenta a marcha que citamos anteriormente: “A nova leva de críticos percebeu que a eficácia da psicanálise está mais na restituição da força da palavra, com toda sua carga trágica, do que no respeito a um protocolo de corroboração científica. É por essa razão que eles não se limitam a criticar as teses de Freud, mas visam atingir sua autoridade, denegrir sua imagem, isto é, eles visam a destituição de Freud enquanto um personagem que marca um lugar onde o que vige é da eficácia máxima da palavra”.

ordem afetiva pode explicar parte do problema como, aliás, Freud (1913[1911], p. 269) bem ressalta:

Não se pode discutir, contudo, que os ensinamentos puramente médicos e não psicológicos até o presente momento muito pouco fizeram por uma compreensão da vida mental. O progresso da psicanálise é ainda retardado pelo temor que o observador médio sente de ver-se a si mesmo em seu próprio espelho. Os homens da ciência tendem a enfrentar resistências emocionais com argumentos e, assim, satisfazem-se a si mesmos para sua própria satisfação! Quem quer que deseje não ignorar uma verdade fará bem em desconfiar de suas antipatias e, se quiser submeter a teoria da psicanálise a um exame crítico, que primeiro se analise a si mesmo.

Contudo, especialmente após a leitura de todo o material que obtivemos, percebemos que há em marcha um movimento forte de *re-ordenamento do tema amplo da saúde*, desde a eliminação dos sintomas ditos psicossomáticos – nos manuais oficiais que catalogam as doenças, como o DSM, por exemplo –, ou claramente ligados as questões subjetivas, em troca de definições flagrantemente organicistas, como se tudo se resumisse a aspectos biológicos. Os aspectos biológicos forneceria uma base argumentativa que alicerçasse um novo modelo de saúde pública, sem falar nos planos de saúde privados, que passam então a levar em conta outros aspectos, especialmente no que diz respeito à mecanização dos atendimentos, cujo foco passa a ser exclusivamente a remissão do sintoma, gerando uma medicina praticamente sem causa. (Cf. Dunker, 2007b)

Contrapor-se a essa marcha exige forte disposição de cada psicanalista, mas também devemos levar em conta que identificar-se aos agressores pode redundar em uma situação que favoreça a assunção de um aspecto muito caro aos psicanalistas, algum tipo de *ganho* com a situação, mantendo-se numa posição queixosa, como adverte Voltolini (2001, p. 106), lembrando que “a queixa é a antítese do pensamento”. Coerente com os postulados freudianos e, principalmente, desconfiando criticamente do uso excessivo do termo *crise* pelos psicanalistas, Nelson Coelho Junior (1999), em seu artigo *Psicanálise, Brasil e crise*, pergunta-se justamente sobre esses possíveis *ganhos secundários* obtidos a partir da utilização dessa palavra, conveniente, dependendo de cada situação na qual é empregada. Um dos pontos destacados por esse autor é que a crise, ao invés de paralisar, poderia ser tomada como uma alavanca para transformações, para novas possibilidades ou mesmo experiências que podem ser profundamente didáticas para um sujeito.

Destarte, espera-se que o psicanalista resista, persista, não esmoreça frente ao desafio que Lacan sugeria, quando dizia que com sua oferta *causava* a demanda no outro. Porém, de

qual oferta estamos agora falando nesse mundo atual? Das ofertas baratas, que remetem a descontos para a compra de uma mercadoria encalhada, como poderíamos rapidamente imaginar? Ou Lacan apontava para a necessidade de sustentação de uma oferta que não condiz com os tempos atuais, que favorece a ilusão do *‘fácil, barato e indolor’* para qualquer tratamento?

Temos razões para crer que a questão resida em um ponto: não apenas formular e sustentar, mas principalmente *potencializar* essa oferta, em vários âmbitos, desde o contato pessoal, nas relações mais próximas, com o círculo mais próximo que gravita à nossa volta, mas também numa amplitude mais significativa²⁴⁷, chegando a um número maior de pessoas, como o faz, aliás, a intensa estratégia de propaganda da psicofarmacologia, de forma quase despudorada.

Estamos aventando essa hipótese, porque sustentar uma oferta significa disponibilizá-la e dela colher os efeitos, aguardá-los e analisá-los. Enfatizamos esse ponto porque muitas vezes o psicanalista se surpreende com as origens dos encaminhamentos, esquecendo-se da própria qualidade de seu trabalho – que usualmente redundava em indicações. Esquecendo-se, ainda, dos efeitos de uma fala em público em um episódio mais fechado, junto a outros psicanalistas em eventos institucionais, cartéis ou grupos de trabalho, ou mesmo em eventos de maior amplitude, em uma palestra, aula ou similar. Falamos de causar efeitos em um ouvinte, mobilizando a transferência, desdobrando-se em conversas posteriores, chegando por fim ao consultório alguém que ouviu falar daquele²⁴⁸ analista, supondo que esse traço colabore para o início de um tratamento que, no fundo, pode representar uma esperança para algo que o aflige naquele momento, por mais que já tenha esgotado os lugares e pessoas às quais pediu ajuda.

²⁴⁷ Ainda que Peter Gay (1989a, p. 55) ressalte um aspecto importante nessa questão: “Ao saber que um psicanalista americano estava tentando provar experimentalmente as descobertas e postulados da psicanálise, Freud simplesmente deixou claro que mal não haveria de fazer à Psicanálise, ainda que no fundo achasse-as desnecessárias, pois “o acúmulo de confirmações clínicas era vasto e crescia diariamente”. Mas, mal sabia Freud que isso se repetiria, quando descobrimos com Brodsky (2004, p. 69) que “Otto Kernberg, realizou um grande estudo intitulado ‘Um estudo a portas abertas dos resultados da psicanálise’. Trata-se de um estudo de 231 páginas, cheia de gráficos, escalas, na tentativa de aproximar os resultados da psicanálise de uma quantificação estatística. Conforme me disse um colega há poucos dias, parece que ele obteve grande sucesso. Isso porque através da apresentação dos resultados das análises com gráficos, curvas, enfim, com diferentes formas de representação, se conseguiu que os trabalhos psicanalíticos da Associação Americana de Psicanálise fossem publicados nas revistas de psiquiatria mais importantes dos Estados Unidos. Ou seja, disfarçando a coisa, dando-lhe a aparência de investigação científica, a psicanálise passou mais facilmente aos meios de difusão chamados científicos”.

²⁴⁸ O que seria a prova mais cabal, quase empírica, do matema da transferência, proposto por Lacan (1967).

Do nosso ponto de vista, isso implicaria um esforço de concentração no seu cotidiano que, em senso estrito, além de exercer poderosa influência na questão da subjetividade, no laço social e nas múltiplas manifestações sintomáticas advindas do embate entre o desejo do sujeito e a Cultura, também interpela o psicanalista; aliás, da mesma forma que interpelaram Freud, Lacan e muitos outros. Ora, se é tão recorrente estabelecer conexão entre Freud e Viena, ou mesmo entre Lacan e Paris, seria natural imaginar que isso deveria valer para todo e qualquer psicanalista e sua cidade, sua realidade cotidiana. Talvez pudéssemos parafrasear um dito atribuído ao famoso pensador russo Leon Tolstoi, que indicava aos que almejavam ser universais, que cantassem a própria aldeia, entendendo a aldeia analogamente à realidade cotidiana de cada psicanalista, que *dela e a partir dela* extrai seu material de trabalho e reflexão. Freud (1926, p. 260, grifo nosso), de certa maneira, parece concordar:

Constitui regra em outros casos, bem como para um médico que tenha escolhido um ramo especial da medicina, não se satisfazer com a educação que é confirmada pelo seu diploma: particularmente se ele pretende *fixar-se numa cidade razoavelmente grande, uma cidade que somente ela, possa oferecer um meio de vida a especialistas*.

É nessa realidade mais próxima, portanto, que o psicanalista pode solidificar sua oferta, atingindo pouco a pouco mais pessoas, formando uma rede que, ainda que não pareça de imediato, pode ser considerada uma das forças da Psicanálise, pois é dela que se originam sua transmissão e difusão. No fundo, o que estamos postulando se refere à *palavra* do analista, que causa efeitos e acaba por manter aquilo que pode ofertar e sustentar em última instância: *uma análise*. Nada mais, nada menos que isso, desde Freud²⁴⁹, que veiculou de maneira impressionante sua palavra – como já foi demonstrado anteriormente com Ernest Lanzer, que chegou a ele lendo seus textos, como também muitos outros exemplos que poderiam ser citados. Seja nos trabalhos teóricos, nas conferências, nos laços junto aos analistas nas noites de quarta em seu consultório, seja quando convidado a explanar algo para

²⁴⁹ Breger (2000, p. 235, grifo nosso) fornece-nos mais elementos para essa afirmação: “A preeminência de Freud baseava-se numa fundação cujos alicerces tinham muitos componentes interligados. Sua genialidade e suas próprias realizações eram os mais importantes. Os primeiros psicanalistas foram atraídos após a leitura de suas obras, com suas revelações acerca de conflitos inconscientes, neuroses, terapia, sonhos, simbolismo e desenvolvimento sexual. Adotaram essas teorias e expandiram-nas em direções variadíssimas. Muitos desses membros do primeiro grupo psicanalítico eram brilhantes e criativos, mas Freud era o pioneiro e tinha maior domínio de todo esse material. Além de seu brilho e de suas obras, muitos outros fatores – por um lado, sua própria personalidade e, por outro, os conflitos e as neuroses de seus adeptos – ligavam-no a ele como um líder. *Para esses homens que o encontraram nos primeiros anos do século, Freud era impressionante, tanto como pessoa quanto como intelectual. Não era imponente fisicamente – com cinqüenta anos, media 1,73 metros e pesava em torno de sessenta quilos – nem tinha a voz potente de um orador. Era um refinado conferencista, capaz de falar de improviso, com senso de humor e um intenso estoque de piadas judias; ilustrava seus pontos de vista com imagens marcantes e com muitos exemplos e podia acompanhar com atenção os fios de uma discussão, impondo ordem e clareza a ela. Discorria por longas horas sem nenhuma anotação*”.

o grande público, o fundador da Psicanálise inegavelmente lidava muito bem com a palavra²⁵⁰ e isso parece ter se tornado parte integrante da própria psicanálise, desdobrando-se para além do criador, impregnando²⁵¹ a criação. Afinal, se ao paciente cabe dizer tudo que lhe passa à cabeça, e essa fruição das palavras parece ter quase sempre um efeito bastante positivo, certamente o mesmo poderia se aplicar ao psicanalista, que também deve pôr sua palavra em marcha.

Fechando então nosso breve rol de proposições, e principalmente frente ao que expusemos até o momento, há um aspecto em que gostaríamos de nos deter e que é fruto de uma percepção recorrente em nosso percurso pessoal. Trata-se da questão da formação geral e específica do psicanalista, tema por vezes tratado de forma superficial ou limitado aos mesmos ângulos de problematização. Formar-se psicanalista, independentemente dos estudos acadêmicos prévios, não é das tarefas mais simples, tampouco previsível, como pudemos perceber através de tudo o que foi exposto. Além do lado negativo da institucionalização da psicanálise, da burocratização e das relações verticalizadas que ainda reinam em algumas instituições psicanalíticas – lembrando o que pode haver de pior na lógica que permeia o sistema universitário, em especial quando voltado excessivamente para um viés estritamente pedagógico ou mesmo tecnicista, ressaltem-se também as intenções de homogeneização acerca de um tema ou autor, da parte de pretensos detentores que se arrogam a exclusividade e o deciframento supostamente correto de determinado corpo teórico.

Fiéis ao que já propusemos, defendemos firmemente a posição de que o psicanalista deve tomar a formação em suas mãos. Depositar suas decisões e escolhas completa e acriticamente nas mãos de outros não nos parece a melhor maneira de um psicanalista estabelecer contato com a teoria e com tudo que a ela se relaciona, direta e indiretamente.

²⁵⁰ À guisa de curiosidade, vale a pena citar o exame grafológico obtido a partir de um autógrafo concedido por Freud, um pequeno exemplo extraído de sua palavra no papel: “No dia 20 de julho de 1932, o número da revista francesa *Vu* apresenta uma reportagem com o professor Freud e também uma análise de sua letra, feita por um certo A. Holz. Eis então o analista analisado: ‘Uma pessoa de grande fantasia, mas não um fantasista, que adivinha com um instituto muito seguro as capacidades e as fraquezas dos homens. Uma imaginação essencialmente visual conjugada com a capacidade de conduzir logicamente cada símbolo à vida, permitindo-lhe revelar as relações e as influências mais sutis. Não é um sentimental, mas uma pessoa enérgica, objetiva, que pensa como um homem apaixonado. Não se preocupa com a opinião pública. Fanático da Verdade, não tem necessidade de uma afirmação exterior’” (FLEM, 1986, p. 185).

²⁵¹ Para Levy (2004, p. 31, grifo nosso), “a transferência de trabalho se prende primeiro ao nome, como uma isca, antes de cristalizar na pessoa. Disso testemunha essa declaração de aliança que Abraham endereça a Freud em 1924, nos termos da qual pode-se antecipadamente confiar por completo neste último, já que *‘nossos interesses e nossa causa são idênticos à sua pessoa’*. A transferência de trabalho toma aqui a feição, como para muitos dos discípulos de Freud, de uma herança heroica”.

Um bom exemplo está presente naquilo que excede os textos mais clássicos, sempre lidos ou estudados de forma quase imperativa, como relatava Ferenczi a Freud, falando da leitura de *a Interpretação dos Sonhos* durante os períodos nos quais não atendia seus pacientes, denotando a dualidade entre prazer e dever. Se nos serve essa contribuição de Ferenczi, que dispõe a leitura de um texto dito oficial desse campo do lado de um dever, talvez seja interessante realçar a importância da continuidade nos estudos por parte de cada psicanalista. O estudo realizado ao modo de cada um manteria todos no caminho do dever, mas com uma válvula de escape que poderia representar uma alternância com momentos de prazer. Nesse movimento, autorizando-se a conhecer e a surpreender-se, o analista pode ir além, na exploração desses textos clássicos que compõem a doutrina, como o próprio Freud e também Lacan fizeram em sua obra, nas mais instigantes intersecções. Se já incentivamos a olhar para a própria experiência, talvez cada psicanalista pudesse também, dentro da plasticidade psíquica e dos limites de cada um, manter um grau de abertura a outros tipos de leitura e acesso aos múltiplos processos e obras da produção cultural, das particularidades de sua região ou país. Uma vez que a subjetividade se emulsiona a partir desses elementos, talvez essa abertura possa ser uma das possíveis decifrações do encorajamento de Lacan para que cada psicanalista esteja afinado ao seu tempo, à subjetividade de sua época, aos anseios no campo do amor e do trabalho, às aspirações de felicidade, às múltiplas facetas do gozo que pode permear cada um que o procura.

Se é verdade que a arte chega antes, como Freud sempre deixou claro acerca do inconsciente, valorizando o percurso prévio dos poetas, poderíamos nos perguntar: o que pode um psicanalista aprender de psicanálise e dos laços sociais quando se dedica a ler, por exemplo, Nelson Rodrigues? (Cf. VITORELLO, 2009) Ou mesmo com produções culturais mais populares como as novelas e mini-séries televisivas, que quase sempre são escritas por roteiristas que se analisaram por anos, como é comum descobrir em suas entrevistas mais pessoais? Temos a hipótese de que é da amplitude desse imaginário que o psicanalista pode colher elementos que provavelmente lhe permitiriam oxigenar suas hipóteses, ampliar seu repertório ou mesmo enriquecer seu instrumental de acolhimento de um grande número de pessoas que buscam tratamentos psicológicos nos dias atuais, que mal sabem distinguir entre um terapeuta e um psicanalista, mas que sabem muito bem o que *não* querem: submeter-se ao discurso hegemônico da medicalização cotidiana.

Pode parecer surpreendente, mas Freud (1927, p. 286, grifo nosso), no pós-escrito de seu texto *A questão da análise leiga*, de 1926, reveste de importância esse aspecto:

Há tanto a ser ensinado em tudo isso que é justificável omitir do currículo qualquer coisa que não tenha relação direta alguma com a prática da análise e somente sirva indiretamente (como qualquer outro estudo) de formação para o intelecto e para os poderes de observação. *É fácil fazer face a essa sugestão objetando-se que as escolas analíticas dessa natureza não existem e que eu estou simplesmente estabelecendo um ideal. Um ideal, sem dúvida. Mas um ideal que pode e deve ser concretizado.*

De que ideal poderia estar falando Freud? Afinal, do começo ao fim de sua obra, ele parece sempre ter tido uma postura oposta aos ideais, dismantelando-os em muitos de seus trabalhos teóricos. Aventamos a hipótese de que Freud provavelmente antevia que uma rigidez na concepção de um programa de formação redundaria em analistas pouco criativos, estereotipados e presas fáceis de mestres de plantão. Freud (1926, p. 278), ainda no mesmo texto, parece sugerir caminhos para uma forma mais ativa de envolvimento do psicanalista com a teoria, com a parte que lhe cabe assumir:

Se – o que pode parecer fantástico hoje em dia – alguém tivesse de fundar uma faculdade de psicanálise, nesta teria de ser ensinado muito do que já é lecionado pela escola de medicina: juntamente com a psicologia profunda, que continua sempre como a principal disciplina, haveria uma introdução à biologia, o máximo possível de ciência da vida sexual e familiarização com a sintomatologia da psiquiatria. Por outro lado, a instrução analítica abrangeria ramos de conhecimento distantes da medicina e que o médico²⁵² não encontra em sua clínica: a história da civilização, a mitologia, a psicologia da religião e a ciência da literatura. A menos que esteja bem familiarizado nessas matérias, um analista nada pode fazer de uma grande massa de seu material.

Percebemos, desde os primeiros passos de nosso percurso, que muitas vezes os programas formativos, aparentemente concebidos sob a égide um encadeamento lógico e aprofundado da parte conceitual da Psicanálise – geralmente por psicanalistas mais experientes e preocupados com a responsabilidade do bem formar num mundo no qual isso parece não ser mais a prioridade – acabam se tornando um ritual de leitura exegética dos textos fundamentais. É incontestável que esses textos são importantes, senão cruciais, mas insuficientes para uma formação que colabore com o desenvolvimento de um *raciocínio clínico*, que não se desenvolve a partir de estudo sistemático de cunho filosófico desconectado do vigor da clínica, diríamos ser uma lógica específica que não se aprende nos livros. O

²⁵² Mesmo porque Freud, nesse sentido, não foi um estudante de medicina, tampouco um médico mais afeito ao tradicional, especialmente no que diz respeito à sua formação acadêmica e principalmente humana. Como nos demonstra Mezan (2000, p. 33): “Por importante que seja o elemento judaico em sua formação, é impossível deixar de lado a educação ocidental por ele recebida, no ginásio austríaco e na Universidade de Viena. Esta educação enfatizava dois elementos: a cultura humanística e a ciência, e ambos foram avidamente absorvidos por Freud”. Sugerimos também a leitura do capítulo VI de *Pé de página para Freud: uma investigação profunda das raízes da psicanálise*, texto de Leader (2010) que aborda a justamente a formação científica do então jovem Freud.

contato com a arte – guardando-se as devidas precauções no que diz respeito às armadilhas da indústria cultural – parece ser uma boa indicação, tanto desfrutando e metabolizando os efeitos de tal contato, como também – por que não? – permitindo-se produzir algo nesse campo. De uma produção decorrente do contato com a arte, pode-se dizer que beira uma modalidade alternativa de elaboração bastante pessoal, análoga à teorização metapsicológica de casos clínicos, mas talvez calcada mais nos aspectos da criatividade e, em essência, de novos exercícios de castração, tão vitais aos imaginários que tendem a se inflar, visto que a arte pode desembrutecer os espíritos, causar movimento e chacoalhar a rigidez das pseudo-certezas.

André Green (2006, p. 97), ao se debruçar sobre esse tema, tece críticas ao pretenso esquecimento dessa dimensão nos projetos formativos das instituições psicanalíticas:

Este é o programa teórico que Freud julga indispensável à formação do analista. Sem desconsiderar o peso das circunstâncias para se explicar uma tal tomada de posição, qual é o instituto que hoje aplica o programa concebido pelo inventor da psicanálise? Constaríamos que existe, na maioria das vezes, um fechamento no saber psicanalítico, e mais ainda na clínica e na técnica. Quando tentamos praticar a abertura em direção às disciplinas que julgamos úteis para esclarecer o saber da psicanálise o mínimo que podemos dizer é que elas não têm muito em comum com aquelas citadas por Freud.

Lacan (1955, p. 436), por sua vez, em *A coisa freudiana*, aprofunda ainda um pouco mais a proposta de Freud, indicando que o psicanalista deve sofisticar sua apreensão dos diversos campos teóricos, indo desde “uma iniciação nos métodos do lingüista, do historiador e, diria eu, do matemático que se deve tratar agora, para que uma nova geração de clínicos e pesquisadores resgate o sentido da experiência freudiana e seu motor”. E, nessa linha, ainda lança um alerta que faz pensar, quando destaca que essa geração deve também encontrar meios de se resguardar e não cair no risco de uma “objetivação psico-sociológica, onde o psicanalista, em suas incertezas, vai buscar a substância daquilo que faz, embora ela só lhe possa trazer uma abstração inadequada em que sua prática se atola e se desfaz”.

Ou seja, não basta apenas comportar-se como um bom aluno, aguardando que um professor o oriente em tudo que o acomete nesse percurso interminável de formação, com passos lógicos e lineares de acesso ao conhecimento acumulado. De fato, a relação com a teoria passa por outra ordem, que talvez pudéssemos qualificar como algo muito similar ao que Dunker (2007a, p. 379) nomeia *romance de formação*, localizando no termo alemão *Bild* uma tradução mais coerente, que “corresponde a um processo de apropriação de experiências

no qual meio e fins não se separam”. Dessa forma, sair dessa posição de aprendiz aplicado para a de um viajante, para quem a experiência da viagem seja tão ou mais importante do que o destino em si, parece-nos uma metáfora bastante representativa, pois esse autor ainda continua:

Percurso que, longe de ser apenas aperfeiçoamento rumo a um momento conclusivo, implica a luta e o autodilaceramento, que vêm do reconhecimento das contradições que constituem um sujeito em sua relação com o saber. [O que é bastante diferente da relação com o conhecimento.] Disso decorre que o saber em causa na formação não deveria ser considerado como um saber instrumental, como um *saber para fazer*, mas como um saber reflexivo sobre o próprio fazer. (Dunker, 2007, p. 379, grifo do autor)

Contudo, para que isso tudo seja minimamente viável, é preciso que cada psicanalista, em sua singularidade, não recue frente aos desafios oriundos da dureza da clínica cotidiana e se aproprie dos cuidados que requer sua formação geral e específica. É preciso ainda que o psicanalista esteja atento aos riscos daquilo que chamamos de narcisismo profissional e, especialmente, que deixe de clamar por reconhecimento e passe a reconhecer, nos esforços honestos de cada colega, um fio de empenho útil à consecução de uma comunidade, necessária e vital para a sustentação da psicanálise no mundo e não apenas em seu consultório.

Gostaríamos de pedir espaço neste momento para uma licença poética, sugerindo ao leitor que re-pense o termo *profissão impossível*, como foi marcada por Freud, que não deve se tornar paralisante nem levar à impotência, mas, ao contrário, a um movimento e a uma disposição para a dignificação dessa prática. O ânimo necessário a tal empreitada pode ser extraído de uma expressão corrente em nossa língua, especialmente quando falamos de crianças irrequietas, perspicazes, pouco conformes, criativas e quase sempre muito ousadas: *essa criança é impossível!*

Talvez esse possa ser um traço inspirador para aqueles que ousam praticar essa profissão... impossível.

REFERÊNCIAS²⁵³

ALBERTI, S. **Retomando uma questão freudiana: “A psicanálise deve ser ensinada nas universidades?”**. Disponível em: <http://www.estadosgerais.org/encontro/retomando_uma_questao.shtml>. Acesso em 12 out. 2009.

ALBERTI, S. **Pequeno relatório do colóquio “Os Estados Gerais da Psicanálise”**. Disponível em: <<http://www.oedipe.org/po/etats-generaux/alberti>>. Acesso em 20 fev. 2009.

ALBERTI, S. Sobre o lugar de Goethe no texto freudiano. In: COSTA, C.; RINALDI, D. (orgs.) **Escrita e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud: UERJ, Instituto de Psicologia, 2007. p. 15-24

ALBERTI, S. [et al.] **Ofício do psicanalista: formação versus regulamentação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009. 197 p.

ALENCAR, M. M. M. **A crise na clínica psicanalítica: não há mais pacientes como os de antigamente**. São Paulo, 1999. 125p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 1999.

ALLOUCH, J. **Alô, Lacan?** – É claro que não. Tradução de Sandra Felgueiras. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 1999. 222 p.

ANDRADE, M. C. **Para que serve a escrita?** Freud escreve(-se). Disponível em <http://www.letras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_txt/ale_12/ale12_mca.pdf>. Acesso em 20 fev. 2011.

ANDRADE, S. H. Institutos de Psicanálise: ensino ou formação? **ALTER – Jornal de estudos psicanalíticos**, São Paulo, v. XVII, n. 1, p. 81-86, 1998.

ANDRÉ, S. Ser um santo. In: GIROUD, F. et al. (orgs.) **Lacan, você conhece?** São Paulo: Cultura, 1998. p. 133-141

²⁵³ De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 6023

ANZIEU, D. **Psicanalisar**. Tradução de Cláudia Berliner. Aparecida: Idéias e Letras, 2006. 333 p.

APPIGNANESI, L.; FORRESTER, J. **As mulheres de Freud**. Tradução de Nana Vaz de Castro e Sofia de Sousa Silva. São Paulo: Record, 2010. 726 p.

APPEL-SILVA, M.; BIEHL, K. Trabalho na pós-modernidade: crenças e concepções. **Revista Mal-estar e subjetividade**, Fortaleza, v. VI, n. 2, p. 518-534, set. 2006.

ASSOUN, P. **O freudismo**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1991. 117 p.

AZEVEDO, A. M. A. Formação psicanalítica: algumas reflexões sobre a análise didática. **Jornal de psicanálise**, São Paulo, v. 41, n. 74, p. 179-186, jun. 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352008000100012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 11 set. 2010.

BADOU, G. **Martha Freud: uma compañera irremplazable**. Tradução de Maria Julia Bucci. Buenos Aires: El Ateneo, 2007. 254 p.

BAIRRÃO, J. F. M. H. Clínica e sociedade: o que será um psicanalista? **Boletim formação em Psicanálise**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 07-22, jul.-dez. 2000.

BARBOSA, R. (2006) **De onde vem os psicanalistas**. Disponível em <<http://mmmpsicanalise.org/textos/rodrigo-barbosa.pdf>> Acesso em 02 fev. 2009

BARROS, R. R. O psicanalista em sua formação. **Psychê**, São Paulo, ano 3, n. 3, p. 29-35, 1999.

BERLINCK, M. T. **Psicanálise da clínica cotidiana**. São Paulo: Escuta, 1988. 218 p.

BERLINCK, M. T. A psicanálise além do divã: a cultura psicanalítica em revistas. Por que escrevem os psicanalistas? **Pulsional: revista de Psicanálise**, São Paulo, n. 183, p. 112-116. set./2005.

BERNARDES, A. C. A segunda regra fundamental: um comentário sobre Ferenczi de Lacan. **Àgora: estudos em teoria psicanalítica**, Rio de Janeiro, v. V, n. 2, p. 311-316, jul./dez. 2002.

BETTELHEIM, B. **Freud e a alma humana**. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1984. 130 p.

BETTELHEIM, B. **A Viena de Freud e outros ensaios**. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Campus, 1991, 271 p.

BIRMAN, J. O impossível em Psicanálise. [Apresentação] In: BIRMAN, J.; DAMIÃO, M. M. (orgs.) **Psicanálise: ofício impossível?** Rio de Janeiro: Campus, 1991.

BIRMAN, J.; DAMIÃO, M. M. (orgs.) **Psicanálise: ofício impossível?** Rio de Janeiro: Campus, 1991.

BIRMAN, J. **Por uma estilística da existência**. São Paulo: Ed. 34, 1996. 224 p.

BIRMAN, J. **Estilo e modernidade em Psicanálise**. São Paulo: Ed. 34, 1997. 233 p.

BIRMAN, J. A servidão na Psicanálise. [Prefácio] In: ALVES, S. L. et al. (orgs.). **Fascínio e servidão**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

BLEICHMAR, S. A psicanálise frente aos modos atuais de sofrimento. **Psicanálise e Universidade**, São Paulo, n. 19, p. 69-85, set. 2003.

BORGES, G.; PAIM FILHO, I. A. A “Via Sacra” do filicídio no processo analítico. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 43, n. 3, set. 2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2009000300013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 08 abr. 2011.

BRABANT, E. O pano de fundo da História. [Apresentação] In: FREUD, S.; FERENCZI, S. **Correspondência**. Organizada por Eva Brabant, Ernst Fazelder e Patrizia Giampieri. Rio de Janeiro: Imago, 1994. 2 vols., 378/309 p.

BREGER, L. **Freud: o lado oculto do visionário**. Tradução de Anna Montoia e Fernando Kolleritz. Barueri: Manole, 2002. 623 p.

BRODSKY, G. Efeito-de-formação dos analistas. **Opção Lacaniana**, São Paulo, n. 33, p. 22-26, jun. 2002.

BRODSKY, G. A eficácia da Psicanálise. **Opção Lacaniana**, São Paulo, n. 41, p. 68-77, dez. 2004.

CALLIGARIS, C. Culturalismo e Psicanálise. **Boletim Formação em Psicanálise**, São Paulo, ano 5, v. 5, n. 2, p. 09-33, jul./dez. 1996.

CALLIGARIS, C. **Cartas a um jovem terapeuta**: reflexões para psicoterapeutas, aspirantes e curiosos. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004. 155 p.

CAMPUZANO, M. A crise da psicanálise contemporânea. **Revista da SPAGESP**, Ribeirão Preto, v. 6, n. 1, p. 01-07, jun. 2005. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702005000100002&lng=es&nrm=iso>. Acesso em 26 mar. 2011.

CARONE, M.; SOUZA, P. C. A edição brasileira de Freud. In: CARONE, M.; MAUGUÉ, J.; SOUZA, P. C. (orgs.) **Sigmund Freud e o gabinete do Dr. Lacan**. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 155-190.

CASTRO, J. E.; OLIVEIRA, M. H. As incidências éticas subentendidas/entrelidas nos "artigos técnicos" de Sigmund Freud. **Fractal, Revista de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 547-570, dez. 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922008000200018&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 26 mar. 2011. doi: 10.1590/S1984-02922008000200018.

CELES, L. A. M. Psicanálise é trabalho de fazer falar e fazer ouvir. **Psychê**, São Paulo, ano X, n. 16, p. 25-48. jul.-dez. 2005(a).

CELES, L. A. M. Psicanálise é o nome de um trabalho. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 157-171, 2005(b).

CELES, L. A. M. “Dora” contemporânea – e a crise terapêutica da Psicanálise. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 137-154, 2007.

CESAROTTO, O.; LEITE, M. P. **Jacques Lacan**: uma biografia intelectual. São Paulo: Iluminuras, 1993. 144 p.

CESAROTTO, O. O futuro de uma infusão. **Psicanálise e Universidade**, São Paulo, n. 8, p. 37-46, jan.-jun. 1998.

CESAROTTO, O. O lacanismo e o lacanês In: ALVES, S. L. et al. (orgs.). **Fascínio e servidão**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 177-184

CHAUVELOT, D. **Por amor a Freud**. Tradução de Roberto Paulino. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997. 203 p.

CHEBABI, W. L. **Crônica de uma controvérsia crônica**. Disponível em: <http://www.estadosgerais.org/gruposvirtuais/chebabi_wilson_de_lira-cronica_de_uma_controversia.shtml>. Acesso em 20 fev. 2009.

CIFALI, M. Ofício "impossível"? Uma piada inesgotável. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 25, n. 1, p. 149-164, abr. 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982009000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 26 mar. 2011. doi: 10.1590/S0102-46982009000100008

CLAVREUL, J. Entrevista com Jean Clavreul: testemunho. [1993-1994]. **Quartier Lacan**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2007. Entrevista concedida a Alain Didier-Weill, Emil Weiss e Florence Gravas.

COELHO, M. T. A. D. As novas dificuldades na clínica e a formação do analista. **Cogito**, Salvador, v. 8, p. 33-37, 2007. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1519-94792007000100006&script=sci_arttext>. Acesso em 20 fev. 2009.

COELHO, M. T. A. D. Considerações sobre o final de análise. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 19, n. 3, set. 2008. Disponível em <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51772008000300006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 08 abr. 2011.

COELHO JÚNIOR, N. E. Psicanálise, Brasil e crise. **Psicanálise e Universidade**, São Paulo, n. 9 e 10, p. 105-118, jan.-jun. 1999.

COELHO JÚNIOR, N. E. Ferenczi e a experiência da Einfühlung. **Âgora: estudos em teoria psicanalítica**, Rio de Janeiro, vol. VII, n. 1, p. 55-73, jan.- jul. 2004.

COLUCCI, V. L. Impulsão para a escrita: O que Freud nos ensina sobre fazer uma tese. In: BIANCHETTI, L.; MACHADO, A. M. N. (orgs.) **A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações**. Florianópolis/São Paulo: Editora da UFSC/Cortez, 2002, p. 383-408.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA SÃO PAULO **Manifesto de lançamento do fórum sobre medicalização da educação e da sociedade**. São Paulo, 2010. Disponível em <<http://www.crpsp.org.br/medicalizacao/manifesto.aspx>>. Acesso em 22 set. 2010.

CORAZZA, S. Manual infame... mas útil, para escrever uma boa proposta de tese. In: BIANCHETTI, L.; MACHADO, A. M. N. (orgs.) **A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações**. Florianópolis/São Paulo: Editora da UFSC/Cortez, 2002, p. 355-370.

COSTA, J. M. **A experiência da escrita do analista: uma quarta perna?** Disponível em <<http://www.sig.org.br/files/artigos/aexperienciadeescritanaformaodoanalistaumaquartaperna.pdf>>. Acesso em 22 de fev. de 2011.

COSTA-MOURA, F. A cota do analista. **Controvérsias em Psicanálise**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 2, p. 129-134, 2000.

COTTET, S. **Freud e o desejo do psicanalista**. Tradução de Ari Roitman. Rio de Janeiro: Zahar, 1989. 198 p.

COTTET, S. O psicanalista aplicado. In **Pertinências da Psicanálise aplicada: trabalhos da Escola do Campo Freudiano reunidos / pela Associação do Campo Freudiano**. Tradução de Vera Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. p. 27-31.

CREWS, F. **As guerras da memória: o legado de Freud em xeque**. São Paulo: Paz e Terra, 1999, 231 p.

DACORSO, S. T. M. Psicanálise e psicanalista demandas, intervenções e questões. **Estudos de Psicanálise**, Rio de Janeiro, n. 28, p. 123-128, set. 2005.

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho**. Tradução de Ana Isabel Paraguay e Lúcia Leal Ferreira. São Paulo: Cortez/Oboré, 1992. 168 p.

DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. **Psicodinâmica do trabalho**: contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. Tradução de Maria Irene Stocco Betiol et al. São Paulo: Atlas, 1994.

DEJOURS, C. **O fator humano**. Tradução de Maria Irene Stocco Betiol e Maria José Tonelli. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. 104 p.

DEJOURS, C. **Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho**. Tradução de Frank Soudant/Selma Lancman e Laerte Idal Szelwar (orgs.). Rio de Janeiro: Editora FioCruz/Brasília: Paralelo 15, 2004. 345 p.

DIAS, M. M. O tempo da Psicanálise. **Tempo d'escola** – transmissão em psicanálise, Campinas, ano 1, n. 1, p. 53-84, 1993.

DIAS, M. M. Discussão. In: A moeda estrangeira do pagamento em análise – Nina Leite. **Literal**, Campinas, n. 3, p. 93-102. Jul. 2000.

DIAS, M. M.; FINGERMAN, D. **Por causa do pior**. São Paulo: Iluminuras, 2005. 174 p.

DIDIER – WEILL, A. Introdução. In: DIDIER-WEILL, A.; WEISS E.; GRAVAS, F. (orgs.). **Quartier Lacan**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2007.

DIDIER-WEILL, A. Lacan, o espantoso. In: DIDIER-WEILL, A.; SAFOUAN, M. (orgs.) **Trabalhando com Lacan**: na análise, na supervisão, nos seminários. Rio de Janeiro, Zahar, 2009. p. 28-35.

DUMÉZIL, C. Entrevista com Claude Dumézil: testemunho. [1993-1994]. **Quartier Lacan**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2007. Entrevista concedida a Alain Didier-Weill, Emil Weiss e Florence Gravas.

DUNKER, C. I. L. **O cálculo neurótico do gozo**. São Paulo: Escuta, 2002. 232 p.

DUNKER, C. I. L. A questão do sujeito: construção, constituição e formação. In: DUNKER, C. I. L.; PASSOS, M. C.(orgs.) **Uma psicologia que se interroga**: ensaios. São Paulo: Edicon, 2003. p. 19-82.

DUNKER, C. I. L. Aspectos históricos da psicanálise pós-freudiana. In: JACÓ-VILELA, A. M.; FERREIRA, A. A. L.; PORTUGAL, F. T. (orgs.) **História da Psicologia: rumos e percursos**. Rio de Janeiro: Nau, 2006. p. 387-411.

DUNKER, C. I. L. O romance da formação do analista. In: PINTO, M. C. (org.) **Livro de ouro da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007(a). p. 378-388.

DUNKER, C. I. L. Estrutura e constituição da clínica psicanalítica. São Paulo, 2007. 348p. **Tese** (Livre Docência) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2007(b).

DUNKER, C. I. L. A psicanálise em seu tempo. In: V ENCONTRO INTERNACIONAL DA IF-EPFCL – Os tempos do sujeito do inconsciente: a psicanálise no seu tempo e o tempo na psicanálise, 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: UNIP, 2008. p. 23-24

DUNKER, C. I. L. **Revolução na clínica**. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/revolucao-na-clinica/>>. Acesso em 10 abr. 2011.

DUTRA, F. G. O mal estar do analista. **Percursos psicanalítico de Brasília**/Terceira jornada de trabalhos. Tema - O mal estar na civilização, hoje. Brasília, PPB, nov. 2004. p. 11-23.

EDMUNDSON, M. **A morte de Freud**: o legado de seus últimos dias. Tradução de Luciano Trigo. Rio de Janeiro; Odisséia Editorial, 2009. 232 p.

ELIA, L. Psicanálise: clínica e pesquisa. In: ALBERTI, S.; ELIA, L. (orgs.) **Clínica e pesquisa em Psicanálise**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2000. p. 18-29.

ELIA, L. **O conceito de sujeito**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. 80 p.

FACHINELLI, E. The psychoanalyst's money. **Journal of European Psychoanalysis**, Roma, n. 18, p. 18-29, 2004-(1).

FERENCZI, S. (1927) **O problema do fim da análise**. In: S. Ferenczi, Psicanálise IV (Obras completas de Sándor Ferenczi. Tradução de Álvaro Cabral, p. 15-24). São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FIGUEIRA. S. A. A representação social da Psicanálise. In: FIGUEIRA. S. A. (org.) **Psicanálise e ciências sociais: a influência da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980. p. 281-343.

FIGUEIRA. S. A. **O contexto social da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. 254 p.

FIGUEIRA. S. A. Introdução: psicologismo, psicanálise e ciências sociais na 'cultura psicanalítica'. In: FIGUEIRA. S. A. (org.) **Cultura da Psicanálise**. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 7-14.

FIGUEIRA. S. A. Psicanalistas e pacientes na cultura psicanalítica. In: FIGUEIRA. S. A. (org.) **Efeito PSI: a influência da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Campus, 1988. p. 131-149.

FIGUEIRA. S. A. **Nos bastidores da Psicanálise: sobre política, história, estrutura e dinâmica do campo psicanalítico**. Rio de Janeiro: Imago, 1991. 329 p.

FIGUEIRA. S. A. **A clínica do analista: agenda para uma clínica psicanalítica do século XXI**. São Paulo: Lemos, 1996. 189 p.

FIGUEIREDO, L C. Psicanálise e Universidade: perspectivas. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 147-159, 2001.

FINGERMAN, D. A análise dos analistas. **Jornal de psicanálise**, São Paulo, v. 41, n. 74, jun. 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352008000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 08 abr. 2011.

FLEM, L. **A vida cotidiana de Freud e seus pacientes**. Tradução de Antonio Carlos Viana. São Paulo: L&PM, 1986. 215 p.

FLEM, L. **O homem Freud: o romance do Inconsciente**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Campus, 1993. 273 p.

FONTENELE, L. Inserção e recepção da psicanálise no curso de Psicologia da UFC. In: ALBERTI, S.; FIGUEIREDO, A. C. (orgs.) **Psicanálise e saúde mental: uma aposta**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2006. p. 177-183.

FREUD, S.; BREUER, J. (1893-1895). **Estudos sobre a histeria – casos clínicos**. Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 2, p. 63-236).

FREUD, S. (1900). **A interpretação dos sonhos**. Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 5, p. 323-611).

FREUD, S. (1908[1907]). **Escritores criativos e seus devaneios**. Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 09, p. 149-162).

FREUD, S. (1908). **Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna**. Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 09, p. 187-212).

FREUD, S. (1908). **Caráter e erotismo anal**. Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 09, p. 175-185).

FREUD, S. (1909[1908]). **Romances familiares**. Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 09, p. 243-250).

FREUD, S. (1909). **Notas sobre um caso de neurose obsessiva**. Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 10, p. 159-318).

FREUD, S. (1910[1909]). **Prefácio a *Psycho-analysis: essays in the field of psycho-analysis*, de Sándor Ferenczi**. Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 09, p. 257-257).

FREUD, S. (1910). **As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica**. Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 11, p. 127-140).

FREUD, S. (1910). **Psicanálise ‘silvestre’**. Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 11, p. 207-216).

FREUD, S. (1911). **O manejo da interpretação de sonhos em psicanálise**. Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 12, p. 121-132).

FREUD, S. (1912). **A dinâmica da transferência**. Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 12, p. 133-148).

FREUD, S. (1912). **Recomendações aos médicos que exercem a Psicanálise**. Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 12, p. 149-163).

FREUD, S. (1912). **Uma nota sobre o inconsciente na Psicanálise**. Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 12, p. 327-338).

FREUD, S. (1913). **Sobre o início do tratamento**. Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 12, p. 164-192).

FREUD, S. (1913[1911]). **Sobre a Psicanálise**. Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 12, p. 265-276).

FREUD, S. (1913). **O interesse científico da Psicanálise**. Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 13, p. 199-229).

FREUD, S. (1914). **A história do movimento psicanalítico**. Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 14, p. 16-88).

FREUD, S. (1914). **Recordar, repetir e elaborar.** Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 12, p. 193-207).

FREUD, S. (1914). **Sobre o narcisismo.** Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v.14, p. 89-122).

FREUD, S. (1915[1914]). **Observações sobre o amor transferencial.** Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 12, p. 208-221).

FREUD, S. (1916[1915]). **Conferências introdutórias sobre Psicanálise – Parte I. Parapraxias (I/Introdução).** Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 15, p. 27-38).

FREUD, S. (1916[1915-16]). **Conferências introdutórias sobre Psicanálise – Parte II. Sonhos (VI/Premissas e técnicas de interpretação).** Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 15, p. 125-138).

FREUD, S. (1917[1916-1917]). **Conferências introdutórias sobre Psicanálise – Parte III. Teoria geral das neuroses (XXVIII/Terapia analítica).** Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 16, p. 523-539).

FREUD, S. (1917). **Uma dificuldade no caminho da Psicanálise.** Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 17, p. 171-184).

FREUD, S. (1920). **Além do princípio do prazer.** Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 18, p. 17-88).

FREUD, S. (1921). **Psicologia de grupo e análise do ego.** Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 18, p. 91-184).

FREUD, S. (1923). **O ego e o id.** Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1987. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 19, p.23-90).

FREUD, S. (1923). **Dr. Sándor Ferenczi (em seu 50º aniversário).** Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago: 1987. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 19, p. 333-340).

FREUD, S. (1924). **A dissolução do complexo de Édipo.** Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago: 1987. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 19, p. 199-216).

FREUD, S. (1925). **Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos.** Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago: 1987. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 19, p. 309-321).

FREUD, S. (1925[1924]). **Um estudo autobiográfico.** Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 20, p. 17-88).

FREUD, S. (1925). **Prefácio à *Juventude desorientada*, de Aichhorn.** Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago: 1987. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 19, p. 341-348).

FREUD, S. (1926). **A questão da análise leiga.** Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago: 1987. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 20, p. 211-284).

FREUD, S. (1927). **A questão da análise leiga/Pós-escrito.** Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 20, p. 301-314).

FREUD, S. (1930[1929]). **O mal-estar na civilização.** Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 21, p. 81-178).

FREUD, S. (1930). **O prêmio Goethe**. Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 21, p. 241-246).

FREUD, S. (1933[1932]). **Conferência XXXIV – Explicações, aplicações e orientações**. Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 22, p. 167-192).

FREUD, S. (1933). **Sándor Ferenczi**. Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 22, p. 223-225).

FREUD, S. (1937). **Análise terminável e interminável**. Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 23, p. 247-290).

FREUD, S. (1940[1938]). **Esboço de Psicanálise**. Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 23, p. 169-237).

FREUD, S. **Correspondência de amor e outras cartas: 1873-1939**. Tradução de Agenor Soares Santos. Edição preparada por Ernst L. Freud. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. 529 p.

FREUD, S.; FERENCZI, S. **Correspondência**. Organizada por Eva Brabant, Ernst Fazelder e Patrizia Giampieri. Rio de Janeiro: Imago, 1994. 2 vols., 378/309 p.

FREUD, S. O valor da vida: uma entrevista rara de Freud: depoimento. [1926]. Entrevista concedida a George Sylvester Viereck. In: CARONE, M.; MAUGUÉ, J.; SOUZA, P. C. (orgs.) **Sigmund Freud e o gabinete do Dr. Lacan**. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 117-130.

FROMM, E. **A crise da Psicanálise**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1971. 191 p.

FULGENCIO, L. As especulações metapsicológicas de Freud. **Natureza humana**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 129-173, jun. 2003. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302003000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 26 mar. 2011.

FURTADO, A. M. A. P. Clínica psicanalítica: o que se espera de um psicanalista hoje? **Grêphos Psicanálise**, Belo Horizonte, n. 16, p. 37-41, out. 1998.

GAY, P. Sigmund Freud: um alemão e seus dissabores. In: CARONE, M.; MAUGUÉ, J.; SOUZA, P. C. (orgs.) **Sigmund Freud e o gabinete do Dr. Lacan**. São Paulo: Brasiliense, 1989(a). p. 01-71.

GAY, P. **Freud**: uma vida para o nosso tempo. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1989(b). 719 p.

GAY, P. **Freud para historiadores**. Tradução de Osmyr Faria Gabbi Junior. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989(c). 225 p.

GAY, P. **Lendo Freud**: investigações e entretenimentos. Tradução de André Cardoso. Rio de Janeiro: Imago, 1992. 276 p.

GERBER, I. Caminhos da intersubjetividade: Ferenczi, Bion, Matte-Blanco. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 141-155, 1999.

GEVERTZ, S. Pensando a Psicanálise. **Boletim Formação em Psicanálise**, São Paulo, n. 2, v. 7, p. 61-69, jul./dez. 1998.

GIOVANNETTI, M. F. Cem anos de ofício. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, n. 03, v. 29, p. 435-438, 1995.

GIROUD, F. Lacan, vocês conhecem? In: GIROUD, F. et al. (orgs.) **Lacan, você conhece?** São Paulo: Cultura, 1998. p. 17-18

GOLDENBERG, R. **Política e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. 74 p.

GOLDENBERG, R. Corte e costura. In: PINTO, M. C. (org.) **Livro de ouro da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007. p. 363-368.

GONTIJO, T. O declínio das instituições. In: ALVES, S. L. et al. (orgs.). **Fascínio e servidão**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 149-158.

GORDON, J. O dinheiro na obra de Freud. **Literal**, Campinas, n. 3, p. 36-52. Jul.-2000.

GROSSKURTH, P. **O círculo secreto**: o círculo íntimo de Freud e a política da Psicanálise. Tradução de Paula Rosas. Rio de Janeiro: Imago, 1992. 288 p.

GREEN, A. Preliminares a uma discussão sobre a função da teoria na formação psicanalítica. **Boletim Formação em Psicanálise**, São Paulo, v. 14, p. 91-99, jan./dez. 2006.

GUYOMARD, P. **O gozo do trágico**: Antígona, Lacan e o desejo do analista. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1996. 112 p.

HADDAD, G. **O dia em que Lacan me adotou**: minha análise com Lacan. Tradução de Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003. 303 p.

HARARI, A.; HORNE, B. Lacan e o despertar da psicanálise. In: GIROUD, F. et al. (orgs.) **Lacan, você conhece?** São Paulo: Cultura, 1998. p. 113-116

HARARI, R. **O psicanalista**: o que é isso? Organizado por Nazar, J. et al. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008. 232 p.

HORNE, B. **Fragmentos de uma vida psicanalítica**: da IPA a Lacan. Texto estabelecido por Angelina Harari e Neide Peluso. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. 102 p.

HORNSTEIN, L. **As depressões**: afetos e humores do viver. Tradução de Rebeca Faria. São Paulo: Via Lettera/Centro de Estudos Psicanalíticos, 2008. 236 p.

HOUBBALLAH, A. Supervisão com Lacan. In: DIDIER-WEILL, A.; SAFOUAN, M. (orgs.) **Trabalhando com Lacan**: na análise, na supervisão, nos seminários. Rio de Janeiro, Zahar, 2009. p. 44-50.

JAPIASSU, H. **Psicanálise**: ciência ou “contraciência”? Rio de Janeiro: Imago, 1989. 175 p.

JERUSALINSKY, A. A responsabilidade do psicanalista. In: Correio da APPOA - Associação Psicanalítica de Porto Alegre. (orgs.) **O inconsciente de chuteiras**. Porto Alegre: APPOA, 2005. p. 36-39.

JORGE, M. A. C. Usos e abusos do tempo lógico – o problema da duração das sessões em psicanálise depois de Lacan. **Àgora**, Rio de Janeiro, n. 3, p. 09-23. jan./jun. de 2000

JORGE, M. A. C.; FERREIRA, N. P. **Freud: criador da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002. 70 p.

JORGE, M. A. C.; FERREIRA, N. P. **Lacan: o grande freudiano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. 85 p.

JORGE, M. A. C. **Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan, v. 01**: as bases conceituais. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. 192 p.

JORGE, M. A. C.(org.) **Lacan e a formação do psicanalista**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2006. 290 p.

JULIEN, P. Psicanálise e modernidade cidadã. **Palavração: revista de Psicanálise**, Curitiba, n. 4, ano IV, p. 17-20, nov. 2000

JULIEN, P. **Psicose, perversão, neurose**. Tradução de Procópio de Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2002. 207 p.

JULIEN, P. O fim de uma sessão. In: DIDIER-WEILL, A.; SAFOUAN, M. (orgs.) **Trabalhando com Lacan**: na análise, na supervisão, nos seminários. Rio de Janeiro, Zahar, 2009. p. 51-56.

KOLTAI, C. Participação em mesa redonda ‘Qual é o desafio futuro da Psicanálise?’: depoimento. [Julho, 2000] São Paulo: FOLHA DE SÃO PAULO. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1807200022.htm>>. Acesso em 10 fev. 2009.

KLOTZ, J. P. Os psicanalistas que Lacan amava. In: GIROUD, F. et al. (orgs.) **Lacan, você conhece?** São Paulo: Cultura, 1998. p. 107-112

KRESS-ROSEN, N. **Madame Freud**: um retrato íntimo e revelador do pai da psicanálise pelo olhar de sua esposa. Tradução de Marisa Rosseto. Campinas: Veros, 2008. 210 p.

KUPERMANN, D. **Transferências cruzadas: uma história da Psicanálise e suas instituições.** Rio de Janeiro: Revan, 1996. 256 p.

KUPERMANN, D. A libido e o álbi do psicanalista: uma incursão pelo Diário clínico de Ferenczi. **Pulsional:** revista de Psicanálise, São Paulo, n. 168, p. 47-57, abr./2003(a).

KUPERMANN, D. **Ousar rir:** humor, criação e psicanálise. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003(b). 383 p.

LACAN, J. **Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade.** Tradução de Marco Antonio Coutinho Jorge e Potiguara Mendes da Silveira Junior. Rio de Janeiro; Forense Universitária, 1987. 404 p.

LACAN, J. (1953) Função e campo da fala e da linguagem em Psicanálise. In: LACAN, J. **Escritos.** Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 238-324

LACAN, J. (1955) A coisa freudiana. In: LACAN, J. **Escritos.** Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 402-437

LACAN, J. (1958) A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: LACAN, J. **Escritos.** Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 591-652

LACAN, J. (1960) Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: 'Psicanálise e estrutura de personalidade'. In: LACAN, J. **Escritos.** Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 653-691

LANDMAN, P. **Freud.** Tradução de Nícia Adan Bonatti. São Paulo: Estação Liberdade, 2007. 160 p.

LAPLANCHE, J. A análise do analista. **Jornal de psicanálise**, São Paulo, v. 41, n. 74, jun. 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352008000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 23 mai. 2011.

LAZNIK, M. Ritmo, presença, voz, respiração. Testemunho sobre o manejo da transferência em Lacan. In: DIDIER-WEILL, A.; SAFOUAN, M. (orgs.) **Trabalhando com Lacan:** na análise, na supervisão, nos seminários. Rio de Janeiro, Zahar, 2009. p. 57-71.

LEADER, D. **Pé de página para Freud**: uma investigação profunda das raízes da Psicanálise. Tradução de Eduardo Rieche. Rio de Janeiro: BestSeller, 2010, 251 p.

LECLAIRE, S. **Psicanalisar**. Tradução de Durval Checchinato e Sérgio Joaquim do Amaral. São Paulo: Perspectiva, 2007. 153 p.

LECLAIRE, S. Entrevista com Serge Leclaire: testemunho. [1993-1994]. **Quartier Lacan**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2007. Entrevista concedida a Alain Didier-Weill, Emil Weiss e Florence Gravas.

LEEUV, P. J. ‘Tempos modernos’ e o psicanalista hoje em dia. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, n. 16, p. 91-108, 1982.

LEITE, M. P. S. A psicose como paradigma. In: PINTO, M. C. (org.) **Livro de ouro da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007. p. 351-361.

LEITE, N. V. A. Censura e tradução na transmissão da Psicanálise no Brasil. **Literal**, Campinas, n. 4, p. 197-208. 1999.

LEITE, N. V. A. Freud e Ferenczi: o início da série. **Literal**, Campinas, n. 6, p. 83-92. 2003.

LEITE, S. O psicanalista amador e os três desejos. Sobre o desejo do analista. In: JORGE, M. A. C.(org.) **Lacan e a formação do psicanalista**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2006. p. 153-164.

LESCOVAR, G. Z.; SAFRA, G. Sándor Ferenczi (1873-1933): o início de um pensamento. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 10, n. 1, p. 113-119, Abr. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2005000100013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 25 abr. 2009.

LÉVY, R. **O desejo contrariado**: ensaio sobre a impossível transmissão em Psicanálise. Tradução de Sandra Regina Felgueiras. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004. 317 p.

LIMA, D. O. Um singular no universal. In: LIMA, D. O. (org.) **60 anos de Psicanálise**: dos precursores às perspectivas no final de século. Salvador: Àgalma, 1992. p. 67-74

LIMA, I. C. O processo do desenvolvimento do analista. **ALTER – Jornal de estudos psicanalíticos**, São Paulo, v. XVII, n. 2, p. 25-30, 1998.

LOPES, A. J. Sociedades psicanalíticas: modos de usar e efeitos colaterais. **Estudos psicanalíticos**, ago 2004, n.27, p. 11-18. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372004000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 20 fev. 2009.

LORENZER, A. **Arqueologia da Psicanálise**: intimidade e infortúnio social. Tradução de Wilson de Lyra Chebabi. Rio de Janeiro: Zahar, 1987. 211 p.

MAHONY, P. J. **Sobre a definição do discurso de Freud**. Tradução de Francisco Inácio Pinkusfeld Bastos. Rio de Janeiro: Imago, 1990. 118 p.

MAHONY, P. J. **Freud e o Homem dos ratos**. Tradução de Elisabeth Saporiti e Maria da Penha Cataldi. Rio de Janeiro: Escuta, 1991. 234 p.

MAHONY, P. J. **Freud como escritor**. Tradução de Elisabeth Saporiti. Rio de Janeiro: Imago, 1992. 240 p.

MAJOR, R. Abertura. In: MAJOR, R. (org.) **Estados Gerais da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003. p. 07.

MAJOR, R. Por que os Estados Gerais da Psicanálise hoje? In: MAJOR, R. (org.) **Estados Gerais da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003. p. 13-18.

MAJOR, R.; TALAGRAND, C. **Freud**. Tradução de Júlia da Rosa Simões. Porto Alegre: L&PM Editores, 2007. 256 p.

MALCOM, J. **Psicanálise**: a profissão impossível – uma investigação jornalística sobre o ofício do psicanalista. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2005. 183 p.

MANNONI, M. Entrevista com Maud Mannoni: testemunho. [1993-1994]. **Quartier Lacan**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2007. Entrevista concedida a Alain Didier-Weill, Emil Weiss e Florence Gravas.

MANNONI, O. **Isso não impede de existir**. Tradução de Regina Steffen. Campinas: Papirus, 1991. 142 p.

MANNONI, O. **Freud: uma biografia ilustrada**. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. 192 p.

MANTOVANINI, M. T. Psicanálise: aspectos de uma crise anunciada. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 41, n. 74, p. 239-247, jun. 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352008000100017&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 11 set. 2010.

MASCARENHAS, E. Aquele que deixou de ser sem nunca ter sido ou a Psicologia de classe média dos psicanalistas. In: CERQUEIRA FILHO; G., PELLEGRINO H.; MASCARENHAS, E. (org.) **Crise na Psicanálise**. Rio de Janeiro, Graal, 1982. p. 55-83.

MAURANO, D. **Para que serve a Psicanálise?** Rio de Janeiro: Zahar, 2003. 64 p.

MEIRA, C. H. M. G.; NUNES, M. L. T. Psicologia clínica, psicoterapia e o estudante de psicologia. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, v. 15, n. 32, p. 339-343, dez. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2005000300003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 11 set. 2010. doi: 10.1590/S0103-863X2005000300003.

MELMAN, C. Entrevista com Charles Melman: testemunho. [1993-1994]. **Quartier Lacan**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2007. Entrevista concedida a Alain Didier-Weill, Emil Weiss e Florence Gravas.

MENDES, E. D.; PARAVIDINI, J. L. L. Os significantes da escuta psicanalítica na clínica contemporânea. **Psyquê: Revista de Psicanálise**, São Paulo, ano XI, n. 20, p. 99-116, jan./jun. 2007.

MENDES, E. R. P. Sigmund Freud e as intersecções entre psicanálise e cultura. **Reverso** vol. 28, n. 53, p. 23-28, set. 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952006000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 20 fev. 2009.

MENEZES, L. C. **Fundamentos de uma clínica freudiana**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. 267 p.

MENUCCI, L. E. S. Reflexões sobre o papel da supervisão oficial na formação do analista. **ALTER – Jornal de estudos psicanalíticos**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 299-307, 2002.

MEYER- PALMEDO, I. [Prefácio] In: **Correspondência 1904-1938 – Sigmund Freud – Anna Freud**; organizada por Ingeborg Meyer-Palmedo. Tradução de Kristina Michahelles. Porto Alegre: L&PM, 2008. 520 p.

MEZAN, R. **Freud: a trama dos conceitos**. Brasiliense, 1987. 350 p.

MEZAN, R. Que significa “pesquisa” em Psicanálise? In: SILVA, M. E. L. (Org.) **Investigação e Psicanálise**. Campinas: Papirus, 1993. p. 49-89

MEZAN, R. **A vingança da esfinge: ensaios de Psicanálise**. São Paulo: Brasiliense, 1995(a). 390 p.

MEZAN, R. **Figuras da teoria psicanalítica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Editora Escuta, 1995(b). 152 p.

MEZAN, R. **Escrever a clínica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998. 478 p.

MEZAN, R. **Freud: a conquista do proibido**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000. 164 p.

MIDDLEJ, E. H. O que se paga? **Textura: revista de Psicanálise**, ano 1, n. 1, p. 17-19, 2001.

MIJOLLA, A. **Pensamentos de Freud**. Tradução de Rita Braga. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. 222 p.

MILAN, B. **O retorno a Freud de Jacques Lacan**. Disponível em <<http://www2.uol.com.br/bettymilan/artigos/publicados/70-104-freud.htm>>. Acesso em 26 fev. 2010.

MONTEIRO, M. P. O poeta, o analista e o tradutor. **Estudos de Psicanálise**, n. 29, p. 107-110, set. 2006.

NEVES, F. J. L. Indagações sobre a prática da Psicanálise hoje: a Psicanálise do futuro, o futuro da Psicanálise. **Reverso**, Belo Horizonte, ano 24, n. 49, p. 11-28, set. 2002.

NOBREGA, M. J. S. O que é ser psicanalista? **Percurso**: revista de Psicanálise, São Paulo, ano 2, n. 3, p. 13-22, jul./dez. 1989.

NOGUEIRA, L. C. A pesquisa em Psicanálise. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 15, n. 1-2, p. 83-106, jan./jun. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642004000100013. Acesso em 12 ago. 2006.

NOGUEIRA FILHO, D. M. Lacan: comentários. **Boletim Formação em Psicanálise**, São Paulo, v. 2, n. 2, ano IV, p. 27-43, jul.-dez. 1995.

OCARIZ, M. C. O dispositivo psicanalítico no começo do século XXI. **Percurso**: revista de Psicanálise, São Paulo, ano 15, n. 29, p. 33-39, jun. de 2002.

OLIVEIRA, C. L. M. V. Percursos da Psicanálise em São Paulo. **Pulsional**: revista de Psicanálise, São Paulo, n. 161, p. 14-31, set./2002.

OLIVEIRA, C. L. M. V. **História da Psicanálise - São Paulo (1920-1969)**. Tradução da autora. São Paulo: Escuta, 2005. 356 p.

PACHECO FILHO, R. A. O método de Freud para produzir conhecimento: revolução na investigação dos fenômenos psíquicos ?. In: PACHECO FILHO, R. A.; COELHO JÚNIOR, N. E.; ROSA, M. D. (org.) **Ciência, pesquisa, representação e realidade em Psicanálise**. São Paulo: EDUC & Casa do Psicólogo, 2000. p. 235-270.

PELLEGRINO H. Análise da instituição psicanalítica: um caso clínico. In: CERQUEIRA FILHO; G., PELLEGRINO H.; MASCARENHAS, E. (org.) **Crise na Psicanálise**. Rio de Janeiro, Graal, 1982. p. 31-51.

PERRIER, F. **Viagens extraordinárias pela Translacania**. Tradução de Lucy Ribeiro de Moura e Marie-Sophie G. Camarão T. Ribeiro. Campinas: Papirus, 1987. 259 p.

PERON, P. R. Da sugestão à análise da transferência: a noção de cura psicanalítica no início da obra freudiana. **Mental**, jun. 2004, vol.2, n. 2, p. 35-53. Disponível em <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272004000100004&lng=es&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em 20 fev. 2009.

PIMENTEL, D.; VIEIRA, J., M. Perfil e saúde mental de psicanalistas. **Psyquê: Revista de Psicanálise**, São Paulo, ano IX, n. 9, p. 155-165, jan./jun. 2005.

POMMIER, G. **O amor ao avesso: ensaio sobre a transferência em psicanálise**. Tradução de Sandra Regina Felgueiras. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1998. 480 p.

PORGE, E. **Mito e quimera da auto-análise**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. 107 p.

PORGE, E. **Jacques Lacan, um psicanalista: percurso de um ensino**. Tradução de Claudia Thereza Guimarães de Lemos, Nina Virginia de Araújo Leite e Viviane Veras. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006. 388 p.

PORTUGAL, A. M. **O vidro da palavra: o estranho, a literatura e a Psicanálise**. Belo horizonte: Autêntica, 2006(a). 174 p.

PORTUGAL, A. M. et al. Carta ao leitor. In: PORTUGAL, A. M. et al (orgs.) **Entre cartas e recortes, a Psicanálise no cotidiano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006(b). p. 11-13.

QUINET, A. **As 4 +1 condições da análise**. Rio de Janeiro; Zahar, 1991. 115 p.

QUINET, A. **A estranheza da Psicanálise: a escola de Lacan e seus analistas**. Rio de Janeiro; Zahar, 2009. 208 p.

REY, P. **Uma temporada com Lacan**. Tradução de Sieni Maria Campos. Rio de Janeiro: Rocco, 1990. 173 p.

RICCI, G. **As cidades de Freud: itinerários, emblemas e horizontes de um viajante**. Tradução de Eliane Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. 219 p.

ROAZEN, P. **Freud e seus discípulos**. Tradução de Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix, 1978. 669 p.

ROAZEN, P. **Como Freud trabalhava**: relatos inéditos de pacientes. Tradução de Carlos Eduardo Lins da Silva. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. 291 p.

ROCHA, B. E. Sinal de alerta para a Psicanálise. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 30, ns. 55 e 56, p. 145-154, 1997.

ROCHA, P. S. **Instituições psicanalíticas: uma política de avestruz?** Disponível em <http://www.estadosgenerales.org/gruposvirtuais/rocha_paulina-por_uma_politica_avestruz.shtml>. Acesso em 20 fev. 2009.

RODRIGUÈ, E. **Sigmund Freud**: o século da Psicanálise: 1895 – 1995. Vol. II. São Paulo: Escuta, 1995. 453 p.

RODRIGUES, G. V. Apresentação – A escrita do analista. In: FURTADO, A. A. P.; GONTIJO, T.; RODRIGUES, G. V.; SALIBA, A. M. P.(orgs.) **A escrita do analista**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 15-17.

ROUDINESCO, E. **Jacques Lacan**: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. 548 p.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. (Eds.) **Dicionário de Psicanálise**. Tradução de Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. 874 p.

ROUDINESCO, E. **Por que a Psicanálise?** Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. 163 p.

ROUDINESCO, E. Estado da Psicanálise no mundo. In: MAJOR, R. (org.) **Estados Gerais da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003. p. 19-26.

ROUDINESCO, E. A lista de Lacan: inventário das coisas desaparecidas. **Pulsional**: revista de Psicanálise, São Paulo, n. 183, p. 138-149, set./2005.

ROUDINESCO, E. **Em defesa da Psicanálise**: ensaios e entrevistas. Textos reunidos, apresentação e revisão Marco Antonio Coutinho Jorge; tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. 247 p.

ROUSTANG, F. **Um destino tão funesto**. Tradução de Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Taurus, 1987. 235 p.

ROUSTANG, F. **Lacan**: do equívoco ao impasse. Tradução de Roberto Cortes de Lacerda. Rio de Janeiro: Campus, 1988. 101 p.

ROZITCHNER, L. **Freud e o problema do poder**. Tradução de Marta Maria Okamoto e Luiz Gonzaga Braga. São Paulo: Escuta, 1989. 189 p.

RUSSO, J. A. **O corpo contra a palavra**: as terapias corporais no campo psicológico dos anos 80. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. 231 p.

RUSSO, J. O movimento psicanalítico brasileiro. In: JACÓ-VILELA, A. M.; FERREIRA, A. A. L.; PORTUGAL, F. T. (orgs.) **História da Psicologia**: rumos e percursos. Rio de Janeiro: Nau, 2006. p. 413-424.

RUSSO, J. **Uma leitura antropológica do mundo “psi”**. Disponível em: <<http://www.cliopsyche.uerj.br/livros/cliol/umaleituraantropologica.htm>>. Acesso em 20 fev. 2009.

SBANO, V. ;Freud e as instituições de saúde e ensino. In: BERNARDES, A. C. (org.) **10 x Freud**. Rio de Janeiro; Azougue editorial, 2005. p. 165-197.

SCHAFER, R. Tornando-se psicanalista desta ou daquela escola. **IDE**, São Paulo, n. 23, p. 124-133, 1993.

SAFATLE, V. **Lacan**. São Paulo: Publifolha, 2007. 89 p.

SAFOUAN, M. et al. **O mal-estar na Psicanálise**. Tradução de Leda Mariza Fischer Bernardino. Campinas: Papirus, 1996. 112 p.

SAFOUAN, M. Entrevista com Moustapha Safouan: testemunho. [1993-1994]. **Quartier Lacan**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2007. Entrevista concedida a Alain Didier-Weill, Emil Weiss e Florence Gravas.

SAFRA, G. Investigação em Psicanálise na Universidade. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 171-176, 2001.

SALEME, M. H. **A normopatía na formação do analista**. São Paulo, 2006. 107 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006. Disponível em <<http://cipedya.com/web/FileDownload.aspx?IDFile=159273>>. Acesso em 22 fev. 2009.

SANCHES, G. P. Para ler Ferenczi. **Percursos**: revista de Psicanálise, São Paulo, n. 10, p. 64-71, jan./jun. 1993.

SANCHES, G. P. **A psicanálise pode ser diferente**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009. 168 p.

SANTOS, T. C. **Quem precisa de análise hoje?** O discurso analítico: novos sintomas e novos laços sociais. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. 333 p.

SANTOS, A. F. O.; CARDOSO, C. L. Profissionais de saúde mental: manifestação de stress e burnout. **Estudos de psicologia (Campinas)**, Campinas, v. 27, n. 1, p. 67-74, Mar. 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2010000100008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 26 mar. 2011. doi: 10.1590/S0103-166X2010000100008.

SEDES SAPIENTIAE **Manifesto de entidades brasileiras de psicanálise**. Disponível em <http://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/textos_discussao_psicanalise/manifesto_de_entidades.htm>. Acesso em 22 fev. 2009.

SIMONNEY, D. Lacan, grande homem. In: DIDIER-WEILL, A.; SAFOUAN, M. (orgs.) **Trabalhando com Lacan**: na análise, na supervisão, nos seminários. Rio de Janeiro, Zahar, 2009. p. 99-111.

SIMATOS, C. Entrevista com Christian Simatos: testemunho. [1993-1994]. **Quartier Lacan**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2007. Entrevista concedida a Alain Didier-Weill, Emil Weiss e Florence Gravas.

SLEMENSON, K. Sem ou Cem. **Literal**, Campinas, n. 3, p. 8-25. jul.-2000.

SLEMENSON, K. **Sem?** Sobre a inclusão e o manejo do dinheiro numa psicanálise. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. 148 p.

SLEMENSON, K. **Do espírito da Coisa**: um calculo de graça. São Paulo: Escuta, 2008, 181 p.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE DE SÃO PAULO **Página oficial do Instituto Durval Marcondes.** Disponível em: <http://www.sbpsp.org.br/default.asp?link=instituto>>. Acesso em 22 mai. 2009.

STEIN, C. **O psicanalista e seu ofício.** Tradução de Nelson da Silva Júnior. São Paulo: Escuta, 1988. 268 p.

STERNICK, P. **O 11 de agosto da Psicanálise: algumas notas sobre a falta e o excesso de sentido.** Disponível em: < <http://www.gradiva.com.br/site/scripts/11psi.htm>>. Acesso em 20 de Janeiro de 2010

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE DE SÃO PAULO. **Ementa de regulamentação do exercício da profissão de psicanalista.** Disponível em: www.sbpsp.org.br/Regulamentacao/doc.doc>. Acesso em 20 fev. 2009.

SOLER, C. **A psicanálise na civilização.** Tradução de Vera Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria. 1998. 480 p.

SOLER, C. Uma prática sem tagarelice. In: DIDIER-WEILL, A.; SAFOUAN, M. (orgs.) **Trabalhando com Lacan:** na análise, na supervisão, nos seminários. Rio de Janeiro, Zahar, 2009. p. 112-121.

SOUZA, O. Psicanálise e Universidade: ensino. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 12, n.2, p. 177-188, 2001.

SOUZA, E. L. A.; ENDO, P. **Sigmund Freud:** ciência, arte e política. Porto Alegre: L&PM Editores, 2009. 128 p.

STRACHEY, J. Introdução do editor inglês. In: FREUD, S. (1910). **As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica.** Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 11, p. 127-140).

STRACHEY, J. Introdução do editor inglês. In: FREUD, S. (1911-1915[1914]). **Artigos sobre a técnica.** Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 12, p. 111-118).

STRACHEY, J. Introdução do editor inglês. In: FREUD, S. (1914). **Sobre o narcisismo**. Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 14, p. 89-122).

STRACHEY, J. Introdução do editor inglês. In: FREUD, S. (1937). **Análise terminável e interminável**. Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 23, p. 241-246).

TEIXEIRA, L. C. Sobre a escuta de ecos literários e a escrita da clínica na re-invenção da Psicanálise. **Mal estar e subjetividade**, Fortaleza, v. 3, n. 1, p. 187-196, mar. 2003.

VALAS, P. Passes: o sabre e o pincel. In: DIDIER-WEILL, A.; SAFOUAN, M. (orgs.) **Trabalhando com Lacan**: na análise, na supervisão, nos seminários. Rio de Janeiro, Zahar, 2009. p. 122-133.

VALORE, A. A direção da cura e suas vicissitudes hoje. **Palavração: revista de Psicanálise**, Curitiba, n. 4, ano IV, p. 71-80, nov. 2000.

VIANA, S. A. Difusão da Psicanálise: um olhar sobre a transmissão, a pesquisa e a escrita psicanalítica. **Boletim Formação em Psicanálise**, São Paulo, v. 14, p. 129-137, jan.-dez. 2007.

VIANNA, H. B. **Não conte a ninguém...** – contribuição à história das sociedades psicanalíticas do Rio de Janeiro: Imago, 1994. 204 p.

VIANNA, H. B. **Segredo e poder**. Disponível em: <http://estadosgerais.org/historia/89-1-segredo_e_poder.shtml>. Acesso em 20 fev. 2009.

VIEIRA, M. A. Fazer análise: do fútil ao fato. **Opção Lacaniana**, São Paulo, n. 40, p. 21-26, ago. 2004.

VITORELLO, D. M. **Mantenha distância**: o imaginário obsessivo de Nelson Rodrigues. São Paulo: Annablume, 2009, 140 p.

VOLTOLINI, R. Do contrato pedagógico ao ato analítico: contribuições à discussão da questão do mal-estar na educação. **Estilos da Clínica**. São Paulo, vol. 6, n. 10, p. 101-111, 2001.

WEBSTER, R. **Freud**. Tradução de Sandra Ghiorzi. São Paulo: Editora UNESP, 2006. 59 p.

WESTERHAUSEN, A. M. O tempo do analista. In: V ENCONTRO INTERNACIONAL DA IF-EPFCL – Os tempos do sujeito do inconsciente: a psicanálise no seu tempo e o tempo na psicanálise, 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: UNIP, 2008. p. 29-30

WILDLOCHER, D. Entrevista com Daniel Wildlocher: testemunho. [2001]. **Quartier Lacan**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2007. Entrevista concedida a Alain Didier-Weill, Emil Weiss e Florence Gravas.

WINTER, J. P. “Tiradas” de Lacan? In: DIDIER-WEILL, A.; SAFOUAN, M. (orgs.) **Trabalhando com Lacan**: na análise, na supervisão, nos seminários. Rio de Janeiro, Zahar, 2009. p. 134-143.